UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

LUANA BATISTA DE SOUZA

Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães

Versão corrigida

São Paulo
2012

LUANA BATISTA DE SOUZA

Grande é o poder do tempo:
colação entre testemunhos de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães

Versão corrigida

Exemplar original disponível no CAPH da FFLCH

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto

São Paulo
2012

Folha de aprovação

SOUZA, Luana Batista de.

Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de *O Seminarista,* de Bernardo Guimarães

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Ao meu pai,
que devido às intempéries da vida
não pôde estudar o quanto gostaria,
mas que sempre ensinou aos seus filhos
o valor da educação.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa concedida durante o mestrado.

À Fundação Casa de Rui Barbosa e aos seus funcionários, sempre muito solícitos.

À Academia Brasileira de Letras e aos seus funcionários, sempre muito competentes.

À Fundação Biblioteca Nacional e aos funcionários da Divisão de Informação, pela reprodução em microfilme de algumas edições do romance, sem as quais não teria sido possível realizar este trabalho. Em especial à Anna Naldi, por sempre atender aos meus pedidos.

À Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e aos seus funcionários, pelo ótimo atendimento e por permitirem a reprodução fotográfica de alguns exemplares.

À Biblioteca do Instituto de Linguagem da Unicamp e aos seus funcionários, por permitirem a reprodução fotográfica de alguns exemplares e pela acolhida.

À Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa e aos seus funcionários, por permitirem a reprodução fotográfica de alguns exemplares do romance e pela simpatia mineira com que fui recebida.

À Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, em especial à Cristina Antunes, que recebeu-me muito bem e permitiu a reprodução fotográfica de um exemplar.

Aos amigos e colegas do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB - USP), lugar em que trabalhei durante o primeiro ano de pesquisa. Agradeço o apoio, carinho e incentivo. Em especial à Elisabete Marin Ribas, Maria Izilda Claro do Nascimento Fonseca Leitão, Mônica Aparecida Guilherme Bento e Tatiana Maria Longo dos Santos e Nogueira Figueiredo, que contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho e também pela amizade construída.

Aos professores doutores Marcos Antônio de Moraes e Mário Eduardo Viaro, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. Ao primeiro, pela disponibilidade e diálogo ao longo dessa pesquisa. Ao segundo, por iniciar-me na tarefa de pesquisadora ao ser meu orientador de iniciação científica ainda durante meu segundo ano de graduação, e também pelo carinho e amizade ao longo desses anos.

Aos professores Ana Paula Cavalcanti Simioni e Marcelo Módolo. À primeira, pelos diálogos durante o curso de pós-graduação no IEB - USP, sempre esclarecedores e ao segundo, pela disponibilidade, atenção e solicitude.

Ao professor doutor Sílvio de Almeida Toledo Neto, com quem aprendo a cada dia, por aceitar orientar este trabalho, pela seriedade, paciência, constante diálogo e compromisso.

Ao professor doutor Heitor Megale (*in memoriam*), a quem devo o tema desta dissertação e às suas excelentes aulas de Filologia Portuguesa durante a graduação, que despertaram em mim a paixão pela Filologia.

Aos amigos, sobretudo à Cintia Barcellos Lacerda, pelas traduções, à Maria Talib Assad, pela companhia e à Sabrina Moura Aragão, pelas confidências, nem sempre acadêmicas, ao longo desta pesquisa.

À minha família, a quem devo o que sou: meus pais, Maria da Cruz e Oswaldo, e o meu irmão, Leandro, pelo apoio, amor, carinho, incentivo e compreensão nas horas difíceis. E à Maggie, pelo seu amor canino.

Erros tipográficos. (...) Comigo conheço dois casos bons. Uns "fatores destrutivos" que se reduziram a "quatorze distintivos", e especialmente, ôh que martírio foi! Uma "prosa estilizada" que o tipógrafo castigou em "prosa esterilizada". Desde esse dia nunca mais me preocuparam doutrinas estéticas.

Mário de Andrade

RESUMO

SOUZA, Luana Batista de. **Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães.** 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta dissertação tem como objetivo investigar o processo de transmissão do romance *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, com a finalidade de identificar, descrever e analisar as alterações sofridas pelo texto ao longo dos anos. O *corpus* é constituído pelas treze primeiras edições, publicadas entre 1872 e 1949. Partindo dos princípios norteadores da Crítica Textual realizam-se, portanto, a recensão de testemunhos e o exame das variantes textuais encontradas. Realiza-se, também, a descrição dos testemunhos de acordo com as determinações da Bibliografia Material. Após a colação dos testemunhos, verifica-se a existência, entre eles, de duas redações do texto: a completa (na edição A – príncipe) e a abreviada (na edição B - Civilização Brasileira, 1931 e na edição C – Livraria Martins, s.d.). A redação completa foi reproduzida desde a edição príncipe até meados do século XX, ao passo que a publicação da redação abreviada vem a lume em 1931, pela Civilização Brasileira, e é reproduzida, com algumas modificações, anos depois pela Livraria Martins. Ao examinar as lições variantes do texto é possível identificar alguns padrões, relacionados à sua tipologia e à sua frequência. Quanto à tipologia, identificam-se casos de variação por adição, alteração de ordem, omissão e substituição de caracteres e palavras, além de mudanças na paragrafação e reelaboração textual. Com relação à frequência, observa-se um grande número de omissões, seguido por substituições e um número reduzido de adições, levantando-se, assim, a hipótese de haver uma intenção editorial voltada para a redução do texto, o que resultaria na redação abreviada.

Palavras-chave: *O Seminarista*, Bernardo Guimarães, Crítica Textual, variantes, edições.

ABSTRACT

SOUZA, Luana Batista de. **Great is the power of time: collation of witnesses of *O Seminarista*, by Bernardo Guimarães.** 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This dissertation aims at investigating the transmission process of the novel *O Seminarista*, by Bernardo Guimarães, in order to identify, describe and analyze changes made to the text through the years. The *corpus* of this research is comprised by the thirteen first editions of the novel, published from 1872 to 1949. The guidelines of Textual Scholarship were used during the recension of witnesses and examination of the variants found. Witnesses were also described according to the principles of Textual Bibliography. Based on the collation of witnesses, two versions of the text were found: a complete version (edition A – princeps) and an abridged version (edition B – Civilização Brasileira, 1931, and edition C – Livraria Martins, n.d.). The full text was reproduced from the *editio princeps* to the middle of the 20th Century, while the abridged text was first published on 1931 by Civilização Brasileira, and was republished years later, with a few changes, by Livraria Martins. A few typology and frequency-related patterns were observed when variant readings were reviewed. Variation types found were addition, order changes, character and word omission and replacement, as well as paragraph changes and rephrasing. The most frequent type of change was omission, followed by replacement. The reduced number of additions seems to indicate that the publisher's intention was to reduce the text, which resulted in the abridged versions.

Keywords: *O Seminarista*, Bernardo Guimarães, Textual Scholarship, textual variants, editions.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Lista de testemunhos

A – B.L. Garnier (1872)

B – Civilização Brasileira (1931)

C – Livraria Martins (s.d.)

D – Livraria Martins (1944)

E – B.L. Garnier (1875)

F – Empreza Democratica (1899)

G – Francisco Alves (1899)

H – H. Garnier (1895)

I – Livraria Garnier (1917)

J – H. Antunes & Cia. (1923)

L – Jornal do Brasil (1928)

M – F. Briguiet & Cia. (1941)

N – Sociedade Brasileira de Difusão do Livro (1949)

Lista de figuras

2.1 Adaptação para quadrinhos de *O Seminarista* (1955) 46

3.1 Retrato de Bernardo Guimarães, por M. Colonna 60

3.2 Folha de rosto Livraria Martins (1944) 72

4.1 Testemunho B: frequência de variantes segundo sua tipologia 113

4.2 Testemunho C – frequência de variantes segundo sua tipologia 114

Lista de tabelas

3.1 Tradição direta do romance 51

3.2 Quadro sinóptico dos elementos analisados no *corpus* 63

4.1 Variantes do testemunho M 86

4.2 Casos de adição no testemunho B 88

4.3 Casos de adição no testemunho C 89

4.4 Casos de alteração de ordem no testemunho B 90

4.5 Casos de omissão de palavras no testemunho B 91
4.6 Casos de omissão de palavra no testemunho C 92
4.7 Casos de omissão de trecho no testemunho B 93
4.8 Casos de omissão de trecho no testemunho C 95
4.9 Caso de modificação entre os testemunhos A, B e C 96
4.10 Casos de omissão de parágrafos no testemunho B 98
4.11 Casos de mudança de paragrafação no testemunho B 99
4.12 Caso de paragrafação no testemunho C 102
4.13 Casos de reelaboração no testemunho B 103
4.14 Casos de substituição no testemunho B 105
4.15 Casos de substituição no testemunho C 106
4.16 Casos de identidade entre os testemunhos A e C 108
4.17 Casos de substituição entre as edições da Livraria Martins 109
4.18 Casos de omissão entre as edições da Livraria Martins 110
4.19 Casos de manutenção da lição do testemunho C 111
4.20 Número total de ocorrências de variantes entre as tradições 112
4.21 Número total de ocorrências de variantes por capítulo 114
4.22 Número de ocorrências de variantes por capítulo – Testemunho B 115
4.23 Número de ocorrências de variantes por capítulo – Testemunho C 116
4.24 Uso incorreto da vírgula 120
4.25 Substituições de ponto e vírgula por vírgula e inserção de vírgula antes de conjunções 121
4.26 Substituição ou supressão de pontuação 122
4.27 Substituição por sinônimo 125
4.28 Omissão (intencional) 126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 BERNARDO GUIMARÃES: HOMEM, CRÍTICO, POETA E ROMANCISTA. 16
1.1 O homem 16
1.2 O crítico 19
1.3 Poeta e romancista 22
1.4 O estilo e a crítica 27

2 O ROMANCE 34
2.1 *O Seminarista* sob a óptica da crítica literária 34
2.2 As edições do romance: campo bibliográfico 44

3 RECOLHA DE TESTEMUNHOS 49
3.1 A busca pelos testemunhos 49
3.2 Um romance, duas redações 50
3.3 Descrição do *corpus* 51
3.4 Análise do *corpus* 55
3.4.1 Desaparecimento do subtítulo *romance brasileiro* 63
3.4.2 Das casas editoriais 64
3.4.2.1 Garnier 65
3.4.2.2 Francisco Alves e Empreza Democratica 67
3.4.2.3 H. Antunes & Cia 67
3.4.2.4 Jornal do Brasil 68
3.4.2.5 Civilização Brasileira 68
3.4.2.6 F. Briguiet & Cia 70
3.4.2.7 Livraria Martins 70
3.4.2.8 Sociedade Brasileira de Difusão do Livro 73
3.5 Direitos autorais 74

4 COLAÇÃO ENTRE TESTEMUNHOS 77
4.1 Escolhendo o texto de base 77
4.2 Do processo de composição do livro à variação do texto 79
4.3 Confrontando os testemunhos 85
4.4 Classificação tipológica das variantes 87
4.4.1 Adição 88
4.4.2 Alteração de ordem 89
4.4.3 Omissão 90
4.4.3.1 Omissão de palavras 90
4.4.3.2 Omissão de trechos 93
4.4.3.3 Omissão de parágrafos 97
4.4.4 Paragrafação 99
4.4.5 Reelaboração 103
4.4.6 Substituição 104
4.4.7 O caso da Livraria Martins 108
4.5 Número de ocorrências e frequência de variantes 111
4.6 Pontuação 118
4.7 Relações de parentesco: algumas hipóteses 123
4.8 Perfil do editor do testemunho B 125
4.9 Edição crítica: perspectivas 127

5 CONCLUSÃO 130

BIBLIOGRAFIA 132

ANEXOS 145
ANEXO A – Descrição bibliográfica dos exemplares 146
ANEXO B – Lições variantes coletadas 164

INTRODUÇÃO

Le sens y est partout, l'origine nulle part.
Bernard Cerquiglini[1]

O romance *O Seminarista* é uma das obras mais conhecidas do escritor mineiro Bernardo Guimarães. Publicada em 1872, a obra fez sucesso à época e foi reeditada em 1875. São estas as duas edições em vida do autor, cujos direitos autorais foram cedidos, não sob um determinado número de edições e sim sob a obra, ao editor Baptiste Louis Garnier (B. L. Garnier). Atualmente, o texto encontra-se em domínio público, e sua publicação independe da autorização de herdeiros, ou do pagamento de direitos autorais. Esta pode ser uma das razões pelas quais verifica-se a circulação de duas redações diferentes do texto, que se diferenciam basicamente pela extensão.

A partir do cotejo de testemunhos que contêm as duas redações, identificam-se casos de variação por adição, alteração de ordem, omissão e substituição de caracteres e palavras, omissão de trechos e parágrafos, além de mudanças na paragrafação e reelaboração textual. Devido à ocorrência de omissões em maior quantidade, levantamos a hipótese de haver uma intenção editorial direcionada para a redução do texto, a qual teria resultado nas redações abreviadas. Contudo, não é possível apurar se essa intenção deve-se, por exemplo, a gastos com a produção editorial, a fim de diminuir-se o número de páginas, ou se a redução do texto decorre de motivações estilísticas, uma vez que grande parte das alterações ocorre em trechos descritivos.

O *corpus* abrange o período de 1872 a 1949 e compreende treze testemunhos da obra. Nestes testemunhos, podemos encontrar a redação completa do texto (na edição príncipe) ou uma das duas redações abreviadas (na edição B – Civilização Brasileira, 1931 e na edição C – Livraria Martins, s.d.). A redação completa do texto foi reproduzida desde a edição príncipe até meados do século XX. A primeira redação abreviada é publicada inicialmente em 1931 e reproduzida, com algumas alterações, anos depois, pela Livraria Martins. Considerando-se o

[1] *Éloge de la variante*. Paris: Ed. du Seuil, 1981. p. 57

intervalo de quase sessenta anos entre a edição príncipe e a primeira redação abreviada, duas hipóteses podem ser aventadas para justificar-se a existência de variação textual: a primeira, e, ao que parece, a mais plausível, é que a primeira redação abreviada decorre de modificações não-autorais, feitas a partir da redação completa. A segunda hipótese, pouco provável, é que a Civilização Brasileira tenha tido acesso a um original até então perdido, no qual constariam alterações autorais ao texto. Seja qual for a resposta quanto à filiação dos testemunhos, o que nos interessa neste trabalho é identificar quais são os processos que marcam a forte variação existente na tradição da obra.

O objetivo desta dissertação é, portanto, o exame dos treze primeiros testemunhos de *O Seminarista*, com a finalidade de identificar, descrever e analisar as alterações sofridas pelo texto ao longo do seu processo de transmissão. Realizam-se, com essa finalidade, a recensão de testemunhos, a colação e o exame das variantes textuais encontradas.

Esta dissertação divide-se em duas partes, compostas de dois capítulos cada uma. A primeira parte trata de aspectos literários da obra e a segunda parte trata de aspectos da obra relacionados à Crítica Textual:

No capítulo 1 – *Bernardo Guimarães: homem, crítico, poeta e romancista*, tratamos das três facetas de Bernardo Guimarães: o crítico, o poeta e o romancista, além de breve biografia. Chamamos atenção para a fortuna crítica que se tem produzido sobre o autor ao longo dos anos, mais afeita às peculiaridades da sua vida pessoal do que aos seus escritos. Citamos, ainda, alguns estudos recentes feitos sobre a produção crítica do escritor. Apresentamos, também, uma listagem das obras de Bernardo Guimarães. Tratamos, por fim, do modo como o seu estilo é analisado pelo cânone crítico.

No capítulo 2 – *O Romance*, iniciamos com um resumo do enredo da obra. A seguir, apresentamos a obra sob a óptica da crítica literária em três momentos diferentes: primeiras críticas em periódicos à época da primeira edição do romance, o cânone crítico e a crítica acadêmica. Descrevemos o campo bibliográfico da obra, composto por edições das redações do texto integral, por uma adaptação em quadrinhos, publicada em 1955, e por uma redação condensada, publicada em 2000.

No capítulo 3 – *Recolha de testemunhos*, inicialmente é apresentado o problema que envolve a obra sob o enfoque da Crítica Textual: a existência de duas redações diferentes do texto. Dessa maneira, percorre-se sua tradição direta, a fim de investigar a origem do texto abreviado, relatando como foi realizada a busca e o levantamento dos testemunhos. Estes

testemunhos foram descritos de acordo com os preceitos da Bibliografia Material. Após a descrição dos exemplares, segue-se a análise, considerando-se elementos como folha de rosto, subtítulo, edição, imprenta, formato, colofão, catálogo ou extrato de catálogo, paginação, notas, prefácio ou biografia do autor, mancha tipográfica, encadernação, particularidades e descrições prévias. Notamos, a partir da análise do *corpus*, o desaparecimento do subtítulo da obra, o qual é analisado brevemente. Devido ao grande número de editoras que publicaram o romance no período estudado, apresentamos um histórico das casas editorais, relacionando, sempre que possível, à publicação da obra. Considerando-se a venda dos direitos autorais sobre *O Seminarista* ao editor de Bernardo Guimarães, B. L. Garnier, e as outras edições do romance publicadas não só pela Garnier, abordamos ainda a questão dos direitos autorais nos séculos XIX e XX.

No capítulo 4 – *Colação entre testemunhos*, iniciamos com a discussão a respeito da escolha do texto de base a ser utilizado no confronto com os demais testemunhos da tradição direta do romance. A seguir, descrevemos o processo de composição do livro impresso no século XIX, que em alguns aspectos assemelha-se ao do livro manuscrito, apresentando casos de erros tipográficos existentes em alguns testemunhos. Antes da análise tipológica das variantes, tratamos brevemente do confronto dos testemunhos, a fim de apresentar exemplos de variantes. Cada categoria tipológica é definida e seus exemplos são discutidos. Após a análise da tipologia das variantes, seguimos com o exame de sua frequência. A partir de uma análise quantitativa, buscamos identificar alguns padrões nas alterações feitas no texto. A pontuação também é um aspecto importante a ser analisado e, por isso, apresentamos alguns dados coletados a partir do confronto das duas primeiras páginas de cada capítulo. Considerando-se a natureza das modificações, mas sem a intenção de traçar um estema, fazemos algumas considerações a respeito das relações de parentesco entre os testemunhos. Com base na hipótese de que a redação abreviada não seja autoral, mas fruto de alterações editoriais póstumas, esboçamos um perfil intelectual dos editores com base em algumas lições variantes do texto. Por fim, tratamos da etapa seguinte a este trabalho: a edição crítica, apontando alguns aspectos aos quais o editor crítico deve ater-se.

1. BERNARDO GUIMARÃES: HOMEM, CRÍTICO, POETA E ROMANCISTA

Pinta quadros de assuntos brasileiros,
Gorjeios de aves e o cantar do galo,
O rio largo, o Sol, o umbroso valo,
Campos e serras e despenhadeiros...

Leôncio Correia[2]

E a biografia vira romance.

António de Alcântara Machado[3]

1.1 O homem

Ao consultar a fortuna crítica de Bernardo Guimarães, como bem descreve Flora Süssekind (1993: 154), o que se nota é "(...) uma crítica que se traveste de biografia. Biografia que se converte numa sucessão de casos engraçados". São esses casos engraçados que muitas vezes se sobrepõem à produção literária do autor mineiro, não havendo uma preocupação por parte da crítica em traçar sua trajetória literária e sim uma curiosidade com relação a comportamentos e acontecimentos considerados peculiares. Deste modo, o que se tem hoje é uma biografia romanceada do autor.

Um dos primeiros problemas que se coloca à sua biografia relaciona-se às datas de nascimento e morte. É comum encontrarmos na literatura uma disparidade com relação aos números. Autores como Francisco Coelho Duarte Badaró (1887: 57), Arthur Azevedo (1885: 223), Arthur Mota (1921: 107), Dilermando Cruz (1911: 21) e Basílio de Magalhães (1926: 16) dão 1825 como o ano do nascimento de Bernardo Guimarães. Por outro lado, Xavier da Veiga (1897: 302), Almeida Nogueira (1977: 154), Teixeira de Mello (1884: 223), Silvio Romero (1960[4]: 976), José Veríssimo (1916: 286), Clovis Bevilaqua (1888 :58), Ronald de

[2] *apud* GUIMARÃES, Armelin. *E assim nasceu A escrava Isaura:* a vida boêmia de Bernardo Guimarães. Brasília: Senado Federal – Centro Gráfico, 1985. p. 9
[3] "O fabuloso Bernardo Guimarães" in *Cavaquinho e saxofone.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940. p. 215
[4] Primeira edição: Rio de Janeiro: H. Garnier, 1888.

Carvalho (1937: 258), Victor Orban (1910: 120) e Augusto Sacramento Blake (1883: 413) indicam que o autor nasceu em 1827.

Magalhães, um dos biógrafos de Bernardo Guimarães, tendo consultado sua carta de bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo[5] e o termo de assentamento de batismo, afirma com segurança que a data de seu nascimento é 15 de agosto de 1825.

O mesmo problema de imprecisão de datas ocorre com relação ao falecimento do escritor. O periódico *Gazeta de Notícias* indica como data de falecimento 09 de março de 1884, mesma data publicada pelo *Jornal do Commercio* e pela *Gazeta Literária*. Contudo, conforme relata um dos seus biógrafos, o escritor mineiro faleceu no dia 10 de março de 1884 (MAGALHÃES, 1926: 52).

Batizado Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, natural de Ouro Preto, filho de João Joaquim da Silva Guimarães e Constança Guimarães, o autor pertencia a uma família de intelectuais. Seu pai, por exemplo, escrevia sobre assuntos políticos, econômicos e literários em periódicos mineiros. Entre os poemas que escreveu, doze vieram a lume em *Folhas de Outono*, última obra poética de Bernardo Guimarães. João Joaquim da Silva Guimarães é considerado por Martins de Oliveira (1963: 111) um dos últimos árcades brasileiros.

Dois de seus irmãos também se dedicaram às letras, a saber: Joaquim Caetano da Silva Guimarães e o padre Manuel da Silva Guimarães. O primeiro, durante o curso de Direito em São Paulo, teve vários dramas e comédias de sua autoria representados pelos estudantes. Escreveu um pequeno folheto sobre *A agricultura em Minas Gerais*, publicado em 1865, além de um romance, *João e Francisco*, de 1878, o qual, segundo Magalhães (1926: 13):

> É obra de pouco merito literario, e, por isso mesmo, ha muito immersa no olvido. Conta-se que, tendo duvidas quanto ao melhor destino a dar ás personagens do titulo, consultou sobre o remato do trabalho ao irmão, já consagrado a esse tempo como um dos mais populares novellistas do Brasil. E Bernardo deu-lhe, promptamente e espirituosamente, o conselho de matar tanto o "João" quanto o "Francisco".[6]

Manuel da Silva Guimarães, de acordo com Oliveira (1963: 110), "possuía real talento de poeta" e era considerado pelo crítico um autor romântico. Escreveu os poemas "Saudades de Minha Aldeia", "O inválido de Caseros", publicados em *Folhas de Outono*. Outro poema,

[5] Tentamos consultar este documento no arquivo da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e fomos informados que este foi destruído num incêndio no final do século XIX.
[6] Grifo do autor.

intitulado “O Ipê”, foi publicado em *Harmonias brasileiras*, de A. J. de Macedo Soares (1859).

Assim como o pai, os filhos de Bernardo Guimarães também se dedicaram às letras. O homônimo do pai, além do nome, herdou também a veia humorística, registrada em revistas. Horácio foi poeta e jornalista, Affonso publicou *Ossa mea* e *Os borrachos*. Pedro, por fim, escreveu um livro de contos e crônicas intitulado *Nada*, dedicando-se também às investigações históricas e etnográficas do Brasil. Escreveu *Factos da história de Minas*, *A escravidão*, *O município de Itajubá* e *O que nos resta de Pindorama* (MAGALHÃES, 1926: 15-16).

Outro integrante da família também conhecido por seus escritos, e mais conhecido entre os supracitados, é seu sobrinho Alphonsus de Guimaraens, poeta simbolista. É autor de *Setenário das Dores de Nossa Senhora* (1899), *Câmara Ardente* (1899), *Dona Mística* (1899), *Kyriale* (1902), *Mendigos* (1920), entre outros títulos (GUIMARAENS, 1960: 47-48).

Nascido em Ouro Preto, Bernardo Guimarães muda-se para Uberaba aos quatro anos de idade, onde começa sua vida escolar. Em seguida, inicia-se no curso de Humanidades, num conceituado seminário em Campo Belo. Concluiu os estudos no colégio do padre-mestre Leandro, em Ouro Preto, cidade para onde a família havia retornado (MAGALHÃES, 1926: 16-19).

Em 1847[7] matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, colando grau em 1852, e estuda ao lado de José Bonifácio, Silveira de Sousa, Felix da Cunha, José de Alencar, Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa. Após o término do curso de Direito desempenhou o cargo de juiz municipal em Catalão – GO por duas vezes: a primeira de 1852 a 1854 e a segunda, em 1861, quando se envolveu em caso polêmico de liberação de alguns presos[8]. Entre as duas passagens pela cidade goiana, foi jornalista no Rio de Janeiro (MAGALHÃES, 1926: 19-35).

---

[7] António de Alcântara Machado afirma que Bernardo Guimarães ingressou em 1846 no curso de Direito por três motivos: o primeiro é não negar a Bernardo Guimarães o prazer de ter entrado na Academia junto com José de Alencar, “segundo porque seria deshumano não fazer Bernardo esperar a 18 de fevereiro no pavilhão armado no Ipiranga a chegada do Imperador e sua augusta consorte, tomar parte nos festejos, assistir ao baile do rico Tomas Luiz Álvares e privá-lo assim dessas e outras cousas gostosas de que então foi teatro a cidade de São Paulo”. O terceiro motivo é o fato de Bernardo Guimarães ter se formado na segunda época de 1851 (colando grau em 1852), levando assim, “seis anos e meses para terminar um curso de cinco” (MACHADO, 1940: 220).

[8] “Substituindo o juiz de direito licenciado, convocou uma sessão de jury e absolveu onze réos, sendo a sessão classificada de “jubilèo”. O presidente da provincia demittiu-o do cargo de delegado de policia, a bem do serviço publico, e fez com que o juiz effectivo reassumisse o cargo. Sendo, porém, o Dr. Virginio Henrique Costa, o magistrado em licença, perseguido por seus inimigos e até denunciado, Bernardo Guimarães, na qualidade de juiz interino pronunciou-o como incurso nos arts. 111 e 120 do Codigo Penal. Soffreu, por seu turno, o

Em 1859 passa a residir na corte, trabalhando ao lado de Flávio Farnese e Lafaiete Rodrigues Pereira, no jornal *A Actualidade*, onde escreveu artigos de crítica literária, sobre os quais falaremos mais adiante. No Rio de Janeiro, entra em contato com Machado de Assis, com quem trabalhou na imprensa como repórter parlamentar no Senado (ALPHONSUS, 1952: 94).

Em 1867, casa-se, aos quarenta e dois anos, em Ouro Preto, com D. Tereza Gomes de Lima, sua grande admiradora, com quem teve oito filhos: João Nabor (1868-1873), Horácio (1870-1959), Constança (1871-1888), Isabel (1873-1915), Affonso (1876-1955), José (1882-1919), Bernardo (1832-1955) e Pedro (1884-1948). No ano anterior ao casamento, 1866, foi nomeado professor de retórica no Liceu de Ouro Preto. Extinta a cadeira de retórica é nomeado, em 1873, professor de latim e francês em Queluz – MG, atual Lafaiete, onde permaneceu por poucos anos, uma vez que as cadeiras de latim e francês também foram extintas. Retorna à sua cidade natal, onde residirá até a morte.

Falece no dia 10 de março de 1884, em Ouro Preto, aos cinquenta e nove anos. Morre com mais idade do que seus contemporâneos, que procuraram viver a boemia byroniana até as últimas instâncias e, consequentemente, morreram jovens[9]. Foi sepultado no cemitério anexo à Igreja de São José, onde, em 10 de março de 1930, foi inaugurado seu mausoléu, construído a pedido do governo de Minas Gerais. O monumento é da autoria do escultor mineiro Antônio Mattos, construído no Rio de Janeiro sob a direção de Aníbal Mattos[10].

Em dezembro de 2006, o então governador de Minas Gerais, Aécio Neves, inaugura, totalmente restaurado, o "Solar das Cabeças", casa onde morou Bernardo Guimarães em Ouro Preto. Atualmente o solar abriga a Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) (MASCARENHAS, 2008: 13).

1.2 O crítico

A carreira de Bernardo Guimarães como crítico inicia-se no periódico *A Atualidade*, onde escreve sobre o segundo volume das *Sátiras, epigramas e outras poesias*, do Padre José

---

romancista mineiro, muitas perseguições, inclusive um processo crime, em que a propria defesa foi considerada como um primor litterario" (MOTA, 1921: 112-113).

[9] Entre seus contemporâneos que morreram jovens, podemos citar seu amigo Álvares de Azevedo (1831-1852) e os poetas Casimiro de Abreu (1839-1860) e Junqueira Freire (1832-1855) (CANDIDO, 2004: 49-55).

[10] Segundo informações de Armelim Guimarães, neto do romancista, em "Vida e obra de Bernardo Guimarães" disponível em: <http://reocities.com/Athens/olympus/3583/victoria.htm>. Acesso em 31/08/2009.

Joaquim Correia de Almeida, *Os Timbiras,* de Gonçalves Dias, *Inspirações do Claustro,* de Junqueira Freire e *A Nebulosa,* de Joaquim Manoel de Macedo. Há ainda, textos publicados neste jornal que, apesar de não serem assinados pelo escritor mineiro, são atribuídos a ele. É o caso de "Revista literária", de 01 de outubro de 1859. Trata-se de uma espécie de "manifesto literário" que versa a respeito do caráter científico e "imparcial" da crítica literária (GOMES, 2007: 94).

As críticas produzidas por ele eram consideradas como excessivamente rigorosas e pouco cavalheirescas (MAGALHÃES, 1926*:* 39). Dutra & Cunha (1956: 50), referem-se aos artigos como sendo "crítica literária no sentido mais rigoroso da expressão". Nas palavras de Oliveira (1963: 107-108):

> Sua crítica teria sido um tanto áspera, estribado (*sic*) em doutrinas pessoais, hauridas em mestres portugueses. Por vezes, teria cometido injustiças, que lhe não abonam o senso crítico, obliterado, em verdade, pelo espírito de discórdia e emulação, reinante na época. Daí, talvez, a origem de suas invectivas a Junqueira Freire, a Joaquim Manuel de Macedo, e acima de tudo, a Gonçalves Dias. (...) Ao tempo em que Bernardo pontificava no jornal *A Atualidade,* a crítica literária guardava (como guarda ainda, nos dias correntes) o que seria personalismo puro.

A respeito do caráter da produção crítica de Bernardo Guimarães:

> Sua crítica era uma toda de posição, e exibe-nos um Bernardo Guimarães antirromântico, insensível à ação de flor de laranja de Macedo, e ao quinhentismo dos *Timbiras*. Por cima de tudo: um bom crítico, ótimo até, amiúde com a razão, observando de ângulo justo. (DUTRA & CUNHA, 1956: 51)

Vejamos uma das críticas desferidas à *Nebulosa* de Macedo:

> É um ruído de palavras estrepitosas, que pouco pintam, um montão de expressões exageradas, que revelam que o trovador, apesar dos louros que lhe ornam a fronte, ainda é bem novel na arte das musas, pois confunde o sublime com a ênfase de uma declamação fofa e bombástica. (DUTRA & CUNHA, 1956: 51-52)

Como é possível notar, na crítica à *Nebulosa*, Bernardo Guimarães rejeita a proliferação de "expressões exageradas". Todavia, se, enquanto crítico considera as

expressões exageradas como um defeito, enquanto romancista, ele incorrerá nos "erros" apontados nas críticas que escreveu. Seriam esses "erros" os longos períodos descritivos – "a repetição de detalhes ou circunstâncias, como falta de confiança na atenção ou memória do leitor; explicações ao mesmo leitor sobre o desenvolvimento de fatos já narrados com exaustiva minúcia" (ALPHONSUS, 1952: 95) – considerados elementos característicos do estilo do autor. A título de exemplo, leia-se o trecho a seguir:

> A têz era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinhão essa luz suave e avelludada, que não se irradia, mas parece querer recolher dentro d'alma todos os seus fulgores á sombra das negras e compridas pestanas, como timidas rôlas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da aza assetinada; as sobrancelhas pretas e compactas davão ainda mais realce ao mavioso da luz que os inundava, como lampadas mysteriosas de um sanctuario. Os cabellos, uma porção dos quaes trazia soltos por traz da cabeça, lhe rolavão negros e luzidios sobre os hombros como as catadupas ennovelladas de uma cachoeira. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os labios, cavavão-lhe nas duas mimosas faces com uma graça indefinivel essas feiticeiras covinhas, que o vulgo chama com tanta propriedade – grutas de Venus. A bocca, onde o labio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculpturado, a bocca era vermelha, fresca e humida como uma roza orvalhada. O collo, os hombros, os braços, erão de uma morbidez e lavor admiraveis. (*O Seminarista*, capítulo VIII)

> Estava elle bem lembrado, e o leitor tambem não se terá esquecido, dos versos feitos a Margarida, sequestrados pelo reitor á pasta do estudante. (*O Seminarista*, capítulo XV)

A faceta de crítico literário é desconhecida da maioria de sua crítica, como bem assinala Magalhães (1926: 38), e, provavelmente ignorada por grande parte seus leitores. Um exemplo deste desconhecimento por parte da crítica é o que diz Veríssimo (1916: 283): "Não sabemos o que vale a sua crítica. Como ele não perseverou nela e não deixasse como crítico obra por que o avaliemos, pouco nos importa sabê-lo, rebuscando jornais velhos".

Embora essa faceta fosse desconhecida por parte do seu cânone crítico, há alguns anos desperta interesse na crítica acadêmica. Entre os estudos sobre a produção crítica de Bernardo Guimarães podemos citar: José Américo Miranda (2003), Maria Cecília Boechat (2004) e Ednaldo Gomes (2007).

O primeiro aborda as críticas que Bernardo Guimarães fez ao poema *Os timbiras*, de Gonçalves Dias, publicadas em quatro números do periódico *A Atualidade*.

O segundo trata brevemente da crítica de Bernardo Guimarães, citando sua produção publicada no periódico *A Atualidade*, bem como os críticos que abordam o assunto, como Brito Broca e Antonio Candido.

Por fim, o terceiro, em extensa pesquisa, busca mapear a "perigrafia textual esparsa" [11] (GOMES, 2007: 10) publicada no periódico supracitado, além do estudo dos poemas de Bernardo Guimarães. Procura também detectar a ironia com que o autor se expressa frente "à historiografia crítica e às manifestações estético-literárias do Romantismo brasileiro" (GOMES, 2007: 7).

1.3 Poeta e romancista

Bernardo Guimarães foi um escritor profícuo. Além das críticas que publicou em jornais, foi poeta, romancista e dramaturgo. Conforme classificação de Cruz (1914: 22), seguem abaixo as obras do escritor ouro-pretano, organizadas cronologicamente:

Poemas

Cantos da Solidão (1853)

Inspirações da Tarde (1853)

Poesias (1868) [12]

Novas Poesias (1870)

Folhas de Outomno (1883)

Romances

O Ermitão de Muquem (1868) [13]

Lendas e Romances (1871)

Historias e Tradições da Provincia de Minas Gerais (1872)

O Garimpeiro (1872)

O Seminarista (1872)

---

[11] Gomes (2007: 14) define por perigrafia textual "o conjunto de textos críticos, prólogos e cartas pessoais que apontam indícios de uma conjectura estética proposta e seguida por Bernardo Guimarães em sua produção literária".

[12] Na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, vol. I (2001:810), consta o ano de 1865. O mesmo se dá em AMORA (1973: 293).

[13] Foi publicado pela primeira vez, em 1858 no periódico *O Constitucional* (DUTRA & CUNHA, 1956: 54).

O Indio Affonso (1873)

A Escrava Isaura (1875)

Mauricio (ou os Paulistas em S. João d'El Rey) (1877)

O Pão de Ouro (1879)

A Ilha Maldita (1879)

Rosaura (a engeitada) (1883)[14]

Romance póstumo

O Bandido do Rio das Mortes (1904)[15]

Inéditos

A Voz do Pagé (drama) (1914)[16]

Os três recrutas (drama, perdido)[17]

Os Inconfidentes (drama, obra truncada)

A partir desta listagem, é possível perceber que Bernardo Guimarães escrevia com frequência, sendo possível ter em um ano duas ou três obras suas publicadas[18].

Seu primeiro livro, *Cantos da Solidão*, foi inicialmente publicado em São Paulo, em 1852, pela Tipografia Liberal de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, embora Cruz (1914: 22) considere o ano de 1853 como ano de publicação da obra. Trata-se de um volume de poesia deixado aos colegas da Faculdade de Direito, que resolveram publicá-lo (SACRAMENTO BLAKE, 1883: 414). Sua segunda edição é publicada no Rio de Janeiro, em 1858, por B. L. Garnier, com acréscimo de alguns poemas que não haviam sido

[14]Segundo Romero (1960: 987), a data de publicação é 1882.

[15] De acordo com Alphonsus (1952: 95), a edição foi coordenada e publicada pela viúva do escritor, D. Tereza Guimarães.

[16] Drama encenado em 1860 em Ouro Preto (MOISÉS, 1989: 194). Publicado pela primeira vez por CRUZ (1914).

[17] Segundo Magalhães (1926: 205) trata-se de uma peça totalmente perdida. *Os Inconfidentes*, por sua vez, ainda que Magalhães afirme se tratar de uma peça truncada, não fornece dados sobre sua localização, ou mesmo explica o que ele atribui como obra truncada.

[18] Em 1872 foram publicados os romances *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*, *O Garimpeiro* e *O Seminarista*. No mesmo ano, com base em contrato de venda firmado com o editor e livreiro B. L. Garnier em 27 de setembro de 1872, sabe-se que a obra *O pão de ouro* já havia sido escrita e seus direitos vendidos juntamente ao romance *O Seminarista*. Contudo, apenas em 1879 a narrativa é publicada. Ano em que também é publicada a narrativa *A Ilha Maldita*.

publicados na primeira edição, estes sob o título de *Inspirações da Tarde*. Em 1865[19], é publicada a terceira edição, *Poesias*, também pelo mesmo editor.

Todos os romances, exceto *O Ermitão de Muquém*, que foi publicado inicialmente em folhetim, foram publicados por B. L. Garnier. Sabe-se, por meio de contratos assinados entre autor e editor, que Bernardo Guimarães vendeu os direitos autorais de todas as suas obras para seu editor[20].

A produção literária de Bernardo Guimarães pode ser dividida em dois momentos, o poeta: de 1853 a 1870, e o romancista, cuja produção vai de 1871 até 1883, pouco antes de sua morte. Para Candido (2009[21]·: 549), sua boa produção poética vai até a década de 1860, sendo que, de 1870 em diante, se dá a produção de quase todos os romances "e nem mais um verso aproveitável".

Para muitos críticos, Bernardo Guimarães foi melhor poeta que romancista. Veríssimo (1916: 290) chega até a se referir a quatro edições feitas de seus poemas e apenas uma de *O Ermitão de Muquém*, afirmando que o público sabe mais do que a crítica, que dizia preferir o romancista ao poeta, como é o caso de Bevilaqua (1888: 58). Para Almeida Nogueira (1977: 155), Bernardo Guimarães é "o melhor poeta e o mais notável literato". Oliveira (1963: 107) acredita que "a condição de romancista parece ter obscurecido a sua glória de poeta". Em seus *Estudos de Literatura Brasileira*, Veríssimo (1977: 143)[22] apresenta uma justificativa para a sobreposição do romancista ao poeta, segundo a qual o romance era a forma literária preferida na época em que floresceu, principalmente o "romance brasileiro". Em suas palavras:

> A nossa curiosidade intelectual ia de preferencia ao romance, ao romance da vida e dos costumes nacionais principalmente, e os dez volumes de novelas de Bernardo Guimarães quase fizeram esquecer nele o poeta. (VERÍSSIMO, 1977: 143)

Enquanto poeta, Bernardo Guimarães é conhecido pelo tom irônico, satírico e obsceno. Nos tempos da Faculdade de Direito, escrevia bestialógicos, um tipo de poesia denominada pelos estudantes como "pantagruélica" (CANDIDO, 2004: 52). No entanto, em

[19]Data atribuída por Mota (1921: 109).
[20] Os contratos firmados entre Bernardo Guimarães e B.L. Garnier encontram-se no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, pasta Bernardo Guimarães.
[21] Primeira edição: 1959.
[22] Primeira edição: 1901.

muitos manuais de literatura, o romancista parece se sobrepor ao poeta[23]. Muitos estudos foram realizados a respeito da poética de Bernardo Guimarães, como o de Matheus da Cruz e Zica (2008), Gomes (2007), citado anteriormente, Irineu Corrêa (2006), sendo estes os mais recentes. Sua poesia é considerada desde pré-romântica por Dutra & Cunha (1956: 53) a naturalista (ROMERO, 1960: 981). Dentre seus livros publicados, Romero (1960: 977) considera *Poesias* o melhor. Sua feição poética é assim descrita por Mota (1921: 115):

> (...) é flexível, maleável, amolda-se a vários gêneros, desde o épico ao humorístico. É, por vezes, terno e lânguido, outras voluptuoso e sensual, em certas passagens é sarcástico e em outras contemplativo. Exemplos se notam de um feitio naturalista (*Ermo*), alguns se destacam como philosoficos (*Devanear do sceptico*) outras como phantasticas (*Orgia dos duendes*); percorre toda a gamma, desde os assumptos sentimentaes e amorosos (*Evocações*) até os themas facetos e joviaes (*Charugo, Saia Balão, Diluvio de papel* (...)). Assume até a tendencia mystica e religiosa, como aconteceu no fim da existencia com "Folhas de Outomno" e apresenta poesias de caracter patriotico (*Estrophes aos voluntarios mineiros* e *Heroides brasileiros*).

Como romancista, como é mais lembrado, Bernardo Guimarães escreveu doze obras. Figuram entre as mais conhecidas, *A Escrava Isaura* e *O Seminarista.* O primeiro romance foi adaptado para o cinema em 1929 e para teledramaturgia duas vezes, a primeira em 1976 e a segunda em 2004. Já o segundo, foi adaptado para o cinema também em 1976 (COUTINHO & SOUSA, 2001: 810).

Oliveira (1963: 113) considera Bernardo Guimarães "a expressão alta do prosador mineiro mais alto desse tempo [referindo-se ao romantismo]". Para o crítico, a variedade de temas do escritor mineiro não tinha limites. Oliveira frisa o que alguns críticos parecem esquecer: a popularidade que o autor alcançara em seu tempo. Isso fica claro ao depararmo-nos com duas edições de *O Seminarista*, num período de três anos, além do grande sucesso que foi, e ainda é, *A Escrava Isaura*.

---

[23]No ensaio "Bernardo Guimarães – romantismo com pé-de-cabra", Süssekind critica o uso da biografia de Bernardo Guimarães para explicar sua poética "que parece correr paralela à redação 'oficial' do Romantismo brasileiro" (2002: 154). Além disso, analisa alguns poemas do escritor mineiro. Há outro ensaio que fala sobre a relação entre Bernardo Guimarães e seu cânone, de autoria de Luiz Costa Lima (1991), intitulado "Bernardo Guimarães e o cânone". Neste ensaio, Costa Lima refere-se ao cânone formado basicamente por Romero e Veríssimo. Considera o ensaio de Süssekind como o único recente digno do escritor mineiro. Trata, sobretudo, do Bernardo Guimarães poeta, cujos versos "nunca estiveram à vontade na dicção do romantismo normalizado". Por romantismo normalizado entende-se aquele em que "o poeta fosse bem falante e lacrimoso, derramado em palavras e emoções". Essa seria a base de Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu (COSTA LIMA, 1991: 242 e 244).

Para Aderbal de Carvalho (1902: 85), os romances *O Seminarista, O Garimpeiro* e *A Escrava Isaura* "são esplêndidos trabalhos de observação e de um *humour* a Dickens muito pronunciado" [24].

Candido (2009: 549-550) refere-se aos romances como "boa prosa da roça". Considera *O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso* e *A Filha do Fazendeiro*[25]·, "o bloco central e mais característico da sua ficção". É dos poucos que ensaiou analisar a construção dos romances e dos seus tipos:

> O brutalhão de alma boa constitui aliás parte do senso psicológico de Bernardo; outra parte é ocupada por tipos igualmente elementares – a começar pelo moço bom e puro, geralmente perseguido pelo destino: Conrado (*Rosaura*), Elias (*O Garimpeiro*), Eduardo (*A Filha do Fazendeiro*), Eugênio (*O Seminarista*), o próprio Maurício, no romance do mesmo nome. Vem a seguir os pais afetuosos, mas pirracentos, que levados por um capricho, tiranizam as filhas ou filhos: o Major (*O Garimpeiro*), Joaquim Ribeiro (*A Filha do Fazendeiro*), o casal Antunes (*O Seminarista*), o Major Damásio (*Rosaura*), o Capitão-Mor, (*Maurício*). Depois deles, o rival, bruto ou patife: Fernando (*Maurício*), Luciano (*O Seminarista*), Leonel (*O Garimpeiro*) (...). (...) finalmente as heroínas, vítimas da paixão contrariada, de quem escapam apenas as duas "moreninhas", Isaura e Rosaura: Margarida (*O Seminarista*), Lúcia (*O Garimpeiro*), Paulina (*A Filha do Fazendeiro*), Adelaide (*Rosaura*), Leonor (*Maurício*).
>
> Os seus livros começam por uma situação de equilíbrio e bonança, definida principalmente pela descrição eufórica da paisagem em que se vai desenrolar a ação; a partir daí, procura surpreender no personagem o nascimento da paixão, cujo percurso e estouro descreverá, mostrando que a euforia inicial é como a placidez aparente do sertão e do sertanejo. (CANDIDO, 2009: 550-551)

Se para Veríssimo (1916: 286), como romancista, Bernardo Guimarães "é um espontâneo, sem alguma prevenção literária, propósito estético ou filiação consciente a nenhuma escola", um contador de histórias no sentido popular da expressão, para Romero (1960: 987), ele é merecedor de atenção devido ao caráter nacional de suas narrações, "pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estilo". Segundo Romero (1960: 986), seus romances são novelas dotadas de um enredo simples, "um estilo leve, despretensioso,

[24] Grifo do autor.
[25] Narrativa que integra o livro *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

semeado de lirismo e de algumas notas humorísticas". Considera como os romances mais significativos *O Garimpeiro, O Seminarista, Maurício* e *A Escrava Isaura.*

Dutra & Cunha (1956: 54) acreditam, por sua vez, que o espólio novelístico de Bernardo Guimarães era negado[26] por quase todos os críticos e ensaístas[27]. Ao contrário do que afirma João Alphonsus (1952: 101), para quem a obra do escritor mineiro deve ser julgada à luz do leitor do seu tempo, Dutra & Cunha (1956: 55) creem que sua obra deve ser julgada à luz de sua crítica. Reconhecem no estilo do romancista uma pobreza que pode "não ser explicada e perdoada com um simples levantar de ombros".

No que diz respeito ao seu lugar no Romantismo brasileiro, Bernardo Guimarães é considerado por alguns críticos, como Afrânio Coutinho (1986: 20-21), Massaud Moisés (1989: 183), Romero (1905: 59) e Veríssimo (1954: 243), integrante da segunda geração ou segundo período, ao lado de José de Alencar, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo. Para Otto Maria Carpeaux (1964: 90-91), cujo critério de divisão é da diversidade estilística e ideológica, enquadra Bernardo Guimarães no que ele chama de "romantismo nacional e popular", no qual se enquadram também Gonçalves Dias, José de Alencar e Apolinário Porto Alegre (VOLOBUEF, 1998: 160-162). É apontado por Veríssimo (1954: 241) e José Aderaldo Castello (s.d.: 48) como o criador do romantismo regionalista no Brasil.

1.4 O estilo e a crítica

O cânone crítico[28] de Bernardo Guimarães não é unânime. Há quem o considere melhor poeta que romancista, como Manuel Bandeira (1946: 74-75) e Dutra & Cunha (1956: 56) ou ainda um poeta menor, como Veríssimo (1901: 258). Há ainda, aqueles cuja opinião sobre a produção literária do poeta e romancista vai além. É o caso de Alcântara Machado (1940: 216), que o considera "coisa morta e liquidada literariamente", importando-se somente em estudar a figura do homem e não do escritor. Identificamos aí o que Süssekind (2002: 154)

[26] No tempo em que escreveram sua *Biografia crítica das letras mineiras.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1956.
[27] Vemos que hoje, devido à tentativa de resgate de autores esquecidos, há diversos estudos sobre Bernardo Guimarães, alguns referidos ao longo desta dissertação.
[28] Entende-se por cânone crítico a produção crítica produzida sobre um determinado autor, neste caso, sobre Bernardo Guimarães por críticos e estudiosos de literatura.

fala a respeito da crítica sobre o autor, "uma crítica que se traveste de biografia" e que pouco explora além disso.

Veríssimo (1916) é um dos críticos mais ferrenhos. Para ele, Bernardo Guimarães escreveu mal, sem apuro de composição ou beleza de estilo. Em sua opinião "em toda a obra romântica de Bernardo Guimarães será difícil escolher uma página que possamos citar como pintura ou expressão exemplar do meio sertanejo" (VERÍSSIMO, 1916: 291).

Na mesma linha é a crítica feita por Monteiro Lobato (1965: 11-12):

> Lê-lo é ir para o mato, para a roça – mas uma roça adjetivada por menina de Sion, onde os prados são *amenos*, os vergéis *floridos*, os rios *caudalosos*, as matas *viridentes*, os píncaros *altíssimos*, os sabiás *sonorosos*, as rolinhas *meigas*. Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco enérgico da impressão pessoal. Vinte vergéis que descreva são vinte perfeitas e invariáveis amenidades. Nossas desajeitadíssimas caipiras são sempre lindas morenas cor de jambo.
> Bernardo falsifica o nosso mato. Onde toda gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes[29].
> Bernardo mente.

Ainda para Alcântara Machado (1940: 216) não há sentido em considerar Bernardo Guimarães como "um dos iniciadores do romance brasileiro", visto que ninguém o continua fora da Academia Brasileira de Letras ou o toma por patrono. O escritor paulista continua, indagando qual importância anunciadora teve a obra do autor ouro-pretano.

Ao contrário de Veríssimo, Lobato e Alcântara Machado, Romero (1885 e 1960), Agrippino Grieco (1932), Ronald de Carvalho (1935) e Candido (2009) assumem outra postura em relação à obra e ao estilo de Bernardo Guimarães.

Romero (1960: 987) diz que o escritor mineiro merece atenção "pelo caráter nacional de suas narrações, pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estilo". Considera como obras mais significativas: *O Garimpeiro, O Seminarista, Maurício* e *A Escrava Isaura.* Para ele, Bernardo Guimarães juntamente com Franklin Távora é um predecessor do Naturalismo à contemporânea. Sobre os defeitos de escrita do autor mineiro, eis o seu parecer:

> Tem-nos e bastantes: é muitas vezes prosaico, às vezes incorreto e não poucas superficial. Tem certa delicadeza de tintas; mas não tem força; interessa mas não prende, não cativa, não entusiasma. Em todo caso, é um produto do seu meio. (ROMERO, 1885: 38)

[29] Grifo do autor.

Alphonsus (1952: 95), assim como Romero também acentua os defeitos do estilo do escritor:

> (...) a repetição dos detalhes ou circunstâncias, como falta de confiança na atenção ou memória do leitor; as explicações ao mesmo leitor sôbre o desenvolvimento de fatos já narrados, com exaustiva minúcia; os diálogos sem naturalidade, já porque deformados pelo romantismo, já porque os personagens também se explicam cuidadosamente, empregando adjetivos que só o autor ou o leitor como espectadores poderiam estar percebendo. (...) As falas dos personagens lembram muitas vêzes as tiradas dos dramalhões. E na verdade tem o autor um modo teatral de narrar, de tecer o enrêdo dos romances, agrupando personagens ou fatos como no palco, e – tipo dramalhão – fazendo uns acontecimentos mudar o curso de outros *na hora*[30], quando tudo já parecia perdido, com escandalosa oportunidade.

Embora o crítico tenha enumerado como defeitos, características da narrativa de Bernardo Guimarães, Alphonsus (1952: 101) acaba concluindo que estas são deficiências que estariam no gênero romântico e na pouca exigência não só dos leitores, mas também dos ouvintes de narrativas orais, que pouco se importariam com a verossimilhança desde que a história "acabasse bem". Talvez seja por isso que Romero (1885: 38) afirma ser o escritor um produto do seu meio. Alphonsus (1952: 101) chega a se perguntar se o modo como Bernardo Guimarães e outros de sua época romanceiam "não corresponderia a um estágio dos leitores, que exigiam tais romances, e não outros ?"

Grieco (1947: 35), por seu turno, crê que a contribuição do escritor mineiro à literatura "constituiu aperfeiçoamento dos mais valiosos". Em sua opinião, Bernardo Guimarães era "dono de uma palheta em que os verdes da floresta rebrilham", "amou e eternizou os seus fazendeiros e os seus mineradores", "não humilhava o tema pelo excesso da riqueza literária".

Carvalho (1937: 258), embora diga que a respeito das personagens retratadas, Bernardo Guimarães não tenha conseguido fixar um só tipo realmente perfeito, considerando-os mais ou menos postiços e convencionais, reconhece que as descrições são agradáveis e inclusive justas algumas vezes:

> (...) elle sabia evocar admiravelmente os aspectos da natureza, animava com espontaneidade as formas mudas da paisagem (...) vê-se que o artista estava no seu elemento quando se defrontava com a selva natal. E é como descriptivo que merece attenção. (CARVALHO, 1937: 259)

[30] Grifo do autor.

Edgar Cavalheiro (1959: 78) por sua vez, reconhece que as descrições são excelentes como pinturas da natureza, mas assim como Carvalho, considera os tipos humanos postiços, afirmando que "nos retratos psicológicos não conseguiu realizar nada de apreciável".

Esta opinião de Carvalho a respeito dos tipos é rebatida por Oliveira (1963: 113-114), que diz tratar-se de um desacerto de quem conhece pouco ou ignora a vida do interior do Brasil. As criações de José de Alencar e muitas de Joaquim Manuel de Macedo é que seriam "postiças, convencionais, fortemente intelectualizadas, sem realidade pura" (1963: 113). Em suas palavras

> (...) Quem ler *O Seminarista* viverá um drama de consciência, que teve pura realidade, e a que o autor deu traços indeléveis do romance, buscando nele introduzir cenas brasileiras, em painéis dignos de grande pincel, a par de estados psicológicos. (OLIVEIRA, 1963: 114)

Sobre o lugar que ocupa Bernardo Guimarães nos compêndios de literatura, Dutra e Cunha (1956: 55) afirmam que "seu espólio novelístico é hoje negado por quase todos os nossos críticos e ensaístas". De fato, pouco tratou o cânone crítico da obra do escritor mineiro, limitando-se a comentários de estilo. São raros os estudos realizados pelos seus críticos, coevos ou posteriores, havendo apenas certo interesse, visto muitas vezes como tardio, por parte da crítica acadêmica. Candido (2009) é um dos críticos que esboçou uma análise um pouco mais demorada, ainda que não aprofundada, sobre os tipos construídos pelo autor e as situações de suas obras. Reconhece que dos livros de Bernardo Guimarães, o que permanece incorporado à nossa sensibilidade é muito pouco, "além da vaga lembrança dos enredos" (CANDIDO, 2009: 551). Para ele, esse pouco se constitui por uma impressão de natureza plástica, referindo-se ao teor das descrições:

> (...) relevo da paisagem, certos verdes e azuis, contornos de morros e vales, presença indefinível de uma atmosfera campestre que nos faz respirar bem. É que Bernardo capricha em *situar* as narrativas, com o agudo senso topográfico e social característico da nossa ficção romântica. Antes de encetá-las, localiza-as; no seu decorrer, descreve as fórmulas de tratamento, a hierarquia e formas de prestígio, as relações de família, os costumes regionais. (...) Nos romances, todavia, é a natureza trabalhada pelo homem que vem no primeiro plano; natureza em que se ajusta a casa, o caminho, a roça[31]. (CANDIDO, 2009: 551)

[31] Grifo do autor.

No prefácio[32] do romance *O Índio Afonso*, Bernardo Guimarães fala do processo de descrição desta obra que acaba por se estender às outras:

> A descripção dos logares tambem é feita ao natural, pois os percorri e observei mais de uma vez. Com o judicioso e illustrado crítico o Sr. Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, entendo que a pintura exacta, viva e bem tratada dos logares deve constituir um dos mais importantes empenhos do romancista brasileiro, que assim prestará um importante serviço tornando mais conhecida a tão ignorada topographia deste vasto e bello paiz.
> Por isso faço sempre passar a acção de meus romances em logares que me são conhecidos, ou pelo menos de que tenho as mais exactas e minuciosas informações, e me esforço por dar ás descripções locaes um traçado e colorido o mais exacto e preciso, o menos vago que me é possível.
> Eis o que há de real em meu romance. (GUIMARÃES, 1900: 8-9)

Esta preocupação com a descrição, a "pintura exata, viva e bem tratada dos lugares", já apontada por Candido como retratada em primeiro plano, é perceptível ao longo da obra em prosa, constituindo um dos seus traços mais característicos. Este tipo de descrição pode ser vista nos romances *O Seminarista* e *Rosaura, a Enjeitada*. A título de exemplo, apresenta-se a seguinte passagem:

> Sobe-se ao adro da capella por uma escadaria de dois lances flanqueados de um e outro lado pelos vultos magestosos dos prophetas da antiga lei, talhados em gesso, e de tamanho um pouco maior do que o natural.
> (...)
> O sublime Izaias, o terrivel e sombrio Habacuc, o melancolico Jeremias são especialmente notaveis pela belleza e solemnidade da expressão e da attitude. A não encaral-os com as vistas minuciosas e escrutadoras do artista, esses vultos ao primeiro aspecto não deixão de causar uma forte impressão de respeito e mesmo de assombro. Parece que essas estatuas são copias toscas e incorrectas de bellos modelos de arte, que o esculptor tinha diante dos olhos ou impressos na imaginação.
> Mesmo assim quanto não são superiores ás quatro disformes e gigantescas caricaturas de pedra, que ornão... quero dizer, que desfigurão os quatro angulos da cadeia do Ouro-Preto!... (*O Seminarista* – cap. IV – sobre a Capela de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas – MG.)
>
> A reunião, a que assistimos, tinha lugar em uma rua que, se bem nos lembramos, tinha o nome de Rua da Constituição, a qual, partindo do largo, onde ficam o mosteiro e a igreja de S. Bento, dirige-se para o risonho e pitoresco arrabalde da Luz. A casa ocupada pelos estudantes fronteava justamente com o lado da igreja, que faz face à rua.
> Eram cerca de nove horas da noite. Em uma cidade pouco mais populosa e de pouco movimento comercial, como era então S. Paulo, já o remanso e o

[32] Prefácio escrito em Ouro Preto, no dia 28 de fevereiro de 1873. (GUIMARÃES, 1900: 9.)

> silêncio reinavam por toda a parte; a rua era um deserto. As janelas da sala de jantar, onde se dava o colóquio, abriam-se para as extensas vargens alagadiças cortadas pelo Tamanduateí que separam a cidade propriamente dita do arrabalde de S. Brás. (*Rosaura, a Enjeitada* – cap. I – sobre o centro de São Paulo)

Diante do que foi exposto sobre o estilo do autor, sabe-se que Bernardo Guimarães dava especial atenção às descrições, conforme explicitou no prefácio de *O Índio Afonso.* Exemplos de descrição podem ser observados com frequência ao longo de sua obra em prosa.

Um dos princípios norteadores da Crítica Textual é o *usus scribendi*, assim definido pelo Glossário de Crítica Textual[33]:

> Conjunto dos hábitos gramaticais e estilísticos de um escritor, de uma escola ou de uma época. É considerado nas tomadas de decisão do editor crítico, ou para fazer conjecturas em situação de erro ou de lacuna, ou para escolher entre variantes documentadas em diferentes testemunhos. É um dos critérios, junto com a *lectio difficilior*, normalmente usados para arbitrar em caso de lições de igual autoridade documentária.

Embora o estilo do autor possa ser determinante para a identificação da sua obra, apenas um olhar mais atento será capaz de distingui-lo e identificá-lo. No caso de *O Seminarista*, apesar das sistemáticas intervenções ao texto - conforme veremos no capítulo 4 - incidirem, sobretudo nas passagens descritivas e também em alguns diálogos, apenas o leitor conhecedor do romance e ciente do problema das diferentes redações poderá distinguir o texto completo do abreviado, visto que, apesar das variantes, o texto abreviado ainda conserva traços do original, como as descrições, os diálogos e comentários do narrador. Do ponto de vista literário, no entanto, a redação abreviada origina um novo romance. Mesmo que se possa afirmar que não ocorrem alterações substanciais no enredo, do ponto de vista estilístico estamos diante de uma nova obra. Apesar das alterações textuais, a crítica produzida a partir da leitura da redação abreviada aponta para as características que consagraram o romance, como o regionalismo, o caráter descritivo e a cor local. É o que confirma a crítica produzida sobre a obra, por Candido (2009), Lizandro Calegari (2005) e Marco Araújo (2008), conforme apresentamos no capítulo 2. Apesar de terem consultado o texto abreviado, seja na edição da Martins, como Candido (2009), ou das edições da Ática, como Calegari (2005) e Araújo, M. (2008), esses estudiosos destacam a descrição como uma das características fortes da obra. Em muitos casos, a preocupação quanto ao texto consultado, edição ou editora, não se coloca

[33] Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>. Acesso em: 10/12/2011.

para o estudioso e menos ainda para o leitor comum. Não se pode cobrar a leitura de um texto ao qual os pesquisadores não tiveram acesso, visto que nem sempre as bibliotecas universitárias dispõem de diversas edições de uma mesma obra. Além disso, as edições da Ática e da Moderna, que veiculam o texto abreviado, são as mais populares, o que pode estar relacionado ao fato de estas editoras publicarem edições paradidáticas, direcionadas, portanto, ao público escolar.

2. O ROMANCE

A educação claustral é triste em si e em suas consequencias; o regimen monacal, que se observa nos seminarios, é mais proprio para formar ursos do que homens sociaes. Dir-se hia que o devotismo austéro, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e comprime com suas azas lobregas e geladas naquellas almas tenras todas as manifestações expontaneas do espirito, todos os vôos da imaginação, todas as expansões affectuosas do coração.

Bernardo Guimarães[34]

Que amor seria mais impossível do que o de um seminarista?

M. Cavalcanti Proença[35]

2.1 *O Seminarista* sob a óptica da crítica literária

Não é possível estudar um texto literário sem associá-lo ao seu autor e à sua fortuna crítica, uma vez que esses elementos sempre estarão relacionados à obra, ainda que a análise realizada não seja literária. Por isso, a fim de melhor contextualizar o romance, bem como resgatar sua fortuna crítica, apresentamos a seguir alguns aspectos cuja análise crítica auxilia, por exemplo, na construção do *usus scribendi*.

O romance *O Seminarista* foi publicado pela primeira vez em 1872 pela editora de B. L. Garnier. A publicação saiu no segundo semestre deste ano, visto que as primeiras notícias aparecem em 21 de setembro e 05 de outubro de 1872, nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *O Mosquito*[36], respectivamente. Além disso, há uma carta de B. L. Garnier datada de 28 de março de 1872[37], para o escritor, na qual se refere à venda do romance *O*

[34] *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. p. 91
[35] in GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo: Edições de Ouro, 1969. *apud* Suplemento Literário, Minas Gerais, 18/07/1970. p. 5
[36] Esta notícia de *O Mosquito* é publicada em COELHO (1885: 150-151). No entanto, o autor omite os dois parágrafos finais publicados no periódico, dando a impressão de que o texto publicado foi apenas elogioso ao romance e ao romancista.
[37] Carta publicada em periódico, sem referência, disponível no arquivo da Academia Brasileira de Letras - BGu h 041-c.

Garimpeiro, que já estaria sendo feito, não fosse a semana santa. O editor refere-se ainda a outra obra do escritor, que segundo sua sugestão deveria ser publicada dali a dois meses. Não sabemos se o volume referido seria *O Seminarista*, ou ainda *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*, que também foram publicados no mesmo ano. Há também o contrato de venda dos direitos autorais de *O Seminarista* e *O Pão de Ouro*, cuja data é 27 de julho de 1872[38].

O Seminarista se passa no século XIX, na pequena vila de Formiga, em Minas Gerais. É a história de Eugênio, filho de um fazendeiro, que desde a infância nutre um sentimento por Margarida, filha da agregada D. Umbelina. Aos 13 anos, o menino é enviado ao seminário, a fim de se tornar padre. No entanto, a distância só fez com que o seu sentimento aumentasse. Apesar dos pedidos feitos à sua mãe, ao passar férias na fazenda de seus pais, após alguns anos de claustro, para deixar o seminário, Eugênio se ordena, acreditando que sua amada descumpriu o juramento de casar-se com ele, visto que os padres, a pedido de seus pais, deram-lhe a falsa notícia do casamento de Margarida. Descontente com Umbelina e Margarida, e acreditando ser a menina uma ameaça para a carreira eclesiástica do filho, a família Antunes as expulsa da fazenda. Anos depois, já ordenado, Eugênio retorna à vila de Formiga, para celebrar sua primeira missa. Na noite de sua chegada, é chamado para confessar uma moça doente que acredita estar à beira da morte. Ao chegar à casa simples da enferma, o jovem padre depara-se com Margarida e descobre todas as artimanhas de seus pais contra a união dos dois. Arrebatados pela paixão, os dois se entregam ao amor e ao desejo. No dia seguinte, antes de celebrar sua primeira missa, Eugênio é chamado para realizar um ofício fúnebre. Surpreso ao se deparar com o cadáver de Margarida, o jovem enlouquece. Com este enredo, Bernardo Guimarães aborda a questão do celibato clerical e do despotismo dos pais, que são, por fim, castigados no momento que eles imaginavam como o de maior regozijo: a primeira missa de Eugênio. Contudo, o rapaz é arrebatado pela loucura ao reconhecer o cadáver da amada. Como podemos observar a partir da primeira epígrafe, havia no romance uma clara crítica ao celibato. Naquela época, pertencer ao clero era sinal de prestígio social (VOLOBUEF, 1986: 286). O que o autor põe em xeque nesta obra é o fato de se formarem padres sem vocação.

[38] Fundação Casa de Rui Barbosa: Documentos Pessoais - PASTA: GUIMARÃES, Bernardo. 77/4126.

Sem a pretensão de abarcar a fortuna crítica da obra, apresentâmo-la aqui em três momentos: as primeiras críticas, publicadas em jornal à época da primeira publicação da obra, o cânone crítico e alguns estudos acadêmicos, que se detêm mais em alguns aspectos.

As primeiras notícias e críticas do romance, conforme dito anteriormente, foram publicadas no segundo semestre de 1872, nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *O Mosquito*. O *Diário do Rio do Janeiro*, conhecido também como *Diário do Rio*, era um dos mais importantes jornais da Corte, tendo sido publicado entre 1821 e 1878. Foi o primeiro jornal diário do país. *O Mosquito*, folha publicada entre 1869 e 1877, era um periódico satírico, impresso pela Typographia Franco-Americana, cujo dono era B. L. Garnier. (v. capítulo 3 – item 3.4.2.1).

A notícia publicada sobre o romance no *Diário do Rio de Janeiro* é breve e superficial, aparece na seção "Publicações" e não há qualquer indicação de autoria. O texto se inicia com elogios ao autor, que segundo o periódico, "tem enriquecido a litteratura brasileira de numerosas narrativas singelas, poeticas e naturaes". A nota reafirma ainda o caráter nacional e descritivo do romancista: "ao par de sua reputação de poeta verdadeiramente nacional, pelo colorido da imaginação e pela sublimidade dos affectos, adquire tambem o de pintor esmerado dos costumes do sertão". *O Seminarista* é descrito neste periódico como "um desses dramas do coração, em que o sacrificio coroa o affecto, e a morte escreve a ultima pagina". A notícia encerra-se referindo-se a uma análise especial que o livro pede e à qual serão dedicados alguns momentos. No entanto, não há neste número do jornal, nem nos seguintes, qualquer análise do romance (PUBLICAÇÕES, 1872: 2).

A crítica publicada n'*O Mosquito*, da autoria de M. Souto (1872: 7), vai além de um mero elogio à obra. Inicia-se qualificando o novo romance de Bernardo Guimarães como "lindo e ao mesmo tempo boa lição para aquelles a quem incumbe dirigir as vocações da mocidade e educá-las". Ao resumir a obra, M. Souto afirma que a história é singela, e apresenta com detalhes o enredo do romance, numa escrita que desperta a curiosidade do leitor. Diferentemente da nota publicada no *Diário do Rio*, este artigo d'*O Mosquito* apresenta um posicionamento do crítico, que comenta, sobretudo, o estilo do autor. Em sua opinião a leitura do livro é agradável, assim como toda a obra de Bernardo Guimarães; no entanto, aponta que talvez o livro seja muito extenso para o seu assunto:

> A acção talvez ganhasse em ser mais condensada, supprimindo-se promenores (*sic*) inuteis, que não chegam a ser episodios, e que distrahem a

> attenção, seduzida pelo agradavel brilho do dizer, talvez ainda muito carregado de comparações, suppôsto o seja menos do que nos livros precedentes. (SOUTO: 1872: 7)

Ao final, reconhece que o autor deu um grande passo ao "entrar ao caminho do romance-estudo" e que neste livro, é possível detectar, ainda que não muito desenvolvido, um "pensamento mais sério", uma "these social em embryão", que se espera ser este trabalho seguido por outro mais depurado neste gênero (SOUTO, 1872: 7).

Ainda na mesma década de publicação do romance, Jorge Velho (*apud* Lima, 2000: 320-321) publica em *Folhas Silvestres*, uma carta-prólogo dirigida a Bernardo Guimarães. Nesta carta, Velho diz ser *O Seminarista* uma obra-prima da literatura em língua portuguesa. Para ele, o escritor mineiro soube desenvolver bem as cenas e os caracteres, e mais do que ninguém possui na "ponta do seu pincel" a cor local:

> Em *O Seminarista*, porém, fez o Sr. Guimarães, uma obra-prima da língua portuguesa, superior à maior parte dos romances portugueses e brasileiros. Desenvolve bem as cenas e caracteres, e tem belíssimas comparações, todas tiradas da nossa terra e vida. Tingiu-se seu espírito da cor da natureza, daqueles vastos horizontes, e pitorescas paisagens da nossa terra. Mais do que ninguém, tem ele na ponta do seu pincel, a cor local, o sentimento da terra e vida brasileira. (...)
> As suas cenas se passam nas fazendas e vilas do interior, e são a cópia do que vemos diariamente.
> Vê-se a casa, o curral, a gameleira no terreiro a sombrear dez braças em redor, com sua larga e aparada copa. (VELHO *apud* LIMA, 2000: 320-1)

Assim como nas primeiras críticas, o cânone crítico de Bernardo Guimarães centra-se, sobretudo, na questão do estilo, embora trate também do amor impossível entre o jovem Eugênio e Margarida e a construção das personagens do romance.

Para Romero (1960: 987), *O Seminarista* está entre os romances mais significativos de Bernardo Guimarães. Em sua opinião, a obra é um pequeno estudo de gênero, a narrativa romanceada de um fato real. Em seu breve comentário sobre o romance em sua *História da literatura brasileira*, o crítico centra-se no enredo e no estilo. Como bem aponta, a paixão que o jovem seminarista sentia fora acalmada, a princípio, pelos estudos e penitências. Contudo, quando Eugênio passa as férias na fazenda após anos de reclusão, o sentimento "rebenta forte". Depois de já formado padre e pronto para celebrar sua primeira missa, o jovem é

chamado para confessar uma moça agonizante e a paixão torna-se "violentíssima", visto que a moça era Margarida (ROMERO, 1960: 987). Segundo ele:

> O livro deixa-se ler docemente; não é atordoador e cheio de convulsões; a ação corre serena e vai direita ao seu fim. Tem muita verdade psicológica e muita exatidão de tintas nas cenas locais. (...) O nosso livro não tem aquele aspecto demonstrativo de uma equação algébrica nem o tom realista de um processo-crime.
>
> O romance é vazado nos velhos moldes; mas tem verdade, dessa verdade que se impunha a um homem que sabia observar, ainda que o não ostentasse. (ROMERO, 1960: 988)

A fim de explicitar a linguagem coloquial utilizada pelo escritor mineiro, o crítico apresenta excertos dos capítulos XI e XII, destacando a discussão entre as personagens Luciano e Eugênio, que, para ele, possui "perfeita cor local" (ROMERO, 1960: 992). Encerra dizendo que o romancista ouro-pretano não se preocupava com "as portentosas maravilhas do *purismo*; não quebrava a cabeça nem perdia o sono, cismando sobre a *colocação dos pronomes* e outras brilhaturas da espécie..." (grifo do autor) (ROMERO, 1960: 992).

Na opinião de Alphonsus (1952: 99), *O Seminarista* é o melhor romance da lavra de Bernardo Guimarães. Para ele, o ambiente do Seminário de Congonhas do Campo, as personagens, a conversação e inclusive o amor entre Eugênio e Margarida são naturais. Em sua opinião, é possível perceber no romance um traço psicológico acentuado, que é retomado por Oliveira[39], Norwood Andrews Jr. (1963) e Candido (2009).

Para Candido (2009: 551), quem ler *O Seminarista* não pode esquecer a utilização psicológica que Bernardo Guimarães faz do cenário descritivo como cenário "qualitativo" dos amores de Margarida e Eugênio "transformando-os numa paisagem subjetiva, variável na consistência e densidade".

Ele é um dos poucos, entre os críticos consultados, a analisar de maneira mais detida não só a obra ficcional de Bernardo Guimarães como um todo, mas também *O Seminarista* em particular. Considera este o melhor dos romances do escritor mineiro. Para o crítico:

[39] "Quem ler *O Seminarista* viverá um drama de consciência, que teve pura realidade, e a que o autor deu os traços indeléveis do romance, buscando nele introduzir cenas brasileiras, em painéis dignos de grande pincel, a par de estados psicológicos" (OLIVEIRA, 1963: 114).

> O senso regionalista dos costumes e da paisagem; a hipertrofia romântica e esquemática dos sentimentos; a presença tangível da carne – aparecem harmoniosamente entrosados no melhor dos seus livros, *O Seminarista*, que ainda hoje podemos ler com atenção e proveito.
> (...)
> Graças à singeleza de contador de casos, Bernardo passa longe do romance de tese, embora defina claramente a sua posição, afirmando que o amor não é incompatível com o sacerdócio (...). Interessa-lhe todavia, em primeiro lugar, o drama interior de Eugênio, a coexistência nele, de acentuada tendência mística e de uma disposição amorosa não menos viva.
> (...)
> A sensualidade aparece como asserção imperiosa da integridade humana, ameaçada de mutilação pela norma clerical; e ao lutar contra a identificação do amor à devoção, os diretores espirituais motivaram, através da consciência do pecado, o aparecimento muito mais perigoso da dualidade entre carne e espírito. Mesmo do fundo do seu mau jeito artístico, Bernardo consegue sugerir a ocorrência fatal deste problema na formação eclesiástica, perturbando, segundo ele o desenvolvimento normal da vocação para o sacerdócio, que em Eugênio não se separava do amor de Margarida. (CANDIDO, 2009: 553-554)

No primeiro excerto, Candido fala dos elementos que "aparecem harmoniosamente entrosados" no romance. São eles a descrição dos costumes e da paisagem, abordados no capítulo anterior, a presença da carne e, consequentemente, do desejo.

No segundo excerto, o crítico aponta para o fato de que, embora *O Seminarista* esteja longe de ser um romance de tese, Bernardo Guimarães define claramente sua posição com relação ao celibato clerical, afirmando que amor e sacerdócio não são incompatíveis. Chama ainda a atenção para o drama interior vivido por Eugênio, que possui ao mesmo tempo disposição para o clericato e para o amor. Este tema é retomado no terceiro excerto, quando Candido fala sobre a inviabilidade do afeto de Eugênio por Margarida, apontado pelos padres do seminário, que só fez com que aumentasse a dualidade entre carne e espírito.

Conforme veremos a seguir, o afeto entre Eugênio e Margarida é retomado nos estudos de Antônio Soares Amora (1970), Andrews Jr. (1963) e Calegari (2005). Trata-se de um tema recorrente e longe de ser esgotado.

Em *Amor e devoção: "- Não posso!"*, parte do artigo "Três estudos", de Amora, publicado no suplemento literário do periódico *Minas Gerais,* em 25 de julho de 1970, o autor pretende mostrar que mais do que um romance sobre o celibato clerical ou romance de costumes, *O Seminarista* é o drama da incompatibilidade do amor místico e do amor terreno. Para isso, fala do sentimento nutrido pelos companheiros de infância e do drama

experienciado por Eugênio ao ingressar no seminário: “de um lado acordam e crescem as saudades da companheira e de seu vale encantado; doutro lado, definem-se e se intensificam, na alma do jovem, o sentimento místico e as inclinações clericais” (AMORA, 1970: 11). O idílio infantil transforma-se numa forte paixão quando Eugênio passa as férias na fazenda após alguns anos de seminário. Na adolescência, o sentimento aflora e os jovens amantes acreditam ser possível ficarem juntos, contudo, o retorno do jovem ao seminário por imposição de seus pais e o abandono em que fica Margarida, preparam, segundo Amora (1970: 11), “a cena antifinal do drama, das mais intensas”, em que Eugênio, ao ser chamado para confessar uma jovem doente, descobre que a moça é Margarida e toma conhecimento das agruras de seus pais contra ela e sua mãe. Vencidos pela paixão amorosa, consumam o amor que sentiam um pelo outro. No dia seguinte, antes de celebrar sua primeira missa, Eugênio é chamado para realizar um ofício fúnebre e, ao deparar-se com Margarida no caixão, enlouquece.

Para o autor, devido à época em que foi publicado o romance, no fim do período romântico, é possível perceber na obra algumas ideias literárias que estavam então na moda: o fatalismo no amor, a violência da paixão, o idílio infantil e da natureza, o autoritarismo paterno e a incompatibilidade entre o celibato e a natureza humana. Mais importante do que as influências que fecundaram o romance, como *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, e *Monástico*, de Alexandre Herculano, para Amora, o que interessa é o resultado dessa fecundação.

Além da breve análise feita por Candido (2009) e Amora (1970), podemos citar ainda alguns outros trabalhos que tratam exclusivamente do romance: O Seminarista, *de Bernardo Guimarães: romance de transição* (ANDREWS JR, 1963), *A expressão do colonialismo em* O Seminarista, *de Bernardo Guimarães* (CALEGARI, 2005) e *O regionalismo e questões sociais em* O Seminarista, *de Bernardo Guimarães* (ARAÚJO, M., 2008). Vejamos a seguir sobre o que versa cada um destes estudos.

O artigo O Seminarista, *de Bernardo Guimarães: romance de transição* foi publicado na Revista de Letras da Unesp de Assis em 1963. Para Andrews Jr., Bernardo Guimarães ocupa o lugar de precursor do sertanismo regionalista (1963: 80). Aponta para o fato de que tanto os críticos como os historiadores literários concordam ter sido ele o primeiro a reproduzir, de maneira fiel e documentada, os costumes e as realidades regionais (ANDREWS JR., 1963: 80). Ressalta ainda que havia aqueles que consideravam que o

escritor mineiro não trouxera novidade alguma para o romance, citando aí Veríssimo, sobre quem já falamos no capítulo 1.

O intento do trabalho de Andrews Jr. é abordar a questão do traço psicológico, um elemento novo e inesperado dentro da corrente do romance brasileiro daquela época. Aponta como fontes da obra: *Paul et Virginie,* de Bernardin de Saint-Pierre e *Eurico, o Presbítero,* de Alexandre Herculano, analisando a visão que este e Bernardo Guimarães têm a respeito do celibato, considerado antinatural. Enquanto Herculano aborda "os problemas do espírito e do coração", o escritor mineiro aborda os problemas do corpo. Desta maneira, Andrews Jr. justifica a quebra dos votos por Eugenio, como uma impulsão das leis da natureza. Segundo ele, o romancista mineiro considera a consumação uma "inescapável necessidade biológica e um fim em si" (ANDREWS JR, 1963: 82). Neste sentido, a luta interior de Eugenio, vista por Andrews Jr. como uma psicose, é consequência da repressão desta necessidade e frustração deste fim. Em sua opinião "'as leis da natureza', que levam o nôvo clérigo à sedução, representam um tipo de determinismo dentro da concepção do romance" (ANDREWS JR., 1963: 82).

O que importa para o crítico, na verdade, é o desenvolvimento do caráter do jovem seminarista, que é moldado a partir das influências sofridas. Para ele, Bernardo Guimarães cria um "protagonista mole e flexível, quase sem capacidade para ação independente, precisamente para que êle seja suscetível às influências dos elementos circunstantes" (ANDREWS JR., 1963: 83), o que se dá através da adjetivação descritiva. A fim de demonstrar isto, o pesquisador cita passagens do romance sobre a descrição de Eugenio, bem como situações por ele vivenciadas, como a volta ao seminário depois do mutirão, com o protagonista decidido a fugir, mas que, isolado de outras influências, acaba recuando de sua resolução e, por fim, seu penúltimo momento com Margarida, quando não consegue resistir à sua influência sensual e quebra os votos.

Assim como Candido (2009), Andrews Jr. (1963) aponta para a dualidade do espírito de Eugenio, que se divide entre a religião e a carne, e sobre o fato de os padres abrirem-lhe os olhos para a natureza do sentimento nutrido por Margarida, que, se não fosse a censura, poderia não ter se desenvolvido.

Outro artigo sobre a obra *A expressão do colonialismo em* O Seminarista, *de Bernardo Guimarães*, de Calegari, foi publicado em maio de 2005, na Revista de Literatura Latino-americana Chasqui. Como já indica o título, o autor pretende analisar como o colonialismo se

expressa na obra. Na leitura de Calegari, a família Antunes é uma alegoria da condição associada ao dominador (o fato de ter um sobrenome já seria um indício) e a agregada Umbelina e sua filha cumprem o papel de dominadas (não são apresentadas pelo narrador com um sobrenome e são mulheres, o que lhes confere a posição de subordinadas). Ao elencar alguns acontecimentos do romance, o autor pretende ilustrar a questão da imposição do poder do dominador sobre o subalterno. Entre os acontecimentos da narrativa, cita o episódio da cobra (quando Margarida tinha dois anos de idade, uma cobra enleou-se em seu corpo, mas não lhe fez mal algum), o forte desejo dos pais em ter um filho padre, os versos de amor que Eugênio escreveu no seminário, a expulsão de Umbelina e Margarida da fazenda, e a notícia do falso casamento de Margarida. Por meio destes exemplos, Calegari mostra a imposição da vontade do senhor e senhora Antunes, que fazem de tudo para vê-la realizada. Uma das estratégias é o argumento religioso, representado, sobretudo, pelo episódio da cobra. O animal é visto como alegoria do diabo, que tentará Margarida, assim como fez com Eva, conforme retratado no Gênesis (cap. 3, vers. 1-7). Uma vez que a menina é vista pelos pais de Eugênio como uma ameaça à realização de seus desejos, ela deve ser eliminada. Por isso, devido às tentativas frustradas de casá-la, a menina e a mãe são expulsas da fazenda e, a pedido dos pais, os padres dão a Eugênio a falsa notícia do casamento da menina.

Eugênio, por sua vez, é completamente submisso aos pais e aos padres do seminário. Apesar do pendor para a vida monástica, ele também é apaixonado pela amiga de infância. Carreira eclesiástica e casamento são incompatíveis para a doutrina católica. O eclesiástico deve entregar-se completamente à sua missão, ser celibatário.

A análise proposta pelo autor é interessante, pois examina a obra a partir de outra perspectiva, dando ênfase às relações de poder e dominação estabelecidas entre a família Antunes e as agregadas Umbelina e Margarida, e entre o senhor e a senhora Antunes e Eugênio. Por meio dos excertos selecionados, tornam-se evidentes essas afirmações. Mesmo não sendo o colonialismo o assunto do romance, como bem aponta Calegari (2005) , é questão, entre outras, que a narrativa deixa subjacente, ainda que em âmbito temático. Cabe ainda salientar a análise feita por Calegari (2005: 100), das mortes de mãe e filha e do enlouquecimento do protagonista. Para ele, trata-se de uma consequência das conjunturas sociais. “(...) toda vez que a ordem social, tal qual é concebida, for ameaçada, o sistema dá conta de omitir aqueles elementos transgressores” (CALEGARI, 2005: 100). O enlouquecimento de Eugênio é visto como uma morte simbólica, uma vez que o indivíduo

louco é alguém excluído do sistema social. A loucura do rapaz equipara-se à uma fuga de uma realidade intolerável. As mortes têm o papel de devolver a normalidade ao sistema.

Diferentemente dos trabalhos de Andrews Jr. (1963) e Calegari (2005), Araújo, M. (2008) propõe em sua monografia a análise do regionalismo e das questões sociais, embora não desenvolva um estudo à altura que o romance merecia.

Ainda que haja alguns estudos sobre o romance, conforme vínhamos apresentando, podemos perceber alguns temas recorrentes, como o celibato clerical, o amor impossível, a descrição das cenas e ambientes e o autoritarismo dos pais. Dentre os estudos apresentados, o de Candido (2009), de Andrews Jr. (1963) e de Calegari (2005), destacam-se por abordarem outros temas no romance, além dos recorrentes. Esses pesquisadores viram além da descrição e da cor local, colocando o romance sob outra perspectiva. Notamos em quase todos os trabalhos uma queixa com relação à fortuna crítica do romance, que não é extensa e não se aprofunda em grandes questões, estando aquém da obra de Bernardo Guimarães. É o caso do trabalho de Araújo, M., (2008) que apesar das promessas de análise, acaba por repetir a crítica, não se aprofunda e, por fim, não explora de maneira adequada nenhum dos temas que pretende analisar.

É interessante notar em todos estes estudos as edições consultadas do romance: à exceção de Andrews Jr., que consultou a edição de 1941, publicada por F. Briguiet & Cia., todos os outros pesquisadores tiveram acesso à redação abreviada do romance, seja por meio da edição da Ática, como é o caso de Calegari e Araújo, M., seja por meio da edição da Martins, publicada em 1944, consultada por Candido. Conforme veremos nos capítulos 3 e 4, as alterações ao texto são de natureza diversa: há omissões, adições, substituições, reelaborações e mudanças na paragrafação. A consulta a um texto modificado em relação à primeira edição pode orientar arbitrariamente a visão do leitor, e, consequentemente, do crítico. É o que verificamos no artigo de Calegari (2005: 90): “o mencionado romance é composto de vinte e quatro capítulos relativamente curtos e escritos numa linguagem bastante acessível, fluente e natural”. Teria o autor a mesma opinião se tivesse consultado o texto completo e se soubesse do grande número de omissões de trechos e parágrafos que foram realizadas no texto corrompido?

2.2 As edições do romance: campo bibliográfico

Por campo bibliográfico entende-se o grupo formado pelas edições existentes de um determinado texto. Em um campo bibliográfico ideal, é possível encontrar no mercado ou ter fácil acesso a todos os tipos de edição de um determinado texto, capazes de atender às necessidades de todos os tipos de leitores potenciais (CASTRO & RAMOS, 1986: 112).

No caso do *O Seminarista*, há um campo bibliográfico bem diversificado, atingindo diversos tipos de leitores. Além do texto supostamente integral, com diferentes redações, (v. item 3.1- Um romance, duas redações), há duas adaptações da obra: uma para história em quadrinhos ("Álbum gigante para adultos"), publicada pela Ebal em 1955 e a versão condensada[40], publicada em 2000 pela Rideel. Vejamos a seguir as duas adaptações. Das edições do texto original com diferentes redações e das editoras, tratamos no capítulo 3, item 3.4.2.

Durante a década de 1950, a editora Brasil-América publicou edições de diversos romances brasileiros. Em maio de 1955, *O Seminarista* foi publicado sob o formato de romance ilustrado no *Álbum Gigante número 5*, denominado também *Revista Juvenil Mensal*. Como é possível observar no verso da capa deste volume, a editora era "especializada em publicações para rapazes, moças e crianças". Da autoria de Bernardo Guimarães, além desta obra, já havia sido publicado pela coleção "Edição maravilhosa" o romance *A Escrava Isaura* e havia projetos para a publicação, sob o formato em quadrinhos, os romances: *O Ermitão de Muquém, O Garimpeiro* e *O Índio Afonso.* Trata-se de uma adaptação bem elaborada; há uma breve apreciação do romance, indicando-se a data da primeira publicação, além de outras obras da autoria de Bernardo Guimarães:

> A 1ª. EDIÇÃO dêste romance surgiu em 1872; menos de três anos após já uma 2ª. edição vinha demonstrar o interêsse despertado pelo livro de Bernardo Guimarães, de quem os leitores da época haviam lido "O Ermitão de Muquém", "Lendas e Romances" e "O Garimpeiro", além de poesias e artigos nos jornais. Decerto que o tema tratado em "O Seminarista" deve ter chocado aos espíritos menos românticos. Na análise desta trama psicológica, de sentido profundamente humano, o escritor soube, no entanto, sobrepairar os episódios de significação secundária, sem quebrar o ritmo da narrativa; a história decorre, assim, fluentemente, num crescendo de curiosidade e emoção por parte do leitor. "O Seminarista" é de leitura obrigatória para quantos queiram travar conhecimento com um romance em que a singeleza

[40] Termo extraído da própria edição.

> do enrêdo ganha vivacidade e colorido, graças à maravilhosa arte de narrar de Bernardo Guimarães, indiscutivelmente um mestre no gênero. (GUIMARÃES, 1955: v. contracapa)

Há ainda uma breve biografia do autor, que havia sido previamente publicada na "edição maravilhosa número 92" de *A Escrava Isaura*. Na última página do volume, abaixo dos últimos quadros, há uma observação direcionada ao leitor: "as adaptações de romances ou obras clássicas para EDIÇÃO MARAVILHOSA ou ÁLBUM GIGANTE são apenas um "aperitivo", um deleite para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria". No que diz respeito ao conteúdo, é possível reconhecer nesta adaptação, além dos diálogos entre as personagens, os trechos narrativos. Em muitas passagens, aparenta ser a transposição do romance tal e qual foi publicado. É o que pode ser observado na primeira página do texto, que remete aos primeiros parágrafos do primeiro capítulo da obra:

Figura 2.1 – Adaptação para quadrinhos de *O Seminarista* (1955)

O volume é composto por cinquenta páginas e, segundo indicação na parte superior esquerda da capa, é dirigido ao público adulto. As ilustrações são de João David e apenas a capa e contracapa são coloridas; todo o restante da edição é preto e branco. A exemplo das edições anteriores do romance, há a indicação "romance brasileiro" na capa e na página de apresentação da obra. Conforme mostramos no capítulo 3, o subtítulo "romance brasileiro" desaparece ao longo das edições.

Em 2000, a Rideel publica a redação condensada por Celso Leopoldo Pagnan d*'O Seminarista* em sua "Coleção Clássicos", cujo objetivo é "possibilitar ao leitor a aquisição de informações fundamentais em pouco tempo" (GUIMARÃES, 2000: V). Trata-se de uma coleção composta por catorze romances considerados clássicos e que foram condensados sob a justificativa da falta de disponibilidade para leitura devido "à agitação da vida moderna" (GUIMARÃES, 2000: V). A coleção também foi motivada pelos concursos de vestibular, que demandam a leitura de muitos livros aos vestibulandos. Segundo informações do prefácio, a coleção "tem o mérito de manter a essência das obras, a fidelidade à linguagem dos autores e, paralelamente, possibilitar ao leitor a aquisição de informações fundamentais em pouco tempo" (GUIMARÃES, 2000: V). A proposta da edição é por fim incentivar o gosto por "textos brilhantes, imortais, que encantam leitores de todas as épocas" (GUIMARÃES, 2000: V). Por tratar-se de um texto reduzido, o volume é composto por quarenta e quatro páginas, sem ilustrações, impresso no formato 170 x 240 mm, com encadernação em brochura e apenas com a capa e contracapa coloridas. Destinado ao público escolar, há notas explicativas no texto e nas páginas finais do volume, biografia e produção literária do autor, além de um roteiro de leitura que retoma o enredo do romance a partir de um questionário, composto por quinze perguntas. Em relação ao conteúdo, nota-se a redução sistemática dos parágrafos, omissão dos trechos descritivos e manutenção dos diálogos. Na edição condensada, existe um propósito editorial declarado de apresentar uma paráfrase do texto. Diferentemente, nas edições em que consta a redação abreviada, não se declara abertamente que o texto foi modificado, pelo que um leitor desavisado pode tomá-lo como a redação completa.

A exemplo do "Álbum Gigante", não há também na edição do texto condensado qualquer informação a respeito da edição que foi utilizada como base para adaptação. A julgar pelo seu conteúdo e principalmente devido algumas passagens, supõe-se que uma edição com

o texto completo tenha servido de base[41]. Veja-se a seguir, a título de comparação, o primeiro parágrafo da obra na edição príncipe, que traz a redação completa, e na redação condensada:

Tabela 2.1 Redação completa e redação condensada

EDIÇÃO PRÍNCIPE (B. L. GARNIER, 1872)	REDAÇÃO CONDENSADA (RIDEEL, 2000)
A uma legua, pouco mais ou menos, da antiga villa de Tamanduá na provincia de Minas Geraes e a pouca distancia da estrada que vai para a visinha villa da Formiga, via-se, ha-de haver quarenta annos, - uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e aceiada. Uma porta e duas janellinhas formavão toda a sua frente; a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombreava toda com sua vasta e copada ramagem via-se uma outra janellinha guarnecida de balaustres de madeira.	A uma légua pouco mais ou menos da antiga vila de Tamanduá, na província de Minas Gerais, via-se, há de haver quarenta anos, uma pequena e pobre casa.

[41] Embora haja muitas edições do romance, nem sempre são de fácil acesso. É o caso da adaptação em quadrinhos, que só pôde ser adquirida por meio de um sebo virtual, não estando disponível em bibliotecas, podendo mesmo ser considerada rara. Ainda não há uma edição crítica do romance, que visaria à apuração do texto. Deste modo, um leitor mais interessado, ciente das diferentes redações do texto, pode enfrentar certa dificuldade ao procurar a redação da edição príncipe, uma vez que as edições mais vendidas hoje são as da editora Ática e da editora Moderna, as quais, embora afirmem conter o texto integral, na verdade veiculam a redação abreviada.

3. RECOLHA DE TESTEMUNHOS

O escritor age comprovadamente sobre seu texto; o autor, completando-o, associa-se à cadeia de produção e divulgação da obra, onde não é apenas ele que toma resoluções. Composição tipográfica, revisão de prova, 'saltos' e interferências injustificadas fazem do texto no livro, algumas vezes, uma realidade bem diversa do texto do escritor.

Telê Ancona Lopez[42]

3.1 A busca pelos testemunhos

Iniciamos esta pesquisa conhecendo apenas três edições da obra: uma edição da Livraria Garnier, disponível na biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; uma edição da Livraria Martins e outra da F. Briguiet & Cia., ambas disponíveis no Instituto de Estudos Brasileiros da mesma universidade.

A melhor maneira de coletar os testemunhos é pesquisá-los nos catálogos de bibliotecas e de instituições como, por exemplo, a Fundação Casa de Rui Barbosa, a Academia Brasileira de Letras, ou o Real Gabinete Português de Leitura. Graças à *Internet* e aos catálogos eletrônicos, a pesquisa tornou-se mais dinâmica. Por meio desta ferramenta eletrônica foi possível localizar as edições disponíveis na Fundação Biblioteca Nacional e solicitar sua reprodução em microfilme. Em bibliotecas de várias instituições foi permitida a reprodução fotográfica dos exemplares: Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade de Campinas; Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa; Biblioteca Estadual Luís de Bessa, em Belo Horizonte; e Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Nem todas as instituições pesquisadas, no entanto, permitiram a reprodução dos exemplares, como no caso do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

[42] "Nos caminhos do texto" *in* ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. (Edição crítica Telê Porto Ancona Lopez) 2ª. ed. Allca xx/ Edusp, 1996. p. LXI

Além das edições do romance, foram consultadas outras fontes primárias, tais como notícias de jornal publicadas à época da publicação da primeira edição da obra, contratos de venda de direitos de alguns títulos de Bernardo Guimarães, dentre eles *O Seminarista*, e carta do editor B. L. Garnier ao romancista. Todos estes documentos são importantes para reconstituir o contexto da época, tal como a recepção do romance, o modo como se dava a venda de propriedade das obras e a relação entre o editor e o autor.

3.2 Um romance, duas redações

Conforme mencionamos no item 2.2 – Campo bibliográfico, o romance *O Seminarista* possui duas adaptações (quadrinhos e versão condensada) além do texto supostamente integral. Neste caso, embora possamos pensar que o texto tenha permanecido inalterado ao longo dos anos, constatamos haver duas redações do romance. A primeira é a da edição príncipe. A segunda, pelo que sabemos até o momento, foi publicada pela Civilização Brasileira, em 1931, e que parece dar origem a uma terceira redação, sem data, publicada pela Livraria Martins. Como é possível notar a partir do cotejo entre as edições, elas se diferenciam pela extensão, de modo que chamaremos a edição príncipe de completa e as outras duas supracitadas de abreviadas[43]. Ao analisarmos a tradição da obra, podemos observar que o texto, em sua redação completa, foi publicado até quase meados do século XX, abrangendo o período de 1872 a 1928. Já a redação abreviada publicou-se em 1931, em meados da década de 1940 e em 1949, havendo entre a primeira e a segunda publicação da redação abreviada uma edição da redação completa, em 1941. Apresentamos a seguir o levantamento exaustivo dos testemunhos da obra até 1949[44].

[43] Embora produza um novo ramo na tradição do romance, a redação abreviada do texto não se sobrepõe à completa, que pode ser recuperada. As diferentes redações do texto podem ser encontradas em edições impressas, à venda em sebos ou livrarias, e na *internet*. A ocorrência mais frequente na *internet* é do texto abreviado, em *sites* que veiculam obras de domínio público, como www.dominiopublico.gov.br e www.biblio.com.br.

[44] Optamos por restringir o levantamento dos testemunhos até a edição de 1949, primeiramente por ser esta, conforme supracitado, a quarta a veicular a redação abreviada, e também por notarmos que, a partir das décadas seguintes, foram muitas as editoras que publicaram esta redação do romance. Sendo assim, partindo do princípio da *eliminatio codicum descriptorum*, não incluímos todos os testemunhos ulteriores, uma vez que os modelos da redação completa e da abreviada, as edições A e B, ainda subsistem (CAMBRAIA, 2005: 146).

Tabela 3.1 - Tradição direta do romance

Ano	Editora	Redação
1872	B.L. Garnier	completa
1875	B.L. Garnier	completa
1895	H. Garnier	completa
1899	Empreza Democratica	completa
1899	Francisco Alves	completa
1917	Livraria Garnier	completa
1923	H. Antunes	completa
1928	Jornal do Brasil	completa
1931	Civilização Brasileira	abreviada
1941	F. Briguiet & Cia.	completa
1944	Livraria Martins	abreviada
1949	Sociedade Brasileira de Difusão do Livro	abreviada
s.d.	Livraria Martins	abreviada

A diferença na extensão dessas redações deve-se às alterações feitas ao texto, sobre as quais tratamos com mais detalhes no capítulo 4. Ao cotejar três testemunhos da obra (A, B e C), identificamos alterações da mais diversa ordem. Na primeira página do capítulo I, por exemplo, há um caso de substituição de palavra e um de omissão de trecho no parágrafo inicial. Conforme é explicado no capítulo 4, há entre os testemunhos variações sistemáticas: casos de adição de palavras, alteração de ordem de palavras e de parágrafos, omissão de palavras, trechos e parágrafos, substituição de palavras e reelaboração de trechos ou de parágrafos.

Considerando-se a data de publicação e a divulgação que teve o romance ao longo dos anos, compor a tradição direta integral da obra, recolhendo todas as edições publicadas é tarefa laboriosa, visto que, além de se tratar atualmente de um texto de domínio público, as editoras que o publicam, muitas vezes enumeram as edições a partir da primeira que publicaram e não a partir da edição príncipe. É este o caso da editora Ática, por exemplo, que possui vinte e nove edições, tendo sido a mais recente publicada em 2011.

3.3 Descrição do *corpus*

Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que são muito numerosos os testemunhos que compõem a tradição direta de *O Seminarista*. Mesmo considerando-se apenas o século

XX, impõe-se a dificuldade de um levantamento completo, sobretudo porque se trata de um texto de domínio público. Dentro do recorte proposto por este estudo, os exemplares disponíveis hoje são poucos, e, muitas vezes, difíceis de serem encontrados. Há dificuldade em localizar-se edições mais antigas tanto para compra[45], como em bibliotecas públicas[46].

Após o levantamento de testemunhos da tradição direta do romance, seguiu-se a sua descrição bibliográfica. A descrição foi realizada de acordo com os preceitos da Bibliografia Material[47]. Segundo os preceitos desta disciplina, apresentamos, a título de exemplo, a descrição de um dos exemplares coletados[48]. Baseamo-nos para a descrição a seguir em Fredson Bowers[49] (1949), especificamente quanto aos elementos para a descrição de livros do século XIX.

Na descrição foram considerados os seguintes itens[50]:

- Identificação: nome do autor; título da obra; nome do editor; local de publicação; nome da editora e data de publicação (CAMBRAIA, 2005: 30).
- Folha de rosto. Para Bowers (1949: 135), inicialmente deve-se transcrever a folha de rosto. Trata-se do primeiro item de qualquer descrição bibliográfica . O objetivo de transcrevê-la é fornecer toda a informação necessária para a comparação de qualquer cópia individual, a fim de confirmar sua identidade ou estabelecer a variação[51].
- Imprenta. É a declaração do nome do editor, do livreiro, do tipógrafo, o local e a data de publicação ou ainda a combinação de todos esses itens. Quando a imprenta aparece na folha de rosto, muitos bibliógrafos a transcrevem como parte do título. É frequentemente transcrita no conteúdo, mas pode ser transcrita após o título sob a

[45] Foram adquiridas apenas os testemunhos C, I, L e N.

[46] Foi necessária a visita a diversas instituições para examinarmos todos os exemplares. Nem mesmo a Fundação Biblioteca Nacional dispõe de todas as edições.

[47]"A Bibliografia Material é uma disciplina que estuda o livro impresso enquanto objeto material. Procura observar, descrever e interpretar os elementos bibliográficos ao longo das três fases da tipografia: a) período inicial: segunda metade do séc. XV; b) período da tipografia manual: 1501-1800; c) período da tipografia mecânica: 1801-1950. O seu objetivo é o de traçar a história da produção e circulação do livro de um ponto de vista simultaneamente técnico e cultural" (XAVIER & MATEUS, 1990: 62-63).

[48] Para descrição bibliográfica de todos os exemplares, cf. ANEXO A – Descrição bibliográfica dos exemplares.

[49] Em seu *Principles of Bibliographical Description*, Bowers (1949: 427-53) enumera diversos itens que devem ser observados e descritos nos livros. Todavia, não serão abordados os seguintes: "collational formula", fórmula de paginação e folha, visto que, para os nossos objetivos, os itens utilizados dão conta da descrição.

[50] Quando não houver informação a respeito de um dos itens, o mesmo não constará na descrição.

[51] Embora hoje seja possível reproduzir mecanicamente a folha de rosto, através de fotocópia ou fotografia, o que reduziria o valor da transcrição, para Bowers (1949: 427), "a bibliographer would be foolish to neglect the possibilities for variation in typographical evidence which can be transcribed and wich will occasionally appear". ["Um bibliógrafo seria insensato ao negligenciar as possibilidades de variação em evidência tipográfica que podem ser transcritas e que aparecerão ocasionalmente" – tradução nossa] .

denominação de *Imprenta especial* (BOWERS, 1949: 172 e 429). No nosso caso, empregamos apenas o termo *Imprenta.*

- Formato. É considerado a base para a investigação bibliográfica da variação de impressão. Caso o formato seja estabelecido, este deve figurar de acordo com os símbolos utilizados para descrever livros antigos, como in-4°, in-8°, in-12°, in-16°. Se o formato for desconhecido, deve ser omitido (BOWERS, 1949: 429).
- Tamanho. Após o formato ou como seu substituto, pode ser colocada a medida da folha entre parênteses[52] (BOWERS, 1949: 430).
- Colofão[53]: Pode ser encontrado na última página de uma seção ou ainda no final do volume seguindo tabelas e índices. Sua transcrição deve seguir os mesmos princípios da folha de rosto (BOWERS, 1949*:* 185).
- Conteúdo. Assegura ao leitor bibliográfico que a variação no conteúdo não ocorre sem causar um efeito sobre a estrutura. Transcreve suficientemente títulos ou texto, para servir como um teste parcial para redefinição e fornece ao estudante de literatura os conteúdos do texto com certos detalhes (BOWERS, 1949: 438).
- Tipografia. Deve-se colocar a medida da mancha[54] e em seguida uma breve descrição dos tipos quando for possível identificá-los. A melhor maneira é notar o número de linhas do texto numa página padrão seguido pela medida da página: altura x largura (BOWERS, 1949: 445-446).
- Encadernação. O primeiro item descrito deve ser o material da capa, que, juntamente a sua cor, deve ser descrito o mais precisamente possível. A capa deve ser descrita com as suas ornamentações e os conteúdos de maneira "quasi-facsimile". Em seguida, devem ser descritas as laterais, as dobras das páginas, cor, marca d'água, etc. (BOWERS, 1949: 446-447).

---

[52] Ao discorrer sobre o tamanho, Bowers (1949: 430) discute a respeito de qual unidade de medida usar: polegada, centímetros ou milímetros. Adotaremos milímetros por ser uma unidade métrica mais precisa.

[53] "Transcrição do dístico final de um livro que contém informações sobre o autor, o tipo de edição, o lugar e a data da publicação da obra. Diz-se também da informação fornecida pelos tipógrafos sobre o lugar e a data da impressão e que, regra geral, aparece no final da obra. O colofão funciona, portanto, como emblema de um editor, também conhecido por *imprint*, quando aparece na capa de um livro" (CEIA, Carlos. "Colofão" in *E-Dicionário de termos literários.* Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/colofao.htm>. Acesso em: 20/10/2009.)

[54] "Conjunto de linhas impressas na página ou parte da página que é impressa. Pode ser em uma só medida ou em duas ou mais colunas; caixa de escrita; mancha do texto" (FARIA & PERICÃO, 2008: 476).

Além destes itens, foram analisados outros, tendo como base Cambraia (2005: 30), a saber: suporte material, particularidades, exemplar examinado e descrições prévias:

- Suporte material: microfilme, tipo de papel, formato eletrônico, etc.
- Exemplar examinado: cota e nome da instituição detentora.
- Descrições prévias: bibliografia.

A fim de simplificar a transcrição, foram utilizadas algumas siglas. Segue abaixo seu significado:

c.i.e. = canto inferior esquerdo
c.i.d. = canto inferior direito
c.s.e. = canto superior esquerdo
c.s.d. = canto superior direito
f.g. = folha de guarda
f.f.g. = falsa folha de guarda
f.r. = folha de rosto
f.f.r = falsa folha de rosto
v.f.f.g. = verso da falsa folha de guarda
v.f.f.r. = verso da falsa folha de rosto

Para a cota dos exemplares, também utilizamos siglas para designar as instituições detentoras:

BN = Fundação Biblioteca Nacional
IEB = Instituto de Estudos Brasileiros
UFRJ = Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unicamp = Universidade Estadual de Campinas

Para a numeração do livro, seguimos a paginação do exemplar. Contudo, as páginas que seguem ao fim do texto, tais como o catálogo da editora, são numeradas por algarismos romanos.

Com relação às datas colocadas entre colchetes, trata-se de inferências feitas a partir das informações do exemplar, como endereço da editora, o nome da própria casa editorial, paginação e colofão. As páginas em branco, por sua vez, conforme indicação de D.C. Greetham (1994: 167), foram descritas. Para consulta às descrições, ver Anexo A – Descrição bibliográfica dos exemplares.

3. 4 Análise do *corpus*

A partir dos itens analisados nos testemunhos, observamos que podemos extrair diversas informações a respeito não só daquele determinado testemunho, como também da sua editora e tipografia. Este tipo de descrição é importante, não só para a Crítica Textual, como também para o estudante de literatura, ou ainda para aquele leitor mais interessado, pois fornece dados importantes, como o formato do livro e a descrição quase fac-símile de sua folha de rosto. Foi possível, através deste tipo de descrição, a inserção de informações que não possuíamos, como o formato daqueles testemunhos consultados em microfilme[55]. Deste modo, quando da necessidade de determinados dados sobre o livro, na ausência física do exemplar, é sempre útil a descrição fornecida a partir da Bibliografia Material.

Ao descrevermos a folha de rosto, constatamos que, em todos os exemplares, constam o nome do autor, o título da obra, a editora e a cidade, podendo variar a ordem entre título e autor: ora o nome do autor vem primeiro, como é o caso nos testemunhos B, C, D, F, G, J, L, M, N, ora o nome do autor aparece após o subtítulo, como é o caso nos testemunhos A, E, H e I. Apenas nas edições da Garnier e do Jornal do Brasil o prenome do autor foi abreviado.

Os elementos que podem ou não figurar na folha de rosto são: data, endereço e subtítulo. Nenhum dos testemunhos da Garnier traz a data na folha de rosto, mas, conforme veremos adiante, é possível inferir a datação a partir de alguns dados. A edição da Livraria Martins também não é datada. É possível, no entanto, recuperar este dado a partir de outra edição publicada em 1944[56].

---

[55]Informações extraídas de Lima (2000: 144; 149-151).

[56] A edição datada de 1944 difere desta pela ausência de ilustração na capa, onde consta o título da compilação seguida pelo nome do autor e as obras que compõem o volume. Encadernação em brochura, papel branco, tipos na cor azul. As únicas diferenças encontradas são: marcação de data (1944) na folha de rosto acima do nome da editora, uso de caixa alta para o artigo e caixa baixa no restante do título na folha de guarda, visto que, na edição sem data, o título está em caixa alta e paginação. O formato é o mesmo. Sobre as variantes textuais entre estes testemunhos, c.f. item 4.4.7. no capítulo 4.

Os testemunhos que não possuem endereço impresso são: B, C, D, F, L e N. Alguns testemunhos trazem mais de um endereço, o que indica a existência de filial em outra cidade. É o caso dos testemunhos Garnier (H e I), que passa a ser filiada à Garnier Frères de Paris, e Francisco Alves (G), que possui matriz no Rio de Janeiro e filial em São Paulo. Além da filiação francesa, é possível notar, ao longo dos testemunhos da Garnier, a mudança de endereço. Inicialmente situada no número 69 da Rua do Ouvidor, ocupou ainda os números 71 e 109 da mesma rua. Será também o último endereço ocupado pela livraria sede da F. Briguiet & Cia., nos anos 1940[57].

O subtítulo *romance brasileiro* desaparece no testemunho L, bem como nos testemunhos B, C, D e N. A omissão do subtítulo nos testemunhos C, D e N talvez deva-se ao fato de o texto integrar uma compilação de quatro romances de Bernardo Guimarães, sob o título de *Quatro Romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso).* Embora o subtítulo seja omitido, há, na folha de rosto do testemunho B, uma breve descrição, que dá ao leitor pistas sobre o conteúdo do romance:

> Este romance, que remonta ao seculo dezenove e se mantém actualissimo, revela o vigor descriptivo do famoso romancista mineiro.
> Historia commovedora de um coração, hesitante entre a vocação do claustro e o amor.

Outra informação a ser referida é a ausência de indicação de número de edição nos exemplares[58], salvo no de F. Briguiet & Cia., que numera sua edição como décima, considerando uma listagem indicada no prefácio, conforme mostramos adiante.

Além dos testemunhos C, D e N, apenas o testemunho I faz parte de uma coleção: "Collecção de autores celebres da literatura brasileira". Trata-se também de um dado importante na inferência de datas.

A imprenta é indicada muitas vezes em outras partes do livro que não a folha de rosto. Nos testemunhos da Garnier, encontramos a imprenta no verso da falsa folha de rosto, no verso da falsa folha de guarda e na última página do romance. Nos testemunhos F e G, a imprenta aparece na contracapa e na folha de rosto. Uma característica comum a quase todos

[57] Sobre a relação entre a Garnier e a F. Briguiet & Cia, cf. item 3.4.1 – Das casas editoriais.
[58] Em outros títulos publicados pela Garnier, por exemplo, há indicação de edição: *A escrava Isaura.* 1ª. ed. 1875 e 3ª. 1896.

os exemplares é a informação relativa ao endereço da editora ou ainda à tipografia, que pode estar no verso da folha de guarda ou no verso da última página do texto.

O formato dos livros não apresenta grandes variações. Em geral, os exemplares medem 150 mm x 90 mm, sendo que, entre os menores, está A, medindo 122 mm x 77 mm, e entre os maiores, ambos com a medida de 210 mm x 140 mm, estão as edições de B, C, D e N, as três últimas classificadas como "gigantes" pelas editoras. Embora o tamanho do exemplar não apresente grandes diferenças, o seu exame ajuda a compreender a intenção do editor ao publicar o livro[59].

Nem sempre foi possível examinar diretamente o próprio exemplar e, consequentemente, verificar o suporte material. Três exemplares foram consultados em microfilme, a saber: A, B e F. Da primeira edição, não foi possível nenhuma vez a consulta direta ao exemplar impresso, devido ao seu estado de conservação. Dos outros dois exemplares referidos, foi possível a reprodução fotográfica da capa e da contracapa. Devido à consulta em microfilme, a determinação de alguns dados, tais como formato, só foi possível a partir de descrições prévias, sobretudo as realizadas por Israel Souza Lima (2000). Nos demais casos, examinou-se diretamente o exemplar. O estado de conservação da maior parte dos exemplares é bom, com marcas de desgaste pelo tempo, como páginas amareladas. Apenas os testemunhos C e F encontram-se ligeiramente danificados, com páginas quebradiças e, algumas vezes, com cadernos soltos.

Item importante, o colofão é fundamental, por exemplo, na inferência de datas das edições da Garnier. No caso das edições de 1895 e 1917, respectivamente, nota-se uma sequência de seis números após o endereço da tipografia: "Paris. TYP. GARNIER IRMÃOS, 6, rua dos Saints-Pères. 456.9.95" ou de dez números: "Paris. – Typ. Garnier Irmãos, 6, rua dos Saints-Pères. 302.4.15-10.17". Segundo Emanuel Araújo (2008: 256), o primeiro elemento composto pelos três números iniciais indicaria o número de ordem, que serve para distinguir, na tipografia, diferentes composições, já o segundo número indicaria o mês e os dois números finais, o ano. No caso do segundo colofão descrito fica, porém, difícil especificar o que significaria a terceira sequência "15-10". Tratar-se-ia do dia e do mês? Se assim o fosse, o que significaria então "4"? Uma hipótese que pode ser aventada é a realização de diversas impressões no período de 10 a 15 de abril de 1917.

[59] Através da tipografia (mancha, número de linhas impressas por página) perceber-se-á alguns padrões editoriais, tais como a utilização de tipos pequenos e grande número de linhas impressas por página.

Há outros colofões que não impõem dúvida quanto ao ano[60]. É o que pode ser observado na primeira edição: o colofão está localizado ao fim do livro, abaixo de uma listagem de obras comercializadas pela editora: "TYP. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda, 18 – 1872". Há casos ainda em que não há data no colofão, apenas outras informações, como a tipografia onde o exemplar foi impresso. É o que pode ser observado nos testemunhos C, E e M, respectivamente: "TYP. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18", "Gráfica Sauer, de Fred H. Sauer & Filho – Mem de Sá, 155-157" e "Êste livro foi composto e impresso nas oficinas| da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.,| à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria| Martins Editora". Como se pode notar, apenas os testemunhos A, B, C, I, M, N possuem colofão.

Ao analisarmos a disposição do texto em cada um dos exemplares, é possível diferenciar as edições. A impressão sequencial, sem páginas em branco entre um capítulo e outro, indica edição mais econômica. É o que ocorre em todos os testemunhos, exceto nos da Garnier. Em algumas edições encontra-se catálogo, ou extrato de catálogo, dos livros que eram comercializados pelas editoras, além das obras comercializadas de Bernardo Guimarães. Essas listagens podem localizar-se em diversas partes do livro, a saber: verso da folha de guarda ou de rosto, após o fim do texto e na contracapa. É o que podemos notar nos testemunhos B, C, F, G, L e M. Em uma dessas listagens, foi possível identificar que a folha de rosto de um testemunho que supostamente possui a mesma matriz de outra foi refeita (edições Garnier). Na edição de 1872, lê-se na listagem de obras de Bernardo Guimarães, no verso da folha de guarda, *Cabeça de Tira-**Mentes***, que é corrigido na edição seguinte ([1875]: *Cabeça de Tira-**Dentes***)[61].Todo o conteúdo do livro, no que se refere ao texto, inclusive paginação, é idêntico.

Outro aspecto que apresenta variação é o número de páginas nos testemunhos da Garnier. Nas duas primeiras edições, os testemunhos possuem 258 páginas. Já nos testemunhos H e I este número é reduzido para 244, ainda que o padrão editorial permaneça o mesmo, conforme tratamos adiante. Um primeiro indício para tal fato é a formatação do livro, uma vez que, nos testemunhos A e E, o texto inicia-se na página 5, ao passo que nos testemunhos H e I, a numeração inicia-se na página 1. Contudo, não foi observada outra razão

[60] No caso de outras obras de Bernardo Guimarães, publicadas pela Garnier, o colofão não deixa dúvidas com relação ao ano de publicação, o que pode ser verificado, por exemplo, na edição de 1900 de *O Índio Afonso*: "Paris – Typ. Garnier Irmãos. 312.3.1900" (GUIMARÃES, 1900: 144).
[61] Grifo nosso.

além dessa que possa esclarecer a redução de páginas, em razão de ausência de mudanças no texto.

Com relação a notas, prefácio ou biografia do autor, apenas no testemunho M notamos um cuidado maior: além da supracitada listagem das obras do autor, há também um retrato do romancista, feito por M. Colonna, e um prefácio assinado por M. Nogueira da Silva. O maior cuidado pode ser atribuído ao fato de esta edição integrar as obras completas do autor, publicadas pela editora.

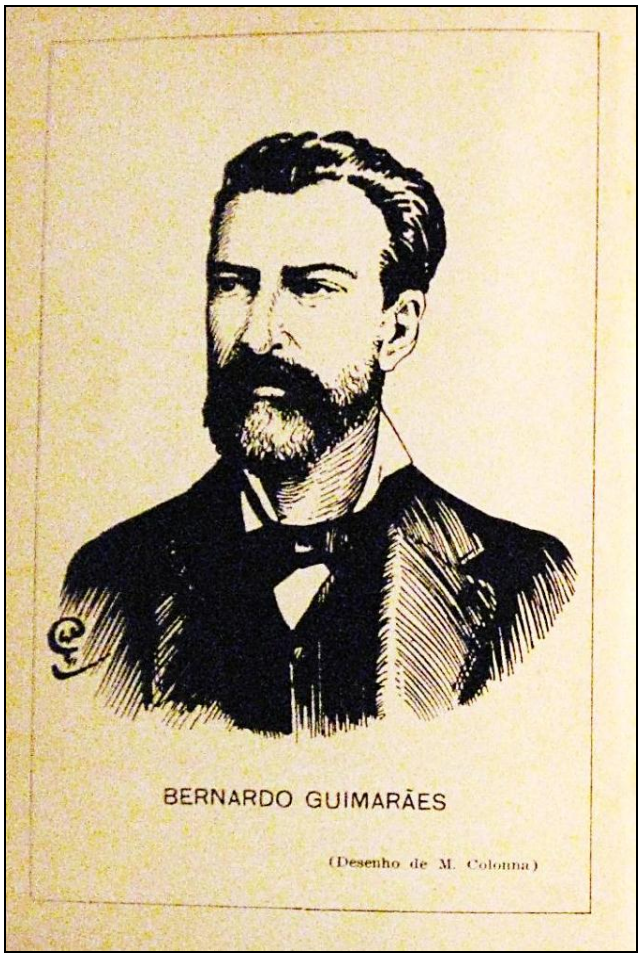


Figura 3.1- Retrato de Bernardo Guimarães, por M. Colonna

Apresentam texto idêntico os testemunhos F e G, com redação completa, e C e N, com redação abreviada, estes últimos os únicos a possuírem orelha. Se na orelha do testemunho C há um texto anônimo intitulado *Bernardo Guimarães,* que afirma estar esquecido (à época em que foi publicado o volume) o romancista, na orelha do testemunho N, encontramos apenas informações a respeito do que seria o clube do livro ao qual pertencia o exemplar. Há naquele

texto informações sobre o estilo e os assuntos abordados pelo escritor. No último parágrafo, fica clara a intenção da editora ao lançar o volume com quatro obras do romancista: contribuir para sua releitura e prestar homenagem à cultura brasileira por meio de um grande escritor. Em contrapartida, no testemunho N, são elencados seis motivos que assegurariam o caráter único do clube do livro. A única data de publicação que consta no volume com quatro obras de Bernardo Guimarães é o mês de abril.

As diferenças na configuração e dimensão da mancha do texto entre os testemunhos sugerem variação entre padrões editoriais. Todos os testemunhos foram impressos com uma coluna por página, podendo variar o número de linhas e o tamanho dos tipos. Nas edições da Garnier, por exemplo, seguiu-se o padrão de uma coluna e vinte e seis linhas por página. Já nas edições da Empreza Democratica, da Francisco Alves, do Jornal do Brasil e da Civilização Brasileira a mancha é composta por trinta e três linhas. Com quarenta e cinco linhas por página, a edição de H. Antunes junta-se às edições da Livraria Martins e da Sociedade Brasileira de Difusão do Livro como as de maior número de linhas impressas por página, o que indicaria edição econômica, imprimindo-se mais linhas por página e, consequentemente, diminuindo-se o número de páginas impressas por exemplar. Contudo, devemos ressaltar que o formato da edição de H. Antunes é bem diferente daquele da Livraria Martins e da Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, uma vez que as edições de 1944 e 1949 são "gigantes" ao passo que a de 1923 mede 191 mm x 132 mm.

Quanto à encadernação, nota-se que os livros eram comercializados em brochura ou capa dura, informação corroborada pelas listagens de obras presentes nos exemplares. Dentre os testemunhos consultados, não havia nenhuma edição de luxo; o que encontramos são edições simples e de baixo custo, como as da Empreza Democratica, Francisco Alves e Jornal do Brasil, em brochura, sem ilustrações e com papel de qualidade inferior. Outras, com um pouco mais de requinte, trazem a capa ilustrada e colorida, como as de H. Antunes, Civilização Brasileira, Livraria Martins e Sociedade Brasileira de Difusão do Livro. Em muitos casos, principalmente nos de testemunhos salvaguardados por bibliotecas, a encadernação não é a original, havendo uma capa dura em percalux na cor preta e gravação em dourado na lombada, com o nome do autor e o título do romance. É o caso do exemplar consultado de H. Antunes. Dos exemplares da Garnier, à exceção da edição príncipe, todos foram encadernados com capa dura, mas cada um possui uma cor diferente. Não houve um caso de exemplar desta casa editorial com a mesma encadernação, ainda que houvesse

suspeitas de que se tratasse da mesma tiragem. Esse fato leva a crer que os exemplares eram encadernados de acordo com o gosto do seu proprietário, dentro do que era disponibilizado e fabricado na época.

De modo geral, as particularidades encontradas são as anotações manuscritas ou carimbos nos exemplares. As anotações relacionam-se ao número de tombo do exemplar, assim como os carimbos, ao proprietário ou instituição detentora. Especificamente quanto aos testemunhos A e E, importa observar que possuem a mesma divisão e paginação, o que nos leva a crer que tenha sido utilizada a mesma chapa tipográfica[62] para ambas as edições. O cotejo entre os dois testemunhos reforça esta hipótese, uma vez que foi possível detectar os mesmos erros tipográficos, que indicam o uso da mesma matriz. Entre os erros, podemos citar: *cobertas sempre de* ***verdesp astage ns*** (capítulo IV, página 38), *grupo das mulheres* ***ajoelhados*** (capítulo IV, página 40), ***aquello*** *adoração calma e extatica* (capítulo V, página 49) ***um*** *affeição mundana* (capítulo X, página 113) [63].

Por fim, as descrições prévias são de grande valia na ausência física do exemplar e no levantamento dos testemunhos. Todos os testemunhos já haviam sido descritos por Lima (2000: 143-153). Apresentamos aqui uma descrição mais detalhada de cada exemplar. Embora as descrições feitas por Lima (2000) tenham sido valiosas para esta pesquisa, especialmente para os exemplares que foram consultados apenas em microfilme e também para a busca de novos testemunhos, ao nos depararmos com o exemplar impresso, percebemos muitas vezes uma disparidade entre algumas informações, tais como a ausência de datas e o formato dos livros. Lima (2000: 145) descreve como não-datado o testemunho A. Ao consultarmos este testemunho, no entanto, percebemos que é datado: a data está no colofão. Com relação às medidas dos exemplares, consideramos com certa desconfiança aquelas que se referem aos testemunhos consultados apenas em microfilme, uma vez que, ao medir os outros exemplares e comparar os dados, percebemos certo desencontro. Isso se deve ao fato de as medidas fornecidas por Lima referirem-se à mancha e não à página. A confirmação desse dado só foi possível após a consulta aos exemplares e pelo confronto de informações. Sem o contato direto com exemplar, não seria possível identificar a que se referiam as medidas de Lima.

[62] "Composição em conjunto de tipos, espaços, entrelinhas e clichês" (FARIA & PERICÃO, 2008: 158).
[63] Grifo nosso.

A consulta às descrições prévias sem o contato direto com o exemplar pode, muitas vezes, dar margem a interpretações errôneas. É o caso do testemunho J, descrito inicialmente por Magalhães (1926: 137-138). Ao lermos a descrição feita pelo biógrafo, acreditamos ser esta a edição a veicular a redação abreviada, uma vez que foi descrita como possuindo gravuras anacrônicas e revisão detestável. Contudo, esses itens não foram observados à consulta deste exemplar, que publicou a redação completa. Desse modo, ainda que as descrições prévias auxiliem em alguns aspectos, a consulta direta do exemplar torna-se indispensável.

Considerando-se os aspectos analisados em cada um dos exemplares que compõem o *corpus*, segue quadro sinóptico das características discutidas:

Tabela 3.2 – Quadro sinóptico dos elementos analisados no *corpus*

ELEMENTO ANALISADO	CARACTERÍSTICA
Folha de rosto	Nome do autor, título da obra, editora, cidade, data, endereço, subtítulo, edição.
Subtítulo	Filiação ao Romantismo.
Edição	Numeração de cada nova edição.
Imprenta	Figuração em outras partes do livro além da folha de rosto.
Formato	Variável (150 mm x 90 mm; 122 mm x 77; 210mm x 140 mm)
Colofão	Sequência numérica donde é possível inferir data; endereço da tipografia.
Disposição do texto	Impressão sequencial com ou sem inserção de páginas em branco entre os capítulos.
Catálogos ou extrato de catálogos	Livros de outros autores comercializados pelas editoras e obras de Bernardo Guimarães.
Paginação	Diferenças de paginação entre edições da mesma editora; 244 e 258 páginas.
Notas, prefácio ou biografia do autor	Propósito da edição (obras completas, compilação, clube do livro).
Mancha tipográfica	Variável (1 coluna, podendo ser impressas: 26, 33 ou 45 linhas por página).
Encadernação	Original, não original, capa dura, brochura, ilustrada ou não.
Particularidades	Anotações manuscritas e carimbos, referentes ao proprietário ou instituição detentora.
Descrições prévias	Ausência de datas, disparidade de dimensão frente ao exemplar físico.

3.4.1 Desaparecimento do subtítulo *romance brasileiro*

Quanto ao subtítulo da obra, cabe observação mais atenta. Observamos que, em várias obras de Bernardo Guimarães, é comum o uso de subtítulos, conforme apresentamos a seguir:

Tabela 3.3 – Subtítulos de obras de Bernardo Guimarães

Ano de publicação	Título	Subtítulo
1853	*Cantos da solidão*	Poesias
1868	*O Ermitão de Muquem ou a historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyas*	Romance de costumes nacionaes
1872	*O Garimpeiro*	Romance
1872	*O Seminarista*	Romance brasileiro
1875	*A escrava Isaura*	Romance
1879	*A Ilha Maldita*	Romance phantastico
1883	*Rosaura:* a engeitada	Romance brasileiro
1904	*O bandido do rio das Mortes*	Romance histórico

Como é possível notar, a partir da tabela acima, em quase todas as obras de Bernardo Guimarães havia um subtítulo, que pode ser compreendido como explicativo. No volume de *Cantos da solidão*, sua primeira obra publicada, o subtítulo indica o gênero literário: poesias. No caso dos romances, o subtítulo indica qual é o tipo do romance: de "costumes nacionaes", "brasileiro", "phantastico", "histórico", ou ainda, apenas "romance". Nesse sentido, pode-se dizer que o subtítulo teria como função indicar ao leitor o gênero literário (poesia ou romance) e, em alguns casos, especificá-lo (romance brasileiro, de costumes, fantástico e histórico).

Ao utilizar como subtítulo "romance brasileiro", em *O Seminarista* evidencia-se a ligação da obra com o projeto romântico[64], ou seja, um romance que se propõe a apresentar alguns elementos desse movimento literário, como os costumes (cena do mutirão, da quatragem) e a cor local (descrição das paisagens da fazenda, do seminário). À medida que se sucedem as edições do romance, o subtítulo desaparece, não figurando nos testemunhos B e L, nem nas edições atuais. Nos testemunhos C, D e N, o desaparecimento do subtítulo pode

[64] O Romantismo brasileiro surge num momento em que se pretendia firmar a identidade nacional em oposição à metrópole portuguesa, devido à Proclamação da Independência do Brasil. Daí a valorização de elementos como o índio, a natureza, os costumes, conforme propostos por Ferdinand Denis, no seu *Résumé de l'histoire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), ao fundar a teoria e a história da literatura brasileira (CANDIDO, 2004: 19). Sobre o romantismo, cf. VOLOBUEF (1998) e CANDIDO (2004; 2009).

estar relacionado ao fato de tratar-se de uma compilação, sob o título de *Quatro romances*, donde poderia se inferir "brasileiros". Diante dessa modificação, deve-se pensar em que medida a presença ou o desaparecimento do subtítulo pesam na fidelidade à obra em seu estado original. Por que omitir o subtítulo? Não haveria mais necessidade de denominar a obra como romance brasileiro, devido ao grau de consolidação alcançado pela literatura nacional na época em que se deixa de publicar o subtítulo? Mas ao omiti-lo, não se estaria apagando um indício textual da ligação da obra ao movimento romântico? O que se percebe é que a omissão do subtítulo parece implicar na supressão da especificidade de romance romântico. Devido à importância deste elemento e da sua presença ou ausência em alguns testemunhos, trata-se de algo relevante a ser considerado na elaboração do estema da obra.

3.4.2 Das casas editoriais

Conforme ilustrado na tabela 3.1 – Tradição direta do romance, entre a primeira edição (1872) e a última considerada em nosso *corpus* (1949), houve treze edições do romance. As edições entre 1872 e 1928 contêm todas a redação completa do texto. Em 1931, vem a lume a publicação da Civilização Brasileira, que traz o texto abreviado. Em 1941, F. Briguiet & Cia., editora que comprou os direitos da Garnier, publica o texto conforme a edição príncipe. Três anos depois, em 1944, a Livraria Martins publica o texto abreviado, da Civilização Brasileira, e pouco tempo depois, publica uma edição sem data com novas alterações. O mesmo ocorre em 1949, com a Sociedade Brasileira de Difusão do Livro. É importante ressaltar que não há qualquer informação, nas edições de 1931, 1944 ou 1949, que o texto tenha sido alterado, ou a respeito do exemplar utilizado como modelo.

No prefácio da edição de 1941, há uma listagem das dez primeiras edições da obra:

> Veja-se êste quadro editorial que é sobremodo elucidativo. A Livraria Garnier fez as primeiras quatro edições: 1872, 1875, 1888, 1897. A Emprêsa Democrática Editora, dá em 1899 a quinta edição. Garnier volta ao mercado com a sexta edição, em 1917. Seguem-se: H. Antunes & Cia, 1923; Editora Gráfica "Jornal do Brasil", 8ª, 1928; e Civilização Brasileira Editora, 9ª. em 1931. Agora sai a 10ª. edição, realizada pelos Srs. F. Briguiet & Cia. O SEMINARISTA entra como Vol. V, nas OBRAS COMPLETAS, de Bernardo Guimarães. (GUIMARÃES, 1941: 8)

Esta listagem nos serviu de guia para a primeira parte do nosso trabalho: a localização e coleta das fontes. Contudo, como é possível notar a partir da relação dos testemunhos da

tradição direta, nem todos os que encontramos foram listados por F. Briguiet & Cia. É o que ocorre com as edições: Francisco Alves (1899) e Garnier, que, salvo três, não correspondem à lista de 1941[65]. O outro testemunho da Garnier encontrado data de 1895, considerando os dados do colofão[66]. Há ainda uma edição não datada, publicada por H. Garnier, que foi localizada em Belo Horizonte, na Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa. Trata-se de um testemunho mutilado, em que faltam as dez últimas páginas, as quais correspondem aos três capítulos finais da obra. Estes foram inseridos em formato de cópia xerográfica, extraídos da edição de H. Antunes & Cia, publicada em 1923[67].

3.4.2.1 Garnier

Conhecer a história da editora Garnier é fundamental para caracterizar a maior parte das edições de *O Seminarista*, das quais somente a primeira é datada. A datação dos demais testemunhos foi inferida a partir das seguintes informações: endereço da livraria, local de impressão, nome da editora, número de páginas, erros tipográficos e colofão.

De acordo com Laurence Hallewell (2005: 199), em 1844, B. L. Garnier chega ao Rio de Janeiro e, de 1846 a 1878, tem a sua livraria localizada na Rua do Ouvidor, número 69 (depois renumerada para 65). Após este ano, a livraria muda-se para o número 71 da mesma rua. Esta informação é importante para atribuirmos a data da segunda edição como anterior a 1878. A data que consideramos até o momento é de [1875], atribuída pelo bibliófilo Rubens Borba de Moraes para o exemplar da Biblioteca José Mindlin.

Além da mudança de endereço, outra informação relevante é que, até 1852, B. L. Garnier comercializa seus livros sob a denominação de Garnier Irmãos. No início da década de 1870, o editor tem sua própria tipografia, a Typographia Franco-Americana, cujos equipamentos e funcionários eram franceses (HALLEWELL, 2005: 204). A mudança de nome é um dado que corrobora a datação atribuída por Rubens Borba de Moraes, visto que tanto a primeira edição, quanto a que ele datou, que é considerada a segunda, foram impressas pela Typographia Franco-Americana, ambas com 258 páginas. Embora no *Almanaque Garnier*, Ernesto Senna (1910: 107) afirme que a tipografia fora criada por volta de 1873,

[65] É o caso das edições de 1888 e 1897. Não foi encontrada qualquer referência a essas edições em catálogos de bibliotecas, ou biografia do autor, como as de Magalhães (1926) ou Lima (2000), de modo que não é possível afirmar sua existência.
[66] Conforme apresentado no item 3.4.
[67] Devido a encontrar-se corrompida, esta edição não foi incluída em nosso *corpus*.

junto com Charles Berry, sabe-se, por meio do colofão, que a primeira edição de *O Seminarista* foi impressa em 1872, levando-nos a crer que sua afirmação esteja incorreta, ou seja, a tipografia já existia um ano antes do afirmado por Senna.

Em 1 de outubro de 1893, morre B. L. Garnier, que deixa a firma para o irmão, François-Hippolyte, que residia em Paris. A empresa volta a sua condição original de filial no Rio de Janeiro da Garnier Frères. A livraria passa a chamar-se H. Garnier e os livros são impressos na França (HALLEWELL, 2005: 221). O exemplar publicado por H. Garnier só pode ser posterior a 1893, o que é corroborado pelos dois últimos algarismos de colofão "95", desse modo, infere-se o ano de 1895.

Em 1910, o número 71 da Rua do Ouvidor passa para 109. No ano seguinte, 1911, morre Hippolyte e, a partir deste ano, a livraria reedita diversos títulos em sua "Collecção dos Autores Célebres da Literatura Brasileira". Faz parte desta coleção o último exemplar que coletamos da editora, que passa a chamar-se Livraria Garnier após a morte do seu segundo dono. O testemunho I, a exemplo do anterior, também foi datado com base no colofão e na folha de rosto.

De 1934[68] a 1951, a editora, comprada pelo assistente de B.L. Garnier, Ferdinand Briguiet, passa a chamar-se Livraria Briguiet-Garnier.

Segundo Magalhães (1926: 137), Bernardo Guimarães teria vendido a B.L. Garnier a primeira edição de algumas obras, sem fixar o número de exemplares[69]:

> Exceptuados os dois ultimos [*O bandido do rio das Mortes* e *A voz do pagé*], todos os demais desses trabalhos de Bernardo Guimarães saíram da Casa Garnier. (...) Sei, por informações da familia de Bernardo Guimarães, que este sómente vendeu á referida casa a primeira edição de algumas obras, parece que sem fixar o numero de exemplares; de outras, porém, alienou a propriedade plena.

As obras *O Seminarista* e *O Pão de Ouro* foram alguns dos casos de alienação da propriedade plena, conforme contrato de venda destas obras datado de 27/06/1872[70].

---

[68] Trata-se de data inferida.

[69] Como foi possível constatar a partir da consulta de alguns contratos e recibos de venda de propriedades de suas obras, Bernardo Guimarães alienou de fato a propriedade plena de seus escritos, dando assim plenos direitos a Garnier.

[70] Transcrevemos a seguir conforme o original: "1º. | O sr. Dr. *Bernardo Joaquim da Silva Guimarães vende a B. L. Garnier a propriedade com todos os direitos de autor de suas obras, intituladas "O Seminarista" e "O Pão de Ouro"* pela quantia de seiscentos mil reis, que forão já pagos ao primeiro pedido do autor". (grifo nosso)

3.4.2.2 Francisco Alves e Empreza Democratica

Francisco Alves publicava principalmente livros didáticos. Quanto a obras literárias, publicou *A Escrava Isaura*[71], de Bernardo Guimarães, algumas obras de José de Alencar (*Iracema, O Guarani, Lucíola, Diva, A Pata da Gazela* e *Cinco Minutos*) e *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, conforme consta no extrato de catálogo impresso na contracapa do exemplar. Publicou também as primeiras edições de: *Canaã*, de Graça Aranha, em 1912, e *Fruto do Mato*, de Afrânio Peixoto, em 1920. Sobre a publicação de *O Seminarista*, em 1899, não há qualquer menção na literatura consultada. Também em 1899, a Empreza Democratica publica o romance. Estas edições parecem ser idênticas, pelo menos quanto à capa, à folha de rosto, aos tipos e ao número de páginas, mudando apenas a imprenta. É o que observa Lima (2000: 149), ao descrever o exemplar da Francisco Alves:

> Nesta edição foi utilizada a mesma composição (chapa) da edição da Empreza Democratica Editora, acima registrada. É, todavia, outra impressão em papel de qualidade superior e nova folha de rosto.

Na página de rosto da edição de Francisco Alves, há logo abaixo do nome da editora, o seu endereço no Rio de Janeiro e em São Paulo, informação que não existe na edição da Empreza Democratica[72].

Sobre a Empreza Democratica, sabemos que sua tipografia funcionou de 1896 a 1899. Dentre os livros publicados, podemos citar *O Guarani*, de José de Alencar, que também foi publicado por B. L. Garnier e Francisco Alves. A exemplo do que ocorre com a edição da Francisco Alves, não há qualquer menção na literatura consultada a respeito de *O Seminarista*.

3.4.2.3 H. Antunes & Cia.

Nas palavras de Magalhães (1926: 136-137), esta editora publicou edições populares dos romances mais procurados de Bernardo Guimarães: *A Escrava Isaura, O Seminarista* e *O*

[71] Este romance também foi publicado em 1899, possuindo o mesmo estilo de capa e encadernação, o que indica um padrão editorial adotado na época pela editora.

[72] É intrigante não haver nos livros que tratam da história das editoras no Brasil, qualquer relação entre estas duas empresas, causando estranheza quando consideradas as semelhanças entre suas edições da mesma obra.

Garimpeiro. Estas edições, segundo ele, "caracterizam-se pela má qualidade do papel, pela revisão detestavel e até por suas gravuras anachronicas" (MAGALHÃES, 1926: 138). O biógrafo ainda emenda dizendo não saber se estas impressões foram autorizadas pelos herdeiros do escritor ou ainda pela Livraria Garnier.

Como lemos este relato antes de consultar a edição de H. Antunes, chegamos a imaginar que era esta a edição que veiculava pela primeira vez a redação abreviada do texto. No entanto, vimos que aparentemente, a opinião de Magalhães não se confirma, uma vez que a edição não parece apresentar os problemas apontados.

3.4.2.4 Jornal do Brasil

Em 1928, o Jornal do Brasil publica diversos romances, entre os quais *O Seminarista*, em seu "Supplemento Romantico". Trata-se de edição, a primeira vista, fidedigna à príncipe. Conforme as informações da contracapa, sabe-se que ao todo foram publicados 14 volumes[73], sendo *O Seminarista*, o 14°. O suplemento era gratuito e oferecido aos concorrentes de concursos do Jornal do Brasil:

> Para vulgarizar os romances classicos da nossa literatura resolveu o "Jornal do Brasil" offerecel-os aos concurrentes (*sic*) de seus Concursos em pequenos volumes, como supplemento gratuito, fornecido nas condições exaradas nos annuncios publicados no "Jornal do Brasil" na secção dos Concursos. (GUIMARÃES, 1928: contracapa)

3.4.2.5 Civilização Brasileira

Situada na já conhecida Rua do Ouvidor, endereço de grandes livrarias e editoras do século XIX, em 1929 é fundada a Civilização Brasileira Editora, por Ribeiro Couto, Gustavo Barroso e Getúlio M. Costa (HALLEWELL, 2005: 355). A exemplo da Garnier, funcionava como editora e livraria.

[73] "Volumes publicados: n. 1 – DIVA de José de Alencar. n.2 – O GARIMPEIRO de Bernardo Guimarães, ns. 3 e 4 – IRACEMA E UBIRAJARA de José de Alencar. ns. 5 e 6 – A MYSTERIOSA, OS QUATRO PONTOS CARDEAES de Joaquim M. de Macedo. n. 7 – SARGENTO DE MILÍCIAS de M. A. de Almeida. n. 8 – COMEDIAS de Martins Penna. n. 9 – SENHORA de J. de Alencar. n. 10 – O CABELLEIRA de Franklin Tavora. n. 11 – A ESCRAVA ISAURA de Bernardo Guimarães. n. 12– LUCIOLA de José de Alencar. n. 13 – O TRONCO DO IPÊ de José de Alencar. n. 14 – O SEMINARISTA de Bernardo Guimarães". (GUIMARÃES, 1928: contracapa).

Os livros publicados eram principalmente de literatura geral, embora um de seus maiores sucessos tenha sido o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Hilberaldo Mateus de Lima e Gustavo Barroso. Sua produção era pequena no início. Em 1931, por exemplo, foram publicados apenas 18 títulos. Dentre eles podemos citar: *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, *O Tronco do Ipê, As Minas de Prata e O Guarani*, de José Alencar, *Na planície amazônica* e *Paíz das pedras verdes*, de Raymundo Moraes, *1ª bateria, fogo!- o movimento pacificador-golpe de vista da revolução de 1930*, de Affonso de Carvalho, *Laís*, romance de Menotti del Picchia e as traduções de Miguel de Cervantes, Émile Zola e Honoré de Balzac: *Aventuras de Dom Quixote*, *Germinal* e *A taberna*, e *A mulher de trinta annos*. O grande salto dá-se em 1934, quando 77 livros são publicados. Nos anos seguintes, a média é de 40 livros por ano (MARIZ, 2005: 48).

Em 1932, a Civilização Brasileira é adquirida pela Companhia Editora Nacional (CEN), cujos donos eram Octalles Marcondes Ferreira e Monteiro Lobato. Passa a ser filial, no Rio de Janeiro da CEN, de modo que os livros eram comercializados sob o nome da Civilização Brasileira, a maior parte destinada ao público adulto. Neste mesmo ano, é aberta também uma filial da Civilização Brasileira em Lisboa. Após relativo sucesso editorial, a filial portuguesa é vendida ao gerente, que a revende, em 1944, a Antônio A. de Souza Pinto, e passa chamar-se Livros do Brasil, paralelamente a Livros de Portugal, firma que o proprietário já possuía no Rio de Janeiro (HALLEWELL, 2005: 358). Na década de 1930, é particularmente recorrente o tema ligado ao integralismo, "bem como a literatura popular na forma de romances ligeiros" (MARIZ, 2005: 47).

Em 1939, a Civilização Brasileira adquire o estoque da editora Ariel. Em 1951, Ênio Silveira, uma das figuras mais importantes do mercado editorial brasileiro depois de Monteiro Lobato, assume a gerência da editora, onde permanece até outubro de 1965. Ele foi um dos responsáveis pela revitalização do projeto gráfico da empresa[74]. O último ano de atuação independente da editora é 1996. Neste ano, havia cerca de 650 títulos em seu catálogo. Em abril de 1996, há uma fusão entre a Civilização Brasileira e a Bertrand Brasil, formando a BCD União de Editoras S.A.. No ano seguinte, o controle acionário da nova editora foi

[74]Sobre o projeto gráfico, cf. Mariz (2005).

assumido pela Record. Desde 2000, a Civilização Brasileira integra o grupo Record, como um de seus selos editoriais[75] (HALLEWELL, 2005: 666).

A respeito da edição de *O Seminarista*, não há qualquer informação no exemplar examinado sobre a procedência do texto. Não se informa se é o texto da edição príncipe ou mesmo qual teria sido o exemplar de base. Há na folha de rosto apenas informações a respeito do romance, indicando que se trata de uma história que remonta ao século XIX e que revela "o vigor descriptivo do famoso romancista mineiro". Como já afirmamos, o texto publicado por esta editora apresenta diferenças de conteúdo em relação àquele da edição príncipe. Estas diferenças incidem em grande parte sobre o "vigor descritivo", que, devido às alterações feitas ao texto, deixa de ser uma característica marcante da obra.

3.4.2.6 F. Briguiet & Cia.

Em 1893, Ferdinand Briguiet, um dos assistentes de B.L. Garnier, estabelece-se por conta própria no mercado de livros ao adquirir a livraria de Lachaud, na Rua Nova do Ouvidor. A empresa especializou-se em livros importados, especialmente franceses, alemães e ingleses. Anos mais tarde, a Livraria Garnier foi vendida a Ferdinand, que continuou a "Coleção dos Autores Célebres", com a compra de todos os direitos autorais de valor (HALLEWELL, 2005: 268). Acreditamos que seja este o caso de *O Seminarista*, que, apesar de ter sido lançado dez anos após a edição da Civilização Brasileira, conserva o texto da primeira edição.

3.4.2.7 Livraria Martins

Esta editora teve grande importância no reestabelecimento do equilíbrio intelectual na atividade editorial entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Fundada em 1937 por José de Barros Martins, ex-escriturário do Banco do Brasil, especializou-se inicialmente em livros importados da França, Inglaterra e Estados Unidos, principalmente as edições de luxo que atraíam os bibliófilos, assim como os britânicos e americanos residentes em São Paulo, que eram atraídos pelo excelente estoque em língua inglesa.

[75] No *site* do Grupo Editorial Record a informação sobre a data de fundação da Civilização Brasileira está incorreta. É dado o ano de 1932 ao invés de 1929. Disponível em: <http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=5>. Acesso em 20/12/2010.

Alguns meses após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, consciente de que não poderia mais sobreviver dos livros importados na Europa, Martins organiza seu departamento editorial, que passa a ser dirigido por Edgar Cavalheiro. A partir de então, muitas coleções são publicadas, entre as quais podemos citar: "Biblioteca Histórica Brasileira", "Biblioteca Histórica Paulista", "Biblioteca de Literatura Brasileira", "Biblioteca do Pensamento Vivo" e "Biblioteca de Ciências Sociais".

A Livraria Martins publicou reedições de diversos autores do século XIX, como Matias Aires, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Castro Alves, Aluísio de Azevedo, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo, Taunay e Franklin Távora, tendo, em muitos casos, comprado os direitos da Briguiet (HALLEWELL, 2005: 512).

Conforme apresentado na tabela 3.1 – Tradição direta do romance, a Livraria Martins publicou duas vezes a compilação de quatro obras de Bernardo Guimarães, sob o título de *Quatro romances*: a primeira em 1944 e a outra sem data. Nesta compilação, foram publicados os romances *O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro* e *O Índio Afonso.* Em maio de 1944, é publicada a primeira edição deste volume. Trata-se de uma edição em formato denominado "gigante", cujas medidas são: 210 mm x 140 mm. Embora não haja na folha de rosto ou no verso da capa a indicação Coleção Excelsior, como ocorre no exemplar sem data, a partir da presença do logotipo dessa coleção (um cavalo alado) na folha de rosto, podemos inferir que este volume também faz parte dessa coleção:

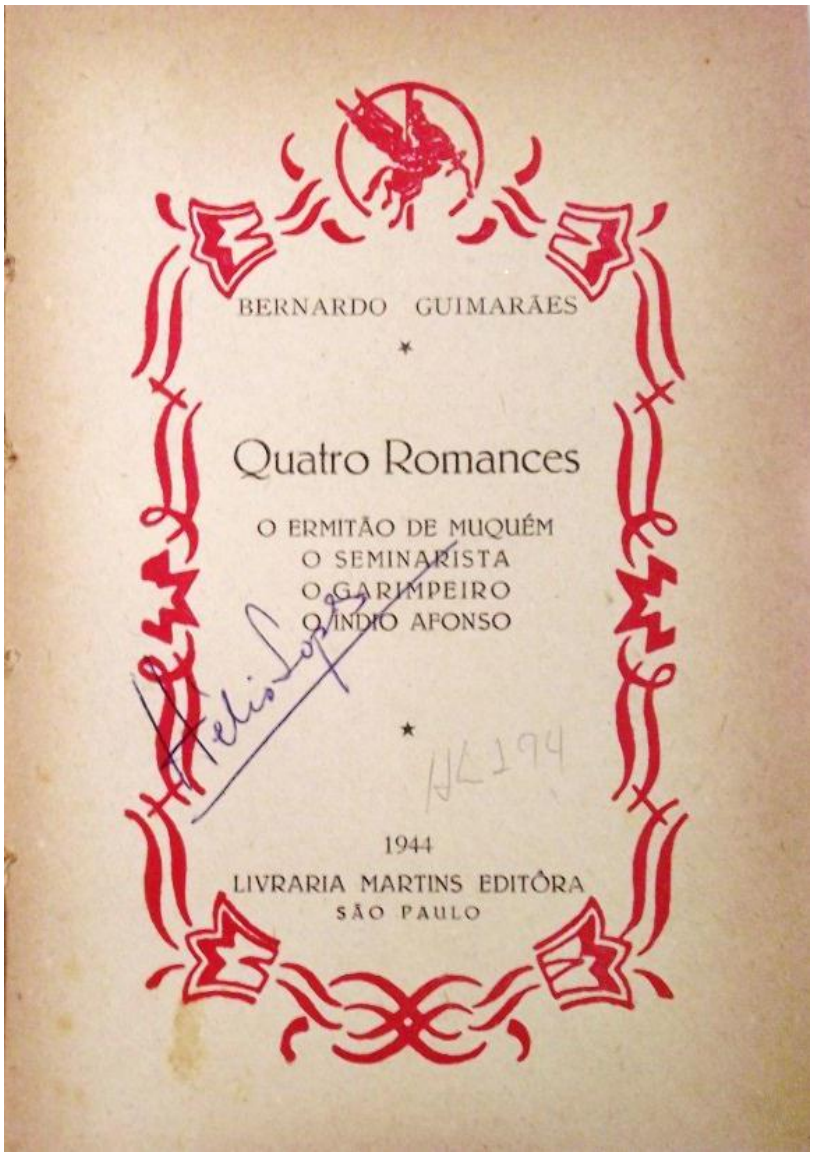


Figura 3.2 – Folha de rosto Livraria Martins (1944)

A edição sem data, por sua vez, é o terceiro volume publicado da Coleção Excelsior Gigante[76]. Trata-se de uma edição que possui a mesma folha de rosto daquela publicada em

[76] Os volumes publicados pela Coleção Excelsior são: I. *Bel Ami*, de Guy de Maupassant; II. *Perfis de mulher* (Diva, Lucíola, Senhora), de José de Alencar; III. *Quatro Romances* (O Ermitão de Muquém, o Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso), de Bernardo Guimarães; IV. *Ressureição*, de Tolstoi; V. *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiewski, VI. *Romances de Macedo* (Rosa, O Rio do Quarto, Uma Paixão Romancista, O Veneno das Flores), de Joaquim Manoel de Macedo; VII. *Minas de Prata*, de José de Alencar, VIII. *O Doutor Misterioso*, de Alexandre Dumas, IX. *Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac; X. *Romances Indianistas* (O Guarani, Iracema, Ubirajara), de José de Alencar; XI. *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; XII. *O Noventa e Três*, de Victor Hugo; XIII. *Romances Regionais* (Til, O Sertanejo, O Gaúcho), de José de Alencar; XIV. *Romances Urbanos* (Sonhos de Ouro, Pata da Gazela, Cinco Minutos, Viuvinha), de José de Alencar; XV. *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo; XVI. *Tragédias* (Macbeth, Hamlet, Romeu e Julieta), de Shakespeare e XVII. *Romances* (Pan, Um Vagabundo Toca em Surdina, Fome), de Knut Hamsun (GUIMARÃES, s.d.).

1944, diferenciando-se apenas pela ausência de datação, que poderia ser recuperada a partir do colofão a exemplo do que ocorre com os outros volumes da coleção[77]. Todavia, em seu colofão indica-se apenas o local de composição e impressão do livro: "Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria Martins Editora". Considerando-se que o primeiro volume da Coleção Excelsior foi publicado em 1943 e que a primeira edição de *Quatro Romances* é de 1944, acreditamos que a segunda edição também tenha sido publicada no mesmo ano, o que só seria possível se a tiragem da primeira edição tivesse esgotado e a editora tivesse optado por fazer outra, agora com capa colorida. A Coleção Excelsior Gigante é assim definida na contracapa da segunda edição:

> Os maiores romances dos maiores escritores mundiais. As obras eternas da literatura de todas as épocas em cuidadosas edições. Grandes traduções e magnífica apresentação gráfica em volumes no formato de 21 x 14, artísticas capas a côres e comodas cartonagens flexiveis. (*sic*)

Trata-se de uma coleção que divulgava insignes obras da literatura brasileira e universal (BRITO, 1967: XVIII).

Assim como na edição de 1931, não há neste volume qualquer informação ou menção a respeito da edição que teria sido utilizada como base, ou ainda sobre a redação ter sido abreviada. Nota-se apenas informações relativas ao autor na orelha do livro. Uma das hipóteses que levantamos neste estudo a respeito dos cortes feitos ao texto parte do fato de a redação abreviada ter sido publicada em um volume que reúne quatro obras do autor. Nesse sentido, a editora poderia ter reduzido o texto a fim de diminuir os gastos com a produção do volume. O cotejo dos demais romances que compõem o volume com as suas respectivas primeiras edições poderia fornecer maiores indícios a esse respeito.

3.4.2.8 Sociedade Brasileira de Difusão do Livro

Cinco anos após a edição da Livraria Martins, a Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, uma espécie de clube de leitura que disponibilizava seis exemplares à escolha do seu

[77] Na edição de 1943 de *Bel Ami*, de Guy de Maupassant encontram-se as seguintes informações: "Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria Martins Editora, São Paulo, em outubro de 1943" (MAUPASSANT, 1943: CCCXVII).

assinante, publica o mesmo texto da edição sem data da Livraria Martins. Como podemos constatar a partir da leitura da orelha do livro, a Sociedade editava seus textos assegurando a sua excelência. Não há no exemplar qualquer informação a respeito da edição utilizada como base, ou ainda sobre o conteúdo do texto, a exemplo dos testemunhos B, C e D. Mas, como bem observa Lima (2000: 103), trata-se da mesma edição da Livraria Martins, no mesmo formato gigante, apresentando apenas diferenças com relação à capa, falsa folha de rosto e folha de rosto, que foram recompostas. Para Lima (2000: 103) não restam dúvidas de que se trata de um caso de compra de estoque.

3.5 Direitos autorais

Frente ao que foi apresentado sobre a cronologia das edições, devemos pensar inicialmente em como se dava a questão do direito autoral. Sabe-se que todos os livros de Bernardo Guimarães, incluindo *O Seminarista*, foram publicados por B.L. Garnier, que comprou os direitos autorais das obras, prática pouco comum na época. Na década de 1930, a casa é vendida a Ferdinand Briguiet, antigo assistente de B. L. Garnier, com todos os direitos autorais de valor (HALLEWELL, 2005: 268). Dessa forma, explica-se por que, em 1941, a editora não publicou o texto na forma em que fora publicado dez anos antes pela Civilização Brasileira. A Livraria Martins publica, três anos depois, o texto conforme saíra pela Civilização Brasileira. Há, no entanto, notícia de que Ferdinand Briguiet teria vendido algumas obras da editora para a Martins (ver item 3.4.2.6). Se for este o caso de *O Seminarista*, como explicar a publicação da redação abreviada? Outras questões importantes se colocam: como explicar que, no ano de 1899, a mesma edição da obra tenha sido publicada por duas casas editoriais diferentes, apenas cinco anos após a morte do autor? Se, para a publicação da edição de 1923, Magalhães (1926) desconhece qualquer autorização dada pelos herdeiros, ou ainda pela Livraria Garnier, podemos concluir que o mesmo teria ocorrido com as edições de 1899?

A questão do direito autoral entre meados do século XIX e início do XX é confusa devido às constantes mudanças nas leis. Em 1830, a matéria é tratada pela primeira vez pelo Código Criminal do Império, parte III, título III ("Crimes contra a propriedade"), art. 261[78],

[78] "Art. 261. Imprimir, gravar, lithographar, ou introduzir quaesquer escriptos, ou estampas, que tiverem sido feitos, compostos, ou traduzidos por cidadãos brasileiros, emquanto estes viverem, e dez annos depois da sua morte, se deixarem herdeiros.

que instituía penas para quem fizesse uso de obra de autor ainda vivo, ou antes de dez anos após sua morte, caso o autor houvesse deixado herdeiros.

Em 1890, o Código Penal da República trata especificamente dos direitos autorais, no capítulo V ("Dos crimes contra a propriedade litteraria, artistica, industrial e commercial"), seção I ("Da violação dos direitos da propriedade litteraria e artistica'), artigos 342-350, mantendo o prazo de dez anos, conforme artigo 345[79].

No ano seguinte, a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, garante aos autores de obras literárias e artísticas o direito exclusivo de reproduzi-las, seja pela imprensa ou qualquer outro processo mecânico, podendo os herdeiros gozar destes direitos pelo tempo determinado pela lei, de acordo com o artigo 72, §26[80], do Título IV ("Dos Cidadãos Brasileiros"), Seção II ("Declaração de Direitos").

No final do século XIX, em 1º de agosto de 1898, é promulgada a Lei n.°496 (Lei Medeiros de Albuquerque), que define e garante os direitos autorais de obras nacionais. Estabelece o prazo de cinquenta anos, a partir do dia 1 de janeiro do ano em que a obra for publicada[81]. Esta lei é alterada em 17 de janeiro de 1912, passando a proteger também as obras estrangeiras. Cinco anos mais tarde, o Código Civil Brasileiro consolidou o direito do autor.

Penas - de perda de todos os exemplares para o autor, ou traductor, ou seus herdeiros; ou na falta delles, do seu valor, e outro tanto, e de multa igual ao tresdobro do valor dos exemplares.
Se os escriptos, ou estampas pertencerem a Corporações, a prohibição de imprimir, gravar, lithographar, ou introduzir, durará sómente por espaço de dez annos". *Código Criminal do Imperio do Brazil*, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

[79] "Art. 345. Reproduzir, sem consentimento do autor, qualquer obra litteraria ou artistica, por meio da imprensa, gravura, ou lithographia, ou qualquer processo mecanico ou chimico, emquanto viver, ou a pessoa a quem houver transferido a sua propriedade e dez annos mais depois de sua morte, si deixar herdeiros:
Penas – de apprehensão e perda de todos os exemplares, e multa igual ao triplo do valor dos mesmos a favor do autor". *Codigo Penal dos Estados Unidos do Brazil.* Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 15/08/2010.

[80] "Art. 72 § 26 - Aos autores de obras literárias e artísticas é garantido o direito exclusivo de reproduzi-las, pela imprensa ou por qualquer outro processo mecânico. Os herdeiros dos autores gozarão desse direito pelo tempo que a lei determinar". *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891).* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituiCAao91.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

[81] "Art. 3°. O prazo de garantia legal para os direitos enumerados no art. 1° é: 1°, para a faculdade exclusiva de fazer ou autorisar a reproducção por qualquer fórma, de 50 annos, a partir do dia 1 de janeiro do anno em que se fizer a publicação." *Lei n. 496- de 1 de agosto de 1898 – Define e garante os direitos autoraes.* Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/republica/leis1898p1780p/pdf02.pdf#page=3>. Acesso em: 15/10/2010.

Entre 1917 e 1973, editaram-se diversos textos de leis e decretos, que posteriormente foram consolidados em um diploma legal único, a Lei n° 5.988, de 14 de dezembro de 1973[82]. Hoje, o prazo para que uma obra seja de domínio público, aumentou bastante em relação ao século XIX: a partir de 1 de janeiro subsequente à morte do autor, são setenta anos, em contrapartida aos dez propostos no início.

Como podemos perceber, ocorrem, num curto período de tempo, mudanças drásticas na lei. Em um período inferior a dez anos, o prazo para que a obra seja de domínio público aumenta de dez para cinquenta anos. Tal mudança nos leva à seguinte dúvida: será que os editores acompanhavam essas mudanças ou as leis não era cumpridas? De uma maneira ou de outra, o fato é que as novas edições de *O Seminarista*, a partir da morte de Bernardo Guimarães, deveriam ser publicadas apenas com a autorização da editora, visto que o autor, conforme mostramos no item 3.4.2.1, vendeu a B.L. Garnier o direito total da obra e não sobre um número determinado de edições.

[82] Lei n° 5.988, de 14 de dezembro de 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5988.htm>. Acesso em: 15/10/2010.

4. COLAÇÃO ENTRE TESTEMUNHOS

O primeiro dever do crítico textual é guardar a integridade dos documentos mais importantes da nossa literatura e da nossa cultura. Trata-se de uma questão de princípio, em torno da qual não pode existir compromisso nenhum. Permitir que qualquer corrupção, mesmo pequena, infiltre a transmissão da nossa herança literária, seria o mesmo que admitir a possibilidade que um pecadilho possa ser cometido no Éden.

Fredson Bowers[83]

Every text deserves to be well edited, even if no one is going to read it.

Caroline Macé[84]

4.1 Escolhendo o texto de base

Após a recolha das fontes, segue-se a escolha do exemplar de base, que deve ser definido considerando-se alguns princípios norteadores da Crítica Textual, tais como *lectio plurium codicum potior* (a lição do maior número de testemunhos é preferível), *lectio antiquior potior* (a lição mais antiga é preferível), *lectio melioris codicis potior* (a lição do melhor testemunho é preferível), *lectio difficilior potior* (a lição mais difícil é preferível) e *usus scribendi* (CAMBRAIA, 2005: 149-157). O texto base será utilizado no confronto com os demais testemunhos, a fim de verificar a existência de lugares críticos entre eles. Para isso, o confronto é feito palavra a palavra.

Conforme apresentado na tabela 3.1 - Tradição direta do romance, no capítulo 3, nosso *corpus* é composto por treze testemunhos. Este número será reduzido após a colação, a partir da *eliminatio codicum descriptorum* (eliminação dos testemunhos descritos) [85].

---

[83] *Essays in Bibliography, Text, and Editing*, 1975: 305, *apud* Spaggiari & Perugi, *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004: 173.
[84] *Textual Scholarship.* Disponível em: <http://www.textualscholarship.org>. Acesso em: 30/08/2009.
[85] Considera-se um testemunho descrito quando é "cópia de um exemplar conservado ou reconstituível sem o seu contributo". (v. "Eliminação") Glossário de Crítica Textual. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#E>. Acesso em 20/01/2011.

Duas possibilidades são colocadas *a priori* ao editor para a escolha do exemplar de colação: optar pela primeira edição ou pela última revista e publicada antes da morte do autor. De acordo com Walter Wilson Greg (1950-1951: 29), em se tratando de textos impressos, na ausência de revisão numa edição posterior, a príncipe deve ser eleita, devido ao fato de estar mais próxima aos originais do autor, o que suporia o mínimo de interferências feitas pelo copista ou editor. Ainda segundo Greg (1950-1951: 22), somente a primeira edição poderia reivindicar uma autoridade que naturalmente se estenderia às variantes substantivas e aos acidentais, ou seja, apenas a primeira edição teria um texto fidedigno no que diz respeito ao conteúdo e às características formais, tais como pontuação e ortografia. A última edição publicada em vida, por sua vez, estaria mais próxima da vontade final do autor. Neste caso, havendo diferenças entre a primeira e a última edição revista pelo autor, a última deve ser escolhida.

Para a seleção do nosso texto de base foi necessário levar em consideração a existência de três redações do romance, das quais tratamos brevemente no capítulo 3. O problema colocado por essas redações é a identificação da sua origem. Sabe-se que a redação completa (no testemunho A) é a da edição príncipe, e que as abreviadas (nos testemunhos B e C) foram publicadas mais de sessenta anos após A, o que leva a questionar a sua autoridade. Embora não devamos descartar a hipótese de que os testemunhos mais recentes não estariam necessariamente mais corrompidos (i.e., *recentiores non deteriores*), no caso do nosso romance, apesar da ausência de um manuscrito original, acreditamos que as redações contidas nos testemunhos B e C são fruto de corruptela. Primeiramente, devido ao grande intervalo de tempo entre a publicação da edição A e as edições B e C, o que reforçaria a indicação de que as alterações não são autorais. Em segundo lugar, por ser muito remota, a nosso ver, a possibilidade de um manuscrito original, com modificações da autoria de Bernardo Guimarães, ter chegado às mãos de um editor da Civilização Brasileira, visto que, a partir da história das editoras (apresentada no item 3.4.2, do capítulo 3), não foi constatada qualquer relação entre esta e a Garnier, detentora dos direitos autorais da obra. Na hipótese de a Livraria Martins ter comprado os direitos da obra à editora F. Briguiet & Cia.[86], por sua vez obtidos da editora Garnier, poderíamos considerar os testemunhos C e D fidedignos. Mas tal

[86] Referimo-nos à venda de direitos autorais de algumas obras da F. Briguiet à Livraria Martins. Todavia, não sabemos se entre os títulos encontrava-se *O Seminarista*. (cf. capítulo 3).

não se confirma. Deste modo, descarta-se a possibilidade de considerar como texto-base o dos testemunhos B, C ou D.

Com relação à escolha da primeira edição em detrimento da segunda (última publicada em vida por Bernardo Guimarães), poderíamos questionar a sua viabilidade, uma vez que o testemunho E, por ser a último, exprimiria a vontade final do romancista. Entretanto, este testemunho não poderia ser escolhido sob a hipótese de ter sido revisto pelo autor, pois, ao confrontá-lo com o testemunho A, constatou-se que o texto não sofreu qualquer alteração. Ademais, foi possível identificar no testemunho E erros tipográficos, conforme apresentado no item 3.4, no capítulo 3, que indicam a utilização da matriz da primeira edição também nesta impressão, ou seja, trata-se do mesmo texto impresso três anos antes, com modificações apenas na folha de rosto e de guarda, conforme mencionamos no capítulo 3. Sendo assim, aplicamos o princípio da *eliminatio codicum descriptorum* e escolhemos como texto de base a primeira edição.

4.2 Do processo de composição do livro à variação do texto

A colação é a etapa subsequente à recensão. A partir do confronto entre diversos testemunhos e o texto de base, são localizados os lugares-críticos. Chamamos aqui de lugar-crítico "um ponto do texto em que os testemunhos divergem" (CAMBRAIA, 2005: 135). Desta maneira, recebe o nome de *lição*, cada palavra ou grupo de palavras de um testemunho. Quando a lição de um testemunho distingue-se da de outro, é chamada de *variante*[87]. O erro está diretamente ligado à genuinidade da lição, que só pode ser assim definida caso não seja autoral. Classificamos sempre como erro as variantes de B e C frente a A, tanto por A ser a edição mais antiga da tradição impressa - e, portanto, a mais próxima do manuscrito do autor, como por B e C serem testemunhos muito mais recentes na tradição da obra e por terem sido publicados muitos anos após a morte do autor.

Devemos esclarecer ainda, a diferença entre plano substantivo e plano dos acidentais. Esta terminologia anglo-saxônica, definida por Greg (1950-1951), refere-se às variantes substantivas e aos acidentais. A variante substantiva concerne à estrutura linguística e semântica do texto, que afetaria o sentido dado pelo autor ou a essência da sua expressão. A

[87] Sempre utilizaremos o termo variante para nos referirmos às lições distintas, num dado lugar do texto, entre dois ou mais testemunhos. (v. "Variante"), *Glossário de Crítica Textual.* Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#v>. Acesso em 12/12/2011.

variante acidental diz respeito à sua forma gráfica e ortográfica, que afetaria a apresentação formal do texto (GREG, 1950-1951: 22). Com base nesta divisão, não consideramos como variantes as diferenças ortográficas, incluindo a modernização de escrita, ou as grafias que remetam a marcas de oralidade, tais como: *creança* x *criança, balançando* x *balouçando, cubiçassem* x *cobiçassem, criançola* x *creançola* e emprego de maiúsculas. Não serão considerados também os erros tipográficos, embora sejam mencionados, visto que podem ser importantes na determinação da origem de um dado testemunho, como no caso das edições da Garnier (v. capítulo 3), além de apontar falhas na revisão do texto a ser impresso e comercializado.

Antes de tratarmos das variantes encontradas, vale lembrar que o processo de composição do livro no século XIX em muito se assemelha ao processo de cópia, uma vez que a composição tipográfica era exclusivamente manual. O processo ocorre por meio das seguintes cinco operações: leitura, memorização, ditado interior, transcrição e volta ao modelo (LAUFER, 1980: 47). Isso porque, para montar o livro, o compositor, baseando-se em um modelo, seja manuscrito ou impresso, pega na *caixa tipográfica*[88] cada um dos tipos necessários para formar uma linha do texto e os coloca no *componedor*[89]. Cada sequência de tipos, depois de composta, é transferida para a *galé*[90]. As linhas são justificadas, isto é, por terem a mesma medida, são distribuídas de maneira a resultar em um equilíbrio de brancos no conjunto da página. Cada linha é separada pela *entrelinha*[91]. As linhas, amarradas fortemente com barbante, iam formando as 'páginas'(ARAÚJO, E., 2008: 327-328). O responsável pela composição da página é o tipógrafo-paginador ou paginador. Como bem explica Antônio Houaiss (1967: 49), num primeiro momento o tipógrafo-paginador amarra, a partir de uma técnica tradicional, as colunas verticais de linhas dispostas na galé, com o objetivo de

[88] "Caixa de grandes dimensões dividida em diferentes partes, a cujas divisões se dá o nome de caixotins e onde se deitam as correspondentes sortes. Constitui um dos principais utensílios da tipografia" (FARIA & PERICÃO, 2008: 122).

[89] "Utensílio do compositor tipográfico que permite reunir os caracteres de um texto e justificar as linhas; pau de compor. É uma ferramenta, geralmente de ferro ou de cobre ou mesmo de madeira, de uns 25 cm de comprimento, terminada de um lado por uma parte fixa e de outro por uma parte que avança ou recua conforme é preciso, ou seja, consoante o tamanho que se queira dar às linhas, operação que o tipógrafo leva a cabo quando inicia a composição, sendo os tipos colocados da direita para a esquerda. A isto chama-se justificar o componedor" (FARIA & PERICÃO, *op. cit.*: 183).

[90] "Tábua guarnecida com três travessas nas quais, pela parte interior, há uma parte rebaixada, a cujo conjunto se dá o nome de caixa. Dentro desta introduz-se outra tábua delgada, com 1,0 cm de espessura e com cabo para se poder tirar, chamada bolandeira • peça quadrangular sobre a qual assenta a composição tipográfica a imprimir". (FARIA & PERICÃO, *op. cit.*: 357).

[91] (...) lâmina de metal, mais baixa do que o tipo, com que se separam as linhas de composição, quando é preciso aumentar a distância entre elas (FARIA & PERICÃO, *op. cit.*: 294-295).

transportá-las, sem que haja deslocamento, para os paqueteiros, lugar de guarda adequado. Em seguida, obtém-se a primeira revisão a partir do espalhamento da tinta, com escova ou rolo sobre a composição pronta. Após revisão da prova pelo revisor, esta é entregue para o compositor, para que seja recomposta. O paginador, por sua vez, faz as correções indicadas, pinçando na composição manual ou de monotipia os tipos errados, substituindo-os pelos corretos. A segunda prova para revisão é obtida e assim procede sucessivamente até que se obtenha uma prova praticamente limpa.

Assim como no processo de cópia, em que o erro pode acontecer na última operação (volta ao modelo), o mesmo pode dar-se na composição da chapa do livro. Tornam-se perceptíveis os erros tipográficos na impressão do texto, que acabam por auxiliar a identificação das edições publicadas por B. L. Garnier, que não possuem data. A partir da observação desses erros, é possível saber se a mesma matriz foi utilizada para a impressão de uma nova edição, conforme apresentado no item 3.4.2.1, no capítulo 3.

Conforme aponta Alberto Blecua (1983: 228), a mecanização no processo de composição do livro afeta quantitativamente os tipos de erro, que são distintos em cada processo. Os erros cometidos no processo de linotipia ou fotocomposição são diferentes daqueles que ocorrem na composição por tipos móveis, por exemplo. Já para Araújo, E., (2008: 366) não importa o modo de copiar, os mecanismos de erros são praticamente invariáveis. Na categoria de erros tipográficos, Araújo, E. (2008: 367) distingue *gralha* de *pastel*. A gralha "consiste na presença de letras ou sinais de pontuação virados, fora do lugar e, mais comumente, trocados" (ARAÚJO, E., 2008: 367). Sobre seu local de ocorrência, Roger Laufer (1980: 49) assinala que "as repetições e transposições de linhas se dão no momento da correção, as palavras ou linhas caídas, sobretudo ao fim das páginas, aparecem por ocasião da paginação". O pastel, por seu turno, seria a inversão de letras, sílabas, palavras, linhas, partes de parágrafos ou até de parágrafos inteiros, quando era desfeita uma forma ou um paquê, o que poderia resultar em troca de linhas e colunas nas composições manuais e a quente (ARAÚJO, E., 2008: 367). Apesar de poucas ocorrências, foi possível localizar nos testemunhos A, B, C e E casos de gralha e pastel conforme mostramos a seguir:

(1) Casos de gralha nos testemunhos A e E de B. L. Garnier

I. cobertas sempre de **verdesp astage ns**, e marchetadas aqui e acolá (cap. IV)
II. grupo das mulheres **ajoelhados** abaixo das grades (cap. IV)

III. **aquello** adoração calma e extatica (cap. V)
IV. **um** affeição mundana (cap. X)
V. Depois de ter volvido n'alma **todas tristas** e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)

No exemplo I, nota-se um erro causado pela má colocação do quadratim[92]. Este elemento serve para delimitar o espaço em branco entre as palavras, de modo que a delimitação de fronteira de palavras foi afetada. O correto seria o quadratim ser colocado entre "verdes" e "pastagens" e após "pastagens". Nos exemplos II, III e V houve troca de caracteres. "A" por "o" que pode ter sido ocasionado pela proximidade com substantivo masculino "grupo" em II, e a sequência "aquele culto respeito e sereno", que antecede III. Já em V, há a troca de "e" por "a" em "tristas". Em IV, nota-se a ausência do tipo "a" no artigo indefinido "uma", que se refere ao substantivo feminino "afeição".

(2) Casos de gralha no testemunho B identificados a partir do cotejo com o testemunho A

I. (...) quando percebem a **ombra** da aza do gavião (cap. XIV)
II. Jeronymo **Conçalves** de Macedo (cap. XVIII)
III. o digno e veneral companheiro de **Viçosa** e de Leandro (cap. XVIII)
IV. Mais um anno se passou empregado **naquelle** inutil porfia do padre director (cap. XVI)
V. tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, intensa e **corresiva** (cap. XVII)
VI. - Deixa-me chorar, Eugenio. Que hei de eu fazer?... hei de **orar** sempre até que voltes. (cap. XIV)

Nos exemplos I e VI, verifica-se a ausência de caracteres. No primeiro caso, a ausência do caractere "s" dá origem a uma palavra agramatical e no segundo cria-se uma palavra diferente da edição príncipe, que gera uma leitura errônea do texto.

Nos exemplos II a V, observa-se o erro ocasionado pela troca de caracteres, de "G" por "C" em II, "o" por "a" em III, "a" por "e" em IV e "o" por "e" em V. Nestes casos originam-se erros cuja natureza pode ser ortográfica ou gramatical, este relativo à concordância de gênero.

[92] Tipo em branco mais baixo que o comum, porém da mesma espessura do corpo dos caracteres que formam a linha (ARAÚJO, E., 2008: 327).

(3) Casos de gralha no testemunho C identificados a partir de cotejo com o testemunho B

I. Outras vezes ficava olhando para o **acidente**. (cap. IV)
II. Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de **Paulo** (cap. V)
III. Em tôrno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, **ante** colinas mais elevadas (cap. IV)
IV. **Passuía** ele em alto grau os mais eminentes predicados de orador sagrado. (cap. XVIII)

No primeiro e no quarto exemplos observamos a troca de tipo. No primeiro caso, tanto em A quanto em B, lê-se nessa passagem "occidente", que se transforma em "acidente" devido a troca de "o" por "a". Essa troca gera uma leitura errônea do texto e até mesmo despropositada, visto que não há qualquer acidente neste capítulo do romance. O erro fica evidente ao ler a sequência da narrativa: "Outras vezes ficava olhando para o acidente. Era desse lado que ficava sua terra natal". Linhas adiante, a mesma palavra é grafada novamente de maneira incorreta, o que aponta para a falta de atenção do tipógrafo ou editor, que não percebeu o erro ou ainda não compreendeu o sentido da frase após a troca de caracteres, que gera uma nova palavra. No quarto exemplo, a troca é a mesma, gerando-se, contudo, neste caso, palavra inexistente.

No segundo exemplo, a troca de "a" por "o" pode ter se originado de uma correção que o compositor ou editor julgou fazer ao texto que utilizou como modelo. No terceiro exemplo, a omissão de um caractere muda a categoria da palavra, alterando, por conseguinte, o sentido da frase. De advérbio, com sentido de contrariedade, "antes" passa a preposição.

(4) Caso de pastel no testemunho B

> Destes devaneios, em verdade bem suaves,
> o vinham arrancar considerações de outra or-
> dem, que o lançavam num pego de amarguras e
> inquietações. Via diante de si a incerteza do
> futuro, o inabalavel emperramento de seus
>
> (mudança de página)
>
> **dre**, a sorte precaria de Margarida, mal vista e
> repudiada por elles, pobre e fragil creatura ex-
> posta a todos os embates de um destino cruel e
> a todas as seducções e azares de um mundo
> corrupto e libertino.

> Já não era só o amor, era um dever mais
> santo e por ventura mais forte que o amor, que
> o forçava a jamais abandonar ao seu destino
> aquella infeliz creatura, que o céo como que ha-
> via confiado á sua guarda e protecção, fazen-
> do-a nascer junto delle, e collocando-a á som-
> bra do mesmo lar, como a tenra trepadeira,
> que nasce enleada ao viçoso e copado arbusto,
> amparando-se com sua sombra e nutrindo-se de
> **paes, que a todo transe o queriam fazer pa-**
> sua seiva. Margarida, mesmo não podendo ser
> sua esposa, era sua irmã; embora o não fosse
> pelo sangue, o destino, collocando junto ao seu
> o berço della, os tinha feito irmãos pela alma.
> Agora que seus paes com tanta deshumanidade
> a repudiavam, e que não lhe restava senão sua
> velha e misera mãe, elle que era seu unico am-
> paro sobre a terra devia viver só por ella e para
> ella. (cap. XVII)

Neste único caso de pastel, verifica-se o deslocamento que sofreu a sequência "o inabalável emperramento de seus pais, que a todo o transe o queriam fazer padre". Uma das razões para que isso ocorra é a localização de "dre" na primeira linha da página, conforme é possível observar acima, a partir da transcrição que segue a translineação original. O trecho saltado só é inserido no próximo parágrafo, dando origem a outro erro. Essa inserção aparenta ser da mesma natureza que a anterior. Mesmo que não esteja localizada ao fim da página, localiza-se ao fim da linha, numa separação de palavra. Supomos que, ao voltar os olhos para o modelo, o compositor fixou-se em outro ponto, cometendo assim os dois erros. Os casos apresentados decorrem visivelmente de falhas mecânicas, às quais a obra está sujeita a partir do momento em que se transpõe o texto manuscrito para o exemplar impresso.

Para que o livro seja impresso, é necessário fazer a correção das provas, sobre a impressão preliminar do exemplar. As provas são revistas inicialmente pelo corretor, cabendo, por contrato, a última leitura ao autor, que não poderia, também devido ao contrato, fazer alterações que não constassem no texto original. Araújo, E. (2008: 365) afirma, sem especificar o período, que no Brasil pretende-se publicar livros após duas revisões, quando um número de três ou quatro seria o mínimo aceitável. Considerando a época em que os exemplares foram impressos (segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX), talvez não tenham sido feitas sequer duas revisões, devido ao custo que tal procedimento poderia gerar para editora. Isto pode ser evidenciado pela presença dos erros tipográficos.

4.3 Confrontando os testemunhos

Escolhido o texto de base, segue-se a colação entre testemunhos. Conforme mencionado no item 3.2 do capítulo 3, dispomos de treze testemunhos, que estão divididos em dois conjuntos, de acordo com a extensão do texto: completo e abreviado. No conjunto de testemunhos que contêm o texto com a redação completa, encontram-se a edição príncipe e todas as edições subsequentes em um período de quase 70 anos. No conjunto de testemunhos que contêm o texto com redação abreviada, há quatro testemunhos, publicados em um período de quase 20 anos.

A colação entre testemunhos se deu de duas maneiras. A princípio entre o testemunho A e o testemunho B, cronologicamente o primeiro de cada um dos conjuntos, verificando-se os casos em que as redações de A e B coincidem; casos em que a redação de A é mais longa que a de B; casos em que a redação de B é mais longa que a de A; e casos em que as lições de A e B não coincidem. Trata-se, portanto, de uma colação entre a edição príncipe (A), que compõe a base da tradição, e um testemunho divergente (B), que reduz muito o texto. A partir do confronto entre estes dois testemunhos, é possível verificar uma significativa redução do texto, assim como uma série de variantes, que são apresentadas no item 4.4 a seguir.

Identificados os conjuntos, é necessário verificar em que medida os testemunhos de cada grupo possuem ou não redações coincidentes. Com esse objetivo, percorreu-se cada um dos conjuntos, parcialmente[93], a fim de verificar a existência de lugares críticos, considerando os mesmos casos aplicados entre o cotejo de A e B. Como resultado, foi possível realizar a *eliminatio codicum descriptorum* (eliminação dos testemunhos descritos) com relação aos testemunhos E, F, G, H e I, que integram o conjunto de A, e os testemunhos D e N do conjunto B.

No conjunto de A, o testemunho E, como já sabido, reproduz exatamente o mesmo texto de 1872. O mesmo ocorre com as outras edições da Garnier. O testemunho H, por exemplo, reproduz o texto com eventuais diferenças de pontuação (por exemplo, omissão sistemática de travessão). É o mesmo caso do testemunho I. Já os testemunhos F e G foram cotejados entre si (o que confirmou a suspeita de possuírem a mesma matriz) e com o testemunho A, não apresentando também qualquer discrepância com relação ao texto. Os

[93] O cotejo foi realizado parcialmente devido ao tempo disponível para a realização da pesquisa. Não foi possível realizar integralmente o cotejo de treze testemunhos.

testemunhos que apresentaram diferenças com relação ao conteúdo foram: J, L e M. No texto de J, observam-se omissões de advérbio e de sujeito[94]. Já no testemunho L é possível identificar um caso de substituição que altera o tempo em que se passa o enredo: os quarenta anos da edição príncipe foram substituídos por sessenta neste testemunho: "via-se, ha-de haver sessenta annos" (cap. I). Por sua vez, no testemunho de M é possível identificar algumas substituições:

Tabela 4.1 - Variantes do testemunho M

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO M
1	tronqueira de varas (cap. I)	tranqueira de varas (cap. I)
2	travessear (cap. I)	travessar (cap. I)
3	Pois vossê vai-se embora?...	Pois você vai-se embora...
4	pençando (cap. II)	pensando (cap. II)
5	hortalices (cap. II)	hortaliças (cap. II)
6	gesso (cap. IV)	pedra (cap. IV)
7	ajoelhados (cap. IV)	ajoelhadas (cap. IV)
8	solemnos (cap. IV)	solenes (cap. IV)
9	clarineta (cap. IV)	clarinete (cap. IV)
10	atroadora (cap. IV)	atradora (cap. IV)
11	giganteas (cap. IV)	gigantescas (cap. IV)

Nota-se a partir da tabela que as lições do testemunho M referem-se, mormente, a atualizações ortográficas ou a correções dos erros tipográficos de A (4, 5, 7, 8), havendo também substituição por sinônimos (1 e 11) e ainda por vocábulo com sentido diferente do modelo (2, 6, 10); e, por fim, mudança de pontuação (3).

Embora haja variantes nesses testemunhos, o número é bastante reduzido, ainda mais se comparado com os números do conjunto a que pertence o testemunho B.

A exemplo do conjunto de A, no conjunto de B foram encontradas variantes quando confrontado o testemunho de C ao B. Conforme mencionado no capítulo III, item 3.4.2.8, o testemunho N publicou o mesmo texto de C, inclusive utilizando o mesmo tipo e mancha. As variantes coletadas nesse conjunto foram analisadas e classificadas conforme veremos no item 4.4.

A partir do cotejo dos testemunhos A e B, bem como dos outros testemunhos com redação completa e abreviada, reforça-se a hipótese que aludimos, da existência de pelo

[94] Omissão de advérbio: testemunho. A: vontade de ter também a minha vaquinha (cap. I); testemunho. J: vontade de ter a minha vaquinha (cap. I). Omissão de sujeito: testemunho A: eu hei de falar (cap. I); testemunho. J: hei de falar (cap. I).

menos dois grandes conjuntos, ou ramos, na tradição do romance. Apesar disso, a existência de outros conjuntos, ou de subconjuntos, não pode ser descartada.

4.4 Classificação tipológica das variantes

A partir do cotejo entre os testemunhos A, B e C, verificou-se a existência de um grande número de variantes, que foram analisadas e classificadas a partir do *Manual de crítica textual* (1983) de Blecua. A classificação se deu de maneira análoga à proposta pelo filólogo espanhol, procurando estabelecê-la e adaptá-la conforme os casos encontrados. A partir das quatro categorias modificativas aristotélicas, Blecua (1983: 20-30) propõe uma categorização que será denominada por ele de erros de cópia: adição, alteração de ordem, omissão e substituição. Referindo-se seu trabalho fundamentalmente à poesia, as variantes ocorrem em nível do fonema, da sílaba, da palavra, do verso e da estrofe, o que requereu uma adaptação para utilizá-lo como modelo nesta pesquisa, conforme mencionado anteriormente. Nesse sentido, às categorias propostas por Blecua, acrescentamos outras duas, a saber, *paragrafação* e *reelaboração* e ainda subdividimos a omissão em: i – omissão de palavras, ii – omissão de trechos e iii- omissão de parágrafos. As variantes cotejadas organizam-se, portanto, da seguinte maneira:

a) adição;
b) alteração de ordem;
c) omissão:
    i. omissão de palavras;
    ii. omissão de trechos;
    iii. omissão de parágrafos;
d) paragrafação;
e) substituição;
f) reelaboração.

Vejamos a seguir a definição de cada uma delas.

4.4.1 Adição

No que diz respeito à adição, a definição parece ser mais aplicável ao texto manuscrito, visto que é definida por Blecua (1983: 20) como a repetição de uma letra, sílaba, palavra ou frase em passagens repetitivas, cuja proximidade de trechos iguais ou muito parecidos favorece o erro. Contudo, o que verificamos em nosso cotejo é a inserção de novos elementos, tais como artigos, conjunções, pronomes e verbos. Conforme mostra Cambraia (2010: 21-22), em artigo que analisa as variantes presentes na tradição do *Livro de Isaac*, este tipo de adição é comum em textos da tradição de língua portuguesa e latina. O propósito da adição seria "aumentar o grau de coesão textual". Trata-se da variante com menor número de ocorrências tanto no testemunho B quanto no testemunho C.

Tabela 4.2 - Casos de adição no testemunho B[95]

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite **e** dia, **que** vencerá como Jacob (cap. XVIII)
2	Por sem duvida a execução artistica está muito longe da perfeição (cap. IV)	Por **isso** sem duvida a execução artistica está muito longe da perfeição (cap. IV)
3	lhe havia embalsamado a existencia com seus effluvios celestes (cap. VII)	lhe havia embalsamado a existencia com **os** seus effluvios celestes (cap. VII)
4	Depois de ter volvido n'alma todas tristas e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)	Depois de ter volvido n'alma todas **essas** tristes e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)
5	Estou que o padre vae ter mais trabalho (cap. XX)	Estou **vendo** que o padre vae ter mais trabalho (cap. XX)

Observamos nos exemplos supracitados, que a inserção de conjunção, pronome e verbo, apesar de alterar a frase, não influencia o seu sentido. No primeiro exemplo, a adição do pronome "que" altera a função gramatical da oração do período. Nos exemplos 2 e 5, a inserção altera a estrutura da frase. Em 3 e 4, tanto o artigo quanto o pronome demonstrativo desempenham o papel de determinantes, servindo apenas para reforçar seu escopo, "effluvios" e "tristes e amargas reflexões".

[95] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 1 – Casos de adição no testemunho B.

Tabela 4.3 - Casos de adição no testemunho C

	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
1	A menina já podia ajudar sua mãe (cap. III)	A menina já podia ajudar **a** sua mãe (cap. III)
2	És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo, e aquella rapariga te anda revirando os miólos. (cap. XIII)	És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo **ainda**, e aquela rapariga te anda revirando os miolos. (cap. XIII)
3	Antunes, que ao despedir os ultimos raios de sua colera havia voltado bruscamente costas e se retirara (cap. XIII)	Antunes, que ao despedir os ultimos raios de sua colera havia voltado bruscamente **as** costas e se retirara (cap. XIII)
4	e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminario mais breve que fosse possivel (cap. XVII)	e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminário **o** mais breve que fosse possível (cap. XVII)

Vemos na tabela acima todos os casos de adição coletados no testemunho C. A exemplo do que ocorre em B, em C a inserção de novos elementos não altera o sentido do texto da edição príncipe na maioria das vezes e, em alguns casos, corrige-o. Em 1, 3 e 4 há a inserção do artigo, sendo que em 3 e 4 essa adição corrige B. Já em 2 é inserido um advérbio que altera o sentido do texto.

O baixo número de ocorrências desse tipo de variante aponta para uma tendência a não ampliar o texto. Conforme examinamos adiante, a tendência é completamente oposta: redução sistemática da obra.

4.4.2 Alteração de ordem

A alteração de ordem ocorre quando dois elementos habitualmente adjacentes, tais como letras, sílabas, palavras ou frases têm sua ordem invertida. Para Blecua (1983: 23), o próprio mecanismo da imprensa favorece a inversão de letras e palavras devido à composição por tipos móveis. Para ele, no texto em prosa, é comum a ocorrência de inversão nas enumerações (BLECUA, 1983: 23). Entretanto, o que constatamos entre as variantes coletadas é a mudança na colocação pronominal e a alteração da ordem de algumas palavras dentro da frase, e não a alteração ocasionada por um erro tipográfico como se poderia supor. Esses tipos de alteração poderiam decorrer de esquecimento de trecho do modelo durante a composição da chapa tipográfica. Ressaltamos ainda o fato de que essa variante aparece

apenas no testemunho B, não havendo nenhum caso em C. Ao lado da adição, é uma variante com apenas quatro ocorrências:

Tabela 4.4 - Casos de alteração de ordem no testemunho B

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que **tem só** trez pés, dous atraz e um adiante, e não tem cabeça (cap. IX)	Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que **só tem** tres pés, dois atraz e um adiante, e não tem cabeça. (cap. IX)
2	Pungido por tantas contrariedades cada vez **mais se irritava** a sua impaciencia (cap. XI)	Pungido por tantas contrariedades cada vez **se irritava mais** a impaciencia (cap. XI)
3	santos eremiterios, em que **conversa-se** familiarmente com Deus (cap. XVIII)	santos eremiterios, em que **se conversa** familiarmente com Deus (cap. XVIII)
4	pois não faltei-**te** á palavra jurada?... (cap. XXII)	pois não **te** faltei á palavra jurada?... (cap. XXII)

No primeiro exemplo, observa-se a inversão da posição do verbo e do advérbio, não alterando o sentido da frase. O mesmo ocorre nos demais casos em que a alteração de ordem incide sobre a colocação pronominal, a próclise de A passa a ênclise em B.

4.4.3 Omissão

De acordo com Blecua (1983: 20-21), a omissão ocorre quando o copista omite uma letra, uma sílaba, palavra ou frase de extensão variável, quando o elemento seguinte inicia ou termina de forma igual ou muito semelhante. Como podemos perceber, este tipo de definição relaciona-se mais ao texto manuscrito, uma vez que o salto bordão parece ser mais frequente, haja vista a ocorrência de um único caso de pastel, conforme citado anteriormente. No caso do nosso romance, a omissão se dá quando uma palavra, um trecho ou até mesmo um parágrafo inteiro é suprimido sem que isso esteja relacionado a outro elemento igual ou semelhante.

4.4.3.1 Omissão de palavras

A omissão de palavras ocorre quando um substantivo, um adjetivo, um pronome ou um verbo, por exemplo, são suprimidos nos testemunhos B ou C. Por um lado, em alguns

casos, como mostraremos a seguir, a omissão corrige o texto da edição príncipe, eliminando repetições. Por outro, pode alterar substancialmente seu sentido.

Tabela 4.5 -Casos de omissão de palavras no testemunho B[96]

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	viaõ-se duas **bellas** e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma **linda** arcada de verdura (cap. I)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura (cap. I)
2	e tambem mais uma cousa, que **eu** hei-de fazer" (cap. I)	e tambem mais uma coisa, que hei de fazer (cap. I)
3	**Fazendeiro** trabalhador, bom e extremoso pae de familia (cap. II)	Trabalhador, bom e extremoso pae de família (cap. II)
4	Margarida, por sua graça e gentileza, **por sua** extrema docilidade e **por sua** precoce vivacidade era mui querida de todos (cap. III)	Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos, e inseparavel de Eugenio (cap. II)
5	até que um somno irresistivel o viesse prostrar **nelle** (cap. VII)	até que um somno irresistivel o viesse prostrar (cap. VII)
6	**E** vmce., senhor criançola, com essa carinha de sancto, já mettido em tafularias altas, fazendo roda ás raparigas, e mettendo-se em rusgas por amor dellas! (cap. XIII)	Vmce., senhor creançola, com essa carinha de santo, já mettido em tafularias altas, fazendo roda ás raparigas, e metendo-se em rusgas por amor d'ellas...(cap. XIII)
7	Jeronymo procedia por pedido **e** especial recomendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)	Jeronymo procedia por pedido especial recomendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)
8	cubiçassem **e pleiteassem** com ardor a posse do coração e da mão de Margarida (cap. XX)	cobiçassem com ardor a posse do coração e da mão de Margarida (cap. XX)

A partir dos exemplos apresentados na tabela, percebemos três tipos de variantes: as que não alteram o sentido do texto, as que o alteram e ainda as que o corrigem. Não alteram o sentido do texto, as omissões de sujeitos pronominais (exemplo 2), que são facilmente recuperados pelo contexto, e algumas conjunções aditivas (exemplo 6). No entanto, notamos que há omissões de conjunções aditivas que alteram o sentido (exemplo 7), bem como omissões de adjetivos (exemplo 1), substantivos (exemplo 3) e verbos (exemplo 8). Há omissões que corrigem a redundância da edição príncipe (exemplos 4 e 5). A correção da edição príncipe pode ser um indício de que, apesar da intenção de reduzir o texto, haveria uma preocupação em melhorar a redação em alguns trechos. Embora a correção possa ser fruto de

[96] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 3.1 – Casos de omissão de palavras no testemunho B.

uma suposta “boa intenção”, ela não deveria ocorrer, pois o texto do autor sempre deve ser preservado.

Tabela 4.6 - Casos de omissão de palavra no testemunho C[97]

	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
1	(...) receando **com razão** que as seducções do mundo o arredassem do santo proposito em que ia tão bem encaminhado (cap. VIII)	receando que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado (cap. VIII)
2	Adeus, senhora Umbelina!... póde estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira **Faria** e Andrade nunca mais ha de cruzar a soleira da porta de sua casa. (cap. XII)	Adeus, senhora Umbelina!... Pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa. (cap. XII)
3	Que ia, porém, fazer aquelle estudante duas **e tres** vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... (cap. XV)	Que ia porém, fazer aquêle estudante duas vêzes por semana ao quarto do padre-mestre diretor?... (cap. XV)
4	veio pelo menos dar-lhes um caracter **menos** sombrio e desesperado (cap. XVII)	veio pelo menos dar-lhes um caráter sombrio e desesperado (cap. XVII)
5	Applaudiam-se entre si deste **bello** resultado (cap. XVII)	Aplaudiam-se entre si dêste resultado (cap. XVII)
6	Mas o que queres lá **ir** fazer? (cap. XIV)	Mas o que queres lá fazer? (cap. XIV)
7	mas **eu** não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)	mas não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)
8	conservava na alma toda **a** candura e singeleza da infancia (cap. XVIII)	conservava na alma tôda candura e singeleza da infancia (cap. XVIII)

O testemunho C, embora mantenha as variantes de B, em algumas passagens altera o texto utilizado como modelo. Distancia-se ainda mais da edição príncipe. Conforme os exemplos supracitados, observa-se a omissão de locução, de numeral, de advérbio, adjetivo, verbo e artigo. Em 1, ao omitir “com razão”, omite-se também o juízo de valor expresso pelo narrador. No exemplo 2, a omissão altera o sobrenome de uma das personagens, que muito provavelmente assim deve ter sido transmitido nas edições posteriores. Ao suprimir o numeral “trez”, no terceiro caso, altera-se a descrição da quantidade de vezes que o jovem seminarista ia ao quarto do padre mestre diretor. Nos dois casos seguintes, 4 e 5, nota-se que a palavra omitida altera consideravelmente a frase. Em 4, ao omitir-se o advérbio “menos”, muda-se completamente o sentido da frase, uma vez que a interpretação dada em B é contrária à de A: o “caracter menos sombrio”, ou seja, pouco sombrio, passa a ser sombrio. No quinto exemplo,

[97] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 8.1 – Casos de omissão de palavra no testemunho C.

a omissão do adjetivo “bello” qualifica o resultado de outra maneira: um resultado comum. Trata-se de natureza semelhante ao do primeiro caso, em virtude de “bello” ser também um juízo de valor emitido pelo narrador. Nos três últimos casos, ainda que a omissão cause alterações na apresentação do texto, seu sentido não é modificado, porque, apesar da supressão do verbo “ir” em 6, ainda é possível recuperar o sentido da frase. Já em 7, o sujeito pronominal omitido é facilmente resgatado pelo verbo. Em 8, a ausência do determinante também não altera a interpretação do texto.

4.4.3.2 Omissão de trechos

Enquadram-se nesta categoria omissões de trechos textuais com mais de três palavras. Neste caso há omissões de frase, explicação, descrição, fala das personagens ou ainda de comentários do narrador:

Tabela 4. 7 - Casos de omissão de trecho no testemunho B[98]

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	Uma porta e duas janellinhas formavão toda a sua frente; **a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombreava toda com sua vasta e copada ramagem via-se uma outra janellinha guarnecida de balaustres de madeira**. (cap. I)	Uma porta e duas janellinhas formavam toda a sua frente. (cap. I)
2	Os versos de Eugenio erão apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, **algumas quadrinhas eróticas**, e estrophes sem nexo (cap. VI)	Os versos de Eugenio eram apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, e estrophes sem nexo (cap. VI)
3	Eugenio vendo a attenção de que era objecto da parte delles, quereria afundar-se cem braças pela terra abaixo. **Sentado sobre o seu tamborete, e debruçado sobre o seu leito, que servia aos estudantes a um tempo de cama e de mesa de estudo, para furtar-se aos olhares curiosos e espantados de seus companheiros enrolou os braços em volta do rosto e assim ficou até á noite exhalando de quando em quando soluços abafados.** (cap. VII)	Eugenio vendo a attenção de que era objecto da parte delles, quereria afundar-se cem braças pela terra abaixo. (cap. VII)
4	dava morada em sua fazenda a diversos aggregados, que sem lhe pagarem	dava morada em sua fazenda a diversos aggregados, sem lhe exigir contribuição

[98] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 3.2 – Casos de omissão de trecho no testemunho B.

	contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro, **como é costume em nossa boa terra, usufruião algumas nesgas de suas extensas possessões territoriaes** (cap. II)	alguma, nem em serviço nem em dinheiro (cap. II)
5	Um dia aconteceu-lhes um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir, **incidente que qualquer espirito supersticioso teria tomado por um sinistro agouro ou como um prenuncio assustador do destino da menina.** (cap. II)	Um dia aconteceu-lhe um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir. (cap. II)
6	Mas um dia, **- como eu hia contando**, Eugenio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima (cap. V)	Mas um dia, Eugenio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima (cap. V)
7	deite fora esse barrete que está profanando **com sua indigna conducta, ponha-se em calças** e vá-se com Deus para casa de seus paes (cap. VI)	deite fóra esse barrete que está profanando e vá-se com Deus para casa de seus paes (cap. VI)
8	– Santo Deus! como está grande e bem parecido! ... está um homem feito... e já está com um caracter de padre santo!... **que ha-de dizer, comadre, que este é aquelle mesmo menino que eu ainda outro dia carregava num braço e esta menina no outro e levava para casa para dar-lhe bananas e biscoitos, de que elle tanto gostava?... meu Deus, como o tempo corre depressa!...** (cap. VIII)	- Santo Deus!... como está grande e bem parecido!... está um homem feito e já está com o carácter de padre santo! (cap. VIII)
9	Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros póde dizer o que lhe vem á bôca e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? **está enganado, muito enganado!... Sei bem o que é honra, - graças a Deus, e talvez a tenha de sobre para dar ao senhor, e a toda a sua geração. Veja, que estou em minha casa; e saiba que com uma palavra posso enxotal-o daqui para fóra.** (cap. XII)	Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros póde dizer o que lhe vem á bocca, e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? (cap. XII)

Como se pode observar, os exemplos de 1 a 3 referem-se à omissão de trechos descritivos, sendo 1 e 3 trechos bastante longos. No primeiro caso observa-se a supressão de parte da descrição da casa onde morava Eugênio. No segundo exemplo, omite-se o teor de alguns versos escritos por Eugênio, podendo haver neste caso censura que produz a omissão. Em 3 omite-se o estado de espírito em que se encontra o jovem seminarista, descrevendo-se assim, apenas sua vontade de afundar cem braças terra abaixo.

Já os exemplos de 4 a 6 referem-se a trechos com comentários do narrador, que são completamente apagados no testemunho B. Em 4, omite-se a explicação fornecida pelo

narrador a respeito do costume que havia na época de permitir agregados. No quinto exemplo, é suprimido o comentário feito pelo narrador a respeito do incidente da cobra e da maneira que qualquer pessoa supersticiosa teria considerado agouro. No sexto exemplo, apaga-se o comentário do narrador, típico do seu caráter de contador de histórias: "como eu hia contando".

Nos exemplos de 7 a 9, vemos a omissão de parte das falas das personagens, que são reduzidas consideravelmente. Todas estas omissões descaracterizam o estilo do autor, conhecidamente descritivo, conforme já tratamos no capítulo 2. O testemunho C também apresenta casos de omissão, como ilustram os exemplos a seguir:

Tabela 4.8 - Casos de omissão de trecho no testemunho C[99]

	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
1	Desde então trocaram-se os papeis, e era Eugenio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quasi inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões vizinhos, armando arapucas e esparrélas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras **e outros passaros com que obsequiava a sua linda amiguinha**, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita. (cap. III)	Desde então trocaram-se os papéis, e era Eugênio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quase inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões vizinhos, armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambu, saracuras, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita. (cap. III)
2	e mesclando-se ás suas affeições terrenas contribuiram não para extinguil-as, **mas para enfraquecel-as até certo ponto** (cap. V)	e mesclando-se às suas afeições terrenas contribuíram para extingui-las até certo ponto (cap. V)
3	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e delle faz **borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente,** que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e dêle faz borbotar lágrimas de fel e de sangue. (cap. V)
4	Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... Mas... **Que importa!... Ah!... Se continuasse a querer-me quem...** Sabe?... Que vale sem ti o paraiso e todas as **suas** delicias?... (cap. XIX)	Por tôda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... Mas... Sabe? Que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias? (cap. XIX)

[99] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 8.2 – Casos de omissão de trecho no testemunho C.

5	em uma luta improficua contra um inimigo indigno **dele, contra uma mulher, que o fascinara com as apparencias** de um anjo, e que não era mais que larva immunda, que á mais tempo devêra ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)	em uma luta improfícua contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)
6	Cala-te, Margarida!... **Ai de mim! É agora que avalio a felicidade, que perdi.** Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)

No testemunho C, os casos de omissão de trecho seguem o mesmo padrão do testemunho B, por exemplo, suprimindo comentários do narrador, trechos descritivos e falas de personagens. Nos seis exemplos elencados, nota-se a supressão de trechos descritivos em 1 e 3. No primeiro exemplo, ao suprimir-se o trecho destacado em B, perde-se em C a informação de que o jovem Eugênio presenteava sua amiga de infância com os pássaros que ele caçava. O exemplo 3 é um dos poucos casos em que é possível observar duas mudanças, em B em C. Trata-se de um caso de reelaboração (B) que sofre uma supressão (C). Ao lermos o mesmo trecho nos três testemunhos, fica clara a alteração realizada no texto e a impossibilidade de recuperar-se a informação inicial de que a saudade, segundo o narrador, "nos faz assomar aos labios um triste sorriso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras", visto que em C a saudade é caracterizada como "meiga e maviosa, que nos espreme o coração". Veja-se na tabela seguinte o cotejo com o testemunho A:

Tabela 4.9 - Caso de modificação entre os testemunhos A, B e C

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos labios um triste sorriso **atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue.(cap. V)**	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, **que nos espreme o coração, e delle faz borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras,** e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e dêle faz borbotar lágrimas de fel e de sangue. (cap. V)

Nos exemplos 2, e 5 da tabela 4.8, a omissão dá origem a outra interpretação do texto, uma vez que, ao suprimir "quasi todo", perde-se a noção de que quase todo e não parte ou ainda quase nada do arraial se revelava das janelas do edifício. Já em 2, o sentido dado pelo narrador é alterado substancialmente, a ponto de transmitir o sentido oposto, de modo que de enfraquecidas as afeições passam a extintas. Por sua vez em 5, nota-se que, ao suprimir-se a descrição de Margarida como uma mulher que havia fascinado Eugênio com a aparência de um anjo, o sentido que se tem é que a luta travada pelo jovem seminarista é indigna de um anjo. Já nos exemplos 4 e 6, parte da fala das personagens, de Margarida e Eugênio, respectivamente, é omitida. Ao observarmos o conteúdo suprimido, podemos supor a intenção do editor, sobre a qual falamos adiante, no item 4.8. Nestes dois casos, há supressão de trechos em que é possível identificar o sentimento que ainda existe entre Eugênio e Margarida. No contexto, o jovem já se tornou padre e não poderia mais se relacionar com a amiga de infância. Nesse sentido, os trechos suprimidos poderiam ser interpretados, talvez não como censura, mas como destoantes da figura de um jovem padre. Não podemos entender a omissão como casual, pois se assim fosse, seria menos trabalhoso suprimir as partes finais ou iniciais de parágrafos, ou ainda parágrafos inteiros e não trechos localizados no meio, por exemplo.

4.4.3.3 Omissão de parágrafos

Apresentamos neste item alguns parágrafos de A que foram suprimidos em B. Na transmissão do testemunho B para C não foi encontrada variante deste tipo. Os parágrafos omitidos em B trazem tanto a narração descritiva (exemplos 1 e 2) quanto a narração referente a uma cena (exemplos 3 a 5). Podem ainda conter falas de personagens (6 a 8). Considerada a extensão do parágrafo, nota-se que, na grande maioria dos casos, são suprimidos os parágrafos mais longos, com mais de três linhas. Vejam-se exemplos:

Tabela 4.10 -Casos de omissão de parágrafos no testemunho B[100]

	TESTEMUNHO A
1	Estava esta casinha situada embaixo de uma collina de pendor suave, aos pés da qual, se desdobrava delicioso vargedo coberto de rasteiro e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e sucupiras. (cap. I)
2	O vargedo era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas um corrego escondia seu curso sereno e preguiçoso. (cap. I)
3	Antes de passarmos adiante, cumpre que o leitor saiba quem são esses dois pequenos personagens que encontra logo ao limiar desta historia, esses dous pastorinhos, que apezar de seus tenros annos se apresentão com vizos de quererem ser os protagonistas della. (cap. II)
4	Sabe o leitor o que é quatragem?... (cap. XII)
5	Não sabe. É uma dansa. (cap. XII)
6	Não, mas sou amigo delle e do pae. Se continúa a desfeiteal-o, tem de se haver commigo, já o disse, e torno a repetir... (cap. XII)
7	Não tem resultado nenhum, senhor Luciano; e que tenha, o senhor que tem com isso?... (cap. XII)
8	Eu nada, minha senhora; mas... a fallar-lhe a verdade, eu não desejava ver tão cedo a senhora como avó, e por semelhante maneira... (cap. XII)

Ao omitirem-se esses parágrafos, altera-se o conteúdo do romance, tornando-se impossível ao leitor recuperar o que foi excluído. Esse tipo de variação toca diretamente no *usus scribendi*, pois são suprimidos, sobretudo, trechos descritivos ou comentários do autor, que poderiam ser interpretados como supérfluos ou excessivos no testemunho B.

A omissão dos parágrafos descritivos, que são os mais numerosos da obra, interfere diretamente no modo como a narrativa é construída. E, embora a fortuna crítica tenha se baseado, em sua maior parte, em exemplares com a redação abreviada, ainda assim o descritivismo é assinalado como característica da obra de Bernardo Guimarães.

Esse tipo de omissão é a mais fácil de ser identificada ao confrontarem-se os testemunhos. Muitas vezes localiza-se nas páginas iniciais dos capítulos. Além da sumária supressão de trechos, interessa pensar na motivação que terá levado à exclusão destes parágrafos e não de outros. Uma hipótese é a busca em suprimir trechos cuja ausência não interfere no desenrolar da trama do romance. Parágrafos descritivos, considerados excessivos, podem ter levado à exclusão.

Comentários do narrador, quando se dirige ao leitor, foram também apagados, o mesmo ocorre quando a explicação é redundante, porque tratada anteriormente e retomada no trecho excluído.

[100] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 3.3 – Casos de omissão de parágrafos no testemunho B.

A supressão de diálogos elimina aspectos que não podem ser recuperados pelo contexto. É o que ocorre quando se omitem os diálogos de Umbelina (mãe de Margarida), Luciano (pretendente de Margarida) e do amigo do capitão Antunes (o capitão é pai de Eugênio), durante o mutirão, na casa de Umbelina. Nessa passagem, ocorre uma rusga entre Eugênio e Luciano, que fora preterido por Margarida, por causa do jovem seminarista.

4.4.4 Paragrafação

Definimos paragrafação como a alteração feita em nível do parágrafo, ou seja, modificação em sua ordem, fusão de dois ou mais parágrafos em um único, ou ainda divisão de um parágrafo em dois ou mais. Juntamente com a adição e a alteração de ordem, a paragrafação é uma variante pouco frequente, havendo apenas sete casos no testemunho B e um no testemunho C. Ao contrário das demais variantes, seu caráter está mais relacionado ao plano dos acidentais do que ao da substância, se considerarmos que a alteração ocorre na apresentação formal do texto. Poder-se-ia pensar que essa variante resulta de erro tipográfico, causado pela inversão dos parágrafos ao compor-se a chapa do livro. Ou, por outra, a variação na composição dos parágrafos pode originar-se de um rearranjo do texto, com a intenção de modificarem-se os parágrafos, fundindo-os ou separando-os. As passagens a seguir ilustram esse tipo de variação. O sinal § indica o início do parágrafo.

Tabela 4.11 - Casos de mudança de paragrafação no testemunho B

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	**§** É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe sahia do coração, mas já não o incommodava tanto, nem lhe agitava o espirito como outr'ora. Ella lhe apparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horisonte vaporoso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos labios um triste sorriso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	**§** É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe sahia do coração mas já não o incomodava tanto, nem lhe agitava o espirito como outr'ora. **§** Ella lhe apparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horizonte pavoroso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e delle faz borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)

2	§ O estudante seguio á risca todas as exhortações e conselhos do padre. § Na occasião do recreio corria, saltava, luctava, jogava á bola e á peteca sem dar um instante de repouso ao corpo. (cap. VII)	§ O estudante seguiu á risca todas as exhortações e conselhos do padre. Na occasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a petéca, sem dar um instante de repouso ao corpo. (cap. VII)
3	§ Nas horas do repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. § Quando vinha a noite achava-se fatigadissimo, mas em vez de entregar-se ao descanço que a natureza reclamava, conservava accesa a sua lampada até horas mortas da noite, resando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um somno irresistivel o viesse prostrar nelle. (cap. VII)	§ Nas horas de repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. Quando vinha a noite, achava-se fatigadissimo, mas em vez de entregar-se ao descanço que a natureza reclamava, conservava accesa a sua lampada até horas mortas da noite, resando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um somno irresistivel o viesse prostrar. (cap. VII)
4	§ Cedendo porem ao pezo de seu infortunio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida. Sabia isso impossivel, mas o seu espirito crente e religioso só julgava realisavel a sua redempção por um favor especial do ceo, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delle se julgava indigno; ou quem sabe? – tinha medo de ser attendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquelle amor não poderia mais viver, faltar-lhe-hia o ar e a luz, a terra e o ceu se anniquilariam para elle. (cap. XV)	§ Cedendo, porém, ao peso de seu infortunio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida. § Sabia isso impossivel; mas o seu espirito crente e religioso só julgava realisavel a sua redempção por um favor especial do céo, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delle se julgava indigno; ou quem sabe? - tinha medo de ser attendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquelle amor não poderia mais viver, faltar-lhe-ia o ar e a luz, e a terra e o céo se aniquilariam para elle. (cap. XV)
5	§- Não o ha sobre a terra, mas ha no ceo. Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará, e o seu triumpho, que considera impossivel, será facilimo e completo. A oração, a penitencia, os exercicios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguio debellar completamente o inimigo que o tinha em continua obsessão. Se não fosse a imprudencia de deixar o seminario, e hir collocar-se de novo entre as goélas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova lucta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. § Hoje porem, que já com vinte annos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as cousas, é que assim desanima como um covarde, e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)	§ - Não o ha sobre a terra, mas ha no céo. Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará; e o seu triumpho que considera impossivel, será facilimo e completo. A oração, a penitencia, os exercicios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguiu debellar completamente o inimigo que o tinha em continua obsessão. Se não fosse a imprudencia de deixar o seminario, e ir collar-se de novo entre as guélas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova luta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje, porém, que já com vinte annos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as coisas, é que assim desanima como um covarde, e recúa espavorido deante do inimigo? (cap. XVIII)

6	§ - Margarida infiel!...Margarida casada!... – exclamava Eugenio ao entrar em seu quarto, delirante, a arquejar, e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. – Quem o diria!... pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro!... e eu tantos annos lucto em vão para arrancar daqui a imagem della e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miseria!... Á força de jejuns, de penitencias, de mortificações tenho quebrantado no meu corpo, acabrunhado meu espirito e flagellado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu; ... agora o vejo... e ella tranquila e risonha, sem escrupulo e sem constrangimento algum vôa aos braços de outro, e dá-lhe a gozar estas delicias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martyrios!... Oh Margarida! Margarida!... que fizestes!... ah! ... tu eras mesmo a serpente; teus labios distillavão veneno de morte; ... era o fogo do inferno que te incendia os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraiso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres tambem o inferno nesta e na outra vida!... § Por toda parte tu és o anjo mao destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... mas... que importa!... ah!... si continuasse a querer-me... quem sabe!... que valem sem ti o paraiso e todas as suas delicias!... eu te acompanharia de bom grado pelos asperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; supportaria alegre todos os trabalhos e a tribulações com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... Mas ah! meu Deus! eis em que derão tantos annos de lucta e sacrificio!... Desprezei um thesouro que possuia, para correr apoz um bem chimerico, uma sombra vão... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com que?... com as chammas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... um precito!... (cap. XIX)	§ . - Margarida infiel!... Margarida casada!... - exclamava Eugenio ao entrar no seu quarto, delirante, a arquejar e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. - Quem o diria! pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro! e eu tantos annos lucto em vão para arrancar daqui a imagem della e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miseria!... Á força de jejuns, de penitencias, de mortificações tenho quebrantado meu corpo, acabrunhado meu espirito e flagellado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu... agora o vejo... e ella tranquila e risonha, sem escrupulo e sem constrangimento algum vôa aos braços de outro, e dá-lhe a gosar estas delicias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martyrios!... Oh, Margarida! Margarida! que fizeste!... ah!... tu eras mesmo a serpente; teus lábios distillavam veneno de morte;... era o fogo do inferno que te incendiava os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraiso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres tambem o inferno nesta e na outra vida! Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... mas... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem... sabe?... que valem sem ti o paraiso e todas as suas delicias?... eu te acompanharia de bom grado pelos asperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva. supportaria alegre todos os trabalhos e tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... - Mas ah!... meu Deus! eis em que deram tantos annos de luta e sacrificio!... Desprezei um thesouro que possuia, para correr após um bem chimerico, uma sombra vã... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com quê? com as chammas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... (cap. XIX)

7	**§** Já perto de sete annos erão volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infancia. Entregue á melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que apparentemente robusta e sadia, soffria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existencia. Uma organisação de vigorosa tempera, e sobretudo uma alma paciente e resignada, davão-lhe força apenas para não succumbir e resistir tranquilla e quasi risonha ao peso esmagador do seu infortunio. (cap. XX)	**§** Já perto de sete annos eram volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infancia. **§** Entregue á melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que apparentemente robusta e sadia, soffria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existencia. Uma organisação de vigorosa tempera, e sobre tudo uma alma paciente e resignada, davam-lhe força apenas para não succumbir e resistir tranquila e quasi risonha ao peso esmagador do seu infortunio. (cap. XX)

Dos sete casos de paragrafação coletados ao longo do romance, apenas três se encaixam no caso de parágrafos únicos que foram divididos em dois: 1, 4 e 7. Nos outros quatro casos, os exemplos 2, 3, 5 e 6, ocorre o inverso: parágrafos múltiplos são transformados em um só. Como não há mudança na ordem dos parágrafos e sim no seu agrupamento, esta variante não causa qualquer problema à interpretação do texto. Abaixo, o único exemplo de paragrafação em C:

Tabela 4.12 - Caso de paragrafação no testemunho C

TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
§ Alto lá, senhor - bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano... **§** Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma creança?... se lhe puzer as mãos é commigo que tem de se haver. (cap. XII)	§ Alto lá, senhor - bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano... Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma creança?... se lhe puzer as mãos é commigo que tem de se haver. (cap. XII)

Nesta única ocorrência no testemunho C, verifica-se a fusão de dois parágrafos de B, que estão separados em A. Corrige-se desta maneira o testemunho utilizado como modelo, visto que ambas as frases pertencem à fala do amigo do capitão Antunes. Estas frases foram separadas em B muito provavelmente devido a um erro tipográfico. Neste caso, não sabemos se o editor também utilizou A como base, uma vez que, é possível depreender do contexto que são falas pronunciadas pela mesma personagem.

4.4.5 Reelaboração

Esta categoria foi criada tomando-se como base a afirmação de D'Arco Silvio Avalle em seu *Principî di critica testuale* (1972: 60-61) sobre *rifacimento*, um processo que pode ser entendido como uma reelaboração seja sob a forma de adaptações ou atualizações, estilísticas ou linguísticas. Modificam-se nesses casos a forma e o conteúdo do texto. Nesse sentido, trechos ou parágrafos do romance foram reescritos, conservando-se ou não o conteúdo da edição príncipe. Há ocorrência dessa variante apenas no testemunho B, e nenhuma no testemunho C, o que também aponta para a manutenção do texto B ao longo da tradição abreviada. Vejamos a seguir alguns casos coletados:

Tabela 4. 13 - Casos de reelaboração no testemunho B[101]

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais familia (*sic)* forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap. II)	O extraordinario incidente foi por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap. II)
2	era mui querida de todos, **especialmente de** Eugenio, **que não sahia de juncto della** (cap. III)	era mui querida de todos, **e inseparavel de** Eugenio (cap. III)
3	**Como hiamos contando, havia motirão em casa de Umbelina**. **Tinha ella convidado** as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira mestra e de quituteira abalisada. (cap. XI)	**Umbelina convidou para a festa** as comadres e amigas mais chegadas da villa e das vizinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, a fim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira. (cap. XI)
4	Alli parou á porta de um (*sic*) pobre casinha isolada. A porta estava aberta; o rapazinho retirou-se; o padre entrou, e bateu com a sua bengala no soalho do corredor. (cap. XXI)	Alli parou á entrada de uma casinha. (cap. XXI)
5	que em um momento puzerão em horrivel conflagração a paixão, **que ha tanto tempo adormecida parecia estar morta no seio do mancebo** (cap. XXIII)	que em um momento puzerão em horrivel conflagação a paixão **ardente, ha tanto adormecida**. (cap. XXIII)

[101] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 5 – Casos de reelaboração no testemunho B.

Nos exemplo 1, apagam-se completamente as informações sobre a volta para casa e o estado de espírito da senhora Antunes e de Umbelina, após uma cobra enlear-se no corpo de Margarida, sem fazer-lhe qualquer mal. No exemplo 3, suprime-se a marca do narrador contador de histórias: "como hiamos contando", omitindo-se todo o período em que está inserida essa oração, além da reformulação "tinha ella convidado" para "Umbelina convidou para a festa". Da mesma natureza é o exemplo 4, que também reelabora a primeira oração do parágrafo, além de suprimir o período seguinte. A partir dessa reformulação, não é possível saber-se que a casinha é descrita como pobre e isolada. Já nos exemplos 2 e 5, observa-se que a reelaboração não sintetiza a ideia do testemunho A, e sim altera o sentido em virtude, por exemplo, da mudança do sujeito da oração relativa, em 2. No testemunho A, Eugênio é o sujeito da oração e é ele quem não sai de perto de Margarida. Quando o trecho é reelaborado, o sujeito passa a ser Margarida e seu predicativo a qualifica como inseparável do menino, quando no texto da edição príncipe ocorria o oposto. No quinto exemplo, além de reelaborado e, consequentemente, reduzido, na lição de B, a paixão, que parecia estar morta em A, é ardente, expressando também uma ideia completamente oposta ao texto da edição príncipe. Considerando-se a natureza das reelaborações, é possível inferir que não havia qualquer preocupação com a manutenção do sentido e ideia expressos no romance por Bernardo Guimarães.

4.4.6 Substituição

Segundo Blecua (1983: 25-30), trata-se de um fenômeno mais complexo do que os outros. Classifica-o em onze categorias, das quais nos servem a substituição por sinônimos ou por antônimos. Para o filólogo espanhol, nos casos de sinonímia há grande dificuldade em esclarecer se as modificações são acidentais ou voluntárias. A substituição ocorre habitualmente entre palavras e relaciona-se, de modo geral, a problemas cognitivos, de ordem semântica. No caso da obra em estudo, o fenômeno ocorre quando uma palavra ou um pequeno trecho é substituído por outro, sinônimo ou não. Como é possível observar tanto no testemunho B quanto no C, há pelo menos três tipos de substituição: i) por sinônimos com menos caracteres; ii) por vocábulos com grafia semelhante e significado diferente; e iii) por vocábulos com grafia e significado diferentes. A diferença entre a reelaboração e a substituição decorre do tipo de modificação realizada, a saber: a reelaboração afeta passagens

mais extensas do texto e incide sobre o conteúdo de todo o trecho, conforme apresentamos. A substituição incide sobre a palavra ou, em poucos casos, segmentos de frase.

Tabela 4. 14 - Casos de substituição no testemunho B[102]

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	e ainda **debaixo da** mesma impressão de tristeza (cap. I)	e ainda **sob a** mesma impressão de tristeza (cap. I)
2	Entre esses aggregados contava-se a **senhora** Umbelina a qual com sua filha Margarida (cap. II)	Entre esses aggregados contava-se **d.** Umbelina, que, com sua filha Margarida (cap. II)
3	se havia transformado em uma torrente de lagrimas silenciosas e resignadas, que **entornava** aos pés da Virgem consoladora dos afflictos (cap. XVII)	se havia transformado em uma torrente de lagrimas silenciosas e resignadas, que **vertia** aos pés da Virgem consoladora dos afflictos (cap. XVII)
4	uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e **aceiada** (cap. I)	uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e **nova** (cap. I)
5	com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das **propicias e sonolentas** azas da noite (cap. I)	com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das azas **proprias** da noite (cap. I)
6	Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquelle **sujeitinho**, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario lá na villa? (cap. XII)	Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquele **coroinha**, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario lá na villa? (cap. XII)
7	sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horisonte **vaporoso** (cap. V)	sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horizonte **pavoroso** (cap. V)
8	jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas **monstruosas** preces (cap. XVIII)	jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas **mentirosas** preces (cap. XVIII)

Encaixam-se no caso de substituição por sinônimo com menor número de caracteres os exemplos de 1 a 3. Há substituição por sinônimo sem que isso implique na perda de sentido. A substituição por vocábulo com grafia semelhante e significado diferente ocorre nos exemplos 7 e 8. A palavra substituta, apesar de ser muito semelhante à substituída quanto ao aspecto gráfico, tem significado completamente distinto, o que pode decorrer de erro mecânico ou de *lectio facilior*. No exemplo 7, há uma troca de consoantes nas duas primeiras sílabas, de modo que "vaporoso" torna-se "pavoroso", gerando leitura equivocada daquela passagem. Em 8, verifica-se que a substituição de "monstruosas" por "mentirosas" pode ser fruto de *lectio facilior*. Há também casos em que a substituição se dá por vocábulo de acepção

[102] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 6 – Casos de substituição no testemunho B.

completamente diferente, como observamos nos exemplos de 4 a 6. Em 4, temos a primeira variante que aparece no livro, a substituição de “aceiada” por “nova”. Em 6, ocorre substituição de um vocábulo de acepção pejorativa por outro de acepção positiva. Por fim, em 5, há substituição de um trecho por uma palavra: “propicias e sonolentas” passa a “próprias”, modificando-se os atributos de “asas”.

Ao analisarmos as lições do testemunho C, observamos que a substituição apresenta o mesmo comportamento encontrado no testemunho B. Importa observar que parte considerável das variantes do testemunho C corrige erros do seu modelo, chegando, em alguns casos, a restaurar a lição da edição príncipe, conforme vemos adiante. A exemplo do que ocorre nos casos de paragrafação, não é possível afirmar se o testemunho A – ou outro que contenha a redação completa - foi consultado, visto que alguns casos poderiam ser emendados por conjectura.

Tabela 4. 15 - Casos de substituição no testemunho C[103]

	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
1	Cabeças mal contornadas, proporções mal **guaradas** (cap. IV)	Cabeças mal contornadas, proporções mal **guardadas** (cap. IV)
2	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbrazeado do **occidente** (cap. IV)	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbrazeado do **acidente** (cap. IV)
3	Passaram-se assim **dois** annos, em que a vida correu para Eugenio (cap. V)	Passaram-se assim **doze** anos, em que a vida correu para Eugenio (cap. V)
4	Em torno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, **antes** collinas mais elevadas (cap. IV)	Em tôrno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, **ante** colinas mais elevadas (cap. IV)
5	a tonsura sacerdotal era uma **corôa** de espinhos (cap. XXIII)	a tonsura sacerdotal era uma **canoa** de espinhos (cap. XXIII)
6	e que no **entretanto** por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abysmo de angustias e desgraças (cap. XVII)	e que no **entanto** por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abismo de angústias e desgraças (cap. XVII)
7	Mais um anno se passou empregado naquelle inutil **porfia** do padre director (cap. XVI)	Mais um anno se passou empregado naquele inútil **porfiar** do padre diretor (cap. XVI)
8	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais a **impaciencia** (cap. XI)	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais a **paciência** (cap. XI)
9	se uma paixão casta e **santa** (cap. XX)	se uma paixão casta e **pura** (cap. XX)

[103] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 10 – Casos de substituição no testemunho B.

Conforme observamos na tabela acima, os exemplos de 1 a 7 são casos em que a substituição se dá por vocábulos de grafia semelhante. No primeiro caso, há correção de gralha presente em B, restaurando-se assim a lição de A. Nos exemplos 2, 4 e 5, a substituição é feita por vocábulo graficamente semelhante, mas com diferente significado. Podem gerar-se nesses casos leituras completamente equivocadas e descontextualizadas, como ocorre em 2 e 5: "occidente" por "acidente" e "coroa de espinhos" por "canoa de espinhos". A substituição de "occidente" por "acidente" realiza-se em todas as ocorrências da palavra no capítulo IV, indicando a falta de revisão mais cuidadosa do texto. A mesma desatenção pode ser observada no quarto exemplo, com a passagem de "dois" para "doze" na referência aos anos que Eugênio ficou separado de Margarida quando ingressou no seminário.

No exemplo 4, embora a substituição mude pouco em termos gráficos, por causa do "s" ao fim da palavra, o sentido apresentado é outro. Se no testemunho B ocorre a preposição "ante", modifica-se completamente o sentido do testemunho B, em que o advérbio "antes" tem um sentido adversativo.

Podemos classificar o sexto exemplo como substituição por vocábulo de grafia semelhante e por sinônimo, porque, ao substituir a conjunção "entretanto" por "entanto", não há alteração de sentido, verificando-se apenas a troca por um vocábulo com um número menor de caracteres.

O sétimo exemplo é da mesma natureza do quarto, porque, ao adicionar o morfema (-r), há alteração da classe gramatical, originada pela mudança de gênero do pronome demonstrativo "naquele" no testemunho B, onde se lê "naquelle inutil porfia". A fim de emendar o texto de base, o testemunho C corrige a lição e a altera de "inutil porfia" para "inutil porfiar".

No exemplo 8, observa-se a substituição por antônimo. Devido à supressão do prefixo de negação (im-) também poderíamos considerá-lo caso de grafia semelhante.

Nota-se, no último exemplo, um caso de substituição por sinônimo, ou ainda por vocábulo pertencente ao mesmo campo semântico, com grafia diferente. No contexto, "santa" e "pura" transmitem ideias muito próximas.

Por fim, há casos em que a lição de B é emendada em C, coincidindo com A. Por ora não é possível, contudo, afirmar se o texto de 1872 fora consultado, ou se a substituição se deu com base no próprio contexto.

Conforme a tabela abaixo, é possível perceber que a identidade entre A e C se dá em dois casos: substituição de vocábulo com grafia semelhante e erro tipográfico. Os exemplos 1 e 2 relacionam-se ao primeiro caso, sendo que em 2 a substituição se dá por sinonímia. O terceiro e quarto exemplos apresentam a correção de erros tipográficos: houve troca do primeiro caractere de cada palavra, “o” por “a” em 3 e “G” por “C” em 4.

Tabela 4. 16 - Casos de identidade entre os testemunhos A e C

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B	TESTEMUNHO C
1	naquellas épocas de **crença** viva e piedade religiosa (cap. III)	naquellas épocas de **criança** viva e piedade religiosa (cap. III)	naquelas épocas de **crença** viva e piedade religiosa (cap. III)
2	cuidarieis ver **surgir** do interior do muro do templo o vulto do sancto seu homonymo (cap. XVIII)	cuidarieis ver **surdir** do interior do templo o vulto do santo seu homonymo (cap. XVIII)	cuidarieis ver **surgir** do interior do templo o vulto do santo seu homônimo (cap. XVIII)
3	o padre lhe fez ver que nada **obstava** a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	o padre lhe fez ver que nada **abstava** a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	o padre lhe fêz ver que nada **obstava** a que êle satisfizesse aquêle nobre e louvável impulso do coração (cap. XVIII)
4	Por esse tempo o padre missionário Jerônimo **Gonçalves** de Macedo (cap. XVIII)	Por esse tempo o padre missionario Jeronimo **Conçalves** de Macedo (cap. XVIII)	Por esse tempo o padre missionário Jerônimo **Gonçalves** de Macedo (cap. XVIII)

4.4.7 O caso da Livraria Martins

Embora não sejam contabilizados na frequência de variantes, é importante referenciar os casos de variantes entre os testemunhos publicados pela Livraria Martins. As lições não-coincidentes coletadas entre os testemunhos C e D não são numerosas. Em um total de 30 casos, 21 são de substituição e 9 de omissão. Os casos de substituição relacionam-se, em sua maioria, com a troca por vocábulos de grafia semelhante. As omissões dividem-se em supressão de palavras e de trechos, relacionados à fala das personagens, à descrição de cenas e a adjetivos empregados pelo narrador para descrever ou caracterizar uma situação. Vejam-se exemplos:

Tabela 4.17 – Casos de substituição entre as edições da Livraria Martins

	TESTEMUNHO D	TESTEMUNHO C
1	à entrada do campo onde **pastava** o gado (cap. I)	à entrada do campo onde **estava** o gado (cap. I)
2	sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e **ouropéis** (cap. III)	sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e **européis** (cap. III)
3	Outras vêzes ficava olhando para o **ocidente** (cap. IV)	Outras vêzes ficava olhando para o **acidente** (cap. IV)
4	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do **ocidente** (cap. IV)	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do **acidente** (cap. IV)
5	Eram as primeiras tentativas de um **estro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)	Eram as primeiras tentativas de um **astro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)
6	como remédio prático para combater a tentação, recomendou-**lhe** que se desse a trabalhos incessantes (cap. VII)	como remédio prático para combater a tentação, recomendou-**se** que se desse a trabalhos incessantes (cap. VII)
7	logo há de se ir desembaraçando... **apre**!... como faz calor! (cap. VIII)	logo há de se ir desembaraçando... **arre**!... como faz calor! (cap. VIII)
8	Desde que Eugênio viu interpor-se entre êle e Margarida **um** anátema tremendo" (cap. X)	Desde que Eugênio viu interpor-se entre êle e Margarida **uma** anátema tremendo" (cap. X)
9	abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava **ao** terreiro (cap. X)	abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava **no** terreiro (cap. X)
10	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais com a **impaciência**(cap. XI)	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais com a **paciência** (cap. XI)
11	Um côro de aplausos a Umbelina e de **apupadas** a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)	Um côro de aplausos a Umbelina e de **aplausos** a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)
12	as lágrimas e soluços até ali a custo contidos fizeram explosão **tempestuosas** (cap. XIII)	as lágrimas e soluços até ali a custo contidos fizeram explosão **tempestuosa** (cap. XIII)
13	os troncos **vetustos,** que o machado respeito aqui e acolá (cap. XIV)	os troncos **vestutos**, que o machado respeito aqui e acolá (cap. XIV)
14	as duas altas paineiras **alçavam-se** projetando pelo vargedo as sombras colossais (cap. XIV)	as duas altas paineiras **laçavam-se** projetando pelo vargedo as sombras colossais (cap. XIV)

Nos exemplos 2 a 5, observamos que a substituição é feita por vocábulos de grafia parecida, mas que possuem significado distinto da palavra substituída. Os exemplos 7, 8, 13 e 14 são originados de erros tipográficos, como a ausência de tipos em 8 e 13, ou sua inversão, que dá origem a outro vocábulo em 14. Por sua vez, os exemplos 1, 6, 10 e 11 são aqueles em que a substituição ocorre por outro vocábulo que não é similar e que possui significado distinto daquele que foi substituído.

Tabela 4.18 - Casos de omissão entre as edições da Livraria Martins

	TESTEMUNHO D (1944)	TESTEMUNHO C (s.d.)
1	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras **e outros pássaros com que obsequiava a sua linda amiguinha**, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras , a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)
2	pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira **Faria** e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa (cap. XII)	pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa (cap. XII)
3	continuando a mostrar-se **inteiramente** avêsso ao estado sacerdotal (cap. XVI)	continuando a mostrar-se avêsso ao estado sacerdotal (cap. XVI)
4	mas não tinha fé no destino, nesse poder implacável **e tirânico**, que zomba dos mais firmes protestos" (cap. XVI)	mas não tinha fé no destino, nesse poder implacável, que zomba dos mais firmes protestos (cap. XVI)
5	depois que expressamente lhe proibimos pôr lá **mais** os pés (cap. XVI)	depois que expressamente lhe proibimos pôr lá os pés (cap. XVI)
6	obumbrada pelas **fuscas** asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio (cap. XVIII)	obumbrada pelas asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio (cap. XVIII)
7	Por tôda a parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas! ... mas**... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem...**sabe? ... que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias?..." (cap. XIX)	Por tôda a parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas! ... mas ... sabe? ... que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias?... (cap. XIX)
8	envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improfícua contra um inimigo indigno **dêle, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências** de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)	envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improfícua contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)
9	Cala-te, Margarida!... **Ai de mim! é agora que avalio a felicidade, que perdi**. Ah! perdão, perdão, meu Deus!...(cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! perdão, perdão, meu Deus!... (cap. XXIII)

Nos exemplos 1, 7, 8 e 9, observa-se a omissão de trechos, possivelmente relacionada à descrição de cenas (1 e 8) ou à fala de personagens (7 e 9). Já os casos de omissão de palavras podem ocorrer em trechos descritivos (2, 3, 4 e 6) ou na fala de personagem (5) .

As lições da edição de 1931 que foram mantidas pela edição de 1944 e posteriormente alteradas na edição sem data referem-se, sobretudo, aos trechos omitidos, e também à substituição de algumas palavras. Apresentamos exemplos a seguir:

Tabela 4.19 – Casos de manutenção da lição do testemunho C

TESTEMUNHOS B e D	TESTEMUNHO C
em uma luta improficua contra um inimigo indigno dele, contra **uma mulher, que o fascinara com as apparencias** de um anjo, e que não era mais que larva immunda, que á mais tempo devêra ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)	em uma luta improfícua contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)
Cala-te, Margarida!...**Ai de mim! É agora que avalio a felicidade, que perdi.** Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)
formavam uma arcada de verdura, á entrada do campo onde **pastava** o gado (cap. I-)	formavam uma arcada de verdura, á entrada do campo onde **estava** o gado (cap. I)
A tonsura sacerdotal era uma **corôa** de espinhos (cap. XXIII)	A tonsura sacerdotal era uma **canoa** de espinhos (cap. XXIII)

Devido ao baixo número de ocorrências de lições não-coincidentes entre as edições da Livraria Martins, acreditamos que podem ser fruto de revisão do texto. Nos casos de substituição, principalmente, a revisão gera modificações substanciais ao texto.

4.5 Número de ocorrências e frequência de variantes

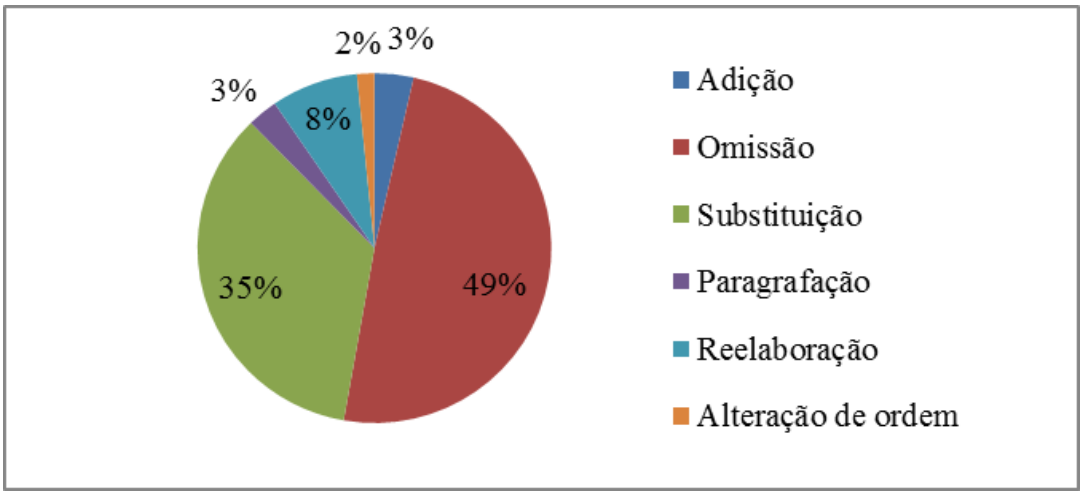
A partir dos dados da tabela 4.20 – Número total de ocorrências de variantes entre as tradições, vemos que no testemunho B há ocorrência de todos os tipos de variantes: a omissão (124 casos) é a mais frequente e a adição (4 casos), a menos frequente. No testemunho C, a variante mais frequente é a substituição (88 casos), ao passo que a menos frequente, com apenas um caso, é a paragrafação. Neste testemunho, além de ocorrer uma redução significativa no número de variantes, duas categorias não possuem ocorrências: reelaboração e alteração de ordem.

Tabela 4.20 – Número total de ocorrências de variantes entre as tradições

Tradição	Adição	Alteração de ordem	Omissão	Paragrafação	Reelaboração	Substituição	Total
Test. B	9	4	124	7	20	88	252
Test. C	4	-	24	1	-	65	94

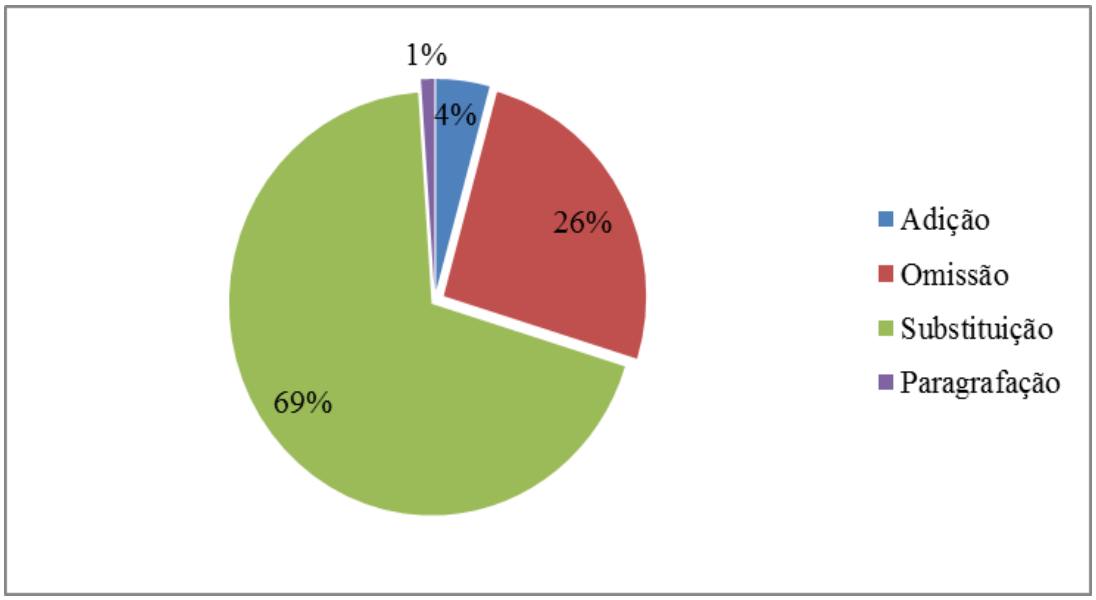
No testemunho B, conforme o gráfico 4.1 – Testemunho B: frequência de variantes segundo sua tipologia, são mais frequentes em ordem decrescente: omissão, substituição, reelaboração, adição, paragrafação e alteração de ordem. O número total de omissões é quase a metade das ocorrências, totalizando 49%, enquanto as substituições atingem 35% dos casos. Com 8% figuram os casos de reelaboração, seguindo-se, com 3% cada, os casos de paragrafação e de adição. Com 2%, estão os casos de alteração de ordem. Esses dados permitem visualizar um padrão de comportamento nas alterações feitas ao texto. Segundo este padrão, o número de palavras, trechos ou parágrafos omitidos é muito superior ao número de palavras ou trechos acrescentados. A alta frequência de omissões será indício de um procedimento refletido, que tem como objetivo a acentuada redução do texto. Também é elevado o número de trechos substituídos. As substituições, quando fazem sentido, parecem indicar um propósito de alteração no conteúdo do texto, mesmo porque nem sempre o termo ou trecho substituto tem significado equivalente ao substituído. No mesmo sentido dos casos de substituição estão os casos de reelaboração. Conforme descrito no item 4.4.5, trata-se de uma adaptação com o objetivo, aparentemente, de sintetizar uma situação, fala ou passagem descritiva, facilitando a compreensão do texto.

Gráfico 4.1 – Testemunho B: frequência de variantes segundo sua tipologia



Embora a intenção de reduzir o texto esteja bem explícita no testemunho B frente a A, no testemunho C verificamos outro padrão. Conforme mencionado anteriormente, observamos no gráfico 4.2 –Testemunho C – frequência de variantes segundo sua tipologia, que não há nesta edição a ocorrência de todas as variantes, de modo que, ao contrário das 6 categorias frequentes em B, há em C apenas 4. Não há casos de alteração de ordem nem de reelaboração. A frequência das tipologias também obedece a outro comportamento. As omissões e as substituições continuam numerosas, totalizando juntas 95% das variantes. Contudo, no testemunho C, verificamos uma inversão na frequência de omissão x substituição, uma vez que são mais frequentes as substituições (69%) e não mais as omissões (26%). Esta inversão no número das ocorrências demonstra que em C, a redução do texto é menos frequente do que em B frente a A. A intenção de reduzir ainda mais é sobreposta pela intenção de alterar apenas alguns pontos, ainda que o testemunho C faça parte de um volume com outras três obras de Bernardo Guimarães, o que poderia "justificar" uma contenção ainda maior do texto. Em muitos casos, as substituições operam emendas ao testemunho B, coincidindo, em algumas passagens, com o testemunho A. O mesmo ocorre com as adições, que buscam corrigir o texto de B. Seu número de ocorrências é pequeno, apenas quatro casos, dos quais três são emendas ao texto de B.

Gráfico 4.2 - Testemunho C – frequência de variantes segundo sua tipologia



A ausência de casos de alteração de ordem e de reelaboração em C explica-se pela reprodução em geral fiel do testemunho B pelo testemunho C. Não haveria o propósito de reduzir-se ainda mais o texto. Em vez disso, a alta frequência de casos de substituição evidencia a busca de uma diferente adaptação do texto.

Além da quantificação por tipo de variante, um outro viés de abordagem das variantes parte do exame de sua distribuição ao longo dos capítulos da obra. Ao observamos o número de ocorrências das variantes por capítulo, não só em número totais (tabelas 4.21 a 4.23 e gráficos 4.1 e 4.2), mas também por cada categoria, é possível notar algumas semelhanças.

Tabela 4.21 – Número total de ocorrências de variantes por capítulo

CAP.	TEST. B	TEST. C	CAP.	TEST. B	TEST. C
I	27	4	XIII	5	5
II	23	2	XIV	8	3
III	10	5	XV	7	3
IV	15	6	XVI	11	3
V	9	6	XVII	8	5
VI	5	1	XVIII	20	11

VII	10	4	XIX	5	3
VIII	6	2	XX	10	7
IX	7	3	XXI	4	3
X	7	3	XXII	6	1
XI	14	3	XXIII	14	6
XII	15	4	XXIV	6	1

Tabela 4.22 – Número de ocorrências de variantes por capítulo – Testemunho B

Cap.	Adição	Alteração de ordem	Omissão	Reelaboração	Substituição	Paragrafação	Total
I	-	-	19	4	4	-	27
II	-	-	17	3	3	-	23
III	-	-	4	1	5	-	10
IV	1	-	9	1	4	-	15
V	-	-	4	1	3	1	9
VI	-	-	4	-	1	-	5
VII	1	-	3	1	3	2	10
VIII	-	-	4	1	1	-	6
IX	-	1	2	-	4	-	7
X	-	-	4	-	3	-	7
XI	-	1	9	1	3	-	14
XII	-	-	13	1	1	-	15
XIII	-	-	3	-	2	-	5
XIV	-	-	4	-	4	-	8
XV	-	-	3	-	3	1	7
XVI	-	-	5	1	5	-	11
XVII	2	-	2	-	4	-	8
XVIII	3	1	4	-	11	1	20
XIX	1	-	2	-	1	1	5
XX	1	-	2	-	6	1	10
XXI	-	-	-	2	2	-	4
XXII	-	1	1	-	4	-	6
XXIII	-	-	5	3	6	-	14
XXIV	-	-	2	-	4	-	6
TOTAL	9	4	125	20	87	7	252

Tabela 4.23 – Número de ocorrências de variantes por capítulo – Testemunho C

Capítulos	Adição	Paragrafação	Omissão	Substituição	Total
I	-	-	-	4	4
II	-	-	1	1	2
III	1	-	2	2	5
IV	-	-	1	5	6
V	-	-	2	4	6
VI	-	-	4	1	1
VII	-	-	1	3	4
VIII	-	-	1	1	2
IX	-	-	1	2	3
X	-	-	1	2	3
XI	-	-	1	2	3
XII	-	1	2	1	4
XIII	2	-	-	3	5
XIV	-	-	1	2	3
XV	-	-	1	2	3
XVI	-	-	1	2	3
XVII	1	-	1	3	5
XVIII	-	-	2	9	11
XIX	-	-	2	1	3
XX	-	-	-	7	7
XXI	-	-	1	2	3
XXII	-	-	-	1	1
XXIII	-	-	1	5	6
XXIV	-	-	1	-	1
TOTAL	4	1	24	65	94

Inicialmente podemos perceber uma regularidade na distribuição das ocorrências: não há, tanto no testemunho B como no testemunho C, capítulo que não tenha sofrido alteração. No entanto, alguns sofreram mais modificações que outros. No testemunho B (tabela 4.22), constatamos que em quase metade do livro as alterações são de valor igual ou superior a 10. É o que pode ser observado nos capítulos I, II, III, IV, VII, XI, XII, XVI, XVIII, XX e XXIII. Nos outros capítulos, os números variam de 4 (XXI) a 9 (V). Em C (tabela 4.23), o número de ocorrências de variantes apresenta poucas mudanças. Os números variam de 1 (VI, XXII e XXIV) a 11 (XVIII). Como é possível constatar por meio da tabela 4.22 – Número de ocorrências de variantes por capítulo – Testemunho B, 1 ocorrência de variante aparece em

três capítulos, 2 ocorrências em dois capítulos (II, VIII), 3 ocorrências em oito capítulos (IX, X, XI, XIV, XV, XVI, XIX, XXI), 4 em dois capítulos (I e VII), 5 em três capítulos (III, XII e XVII), 6 em três capítulos (IV, V e XXIII), 7 em um capítulo (XX) e 11 em um capítulo (XVIII). A partir destes números, observamos que há um equilíbrio maior no número de ocorrências de variantes no testemunho C, ao passo que em B, notamos alguns picos de maior ocorrência. É o caso do grande número de variantes nos quatro primeiros capítulos: 27, 23, 10 e 15, respectivamente. Seguem-se, também com alta ocorrência de variantes, os capítulos VII (10), XI (14), XI (15), XVI (11), XVIII (20), XX (10) e XXIII (14).

A grande diferença entre as frequências das variantes dos testemunhos B e C fica mais evidente ao analisarmos as ocorrências em distribuição considerando-se as categorias tipológicas.

Segundo os dados dos gráficos 4.2 e 4.3, as categorias com maior frequência são a omissão e a substituição. A omissão não figura em apenas um capítulo do testemunho B (XXI) e em cinco do testemunho C (I, VI, XIII, XX, XXII). Já a substituição ocorre ao longo de todo o testemunho B e não ocorre apenas no último capítulo de C.

No caso das omissões, podemos constatar que em B os números variam de 1 (XXII) a 19 (I). As omissões são mais numerosas nos capítulos I, II e XII, com 19, 17 e 13 ocorrências, respectivamente. Há baixa ocorrência nos seguintes casos: 1 (XXII), 2 (IX, XVII, XIX, XX e XXIV), 3 (VII, XIII e XV), 4 (III, V, VI, VIII, X, XIV e XVIII), 5 (XVI e XXIII) e 9 (IV e XI). Se por um lado há em B certa regularidade no número de ocorrências, que oscila entre 2 e 9, mas basicamente entre 2 ou 4 ocorrências por capítulo (juntas essas ocorrências figuram em metade da obra), por outro há em C um número de ocorrências bastante regular que oscila entre 1 ou 2 ocorrências por capítulo. Dos 19 casos de omissão, 14 são de apenas uma ocorrência por capítulo e 5 de duas.

Quanto às substituições, notamos que a regularidade de distribuição em B é maior do que nos casos de omissão. As ocorrências variam de 1 (XIX) a 11 (XVIII), havendo capítulos com 2 (XIII e XXI), 3 (II, V, VII, X, XI e XV), 4 (I, IV, IX, XIV, XVII, XXII e XXIV), 5 (III e XVI) e 6 (XX e XXIII) ocorrências. Com base neste levantamento, percebemos que, na maior parte dos capítulos, há 3 ou 4 ocorrências de substituição, num total de 13 capítulos, ou seja, pouco mais do que a metade da obra.

Em C, a variação é de 1 (II, VI, VIII, XII, XIX e XXII) a 9 (XVIII) ocorrências de substituição por capítulo. Entre um e outro extremo, há capítulos com 2 (III, IX, X e XI), 3

(VII, XIII e XVII), 4 (I e V), 5 (IV e XXIII) e 7 (XX) ocorrências. Diferentemente do testemunho B, em C 10 capítulos, ou quase a metade da obra, apresentam 1 ou 2 ocorrências de substituição. Coincidentemente, o capítulo com maior número de ocorrências de substituição é o mesmo em ambos os testemunhos, a saber, o capítulo XVIII. Em B, este capítulo está entre os que apresentam maior número de alterações e em C é o capítulo que apresenta o maior número de alterações.

As outras categorias (adição, alteração de ordem, paragrafação e reelaboração) possuem comportamento parecido, apresentando um número de ocorrências quase constante, que varia entre 1 a 4 ocorrências, distribuídas de maneira mais esparsa entre os capítulos.

Em virtude do processo mecânico, a corrupção do texto impresso é transmitida em larga escala por meio de tiragens em série, o que também se aplica aos novos formatos de suporte e transmissão dos textos, como o digital, por exemplo. Esta análise se mostra fundamental para a compreensão das alterações feitas ao texto, em que medida ocorrem, quais as mais e menos frequentes e qual o padrão de variação em cada uma das edições. A partir da recensão do texto, percebe-se que as alterações são sistemáticas e não aleatórias, como se poderia pensar a princípio. Dessa forma, é possível identificar alguns padrões de alteração, conforme apresentamos. Com base no número de ocorrências e na frequência de variantes, é possível delinear a existência de um propósito editorial de reduzir o texto, haja vista os casos de omissão testemunho B. Além disso, constata-se a manutenção da redação abreviada em C, devido aos casos de substituição que superam os de omissão.

4.6 Pontuação

A pontuação, ou ainda, a apresentação formal do texto, também é um dos aspectos a ser considerado ao selecionar-se o exemplar de colação. Ao contrário do que acontece com os textos da tradição elisabetana (GREG, 1950-1951: 25-26), os problemas relacionados à apresentação formal do texto não são numerosos e recorrentes, a ponto de haver uma edição com bom texto e pontuação falha ou pontuação correta e texto corrompido. Desse modo, devemos considerar o texto e a pontuação da edição príncipe em confronto com os testemunhos B e C.

Considerando-se a extensão do romance e o fato de lidarmos simultaneamente com três testemunhos, não foi possível fazer um levantamento exaustivo das diferenças de

pontuação entre os testemunhos. No entanto, realizamos uma comparação parcial, a fim de apresentar uma amostragem dos dados. Para isso, foram cotejadas as duas primeiras páginas de cada capítulo do romance, totalizando quarenta e oito páginas, que correspondem a cerca de 20% do texto. Apesar de ser uma amostragem pequena, é possível perceber alguns padrões de mudança, sobretudo quanto ao uso da vírgula.

Antes de analisarmos os casos de pontuação, faz-se necessário compreender como era definida na época em que o romance foi escrito. Com esse objetivo, consultamos algumas gramáticas do século XIX, a fim de definir os casos em que se deve usar a vírgula, o ponto e vírgula, dois-pontos, ponto de exclamação, ponto de interrogação e reticências.

Segundo Bento José de Oliveira (1862: 95-96), em sua *Nova grammatica portugueza*, a vírgula serviria para indicar uma pequena pausa, com inflexão de voz um pouco levantada ao fim da palavra que a antecede. Elencam-se três casos de uso do sinal: i. divisão de vocativos, substantivos, adjetivos e verbos continuados, sem estarem ligados pelas conjunções *e, nem, ou*; ii. separação de orações, sejam plenas ou elípticas, e frases ou expressões oracionais; e iii. encerra orações ou frases fixadas noutras.

O ponto e vírgula, por sua vez, segundo o gramático, indicaria na leitura uma pausa maior que a da vírgula, mas sem levantar ou abaixar a voz. Nos três casos de uso apresentados, o ponto e vírgula serve para: i. delimitar os membros do período, sobretudo se possuírem orações anexas já divididas por vírgula ou se forem sucedidos pelas conjunções *mas, porém, porque, todavia*, etc.; ii. separar dois membros do período cujo sentido contraste; e iii. dividir uma série de orações principais e não-principais ou de complementos sob a mesma regência, sobremaneira os extensos (OLIVEIRA, 1862: 96-97).

Os dois pontos são definidos por Oliveira (1862: 97) como um sinal que representa uma pausa maior do que a vírgula e o ponto e vírgula, sem alterar a voz. Esse sinal seria empregado para dividir, segundo ele, as partes "mais nobres" do período, que já foram divididas por vírgula e ponto e vírgula, para preceder uma fala ou citação ou ainda após qualquer membro que tenha um consequente ou que se possa subentender expressões como *o seguinte, a saber, tais são*, etc (OLIVEIRA, 1862: 97).

Definimos esses três sinais por serem os mais alterados nas páginas analisadas.

Ao confrontar os testemunhos, percebemos que, na grande maioria dos casos em que há mudança de pontuação no testemunho B, a mesma é mantida no testemunho C, com

poucos casos de variação. Em linhas gerais, notamos que, dos sessenta e nove casos[104] encontrados, apenas sete não envolvem a vírgula. Essas exceções relacionam-se a inserção de travessão em diálogo, supressão de ponto final em trecho assinalado entre travessões, inserção de reticências após ponto de exclamação e substituição de ponto de exclamação por ponto e vírgula.

Foram localizados casos em que a posição da vírgula está incorreta, como entre sujeito e predicado ou ainda sua supressão antes de apostos:

Tabela 4.24- Uso incorreto da vírgula

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	Desalentados por fim os reverendos preceptores deliberárão entre si e conviérão em um expediente, do qual esperavão prompto e seguro resultado. (cap. XVI)	Desalentados por fim os reverendos preceptores, deliberaram entre si e convieram em um expediente do qual esperavam prompto e seguro resultado. (cap. XVI)
2	Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outrora lhe despertavão n'alma. (cap. XVII)	Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outr'ora, lhe despertavam n'alma. (cap. XVII)
3	O regente, que era tambem o seu professor de latim, e muito curioso de specimens desse genero, conservou alguns desses versos (cap. VI)	O regente, que era tambem o seu professor de latim e muito curioso de specimens desse genero conservou alguns desses versos (cap. VI)

Nos exemplos 1 e 2 ao inserir a vírgula entre o sujeito e o predicado, o testemunho B incorre em erro, na perspectiva da gramática normativa, visto que é preconizado por todas as gramáticas a não separação do sujeito do seu predicado. No terceiro exemplo, a supressão da vírgula após “genero” apaga a delimitação do aposto formado pela oração subordinada substantiva apositiva.

Verificou-se ainda a mudança de ponto e vírgula para vírgula antes de conjunções adversativas e a inserção de vírgula antes de conjunções:

[104] Para levantamento exaustivo, cf. Anexo B – Tabela 13 – Casos de pontuação nos testemunhos A, B e C. Nesta tabela são elencados todos os casos de pontuação, sem classificação.

Tabela 4.25 - Substituições de ponto e vírgula por vírgula e inserção de vírgula antes de conjunções

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	No estudo porem não deu a principio muito boas contas de si, se não appresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memoria e intelligencia (cap. V)	No estudo, porem, não deu a principio muito boas contas de si, se não appresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memoria e intelligencia (cap. V)
2	Entretanto era preciso saber para ser padre (cap. V)	Entretanto, era preciso saber para ser padre (cap. V)
3	Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo; sabia igualmente que o padre não póde casar-se (cap. VII)	Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo, sabia igualmente que o padre não póde casar-se (cap. VII)
4	que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra; aliás recahiria inevitavelmente em suas antigas fraquezas e desvarios (cap. XVIII)	que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra, aliás recahiria inevitavelmente em suas antigas fraquezas e desvarios (cap. XVIII)

Nos casos supracitados, a inserção de vírgulas após conjunções se dá em concordância com a gramática do século XX, uma vez que nem Oliveira nem Ernesto Carneiro Ribeiro citam o seu uso após conjunções dessa natureza. Ribeiro (1950: 690) citá-lo-á apenas na quinta edição de seus *Serões*, em 1950:

> As conjunções *porem, pois, todavia* e as locuções *comtudo, não obstante, portanto, entretanto, por exemplo, por ventura, em summa, emfim, em verdade* e outras analogas, quando pospositivas, são por alguns escriptores de boa nota mettidas entre virgulas; quer para tornar mais patente e manifesta a relação que exprimem, quer porque estas locuções podem de alguma sorte reputar-se como umas especies de orações mutiladas.

Dessa forma, o que ocorre no testemunho B e, consequentemente, no testemunho C é a adequação do texto aos padrões gramaticais da época que vigora até os nossos dias.

Já a substituição de ponto e vírgula por vírgula, se dá entre orações que exprimem ideias opostas, de modo que o emprego do ponto e vírgula no testemunho A estava correto. Ao substituí-lo por vírgula, o testemunho B atenua essa noção, fazendo com que a vírgula sirva apenas para representar a pausa na leitura.

Por fim, há os casos de mudança de pontuação devido à substituição de um símbolo gráfico por outro, ou ainda a sua total exclusão, como pode-se notar nos exemplos a seguir:

Tabela 4.26 - Substituição ou supressão de pontuação

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	via-se, ha-de haver quarenta annos, - uma pequena e pobre casa (cap. I)	via-se, ha-de haver quarenta annos, uma pequena e pobre casa (cap. I)
2	era uma confirmação palpitante do rifão, que diz, – não ha traste que não se pareça com seu dono. – (cap. II)	era uma confirmação palpitante do rifão, que diz– "não ha traste que não se pareça com seu dono". – (cap. II)
3	no meio de uma turba de companheiros desconhecidos, como um bando de anús pretos encerrados em um vasto viveiro (cap. IV)	no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anús pretos encerrados em um vasto viveiro (cap. IV)
4	que meio tão differente daquelle em que até então tinha vivido! (cap. IV)	que meio tão differente daquelle em que até então tinha vivido!... (cap. IV)
5	A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquelle movimento: (cap. XVIII)	A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquelle movimento. (cap. XVIII)
6	É chegado o padre Eugenio! - echoava de bôca em bôca (cap. XXI)	É chegado o padre Eugenio - echoava de bocca em bocca (cap. XXI)
7	já que assim o ordena a sanha irresistivel do destino, assim seja! serei um padre sacrilego; um padre infame, como tantos outros (cap. XXIV)	já que assim o ordena a sanha irresistivel do destino, assim seja; serei um padre sacrilego, um padre infame, como tantos outros (cap. XXIV)

No sexto exemplo ocorre a omissão do ponto de exclamação, que contradiz a sequência posterior "echoava de bôca em bôca", visto que, com a supressão do ponto, perde-se a noção de admiração e felicidade da fala da personagem. No sétimo exemplo, ocorre a substituição do ponto de exclamação pelo ponto e vírgula.

Há ainda a omissão de vírgula antes de travessão e inserção de aspas em 2, substituição de vírgula por ponto e vírgula em 3 e a substituição de dois pontos por ponto final em 5. Devido ao trecho em que o ponto e vírgula foi inserido e ao sentido das orações, seu uso não se justificaria, visto que o sinal gráfico serve para marcar distinção e separação de sentido (RIBEIRO, 1890: 325), o que não ocorre. A seu turno, os dois pontos no testemunho A estão corretamente empregados, pois enunciam uma referência ao discurso direto: a fala de Eugênio. Nesse sentido, ao substituírem-se os dois pontos por ponto final, perde-se a enunciação gráfica do discurso direto.

4.7 Relações de parentesco: algumas hipóteses

Mesmo sem a pretensão de traçar um estema da tradição de *O Seminarista*, é possível levantar hipóteses quanto às relações de parentesco entre os testemunhos estudados. Como vimos até este ponto, nota-se a existência de duas redações da obra: uma completa e outra abreviada. O conjunto de testemunhos que contêm a redação completa é composto pela edição príncipe e pelas edições subsequentes, publicadas até meados do século XX. O conjunto de testemunhos com a redação abreviada é formado pelos testemunhos B, C, D e N.

Entre os testemunhos A e B há um intervalo de quase sessenta anos, e entre os testemunhos B e C um intervalo de treze anos. Devido ao grande intervalo de publicação entre os testemunhos A e B, a hipótese mais plausível é que a redação de B não seja autoral. Tratando-se de uma suposição não-confirmada a respeito da autoria, não é possível, por enquanto, emitir um juízo a respeito dos lugares críticos, classificando-os como erros de cópia. Nesse sentido – conforme mencionado no item 4.2 – optamos, até o momento, em falar de variantes, por tratar-se de um conceito mais descritivo. Considerando-se as lições variantes do testemunho B, coloca-se a seguinte questão: qual teria sido o seu modelo?

O testemunho A, como é sabido, é o mais próximo ao original do autor, por ser a edição príncipe. Deste modo, supõe-se que as intervenções feitas por editores ou revisores sejam menores, uma vez que o autor teria revisado e supervisionado sua edição. Por seu turno, o testemunho B foi publicado em 1931, quase sessenta anos após A, o que torna improvável a hipótese de que um manuscrito inédito com correções do autor tenha chegado até a editora. Por que a Civilização Brasileira e não a Garnier, que possuía os direitos da obra, teria essas correções?

A partir do cotejo das edições e da natureza das variantes, constatam-se divergências entre a redação do testemunho B em relação ao testemunho A em muitos lugares do texto. Conforme a análise quantitativa das variantes, nota-se um grande número de alterações no texto, sobretudo, omissões, que resultam num texto abreviado. Embora os casos de omissão sejam numerosos, seguidos pela substituição, observa-se que o número de lições coincidentes entre os testemunhos A e B supera o de lições não-coincidentes, o que aponta para duas possíveis direções: um modelo comum para A e B ou a filiação de B a A, mesmo que por algum outro testemunho com a redação completa. Considerando-se que B possui algumas lições que não constam em A, não seria possível ter o mesmo modelo como origem, uma vez

que o modelo também deveria conter essas lições variantes. Desta maneira, o mais provável seria que B derivasse de A, ou seja, a partir do modelo A, B inova o texto em alguns pontos.

Assim como há lições não-coincidentes entre A e B, nota-se a existência de lugares críticos entre B e C. O testemunho C é publicado pouco mais de setenta anos após a edição príncipe, ou seja, a obra já se encontrava em domínio público. Contudo, conforme visto no item 3.5 – capítulo 3, a Livraria Martins havia comprado de F. Briguiet & Cia. os direitos autorais de algumas obras, entre as quais poderia estar incluído *O Seminarista.* Se assim fosse, qual seria a motivação, neste caso, de republicar uma redação do texto modificada, considerando-se que, muito provavelmente, as duas edições da Livraria Martins foram publicadas no mesmo ano? Talvez esta pergunta permaneça sem resposta, pois torna-se difícil apurar as razões para duas publicações do texto no mesmo ano. Decorreriam do sucesso alcançado pela Coleção Excelsior? Sabe-se, de fato, que a Livraria Martins publica dois textos diferentes: a edição D, cujo modelo é a edição B, e a edição C, que conserva em alguns pontos o texto de B e C e em outros apresenta lições variantes.

Diferentemente do que é observado entre A e B, entre B e C o número de lições não-coincidentes é inferior, cerca de um terço dos casos entre A e B. Também neste caso, a natureza das lições variantes auxilia a determinação das relações de parentesco. O caso com o maior número de variantes é a substituição, o que aponta para uma manutenção do texto de B, visto que os mesmos lugares críticos de B são encontrados em C. De acordo com o mencionado no item 3.2 - capítulo 3, C poderia ter como fonte três modelos: A, B e D, uma vez que há casos em que C restaura lições de A, que foram alteradas em B. Neste caso, poder-se-ia pensar em duas possibilidades: C deriva de B e D, ou C, derivando de D, foi contaminado por B. Nota-se, assim, que apesar das variantes textuais, há a manutenção do texto B. Contudo, devido à natureza dessas emendas, que, muitas vezes, podem ser operadas a partir do contexto, a hipótese de contaminação torna-se inviável. Devido ao baixo número de lições não-coincidentes entre B e C, comparados a A e B, o que automaticamente acarreta um grande número de lições coincidentes, acredita-se que C seja derivado de B.

Diante do que foi exposto, nota-se, com efeito, a existência de duas redações: completa e abreviada. A completa, ao que pôde ser verificado, foi publicada ao longo da transmissão da obra até meados do século XIX, ao passo que, a redação abreviada, que surge em 1931, dá origem àquelas da década de 1940, que apresentam modificações de conteúdo, mas que ainda possibilitam a detecção de seu ascendente.

4.8 Perfil do editor do testemunho B

Considerando-se as alterações feitas ao texto, sobretudo, no testemunho da Civilização Brasileira, e partindo do pressuposto de que não são autorais, podemos tentar delinear o perfil intelectual do responsável pelo testemunho B, que muito provavelmente seria um editor da referida empresa. Para isso, valemo-nos da natureza, do comportamento e da frequência de algumas mudanças. Não tratar-se-ia, pois, de um caso isolado de nossa literatura, em que uma obra consagrada submete-se a uma pena que não é de seu autor, mas de outro. Caso semelhante é o da sexta edição de *Memórias de um sargento de* mílicias, de Manuel Antônio de Almeida, publicada em 1925, em que Monteiro Lobato configura-se como coautor da obra.[105]

A redução significativa do texto é patente e se evidencia não só por meio do grande número de omissões, mas também por meio dos casos em que a substituição é feita por uma palavra sinônima com um número menor de caracteres em relação à lição substituída. É o que se pode observar nos pares:

Tabela 4.27 - Substituição por sinônimo

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	senhora (cap. I)	d. (cap. I)
2	debaixo da (cap. I)	sob a (cap. I)
3	entretenimento (cap. III)	entretimento (cap. III)
4	tinha visos de (cap. VII)	parecia (cap. VII)
5	tractador da vida (cap. XVI)	trabalhador (cap. XVI)
6	entornava (cap. XVII)	vertia (cap. XVII)
7	precipitar-me (cap. XVIII)	cahires (cap. XVIII)
8	penivel (cap. XXI)	penosa (cap. XXI)

Nos casos acima, nota-se a substituição realizada em B por um sinônimo correspondente, mas que possui menos caracteres. Entre os exemplos, os mais chamativos são o primeiro e o quinto. No primeiro, ocorre a substituição por meio da abreviação e no quinto a construção “tractador da vida” é substituída pelo adjetivo “trabalhador” que poderia ser interpretado com o mesmo sentido. Da mesma natureza é a substituição que ocorre com a

[105] Cf. ESCOREL, 2002.

construção “tinha visos de” por “parecia”. Embora o sentido seja preservado, é notável o propósito de contenção.

Ainda sobre a redução, no que tange às omissões, nota-se a supressão recorrente de longos trechos descritivos (descrição das personagens, da paisagem, da cena), de fala do narrador, de predicativos. Em algumas passagens, o suposto editor parece atuar como censor, ou antes, alguém com uma postura mais puritana, ao suprimir trechos relacionados a um caráter mais humano (tópicos relacionados ao sentimento) e menos sagrado de Eugênio e Margarida:

Tabela 4.28 - Omissão (intencional)

	TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
1	Deus, Margarida e a musa formavão como uma tríplice aureola, que cingirião a fronte de Eugenio de gloria, amor e beatitude, se os destinos do homem pudesse correr sempre na vida serenos e risonhos, como soem se nos antolhar nos sonhos dourados de puerícia. (cap. V)	
2	Os versos de Eugenio erão apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, **algumas quadrinhas eróticas,** e estrophes sem nexo (cap. VI)	Os versos de Eugenio eram apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, e estrophes sem nexo (cap. VI)
3	sabia ainda conciliar o culto do creador com o **amor da creatura, em vez de ser considerada como um interessante phenomeno physiologico, como o idylio mavioso de um coração** de creança, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora (cap. VI)	sabia ainda conciliar o culto do creador com o de criança, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora (cap. VI)
4	Este dialogo era suspirado com voz tremula e abafada entre **comprimidos intervallos de soluços, caricias e beijos devorados** entre lagrimas, e ninguem poderia adivinhar que fundas tristezas, que anciosas e crueis inquietações se exhalavão n’aquelles timidos e sentidos arrulhos (cap. XIV)	Este dialogo era suspirado com voz tremula e abafada entre lagrimas, e ninguem poderia adivinhar que fundas tristezas, que anciosas e crueis inquietações se exhalavam naquelles timidos e sentidos arrulhos (cap. XIV)

Nos exemplos apresentados, observa-se a omissão de trechos ou ainda de parágrafos relacionados ao sentimento de Eugênio por Margarida e tudo o que isso acarretava, como o pensamento constante na amada, o desabrochar do amor, os versos escritos por ele, os beijos trocados entre os dois. Ao suprimir esses e outros trechos, dá-se origem a outra imagem do protagonista, que deixa de ser descrito como um jovem seminarista em conflito entre o

sacerdócio e o amor. Suprime-se também a opinião do narrador com relação ao sentimento do jovem seminarista, como se vê no exemplo 1. No segundo caso, a supressão de "algumas quadrinhas eroticas" parece ocorrer no sentido de que não condiria com a imagem de um futuro padre, uma vez que alguém em sua posição não poderia escrever versos de amor. É o que se verifica também no terceiro caso, onde o amor pela criatura (mulher) é substituído por amor de criança, gerando um sentido estranho frente ao que é dito sobre esse amor: "era pelo contrario aos olhos do fanatico preceptor um peccado abominavel, uma revoltante hypocrisia". Se o amor era infantil, por que considerá-lo um pecado abominável? Por fim, no quarto exemplo, omite-se parte da descrição da cena que ocorre após a despedida de Eugênio e Margarida. Ao ler-se o testemunho B, não é possível depreender a dramaticidade da despedida, quando em meio à voz trêmula e lágrimas, o casal se beija.

4.9 Edição crítica: perspectivas

Após confrontar testemunhos, percorrer parte da tradição da obra e analisar as variantes, a necessidade de preparar-se uma edição crítica torna-se evidente, na busca da fixação de um texto fidedigno[106].

A edição crítica deve consistir na publicação do testemunho A, seguido pelo seu aparato, que deve conter as variantes divergentes encontradas nos outros testemunhos, as quais devem ser descritas, analisadas e investigadas, sob o ponto de vista gráfico (ortografia, erros tipográficos, pontuação), gramatical, semântico-lexical e estilístico.

O objetivo da edição crítica deste romance não é a busca e reconstrução do original perdido, uma vez que se supõe que a edição príncipe foi revista pelo autor, e sim, a identificação das relações genealógicas das edições. O que se pretende mostrar são as alterações sofridas pelo texto com o decorrer dos anos.

Antes de tratar das variantes do texto, o editor deve se voltar para a questão do subtítulo *Romance brasileiro*, que está ausente das edições do Jornal do Brasil, Civilização Brasileira, Martins e Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, conforme tratamos no item 3.4.1.

[106] Nenhuma edição crítica será capaz de fixar definitivamente um texto.

A ortografia é um aspecto que também deve ser considerado, bem como a pontuação e a paragrafação, que é muitas vezes modificada em B e C, devido às omissões de parágrafos, quando há um rearranjo do texto. Preservar a ortografia original ou modernizá-la? E a pontuação: mantê-la ou alterá-la? Embora a resposta para esta pergunta não possa ser dada assim de pronto, a princípio podemos considerar que a ortografia, diacríticos e pontuação podem e devem ser atualizados, desde que não gerem alterações de sentido e de estilo (SANTIAGO-ALMEIDA, 2010: 191). A publicação do texto com a ortografia original interessaria apenas aos leitores especializados ou pesquisadores.

A autoria das variantes também deve ser objeto de estudo, visto que os dois textos abreviados vêm a lume cerca de sessenta anos após a edição príncipe, o que leva às seguintes hipóteses: a primeira, e mais plausível, é que se trata de um texto não-autoral. As alterações não foram feitas por Bernardo Guimarães. A segunda hipótese, pouco provável, é que a Civilização Brasileira teve acesso a um manuscrito perdido, no qual constariam as alterações ao texto.

A partir da natureza das alterações, algumas perguntas são colocadas ao editor crítico: qual é o perfil intelectual do editor do texto abreviado? Seria uma prática da época alterar o texto sem qualquer culpa ou preocupação?

O que poderia ser visto como falta de apuro do autor, pode ter sido visto de outra maneira pelo(s) editor(es), que se coloca(m) como coautor(es) do texto. Cabe orientar as modificações estéticas das alterações, analisar em que medida afetam e alteram a obra.

A história das edições do romance expõe um problema sério com relação aos direitos autorais. Embora tenha havido muitas mudanças no que tange à lei de direitos autorais, sobretudo entre fim do século XIX e meados do XX, na época em que a Civilização Brasileira publicou *O Seminarista*, ainda não se tratava de uma obra em domínio público, os direitos pertenciam à Garnier, que os havia comprado de seu autor. Deste modo, não só as edições de 1931, 1944 e 1949 não são autorizadas, como também as de 1899[107], 1923 e 1928. O fato é que todas estas edições são póstumas, já não havia mais a possível intervenção do autor, principalmente em termos legais. Isto nos leva a supor que, em se tratando de um texto cujo autor havia morrido, não havia qualquer preocupação quanto à sua fidedignidade. Contudo, não estamos tratando aqui de editoras pouco conhecidas (referindo-nos às edições de B e C) e

[107] A edição de 1941 é autorizada, uma vez que a Garnier foi vendida a Ferdinand Briguiet (F. Briguiet) com todos os direitos autorais de valor (HALLEWELL, 2005: 268).

sim de grandes empresas conhecidas não só pela sua importância no mercado editorial, mas também por terem publicado títulos importantes. Não estamos também diante de um texto pouco conhecido. Por meio do número de edições do romance é possível notar a popularidade que ele havia alcançado.

Conforme mencionado anteriormente, não há qualquer referência, nas edições da redação abreviada, ao exemplar utilizado como base, ou ainda às alterações realizadas. Todavia, há na folha de rosto da edição de 1931 uma breve descrição que dá ao leitor pistas sobre o conteúdo do romance.

A edição do romance é fundamental a partir dos problemas que apresenta ao longo de sua tradição. As alterações são de tal maneira profundas, que não se pode pensar senão em outra obra, escrita por uma mão que não pertence a Bernardo Guimarães. A reconstituição das relações de parentesco dos testemunhos e o estabelecimento do texto que visa a preservar uma grande obra da literatura relegada ao olvido há muito tempo é de grande valia aos estudos filológicos e literários. Valendo-nos das palavras de Caroline Macé "every text deserves to be well edited, even if no one is going to read it"[108].

[108] "Todo texto merece ser bem editado, mesmo que ninguém irá lê-lo" (tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

A partir da colação entre treze testemunhos de *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, constatamos a existência de duas redações, uma completa e outra abreviada. A redação completa, que consta na edição príncipe, é publicada em 1872 por B. L. Garnier e republicada até meados do século XX. A redação abreviada data de 1931 e é publicada inicialmente pela Civilização Brasileira. É depois republicada pela Livraria Martins, na década de 1940, com variações redacionais.

As lições variantes encontradas após a colação entre os testemunhos foram classificadas com base na proposta de Blecua (1983). Examinaram-se casos de adição, alteração de ordem, omissão e substituição de caracteres e palavras, omissão de trechos e parágrafos, mudanças na paragrafação e reelaboração textual. A fim de apurar a existência de tendências de variação predominantes entre as lições variantes, foi feita uma análise quantitativa. A frequência de variantes mostrou que as omissões constituem quase 50% dos casos de variação no testemunho B, o que indica forte redução do texto. O segundo caso mais expressivo é o das substituições. Em C, há mais substituições do que omissões, o que indica manutenção da redação abreviada, embora com alterações. Devido à alta frequência de omissões na redação abreviada, levantamos a hipótese de haver uma intenção editorial que controlou a redução do texto. Contudo, não é possível apurar se essa intenção deve-se, por exemplo, a gastos com a produção editorial, a fim de diminuir-se o número de páginas, ou se a redução do texto decorre de motivações estilísticas, uma vez que grande parte das alterações ocorre em trechos descritivos.

Por meio de adições, omissões, substituições e reelaborações de palavras, trechos e parágrafos do texto da edição príncipe, *O Seminarista* é alterado, dando origem a outra redação do romance e a um novo ramo na tradição da obra. Como é possível observar, os trechos alterados relacionam-se, principalmente, ao estilo descritivo do autor, que é descaracterizado a partir de tantas mudanças, uma vez que as variantes se dão, sobretudo, nas descrições das paisagens e das situações, nos diálogos do narrador com o leitor e nos diálogos entre as personagens. Como ainda não foi possível atestar a origem desta redação, não podemos falar em *erro*, entendido na Crítica Textual como aquilo que não é genuíno, não-autoral. Consideramos as modificações como *variantes*, por se tratar de um conceito descritivo e não interpretativo, tal como é o de *erro*.

Devemos chamar a atenção para o fato de que muitas das edições da obra que circulam em nosso mercado editorial não apresentarem qualquer informação acerca de qual edição tomaram como base. São poucos os exemplos que podemos citar, como o caso da Ediouro. Há ainda editoras que publicam a redação abreviada e apresentam-na como integral, como é o caso, por exemplo, da Ática.

Sendo *O seminarista* uma obra, atualmente, em domínio público, cresce a falta de rigor na elaboração de novas edições, visto que não é necessária a autorização ou o pagamento de direitos autorais a herdeiros para que uma nova edição seja feita.

A partir do exposto, evidencia-se a importância do estudo das fontes para situar os testemunhos no tempo e também para compreender melhor a história do texto. O estudo da cronologia das edições, especificamente no caso da Garnier, revela-se fundamental para a identificação e a tentativa de datação dos testemunhos, dada a falta de informações nos exemplares. Com relação às outras editoras, este estudo é importante na tentativa de compreender seu processo de edição no final do século XIX e meados do século XX. Daí a relevância não só do estudo da história das editoras, mas também da descrição bibliográfica dos exemplares, a qual busca mapear todas as informações possíveis a respeito de um exemplar, como a transcrição de sua folha de rosto, a descrição da encadernação, a tipografia, o colofão, a imprenta, o conteúdo e as descrições prévias.

Na tentativa de compreender as razões que motivaram a redação abreviada do texto, esboçamos um perfil intelectual de um dos editores / revisores, a partir das modificações no texto. Observou-se uma recorrência de supressão de trechos descritivos e também de passagens relacionadas ao sentimento amoroso do protagonista pela sua companheira de infância.

Sobre as relações de parentesco entre os testemunhos, ainda que um estema não tenha sido apresentado, observa-se que, apesar do grande número de lições não-coincidentes entre os testemunhos estudados, o número de lições coincidentes entre eles é muito maior. A existência de lugares críticos entre os testemunhos aponta para algumas direções, que só poderão ser traçadas com mais propriedade após análise minuciosa das lições variantes. Neste primeiro momento, consideramos que o testemunho A apresenta o texto em sua forma original, por encontrar-se na edição príncipe, que terá sido controlada pelo autor. Os testemunhos B e C, por estarem mais distanciados no tempo deste manuscrito e por apresentarem visíveis incoerências textuais frente a A, terão sido mais suscetíveis às

intervenções não-autorais. Os testemunhos abreviados C e D serão derivados de B, uma vez que se encontram naqueles testemunhos as mesmas lições variantes de seu modelo, além de outras que lhes são particulares. Considerando-se a datação dos testemunhos C e D, acreditamos que C é cópia de D.

Por fim, apontamos para a próxima etapa deste estudo, que pretendemos desenvolver em nível de doutoramento: a edição crítica da obra. Citamos os procedimentos e elementos que devem ser considerados em uma edição de *O Seminarista*, na busca de recuperar o texto original e de apresentar as vicissitudes pelas quais passou ao longo de sua transmissão.

6 BIBLIOGRAFIA

6.1 Obras de Bernardo Guimarães

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*: romance. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

A Ilha Maldita: romance phantastico. Rio de Janeiro: B .L. Garnier, 1879.

___. *Cantos da solidão*: poesias. Rio de Janeiro: Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1858.

___. *O bandido do rio das Mortes*: romance historico. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922.

___. *O Ermitão de Muquém ou a historia da fundação da romaria do Muquém, na província de Goiás*: romance de costumes nacionais. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1929.

___. *O Garimpeiro*: romance. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, s.d.

___. *O Índio Afonso.* Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1900.

___. *O Seminarista*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 258p

___. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1875]. 258 p.

___. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [s.d.]. 225 p.

___. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [1895]. 244 p.

___. Rio de Janeiro: Empresa Democrática, 1899.192 p.

___. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899.192 p.

___. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1917]. 244 p.

___. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923. 125 p.

___. Rio de Janeiro : Jornal do Brasil, 1928. 108 p.

___. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931. 172 p.

___. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1941. 158 p.

___. São Paulo: Moderna, 1988. (Travessias) 64 p.

___. São Paulo: Ática, 1989. (Série Bom Livro). 14ª.ed. 126 p.

___. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (Coleção Prestígio)12ª.ed. 139 p.

___. *Quatro romances: O Ermitão De Muquém; O Seminarista; O Garimpeiro; O Indio Afonso*. São Paulo: Martins, 1944.

___. *Quatro romances: O Ermitão De Muquém; O Seminarista; O Garimpeiro; O Indio Afonso*. São Paulo: Martins, s.d.

___. ___. São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

___. *Rosaura: a enjeitada*: romance brasileiro. São Paulo: Saraiva, s.d.

6.2 Sobre Bernardo Guimarães e *O Seminarista*

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Rio de Janeiro. *Arquivo Bernardo Guimarães.*

ALENCAR, Heron de. *O romancista Bernardo Guimarães.* Suplemento Literário, Minas Gerais, 18/07/1970.

ALPHONSUS, João. "Bernardo Guimarães, romancista regionalista". In FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *O romance brasileiro, de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, [1952]. p. 91-102

_____. *A posição moderna de Bernardo Guimarães.* Suplemento Literário, Minas Gerais. 18/07/1970.

ALMEIDA, Pires de. *A escola byroniana no Brasil.* São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura,1962. p. 177-188

AMORA, Antônio Soares. Três estudos. *Suplemento Literário*, Minas Gerais, 25/07/1970, p. 11.

ANDREWS JR., Norwood. "*O seminarista*, de Bernardo Guimarães: romance de transição". *Revista de Letras.* Assis: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (UNESP), 1963. vol. IV, p. 80-93.

ARAÚJO, Marco André Franco de. *O regionalismo e questões sociais em* O Seminarista *de Bernardo Guimarães.* Inhumas: Universidade Estadual de Goiás, 2008. (trabalho de conclusão de curso) 42 p.

ATAÍDE, Vicente. *A narrativa de Bernardo Guimarães.* Suplemento Literário, Minas Gerais. 15/01/1977.

AZEVEDO, Arthur. Bernardo Guimarães. *Almanaque*, de Heitor Guimarães, 1885. p. 223.

BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. *Parnaso mineiro*: noticia dos poetas da provincia de Minas Geraes. Ouro Preto: Provincia de Minas, 1887. p. 57-59

BANDEIRA, Manuel (organização e prefácio). *Antologia dos poetas brasileiros*: fase romântica. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1946. p.74-75

BEVILAQUA, Clóvis. *Epochas e individualidades*. Estudos litterarios. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

BOECHAT, Maria Cecília. "Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães". In: **CAMBRAIA**, César Nardelli; **MIRANDA**, José Américo. *Crítica textual:* reflexões e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual – Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 143-148

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1993.

BRINCHES, Victor Manuel Fernandes. *Dicionário biobibliográfico luso-brasileiro,* Rio de Janeiro, Editora Fundo Cultural, 1965, p. 317-318.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos e ultra-românticos*: vida literária brasileira. São Paulo: Polis/INL, 1979.

CALEGARI, Lizandro Carlos. A expressão do colonialismo em O seminarista, de Bernardo Guimarães. *Chasqui. Revista de Literatura Latinoamericana.* vol. 34, n. 1, maio 2005. p. 90-101.

CANDIDO, Antonio. "A poesia pantagruélica". In: ———. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 225-243.

———. "Bernardo Guimarães, poeta da natureza. In ____. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)* . São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009. 12ª. ed. p. 484-92 (1ª. ed. 1959)

———. Literatura de dois gumes. In: ———. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 163-180.

———. Literatura e subdesenvolvimento. In: ———. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

———. *Noções de análise histórico-literária.* São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, 2005.

———. "O contador de casos Bernardo Guimarães". In ____. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009. 12ª. ed. p. 549-56 (1ª. ed. 1959)

———. *O Romantismo no Brasil.* São Paulo: Humanitas- FFLCH-USP, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. p 102-104

CARVALHO, Aderbal de. *Esboços litterarios*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. p.84-85

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1937. 5ª.ed. p. 258-259.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: EDUSP, 2004. vol. I p. 238- 243

CAVALHEIRO, Edgar. *Panorama da poesia brasileira*, vol. II – *O Romantismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 77-84.

COELHO, José Maria Vaz Pinto. *Poesias e romances do dr. Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert & C., 1885.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones. *Bernardo Guimarães e o paraíso obsceno.* A floresta enfeitiçada e os corpos da luxúria no romantismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (tese de doutorado). Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/ irineueduardo_floresta.pdf>. Acesso em: 14/05/2010.

COUTINHO, Afrânio. "O regionalismo na ficção". in: *A literatura no Brasil.* 3ª.ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. v. 4. p. 4-36

___. & **SOUSA**, José Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. p. 810-811.

COSTA LIMA, Luiz. "Bernardo Guimarães e o cânone". In ___. *Pensando nos trópicos*. (Dispersa Demanda II) Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p. 241-252

CRUZ, Dilermando. *Bernardo Guimarães*: perfil bio-bibliolitterario. Contendo na íntegra o drama inédito: A voz do Pagé. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas, 1914. 2ª. ed.

DUTRA, Waltensir. ; **CUNHA,** Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. p. 47-58

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Bernardo Guimarães, pensador social”. In *Revista Brasileira de História da Educação*. Janeiro/abril 2008, n° 16. p. 87- 124

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Rio de Janeiro. *Pasta Bernardo Guimarães.*

FRANÇA, Carlos Ferreira. *O lirismo de Bernardo Guimarães* – These para o concurso de Professor Substituto de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Imperial Colégio Pedro II – Rio de Janeiro: Tip. de G. Leuzinger & Filhos, 1879. p. 36-42

GOMES, Ednaldo Cândido Moreira. *Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães.* Belo Horizonte: PUC, 2007. (dissertação de mestrado) Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=89993>. Acesso em: 11/01/2010.

GRAVATÁ, Hélio. *Bibliografia de e sobre Bernardo Guimarães*. Minas Gerais Suplemento Literário. Belo Horizonte: v. 5, n. 205, 01/08/1970. p. 8-12. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/exBernardoGuimarãeser/exbSup.asp?Cod=05020508197008-05020508197009-05020508197010-05020508197011-05020508197012>. Acesso em: 20 de março de 2009.

GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. 1932. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947. 2ª.ed. rev. p. 35-36

GUIMARÃES, Armelim. *E assim nasceu A escrava Isaura.* Brasília: Senado Federal. Centro Gráfico, 1985.

GUIMARÃES, Bernardo. *Contrato para Baptiste Louis Garnier*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1872. 1f.

GUIMARAENS, Alphonsus. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 47-48

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus Henriques. “Bernardo Guimarães e o processo de Catalão”, Minas Gerais (Suplemento Literário), Belo Horizonte, ano V, n.204, de 25 de julho de 1970, p. 3-5.

HADDAD, Jamil Almansur. “Introdução a Bernardo Guimarães”. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano XIX, vol. CLII – outubro de 1952, p. 41-47

HOMENAGEM A BERNARDO GUIMARÃES. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

LIMA, Augusto de. Bernardo Guimarães. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n°47, novembro de 1925, p. 229-239.

LIMA, Israel Souza. (org.) *Biobibliografia dos patronos:* Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000. (Coleção Afrânio Peixoto, vol. 3)

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Cidades mortas.* São Paulo: Brasiliense, 1965.

MACHADO, António Alcântara. "O fabuloso Bernardo Guimarães" in *Cavaquinho e saxofone.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940. p. 215-224

MAGALHÃES, Basílio. *Bernardo Guimarães*: esboço biográfico e crítico. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976-1978

MASCARENHAS, Alexandre Ferreira. *Cadernos Ofícios: Casa Bernardo Guimarães*. Ouro Preto: FAOP, 2008.

MIRANDA, José Américo. *Bernardo Guimarães:* crítico de Gonçalves Dias. 2003. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(2003)bernardo.pdf>. Acesso em: 30/09/2009.

MELLO, José Alexandre Teixeira de. Bernardo Guimarães. *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, I/11, 20 de março de 1884.

MIRANDA, José Américo. Bernardo Guimarães, crítico de Gonçalves Dias. *Revista do Centro de Estudos Portugueses.* Belo Horizonte, v.23, n.32, p. 13-19, jan. /dez. 2003. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(2003)bernardo.pdf>. Acesso em: 11/01/2010.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*: romantismo. v.2. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOTA, Arthur. *Vultos e livros*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921. p. 107-118

NOGUEIRA, Almeida. *A academia de São Paulo*: tradições e reminiscências: estudantes, estudantões, estudantadas: edição comemorativa do sesquicentenário dos cursos jurídicos no Brasil, 1827-1977. (notas e acréscimos de Carlos Penteado de Rezende). São Paulo: Saraiva, 1977. Vol. III - 3. ed.

OLIVEIRA, Martins de. "A prosa – advento do romance – conto" in *História da literatura mineira.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1963. p.113-114

ORBAN, Victor. *Litterature bresilienne*. Paris: Librairie Garnier Fréres, 1910. 2ª. Ed. p. 120

O Waggon. Uberaba, MG: Empreza d'O Waggon, 1884. Anno 1, n.1 (03 de fevereiro de 1884)-anno 1, n.52 (01 de fevereiro de 1885).

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de historia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1931. p.264

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. O Seminarista. *Suplemento Literário*, Minas Gerais, 18/07/1970. p. 5

___.*Estudos literários.* Rio de Janeiro: J. Olympio, [1971]. p.29-42

PUBLICAÇÕES. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typografia do Diário. Ano 55. n° 257, 21 de set. 1872. p. 2.

QUEIROZ, Maria José de . "Convite à leitura de Bernardo Guimarães" in *Colóquio – Letras*, Lisboa, n. 83, janeiro de 1985, p. 21-33

Revista da Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, v. 21, 1955-1959. p.171-172.

Revista ilustrada. Rio de Janeiro, n. 375, março de 1884.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1944. p.302-310

ROMERO, Silvio. *Estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. (Rio de Janeiro: Laemmert, 1885). p. 35-39

___. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960. 3ª. ed. vol. III. p.297-313. (1ª.ed. 1888)

___. *Evolução da literatura brasileira (vista sintética)*. S.l.: Campanha, 1905.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario bibliographico brazileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. vol. 1 p.413

SALES, Germana Maria Araújo. *Folhetins:* uma prática de leitura no século XIX. Entrelaces. Agosto 2007. p. 44-56.

SANTOS, Carlos José dos. *Bernardo Guimarães na intimidade*. Belo Horizonte: Typ. Antunes, 1928. 30p. ref.: in Revista do Archivo Publico Mineiro. p.183-197 Disponível em:<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtexport/makepdf.php?cid=618&mid=31&full_pdf=1>. Acesso em: 31 de agosto de 2008.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez estudos de Innocencio Francisco da Silva, aplicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional: 1867. 1. 8 p. 393-394

SILVA, Ozângela de Arruda. *Da Europa ao Ceará:* a circulação de romances e suas conexões comerciais no século XIX. II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<http://www.uff.br/lihed/segundoseminario/index.php/component/content/article/37-por-autor-nome/106-de-n-a-q#ozasilva>. Acesso em: 30/07/2010.

SOARES, A. J. de Macedo. *Harmonias brasileiras*. São Paulo: Imparcial, 1859.

SOUTO, M. *O Mosquito*: jornal caricato e critico. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 5 de out. 1872. p. 7

SÜSSEKIND, Flora. "Bernardo Guimarães: romantismo com pé-de-cabra".In ___. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. p. 151-164

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides mineiras* (1664-1897). Ouro Preto : Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. p. 302-307 -

VELHO SOBRINHO, João Francisco. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: [Oficinas graficas irmãos Pongetti] p. 309-312

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira.* 2ª. série. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (Bernardo Guimarães, p. 253-264)

___. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p.286-291.

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas*: A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. (Coleção Prismas). p.160-170

ZICA, Matheus da Cruz e; **FARIA FILHO**, Luciano Mendes de. *A obra de Bernardo Guimarães como fonte para história da educação*. III Congresso Brasileiro de História da Educação – PUCPR, 2004. Disponível em: <www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../324.pdf>. Acesso em:15/09/2009.

_____.*Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883).*Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (dissertação de mestrado)

6.3 Crítica textual

AVALLE, D´Arco Silvio. *Principî di critica testuale*. Padova: Antenore, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário de Azevedo. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: São Paulo: Presença: EDUSP, 1987.

BERNABE, Alberto. *Manual de critica textual y edición de textos griegos*. Madrid: Clásicas, 1992.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983 [reimpr.: 1990].

BÖDEKER, Hans Erich. *Histoires du Livre*. Nouvelles Orientations, Paris: IMEC, 1995.

BOWERS, Fredson. *Principles of bibliographical description*. Princeton: Princeton University Press, 1949.

___. *Bibliography and textual criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1964.

BUENO, Francisco Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1946 [3ed. 1959].

CAMBRAIA, César Nardelli. & **MIRANDA**, José Américo (orgs.). *Crítica textual*: reflexões e práticas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

___. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

___. ; **LARANJEIRAS**, Maíra Borges. Tipologia dos erros na tradição latina do livro de Isaac. *Caligrama – Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 7-48, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária.* São Paulo: Humanitas, 2005.

CASTRO, Ivo; **RAMOS**, Maria Ana. "Estratégia e Táctica da Transcrição", Paris, Foundation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais (Separata de Critique Textuelle Portugaise – Actes du Colloque – Paris, 20-24 octobre 1981, pp. 99-119), 1986.

___. "Filologia". In : Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa. Lisboa, Verbo, 1995.

CEIA, Carlos. *E- Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 28/10/2009.

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante*. Paris: Ed. du Seuil, 1981.

CUNHA, Celso. Breves considerações sobre a tipologia dos erros ou variantes em crítica textual. *Bracara Augusta*, Braga, n.39, pp.415-27, 1985.

DIAS, João José Alves. *Iniciação à bibliofilia*. Lisboa: Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994.

FAULHABER, Charles. Textual criticism in the 21st century. *Romance Philology*, Berkeley, XLV, n. 1, p. 123-48, aug. 1991.

GASKELL, Philip. *A new introduction to bibliography.* Oxford: Oxford University Press, 1972.

GREG, Walter Wilson. What is bibliography. *Transactions of the Bibliographical Society*, London, vol. XII, pp. 39-53, 1914 [repr.: Nendeln: Kraus Reprinto Limited, 1967].

___.The Rationale of Copy Text. *Studies in Bibliography*, vol. 3. Charlottesville, 1950-1951. p. 19-36.

HAY, Louis. *La naissance du texte*. [S. l.]: José Corti, 1989.

HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia*: verificação, estabelecimento, edição de textos. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MASS, Paul. *Textual criticism*. London: Oxford University Press, 1958.

MCKENZIE, D.F. *La bibliographie et la sociologie des textes.* Trad. Marc Amfreville. Paris: Ed. du Cercle de la Librairie, 1991. Título original: Bibliography and the sociology of texts.

NASCIMENTO, Aires. A. "Prática de leitura e exercício filológico de crítica textual: a vida do texto e do livro", in Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, vol. II, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 505-520, 1997.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *A Lição do Texto*. Filologia e Literatura. I – Idade Média. Lisboa: Edições 70, 1979.

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para uma nova edição crítica de Dom Casmurro. *Caligrama – Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 189-202, 2010.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edóctica*. Crítica Textual. São Paulo: Ars Poética: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 2ª. ed. rev.e atual.

SPAGGIARI, Barbara. & **PERUGI**, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

XAVIER, Maria Francisca; **MATEUS**, Maria Helena (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990.

6.4 História do livro e processo editorial

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro*: impressores bibliográficos, 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984.

BRITO, Mario da Silva. “Breve história de uma editora ou Memória de um amigo do, da e dos Martins”. In: MARTINS 30 anos. São Paulo: Martins, 1967. Ed. comemorativa do trigésimo aniversário de fundação da Livraria Martins Editora.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de & **PERICÃO,** Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

GREETHAM, D. C. *Textual scholarship*: an introduction. New York: Garland Pub, 1994.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2005. 2ª. ed. rev. e ampl.

LOPES, Moacir C. *A situação do escritor e do livro no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1978.

MARIZ, Ana Sofia. *Editora Civilização Brasileira:* O design gráfico de um projeto editorial (1959-1970). Rio de Janeiro, 2005. 180 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anasofia.net/pdf/dissertacao4.pdf>. Acesso em: 04/02/2011.

MARTINS 30 anos. São Paulo: Martins, 1967. Ed. comemorativa do trigésimo aniversário de fundação da Livraria Martins Editora.

MCKERROW, Ronald B. *Introducción a la bibliografia material*. Madrid: Arco/Libros, 1998.

MCMURTRIE, Douglas C. *O livro*: impressão e fabrico. Trad. Maria Luisa Saavedra Machado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1969. Original inglês.

NIEMEYER, Lucy. *Tipografia:* uma apresentação. Rio de Janeiro: 2AB, 2001. 2ª. ed.

OLIVEIRA, Luciane Moreira de. *Entre textos e imagens: editores e impressos na* Revista Illustrada. I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial. (anais) 8 a 11 de novembro de 2004. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/lucianemoreira.pdf>. Acesso em: 13/04/2011.

PAIXÃO, Fernando. (coord.). *Momentos do livro no Brasil.* São Paulo: Ática, 1996.

SENNA, Ernesto. História da Livraria Garnier. *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1910. p. 106-113.

6.5 Outros

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. São Paulo: Paulus. 1990.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (De 24 de fevereiro de 1891). Artigo 72, §26, do Título IV ("Dos Cidadãos Brasileiros"), Seção II ("Declaração de Direitos"). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ ConstituiCAao91.htm>. Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890**.** Código Penal da República. capítulo V ("Dos crimes contra a propriedade litteraria, artistica, industrial e commercial"), seção I ("Da violação dos direitos da propriedade litteraria e artistica'), artigos 342-350. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830**.** Código Criminal do Império, parte III, título III ("Crimes contra a propriedade"), art. 261 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm> Acesso em: 15/08/2010.

BRASIL. Lei n.°496 (Lei Medeiros de Albuquerque), de 01 de agosto de 1898. Define e garante os direitos autorais. Art. 3°. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/republica/leis1898p1780p/pdf02.pdf#page=3>. Acesso em: 15/10/2010.

BRASIL. Lei n° 5.988, de 14 de dezembro de 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5988.htm>. Acesso em: 15/10/2010.

ESCOREL, Lílian. *Edição lobatiana das memórias de um Sargento de Milícias: um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no Brasil*. São Paulo: 2002. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

LOPEZ, Telê Ancona. "Nos caminhos do texto" *in* ANDRADE, Mário de. *Macunaíma.* (Edição crítica Telê Porto Ancona Lopez) 2ª. ed. Allca xx/ Edusp, 1996. p. LXI

MAUPASSANT, Guy de. *Bel Ami.* São Paulo: Martins, 1943.

MORAES, Marcos Antonio. (org.) *Mário, Otávio.* Cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944). São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1862. Disponível em: <http://purl.pt/17362/2/l-280-v_PDF/l-280-v_PDF_24-C-R0150/l-280-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 20/11/2011.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro Ribeiro. *Serões grammaticaes ou nova gramatica portugueza*. Bahia: Imprensa Popular, 1890.

___.____. Bahia: Progresso, 1950. 5ª ed.

6.6 Websites

BIBLIOTECA VIRTUAL DE LITERATURA. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/>. Acesso em: 15/08/2009.

DEDALUS. Catálogo on-line das bibliotecas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.sbd.fflch.usp.br/site/modules/tinycontent/index.php?id=4>. Acesso em: 03/07/2009.

DOMÍNIO PÚBLICO. Biblioteca digital desenvolvida em software livre. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>

EDITORA ÁTICA. Disponível em: <http://www.atica.com.br/>. Acesso em: 20/03/2010.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <http://www.bn.br>. Acesso em: 10/07/2009.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acesso às bases eletrônicas. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=6> . Acesso em: 13/07/2009.

GLOSSÁRIO DE CRÍTICA TEXTUAL. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>. Acesso em: 10/12/2011.

GRUPO EDITORIAL RECORD. Disponível em: <http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=5>. Acesso em 20/12/2010.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. Pesquisa no arquivo. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/GEADOPAC/>. Acesso em: 12/07/2009.

TEXTUAL SCHOLARSHIP. Disponível em: <http://www.textualscholarship.org/index.html>. Acesso em: 03/10/2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação. Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br>. Acesso em: 08/07/2009.

ANEXOS

ANEXO A - Descrição bibliográfica dos exemplares

1. B.L. Garnier, 1872

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1872.

O | SEMINARISTA | ROMANCE BRASILEIRO | POR | B. GUIMARÃES | − | RIO DE JANEIRO | B.L. GARNIER | LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO | 69, Rua do Ouvidor, 69

Imprenta: (capa) RIO DE JANEIRO| B.L.GARNIER| LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO| 69, Rua do Ouvidor, 69

(v.f.f.r.): TYP. FRANCO-AMERICANA, rua da Ajuda n. 18

(p. *cclix*): TYP. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda, 18 – 1872

Formato: 122 x 77 mm[109]

Suporte material: microfilme

Colofão: (p. *cclx*) TYP. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda, 18 – 1872.

Conteúdo: (v. capa) 'Obras que se achão á venda na mesma Livraria' [29 títulos divididos em quatro seções de acordo com os autores. Inicia-se com 'O ermitão do Muquem' de Bernardo Guimarães e termina em 'Luciola' de J. de Alencar]. (p. *i.* f. f. r.) título do livro no centro da página. (p. *ii* v. f.f.r.) 'Obras do mesmo autor' [5 títulos. Inicia-se com 'Historias e Tradicções da Provincia de Minas-Geraes' e termina com 'Poesias. Cantos da solidão']. Na parte inferior da página |TYP. FRANCO-AMERICANA, rua da Ajuda, n. 18.| (p. *iii*) f.r.. (p. *iv* – v.f.r.) Em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (p. 5) texto, encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo 'I'. (p.14) em branco. (p.15) texto encabeçado 'II'. (p.25) texto encabeçado 'III'. (p. 35) texto encabeçado 'IV'. (p. 46) em branco. (p.47) texto encabeçado 'CAPITULO V'. (p.57) texto encabeçado 'CAPITULO VI'. (p.67)

[109] Visto que o livro foi consultado em microfilme, retiramos as medidas de LIMA (2000: 144).

texto encabeçado ‘CAPITULO VII’. (p.78) em branco. (p.79) texto encabeçado ‘CAPITULO VIII’. (p. 90) em branco. (p. 91) texto encabeçado ‘CAPITULO IX’. (p. 106) em branco. (p. 107) texto encabeçado ‘CAPITULO X’. (p.118) em branco. (p. 119) texto encabeçado ‘CAPITULO XI’. (p. 129) texto encabeçado 'CAPITULO XII’. (p.139) texto encabeçado ‘CAPITULO XIII’. (p.148) em branco. (p. 149) texto encabeçado ‘CAPITULO XIV’. (p. 158) em branco. (p. 159) texto encabeçado ‘CAPITULO XV’. (p.169) texto encabeçado ‘CAPITULO XVI’. (p.178) texto encabeçado ‘CAPITULO XVII’. (p.187) texto encabeçado ‘CAPITULO XVIII’. (p.200) em branco. (p. 201) texto encabeçado ‘CAPITULO XIX’. (p. 211) texto encabeçado ‘CAPITULO XX’. (p.220) em branco. (p. 221) texto encabeçado ‘CAPITULO XXI’. (p. 230) em branco. (p. 231) texto encabeçado ‘CAPITULO XXII’. (p. 240) em branco. (p. 241) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIII’. (p. 253) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIV’. (p. 258) depois do texto. FIM. (p. *cclix*) 37 títulos à venda pela editora divididos pelos autores, totalizando 16 divisões. Inicia-se com ‘Contos Fluminenses’ de Machado de Assis e termina em ‘Julia’ de Octavio Feuillet. (p. *cclx*) 30 títulos a venda pela editora divididos pelos autores, totalizando em 23 divisões. Inicia-se em ‘O Marquez de Pombal’ de Cl. Robert e termina em ‘Por causa de [Maria] Pataca’ de J.A. Ribeiro de Rezende. Abaixo da lista, imprenta com data de publicação.

Tipografia: 1 coluna. 26 linhas

Encadernação: capa de brochura[110]. [ornamento] BERNARDO GUIMARÃES | − |O | SEMINARISTA| ROMANCE BRASILEIRO| − | RIO DE JANEIRO | **B. L. GARNIER** | LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO| 69, Rua do Ouvidor, 69 | (parte interna da capa) ‘Obras que se achão á venda na mesma Livraria’ [29 títulos divididos em quatro seções de acordo com os autores. Inicia-se com ‘O ermitão do Muquem’ de Bernardo Guimarães e termina em ‘Luciola’ de J. de Alencar]| contracapa em branco

Particularidades: (capa) anotação manuscrita no c.s.d. ‘10-87’ (p. *i*) anotação manuscrita na parte superior da folha ‘80, 2, 31’. (p. *iii*) anotação da data manuscrita logo abaixo da imprenta ‘[1872]’. Na parte inferior da página, carimbo da Bibliotheca de F.R. Paz – Rio. (p. *iv*) Em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do

[110] Devido a consulta em microfilme não foi possível fornecer mais informações a respeito da encadernação, uma vez que não é permitida ao consulta ao original na Fundação Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro no c.i.e., (p. 33) anotação manuscrita e carimbo da BN no lado esquerdo logo abaixo do texto. (p. 257) é numerada '27'.

Exemplar examinado: BN OR 392 [3]

Notas: Ao contrário do que afirma LIMA (2000:145), trata-se sim de um exemplar datado. A datação está no colofão localizado na página *cclx*.

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 144-5.

2. B.L. Garnier, [1875]

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, [1875].

O | SEMINARISTA | ROMANCE BRASILEIRO | POR | B. GUIMARÃES | − | RIO DE JANEIRO | **B.L. GARNIER |** LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO | 69, Rua do Ouvidor, 69

Imprenta: (p. *i* – v.f.f.g.) TYP. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.

(p. *iii* f.r.) RIO DE JANEIRO | **B.L. GARNIER** | LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO | 69, Rua do Ouvidor, 69

(p. *cclx*) TYP. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.

Formato: 145 mm x 120 mm.

Suporte material: cartáceo

Colofão: TYP. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18

Conteúdo: (p. *i* f.f.g.) título da obra. (p. *ii* v.f.f.g.) Obras do mesmo autor: [5 títulos de autoria de Bernardo Guimarães. Inicia-se por 'Historias e tradicções da provincia de Minas-Geraes' e termina com 'Poesias. Cantos da Solidão'. no fim da página, imprenta: Typ. Franco-Americana, r. d'Ajuda 18. (p. 5) Título 'O Seminarista' com texto encabeçado 'I'.(p. 14) em branco. (p. 15) texto encabeçado 'II'. (p.25) texto encabeçado 'III'. (p. 35) texto encabeçado 'IV'. (p. 46) em branco. (p. 47) texto encabeçado 'V'. (p. 57) texto encabeçado 'CAPITULO VI'. (p. 67) texto encabeçado 'CAPITULO VII'. (p. 78) em branco. (p. 79) texto encabeçado 'CAPITULO VII'. (p.90) em branco. (p. 91) texto encabeçado 'CAPITULO IX'. (p. 106) em branco. (p. 107) texto encabeçado

‘CAPITULO X’. (p. 118) em branco. (p. 119) texto encabeçado ‘CAPITULO XI’. (p. 129) texto encabeçado ‘CAPITULO XII’. (p. 139) texto encabeçado ‘CAPITULO III’. (p. 148) em branco. (p. 149) texto encabeçado ‘CAPITULO XIV’. (p. 158) em branco. (p. 159) texto encabeçado ‘CAPITULO XV’ (p. 169) texto encabeçado ‘CAPITULO XVI’. (p. 178) texto encabeçado ‘CAPITULO XVII’ (p. 187) texto encabeçado ‘CAPITULO XVIII’. (p. 200) em branco. (p.201) texto encabeçado ‘CAPITULO XIX’. (p.211) texto encabeçado ‘CAPITULO XX’. (p.220) em branco. (p. 221) texto encabeçado ‘CAPITULO XXI’. (p. 230) em branco. (p.231) texto encabeçado ‘CAPITULO XXII’. (p. 240) em branco. (p. 241) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIII’. (p. 253) texto encabeçado ‘CAPITULO XXIV’. (p.258) depois do texto ‘FIM’. (p. *cclix*) ‘Obras que se achão á venda pela mesma Livraria’ [24 títulos, divididos pelos autores, totalizando 5 divisões. Inicia-se com ‘Til’ de J. de Alencar e termina com ‘Phalenas’ de Machado de Assis].(p. *cclx*) continuação dos títulos à venda pela editora [19 títulos, divididos pelos autores, totalizando em 10 divisões. Inicia-se com ‘Mosaico Brasileiro’ de Moreira de Azevedo e termina com ‘O espião prussiano’ de V. Valmont]. após a lista, imprenta |Typ. Franco-Americana, r. d’Ajuda 18|.

Tipografia: 1 coluna. 26 linhas. 117 mm x 78 mm

Encadernação: capa dura, estampa marmorizada azul e bege. Meio lombo em couro, cor azul. Parte interna da capa, ex. libris de José Mindlin. Parte interna da capa e folha de guarda, papel estampado azul e bege. Contracapa estampa marmorizada azul e bege.

Particularidades: (f.r.) com datação manuscrita abaixo da imprenta. (p. 68) numerada do lado direito.

Exemplar examinado: Biblioteca José Mindlin P14e – Klucel - CepaLM

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8.

3. H. Garnier [1895]

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895].

O | SEMINARISTA| ROMANCE BRASILEIRO |POR | B. GUIMARAES | - | RIO DE JANEIRO| H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR| 71, RUA DO OUVIDOR, 71| E | 6, RUA DOS SAINTS-PÈRES, 6| PARIS

Imprenta: (f.r. p. *v.*) RIO DE JANEIRO| H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR| 71, RUA DO OUVIDOR, 71| E | 6, RUA DOS SAINTS-PÈRES, 6| PARIS

(p. *ccxliv*) Paris. TYP. GARNIER IRMÃOS, 6, rua dos Saints-Pères. 456.9.95

Formato: 175 mm x 120 mm.

Suporte material: cartáceo

Colofão: Paris. TYP. GARNIER IRMÃOS, 6, rua dos Saints-Pères. 456.9.95

Conteúdo: (p. *v.* f.r.) título da obra. (p.*vi*) em branco. (p. 5) Título 'O Seminarista' com texto encabeçado 'I'. (p.10) em branco. (p.11) texto encabeçado 'II'. (p. 21) texto encabeçado 'III'. (p. 30) em branco. (p. 31) texto encabeçado 'IV'. (p. 41) texto encabeçado 'V'. (p. 51) texto encabeçado 'VI'. (p.60) em branco. (p. 61) texto encabeçado 'VII'. (p. 71) texto encabeçado 'VIII'. (p. 81) texto encabeçado 'IX'. (p. 96) em branco. (p. 97) texto encabeçado 'X'. (p. 108) em branco. (p. 109) texto encabeçado 'XI'. (p. 118) em branco. (p. 119) texto encabeçado 'XII'. (p. 128) em branco. (p. 129) texto encabeçado 'XIII'. (p. 138) em branco. (p. 139) texto encabeçado 'XIV'. (p. 147) texto encabeçado 'XV'. (p. 157) texto encabeçado 'XVI'. (p. 166) em branco. (p. 167) texto encabeçado 'XVII'. (p. 176) em branco. (p. 177) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 189) texto encabeçado 'XIX'. (p. 198) em branco. (p. 199) texto encabeçado 'XX'. (p. 207) texto encabeçado 'XXI'. (p. 216) em branco. (p. 217) texto encabeçado 'XXII'. (p. 226) em branco. (p. 227) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 239) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 244) depois do texto 'FIM'.

Tipografia: 1 coluna. 26 linhas. 125 mm x 79 mm

Encadernação: capa dura não original, cor azul. Meio lombo e guarda, cor azul, em couro. Parte interna da capa e folha de guarda, papel estampado azul. Parte interna da contracapa, papel estampado azul. Lombo danificado, no primeiro entre-nervo, em letras douradas 'BERNARDO| GUIMARÃES', no último, etiqueta de tombo, cor branca.

Particularidades: anotações manuscritas a lápis na (p. *iii* f.g.). No c.s.e. '$', no c.s.d. 'P/ 5425' e uma rubrica. No c.i.d. '1895', logo abaixo '~~1872~~' e '1ª.'.(p. 65) correção

manuscrita a lápis azul na 23ª. linha ‘~~h~~allucinações’. (p. 69) correção manuscrita a lápis azul na 15ª. linha ‘~~h~~allucinações’. (p. 204) correção manuscrita a lápis azul na 12ª. linha ‘~~h~~allucinações’, na 19ª. linha foi escrita a letra ‘s’ em cima da letra ‘c’ em ‘anciedade’. (p. 205) correção manucrista a lápis azul, na 6ª. linha foi escrita a letra ‘s’ em cima da letra ‘c’ em ‘ancias’.(p. 221) correção manuscrita a lápis azul na 1ª. linha, mudança de posição do pronome ‘se’ em ‘casou-se’.(p. 223) correção manuscrita a lápis azul na 21ª. linha, mudança de posição do pronome ‘te’ em ‘matei-te’. (p. *ccli*) anotação manuscrita a lápis no canto superior esquerdo em três linhas ‘CZ$ 400,00’, ‘~~1ª. ed. raro’~~, ‘2ª.ed-’.

Exemplar examinado: Unicamp – IEL – Literatura Brasileira – 1as. Edições 235569/IEL 23617

Descrições prévias: LIMA, 2000:147.

4. Empreza Democratica, 1899

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: Empreza Democratica, 1899.

Bernardo Guimarães| O SEMINARISTA| - | ROMANCE BRASILEIRO- | RIO DE JANEIRO| Empreza Democratica Editora | - | 1899

Imprenta: (f.r.) RIO DE JANEIRO| Empreza Democratica Editora| - | 1899

Formato: 133 mm x 76 mm[111]

Suporte material: microfilme

Conteúdo: (f.g.) título. (v.f.g.) em branco. (f.r.) Folha de rosto. (v.f.r.) em branco, anotações manuscritas e carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (p.5) ornamento, texto encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo ‘I’. (p.12) texto encabeçado ‘II’. (p. 20) texto encabeçado ‘III’. (p.27) texto encabeçado ‘IV’. (p. 36) texto encabeçado ‘V’. (p.43) texto encabeçado ‘VI’. (p.51) texto encabeçado ‘VII’. (p.59) texto encabeçado ‘VIII’. (p.68) texto encabeçado ‘IX’. (p. 80) texto encabeçado ‘X’. (p. 88) texto encabeçado ‘XI’. (p. 96) texto encabeçado ‘XII’. (p.104) texto encabeçado ‘XIII’. (p.111) texto encabeçado ‘XIV’. (p.118) texto encabeçado ‘XV’.

[111] Devido à consulta em microfilme, retiramos esta informação de LIMA, 2000: 149.

(p.126) texto encabeçado ‘XVI’. (p.133) texto encabeçado ‘XVII’. (p.140) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 150) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 158) texto encabeçado ‘XX’. (p.165) texto encabeçado ‘XXI’. (p.177) texto encabeçado ‘XXII’. (p.179) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 188) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 192) depois do texto ‘FIM’.

Tipografia: 1 coluna. 33 linhas. 125 mm x 75mm[112].

Encadernação: capa dura, na cor marrom, meio lombo em couro na cor preta. No lombo, em letras douradas, lê-se ‘B. GUIMARÃES – O SEMINARISTA’.

Particularidades: (v.f.r.) anotações manuscritas referentes ao número de guarda. (p.5) anotação manuscrita no c.s.e. ‘B.P.| 19-3-52’| Ex. 2’.

Exemplar examinado: FBN I-313, 5, 21

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 149.

5. Francisco Alves, 1899

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: São Paulo: Francisco Alves, 1899.

Bernardo Guimarães| O SEMINARISTA | - | ROMANCE BRASILEIRO| - | Livraria Classica de Francisco Alves| RIO DE JANEIRO| | S. PAULO| 134 Rua do Ouvidor 134| 20 Rua de S. Bento 20 | - | 1899

Imprenta: (f.r.): | Livraria Classica de Francisco Alves| RIO DE JANEIRO| | S. PAULO| 134 Rua do Ouvidor 134| 20 Rua de S. Bento 20 | - | 1899

(contracapa): FRANCISCO ALVES – Editor | RIO DE JANEIRO | | | S. PAULO| 134 Rua do Ouvidor 134 | | | 20 Rua de S. Bento 20

Formato: 180 mm x 125 mm

Suporte material: cartáceo

Conteúdo: (capa) (p. *i.* f.g.) título do livro. (p. *ii.* v.f.g.) em branco. (p. *iii.* f.r.) folha de rosto. (p. *iv*.v.f.r.) em branco. anotação manuscrita a lápis no c.s.e. do número de tombo do

[112] Tamanho deduzido a partir do exemplar da Francisco Alves considerando as semelhanças entre as edições.

exemplar. (p.5) ornamento, texto encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo 'I'. (p.12) texto encabeçado 'II'. (p. 20) texto encabeçado 'III'. (p.27) texto encabeçado 'IV'. (p. 36) texto encabeçado 'V'. (p.43) texto encabeçado 'VI'. (p.51) texto encabeçado 'VII'. (p.59) texto encabeçado 'VIII'. (p.68) texto encabeçado 'IX'. (p. 80) texto encabeçado 'X'. (p. 88) texto encabeçado 'XI'. (p. 96) texto encabeçado 'XII'. (p.104) texto encabeçado 'XIII'. (p.111) texto encabeçado 'XIV'. (p.118) texto encabeçado 'XV'. (p.126) texto encabeçado 'XVI'. (p.133) texto encabeçado 'XVII'. (p.140) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 150) texto encabeçado 'XIX'. (p. 158) texto encabeçado 'XX'. (p.165) texto encabeçado 'XXI'. (p.177) texto encabeçado 'XXII'. (p.179) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 188) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 192) depois do texto 'FIM'. (contracapa) 'LIVRARIA ALVES| EXTRACTO DO CATALOGO' [listagem com 23 títulos. Inicia-se com 'Discursos academicos' de Castelar e termina com 'Typos portuguezes e outros escriptos' de Alexandre Herculano]

Tipografia: 1 coluna, 33 linhas. 125 mm x 75mm.

Encadernação: brochura na cor branca, com ornamento na capa, tipos em cor vermelha. Na contracapa, lê-se 'LIVRARIA ALVES| EXTRACTO DO CATALOGO' [listagem com 23 títulos. Inicia-se com 'Discursos academicos' de Castelar e termina com 'Typos portuguezes e outros escriptos' de Alexandre Herculano]

Exemplar examinado: UNICAMP IEL-Brito Broca 29657

Descrições prévias: LIMA, 2000: 149.

6. Livraria Garnier, [1917]

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1917.

COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES| DA| LITERATURA BRASILEIRA| - | O | SEMINARISTA| ROMANCE BRASILEIRO| POR | B. GUIMARÃES | logotipo da editora | LIVRARIA GARNIER | 109, RUA DO OUVIDOR, 109| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 | RIO DE JANEIRO | PARIS

Imprenta: (capa) LIVRARIA GARNIER | RIO DE JANEIRO

(p. *iii.* f.r.) LIVRARIA GARNIER | 109, RUA DO OUVIDOR, 109| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 | RIO DE JANEIRO | PARIS

(p. 244) Paris. – Typ. Garnier Irmãos, 6, rua dos Saints-Pères. 302.4.15.10.17

Formato: 160 mm x 105 mm

Suporte material: cartáceo

Colofão: (p. 244) Paris. – Typ. Garnier Irmãos, 6, rua dos Saints-Pères. 302.4.15.10.17

Conteúdo: (f.f.g.) em branco. anotações manuscritas referentes ao nome do dono, valor da obra. carimbo do ex-libris de 'Alcino Pinto Falcão'. (v.f.f.g.) em branco. (f.g.) título da obra. assinatura de 'Alcino Pinto Falcão'. carimbo do ex-libris de 'Alcino Pinto Falcão' (v.f.g.) 'IMPRESSO EM FRANÇA'. (f.r.) folha de rosto. anotações manuscritas. carimbo do ex-libris de 'Alcino Pinto Falcão' (v.f.r.) em branco. (p.1) texto encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo 'I'. (p.10) em branco. (p. 11) texto encabeçado 'II'. (p. 21) texto encabeçado 'III'. (p.30) em branco. (p. 31) texto encabeçado 'IV'. (p. 41) texto encabeçado 'V'. (p. 51) texto encabeçado 'VI'. (p. 60) em branco. (p. 61) texto encabeçado 'VII'. (p. 71) texto encabeçado 'VIII' (p. 81) texto encabeçado 'IX'. (p. 96) em branco. (p. 97) texto encabeçado 'X'. (p. 108) em branco. (p. 109) texto encabeçado 'XI' (p. 118) em branco. (p. 119) texto encabeçado 'XII'. (p. 128) em branco. (p.129) texto encabeçado 'XIII'.(p.138) em branco. (p.139) texto encabeçado 'XIV' (p. 147) texto encabeçado 'XV'. (p.157) texto encabeçado 'XVI'.(p.166) em branco. (p. 167) texto encabeçado 'XVII'. (p.176) em branco. (p. 177) texto encabeçado 'XVIII'. (p.189) texto encabeçado 'XIX'. (p. 198) em branco. (p. 199) texto encabeçado 'XX'. (p. 207) texto encabeçado 'XXI'. (p. 216) em branco. (p. 217) texto encabeçado 'XXII'. (p. 226) em branco. (p. 227) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 239) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 244) depois do texto 'FIN'. colofão na parte inferior da página

Tipografia: 1 coluna. 26 linhas. 125 mm x 78 mm

Encadernação: capa dura na cor verde. Na capa, lê-se na cor preta 'B.GUIMARAES| O SEMINARISTA| logotipo da editora | LIVRARIA GARNIER | RIO DE JANEIRO'. Na lombada, lê-se o nome do autor e o título.

Particularidades: (p.1) no c.i.d. número '1'. (p. 17) no c.i.d. número '2'. (p. 33) no c.i.d. número '3'. (p. 49) no c.i.d. número '4'. (p. 65) no c.i.d. número '5'. (p. 81) no c.i.d. número '6'. (p. 97) no c.i.d. número '7'. (p.113) no c.i.d. número '8'. (p.129) no c.i.d.

número ‘9’ (p.145) no c.i.d. número ‘10’. (p. 161) no c.i.d. número ‘11’. (p. 176) no c.i.d. número ‘12’. (p. 193) no c.i.d. número ‘13’. (p. 209) no c.i.d. número ‘14’. (p. 225) no c.i.d. número ‘15’. (p. 241) no c.i.d. número ‘16’

Exemplar examinado: particular

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 150.

7. H. Antunes & Cia, 1923.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923.

Bernardo Guimarães| - | O SEMINARISTA| - | ROMANCE BRASILEIRO | desenho de três flores| H. ANTUNES & C. | RUA BUENOS AYRES N. 185| Rio de Janeiro| - | 1923 (anotações manuscritas a lápis referentes ao número de chamada do exemplar no c.e.)

Imprenta: (capa) LIVRARIA | ANTUNES & C$^{A.}$ | RIO DE JANEIRO

(f.r.) H. ANTUNES & C. | RUA BUENOS AYRES N. 185| Rio de Janeiro| - | 1923

Formato: 191 mm x 132 mm

Suporte material: cartáceo

Conteúdo: (p. *i* f.g.) título do livro. (p. *ii* v.f.g.) em branco. (p. *iii* f.r.) folha de rosto. (p. *iv* v.f.r.) em branco. carimbo da biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ. (p. 5) ornamento. título do livro. texto encabeçado ‘I’. (p. 10) texto encabeçado ‘II’. (p.15) texto encabeçado ‘III’. (p.20) texto encabeçado ‘IV’. (p. 25) texto encabeçado ‘V’. (p. 30) texto encabeçado ‘VI’. (p.35) texto encabeçado ‘VII’. (p. 40) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 45) texto encabeçado ‘IX’. (p. 52) texto encabeçado ‘X’. (p. 57) texto encabeçado ‘XI’. (p. 62) texto encabeçado ‘XII’. (p. 67) texto encabeçado ‘XIII’. (p. 72) texto encabeçado ‘XIV’. (p. 76) texto encabeçado ‘XV’. (p. 81) texto encabeçado ‘XVI’. (p. 86) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 91) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 97) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 102) texto encabeçado ‘XX’. (p. 107) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 112) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 117) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 123) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 125) depois do texto ‘FIM’.

Tipografia: 1 coluna, 45 linhas. 135 mm x 86 mm.

Encadernação: capa dura, não original, em percalux, cor preta, na capa, em letras douradas há o nome do autor seguido pelo título do livro. Capa original em brochura conservada, com ilustração colorida, de duas crianças ao lado de um riacho cercados por árvores. Em vermelho no alto da página está o nome do autor, logo abaixo, em amarelo, o título da obra. No c.i.e. a imprenta. (contracapa) [LIVROS Á VENDA NA | LIVRARIA H. ANTUNES & Cia.] listagem com 28 obras, iniciando por 'Historias e Sonhos' de Lima Barreto e terminando com 'O Garimpeiro' de Bernardo Guimarães.

Exemplar examinado: UFRJ B869.333 S471 1923

Descrições prévias: MAGALHÃES, 1926: 137-8. NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 150-1.

8. Jornal do Brasil, 1928

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: Officinas Graphicas do 'Jornal do Brasil', 1928.

B. GUIMARÃES| O SEMINARISTA | ornamento| OFFICINAS GRAPHICAS| DO "JORNAL DO BRASIL"| RIO DE JANEIRO | - | 1928

Imprenta: (capa) SUPPLEMENTO ROMANTICO| DO| JORNAL DO BRASIL| N.° 14 (f.r.) OFFICINAS GRAPHICAS|DO "JORNAL DO BRASIL"| RIO DE JANEIRO | - | 1928

Formato: 205 mm x 145 mm

Suporte material: cartáceo

Conteúdo: (p. *i* f.r.) folha de rosto. (p. *ii* v.f.r.) em branco. (p. 3) ornamento. texto encabeçado 'I'. (p. 7). texto encabeçado 'II'. (p. 11). texto encabeçado 'III'. (p. 15). texto encabeçado 'IV'. (p. 20). texto encabeçado 'V'. (p. 25). texto encabeçado 'VI'. (p. 29). texto encabeçado 'VII'. (p. 34) texto encabeçado 'VIII'. (p. 38) texto encabeçado 'IX'. (p. 45) texto encabeçado 'X'. (p. 50) texto encabeçado 'XI'. (p. 54) texto encabeçado 'XII'. (p. 58) texto encabeçado 'XIII'. (p. 62) texto encabeçado 'XIV'. (p. 66) texto encabeçado 'XV'. (p.70) texto encabeçado 'XVI'. (p.74) texto encabeçado 'XVII'. (p.78) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 84) texto encabeçado 'XIX'. (p. 88) texto encabeçado 'XX'. (p. 92) texto encabeçado 'XXI'. (p. 96) texto encabeçado 'XXII'.

(p. 100) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 105) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 108) depois do texto ‘FIM’. (contracapa) [Supplemento Romantico do Jornal do Brasil] listagem dos 14 volumes publicados pelo Jornal do Brasil. Inicia-se com ‘Diva’ de José de Alencar e termina com ‘O Seminarista’ de Bernardo Guimarães.

Tipografia: 1 coluna, 33 linhas. 150 mm x 95 mm.

Encadernação: brochura na cor marrom, nome do autor e título do livro cercados por ornamentos.

Exemplar examinado: particular

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000: 151.

9. Civilização Brasileira, 1931.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

BERNARDO GUIMARÃES| O SEMINARISTA| Este romance, que remonta ao se-| culo dezenove e se mantém actualissi-| mo, revela o vigor descriptivo do fa-| moso romancista mineiro. | Historia commovedora de um co-| ração, hesitante entre a vocação do| claustro e o amor. | CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA | Rio de Janeiro 1931

Imprenta: (capa) Civilização Brasileira

(f.r.) CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA | Rio de Janeiro 1931

Formato: 151,4 mm x 85 mm[113]

Suporte material: microfilme

Conteúdo: (p. *i* f.r.) folha de rosto. (p. *ii* v.f.r.) em branco. Anotações manuscritas referentes ao número de chamada do exemplar e carimbo da ‘Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro’. (p. 3) texto encabeçado ‘I’. (p. 8) texto encabeçado ‘II’. (p. 15) texto encabeçado ‘III’. (p. 21) texto encabeçado ‘IV’. (p. 29) texto encabeçado ‘V’. (p. 37) texto encabeçado ‘VI’. (p. 44) texto encabeçado ‘VII’. (p. 51) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 59) texto encabeçado ‘IX’. (p. 70) texto encabeçado ‘X’. (p. 78) texto encabeçado ‘XI’. (p. 84) texto encabeçado ‘XII’. (p. 90) texto encabeçado ‘XIII’.(p. 97) texto encabeçado ‘XIV’. (p. 103) texto encabeçado ‘XV’. (p. 111) texto encabeçado ‘XVI’.

[113] Devido à consulta em microfilme, retiramos esta informação de LIMA, 2000: 149.

(p. 117) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 124) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 133) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 140) texto encabeçado ‘XX’. (p. 146) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 153) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 160) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 168) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 172) depois do texto ‘FIM’.

Tipografia: 1 coluna. 33 linhas.

Encadernação: brochura com ilustração colorida de um casal sentado lendo um livro num banco embaixo de uma árvore num ambiente rural, o rapaz está vestido de azul e a moça de vermelho. Nome do autor, em versalete, cor marrom com contorno amarelo alinhado à direita, na parte superior da capa. Título do livro em duas linhas pouco acima do centro da capa, também em versalete, cor marrom com contorno amarelo alinhado à direita, tamanho da fonte é maior do a do nome do autor. Na parte inferior, no canto esquerdo, lê-se o nome da editora em versalete, cor marrom. Na contracapa, em cor azul, no c.s.e. lê-se o nome da editora alinhado à esquerda. Em quadro que ocupa o centro da contracapa, há uma listagem intitulada ‘Edições dos grandes| autores’ (sete títulos, iniciando-se em ‘As Minas de Prata’, de José de Alencar, terminando em ‘A mulher de trinta annos’, de H. Balzac. Abaixo do quadro, no c.i.e., há o valor que era comercializado ‘2$500’. Uma linha abaixo, no c.i.d., alinhado à direita, há o endereço da livraria ‘Rua Lavradio, 160 | RIO DE JANEIRO’. No parte inferior da contracapa, alinhado à esquerda, há o endereço da tipografia ‘Typ. Cupolo – Lad. Santa Ephigenia, 21 – S. Paulo’.

Particularidades: (f.r.) carimbo da ‘Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro’.

Exemplar examinado: BN I - 309,5,3

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. LIMA, 2000:151.

10. F. Briguiet & Cia., 1941.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista.* Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1941.

BERNARDO GUIMARÃES | - | O SEMINARISTA | ROMANCE BRASILEIRO | 10ª. EDIÇÃO | logotipo da editora| RIO DE JANEIRO | F. BRIGUIET & CIA. – Editores| Rua do Ouvidor, 109 | 1941

Imprenta: (capa) F. BRIGUIET & CIA. Rua do Ouvidor, 109 | Editores| Rio de Janeiro | 1941

(f.r.) RIO DE JANEIRO | F. BRIGUIET & CIA. – Editores| Rua do Ouvidor, 109 | 1941

Formato: 150 mm x 90 mm

Suporte material: cartáceo

Colofão: Gráfica Sauer, de Fred H. Sauer & Filho – Mem de Sá, 155-157

Conteúdo: (f.f.g.) título do livro. (v.f.f.g.) 'OBRAS COMPLETAS| DE| BERNARDO GUIMARÃES'. Listagem com 13 obras de Bernardo Guimarães, iniciando com 'Poesias' e terminando com 'A voz do Pagé e outros inéditos'. (p. *i* f.g.) em branco. (p. *ii* v.f.g.) Desenho de Bernardo Guimarães de autoria de M. Colonna. (p. *iii* f.r.) folha de rosto. (p. *iv* v.f.r.) em branco. (p. 5) prefácio. (p. 9) texto, encabeçado pelo título do livro, seguido pela indicação do capítulo 'I'. (p. 15) texto encabeçado 'II'. (p. 21) texto encabeçado 'III'. (p. 26) texto encabeçado 'IV'. (p. 33) texto encabeçado 'V'. (p. 39) texto encabeçado 'VI'. (p. 45) texto encabeçado 'VII'. (p. 52) texto encabeçado 'VIII'. (p. 59) texto encabeçado 'IX'. (p. 68) texto encabeçado 'X'. (p. 75) texto encabeçado 'XI'. (p. 81) texto encabeçado 'XII'. (p. 87) texto encabeçado 'XIII'. (p. 93) texto encabeçado 'XIV'. (p. 99) texto encabeçado 'XV'. (p. 105) texto encabeçado 'XVI'. (p. 110) texto encabeçado 'XVII'. (p. 116) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 124) texto encabeçado 'XIX'. (p. 130) texto encabeçado 'XX'. (p. 136) texto encabeçado 'XXI'. (p. 141) texto encabeçado 'XXII'. (p.147) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 155) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 158) depois do texto 'FIM'. (contracapa) 'Obras completas de Bernardo Guimarães' [listagem de 13 títulos de Bernardo Guimarães publicadas pela F. Briguiet. Inicia-se com 'Poesias" e termina com 'A voz do Page e outros inéditos']

Tipografia: 1 coluna. 34 linhas. 143 mm x 90 mm

Encadernação: brochura, na cor verde. No c.s.e., lê-se em letras azuis, o nome do autor. Na diagonal, numa faixa dourada, em letras azuis, lê-se o título do livro. Logo abaixo, também em letras azuis, lê-se "OBRAS| COMPLETAS | Vol. V". Na parte inferior da página, do lado esquerdo o nome da editora, em letras azuis, seguido pelo logotipo em azul com o fundo dourado. No lado direito, o endereço da editora. Abaixo do logotipo, o ano de publicação.

Exemplar examinado: particular

Descrições prévias: NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941:8. GRAVATÁ, 1970: 8. LIMA, 2000: 153-4.

11. Livraria Martins, 1944.

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Indio Afonso).* São Paulo: Livraria Martins, 1944.

[ornamento] BERNARDO GUIMARÃES| ★| Quatro Romances | O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO| ★ | 1944 |LIVRARIA MARTINS EDITÔRA | SÃO PAULO

Imprenta: (capa) Livraria Martins Editora

(f.r.) 1944| LIVRARIA MARTINS EDITÔRA| SÃO PAULO

Formato: 210 mm x 140 mm

Suporte material: cartáceo

Colofão: (v. contracapa) ★Êste livro foi composto e impresso| nas oficinas da Emprêsa Gráfica da| "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua | Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo,| para a Livraria Martins Editôra, em maio de 1944.

Conteúdo: (f.g.) nome do autor seguido pelo título do livro. (f.r.) folha de rosto. (p. 133) título do livro. (p. 134) em branco. (p. 135) texto encabeçado 'I'. (p. 138) texto encabeçado 'II'. (p. 142) texto encabeçado 'III'. (p. 146) texto encabeçado 'IV'. (p. 151) texto encabeçado 'V'. (p. 155) texto encabeçado 'VI'. (p. 160) texto encabeçado 'VII'. (p. 164) texto encabeçado 'VIII'. (p. 169) texto encabeçado 'IX'. (p. 176) texto encabeçado 'X'. (p. 181) texto encabeçado 'XI'. (p. 185) texto encabeçado 'XII'. (p. 188) texto encabeçado 'XIII'. (p. 192) texto encabeçado 'XIV'. (p. 196) texto encabeçado 'XV'. (p. 201) texto encabeçado 'XVI'. (p. 205) texto encabeçado 'XVII'. (p. 209) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 215) texto encabeçado 'XIX'. (p. 219) texto encabeçado 'XX'. (p. 223) texto encabeçado 'XXI'. (p. 227) texto encabeçado 'XXII'. (p. 231) texto encabeçado 'XXIII'. (p. 237) texto encabeçado 'XXIV'. (p. 240) em branco.(v. contracapa) colofão.

Tipografia: 1 coluna. 42 linhas. 162 mm x 98 mm

Encadernação: brochura, cor branca. Nome do autor e título impressos em azul marinho. No alto, acima da ilustração, título 'Quatro Romances |de | BERNARDO GUIMARÃES. Abaixo, os títulos: 'O ERMITÃO DE MUQUÉM| O SEMINARISTA| O

GARIMPEIRO| O ÍNDIO AFONSO|' e na margem inferior, o nome da editora: 'LIVRARIA MARTINS EDITORA'.

Particularidades: No alto das páginas pares há o nome do autor e nas ímpares o título do livro.

Exemplar examinado: IEB HL 869.9333 G963g

Descrições prévias: GRAVATÁ, 1970: 8. LIMA, 2000: 102.

12. Livraria Martins, [1944]

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Indio Afonso).* São Paulo: Livraria Martins, [1944].

[ornamento] BERNARDO GUIMARÃES| ★| Quatro Romances | O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO| ★ | LIVRARIA MARTINS EDITÔRA | SÃO PAULO

Imprenta: (capa) Livraria Martins Editora

Formato: 210 mm x 140 mm

Suporte material: cartáceo

Colofão: (v.f.g.) Êste livro foi composto e impresso nas oficinas| da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.,| à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria| Martins Editora.

Conteúdo: (f.g.) nome do autor seguido pelo título do livro. (v.f.g.) colofão. (f.r.) folha de rosto. (p. 131) título do livro. (p. 132) em branco. (p. 133) texto encabeçado 'I'. (p. 136) texto encabeçado 'II'. (p. 140) texto encabeçado 'III'. (p. 144) texto encabeçado 'IV'. (p. 149) texto encabeçado 'V'. (p. 153) texto encabeçado 'VI'. (p. 158) texto encabeçado 'VII'. (p. 162) texto encabeçado 'VIII'. (p. 167) texto encabeçado 'IX'. (p. 174) texto encabeçado 'X'. (p. 179) texto encabeçado 'XI'. (p. 183) texto encabeçado 'XII'. (p. 186) texto encabeçado 'XIII'. (p. 191) texto encabeçado 'XIV'. (p. 194) texto encabeçado 'XV'. (p. 199) texto encabeçado 'XVI'. (p. 203) texto encabeçado 'XVII'. (p. 207) texto encabeçado 'XVIII'. (p. 213) texto encabeçado 'XIX'. (p. 217) texto encabeçado 'XX'. (p. 221) texto encabeçado 'XXI'. (p. 225) texto encabeçado

‘XXII’. (p. 229) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 235) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 238) em branco.

Tipografia: 1 coluna. 42 linhas. 162 mm x 98 mm

Encadernação: brochura, com ilustração colorida de R.Z. No alto, acima da ilustração, título ‘Quatro Romances |de | BERNARDO GUIMARÃES. Abaixo da ilustração, os títulos ‘O ERMITÃO DE MUQUÉM – O SEMINARISTA - | - O GARIMPEIRO – O ÍNDIO AFONSO-’ e o nome da editora. Na lombada, há indicação do volume do exemplar ‘3’, seguido pelo nome do autor ‘BERNARDO| GUIMARÃES’, título ‘QUATRO| ROMANCES| O Ermitão| de Muquém| O seminarista| O Garimpeiro| O Índio Afonso’, e coleção ‘COLEÇÃO| EXCELSIOR’.

Particularidades: No alto das páginas pares há o nome do autor e nas ímpares o título do livro.

Exemplar examinado: particular

13. Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro Romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso).* São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

BERNARDO GUIMARÃES | ★| QUATRO ROMANCES | O ERMITÃO DE MUQUÉM | O SEMINARISTA | O GARIMPEIRO | O ÍNDIO AFONSO | ★ | - | SOCIEDADE BRASILEIRA | DE DIFUSÃO DO LIVRO| SÃO PAULO

Imprenta: (capa) SOCIEDADE BRASILEIRA| DE DIFUSÃO DO LIVRO | SÃO PAULO
(f.r.) SOCIEDADE BRASILEIRA | DE DIFUSÃO DO LIVRO| SÃO PAULO

Formato: 210 mm x 140 mm

Suporte material: cartáceo

Conteúdo: (f.r.) folha de rosto. (p.131) título do livro. (p. 132) em branco. (p. 133) texto encabeçado ‘I’. (p. 136) texto encabeçado ‘II’. (p. 140) texto encabeçado ‘III’. (p. 144) texto encabeçado ‘IV’. (p. 149) texto encabeçado ‘V’. (p. 153) texto encabeçado ‘VI’. (p. 158) texto encabeçado ‘VII’. (p. 162) texto encabeçado ‘VIII’. (p. 167) texto encabeçado ‘IX’. (p. 174) texto encabeçado ‘X’. (p. 179) texto encabeçado ‘XI’. (p. 183) texto encabeçado ‘XII’. (p. 186) texto encabeçado ‘XIII’. (p. 191) texto

encabeçado ‘XIV’. (p. 194) texto encabeçado ‘XV’. (p. 199) texto encabeçado ‘XVI’. (p. 203) texto encabeçado ‘XVII’. (p. 207) texto encabeçado ‘XVIII’. (p. 213) texto encabeçado ‘XIX’. (p. 217) texto encabeçado ‘XX’. (p. 221) texto encabeçado ‘XXI’. (p. 225) texto encabeçado ‘XXII’. (p. 229) texto encabeçado ‘XXIII’. (p. 235) texto encabeçado ‘XXIV’. (p. 238)

Tipografia: 1 coluna. 42 linhas. 162 mm x 98 mm

Encadernação: brochura, na cor azul claro e branco. Na parte superior, nome do autor, em caixa alta, cor azul escuro em fundo branco. Na parte central, gravura de Bernardo Guimarães de autoria de R.Z., em cor azul escuro sobre fundo branco, abaixo da gravura título do livro, em cor azul escuro sobre fundo branco. Abaixo do título, imprenta, em cor branca sobre fundo azul claro da encadernação.

Exemplar examinado: particular

Descrições prévias: LIMA, 2000: 102-3.

ANEXO B –Lições variantes coletadas

- Cotejo entre os testemunhos A (B.L. Garnier, 1872) e B (Civilização Brasileira, 1931)

1. Casos de adição no testemunho B

TABELA 1 - ADIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Alli ella refulge como um fanal de **esperança** (cap. IV)	Alli ella refulge como um fanal de **esperanças** (cap. IV)
Por sem duvida a execução artistica está muito longe da perfeição (cap. IV)	Por **isso** sem duvida a execução artistica está muito longe da perfeição (cap. IV)
lhe havia embalsamado a existencia com seus effluvios celestes (cap. VII)	lhe havia embalsamado a existencia com **os** seus effluvios celestes (cap. VII)
Eugenio soube retribuir com usura **a visita** que lhe fizerão as visinhas; ficou o dia inteiro em casa dellas. (cap. IX)	Eugenio soube retribuir com usura **as visitas** que lhe fizeram as vizinhas; ficou o dia inteiro em casa dellas. (cap. IX)
nem fragores de tempestade. (cap. XV)	nem fragores de **tempestades**. (cap. XV)
tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, intensa e corrosiva (cap. XVII)	tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, **e** intensa e corrosiva (cap. XVII)
Depois de ter volvido n'alma **todas tristas** e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)	Depois de ter volvido n'alma **todas essas tristes** e amargas reflexões, Eugenio exclamava (cap. XVII)
combata noite dia, vencerá como Jacob (cap. XVIII)	combata noite **e** dia, **que** vencerá como Jacob (cap. XVIII)
de novo conseguio reduzir seu corpo á mumia ambulante (cap. XVIII)	de novo conseguio reduzir **o** seu corpo á mumia ambulante (cap. XVIII)
com mão firme e resoluta (cap. XIX)	com **a** mão firme e resoluta (cap. XIX)
Estou que o padre vae ter mais trabalho (cap. XX)	Estou **vendo** que o padre vae ter mais trabalho (cap. XX)

2. Casos de alteração de ordem no testemunho B

TABELA2 - ALTERAÇÃO DE ORDEM	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que **tem só** trez pés, dous atraz e um adiante, e não tem cabeça (cap. IX)	Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que **só tem** tres pés, dois atraz e um adiante, e não tem cabeça. (cap. IX)
Pungido por tantas contrariedades **cada vez mais se irritava** a sua impaciencia (cap. XI)	Pungido por tantas contrariedades **cada vez se irritava mais** a impaciencia (cap. XI)
santos eremiterios, em que conversa-**se** familiarmente com Deus (cap. XVIII)	santos eremiterios, em que **se** conversa familiarmente com Deus (cap. XVIII)
pois não faltei-**te** á palavra jurada?... (cap. XXII)	pois não **te** faltei á palavra jurada?... (cap. XXII)

3. Casos de omissão no testemunho B

3.1 Casos de omissão de palavras no testemunho B

TABELA 3.1 - OMISSÃO DE PALAVRAS

TESTEMUNHO A	TESTEMUNHO B
viaõ-se duas **bellas** e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma **linda** arcada de verdura (cap. I)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura (cap. I)
estavão tosando tranquillamente o fresco e viçoso capim **da vallada** (cap. I)	estavam tosando tranqüilamente o fresco e viçoso capim (cap. I)
eu que tenho tanta vontade de ter **tambem** a minha vaquinha (cap. I)	eu que tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha (cap. I)
e tambem mais uma cousa, que **eu** hei-de fazer (cap. I)	e tambem mais uma coisa, que hei de fazer (cap. I)
ha-de ser vossê a primeira pessoa que **eu** hei-de confessar (cap. I)	ha de ser você a primeira pessoa que hei de confessar (cap. I)
escorregando por sob a humida e sombria abobada do vergel, **em quanto** um sabiá pousado na mais alta grimpa da paineira (cap. I)	escorregando sob a humida e sombria abobada do vergel; um sabiá, pousado na mais alta grimpa da paineira (cap. I)
mandava ao longe os echos do seu **costumado** hymno preguiçosamente cadenciado (cap. I)	mandava ao longe os ecos do seu hymno preguiçosamente cadenciado (cap. I)
que ficava **alli** a uns quinhentos passos de distancia (cap. I)	que ficava a uns quinhentos passos de distancia. (cap. I)
é por esta uma sympathia de que usão as nossas roceiras (cap. II)	É esta uma sympathia de que usam as nossas roceiras (cap. II)
Margarida recolheu-se a **sua** casa (cap. I)	Margarida recolheu-se á casa (cap. I)
ganhou de novo a pontezinha e a tronqueira, **e** deitou-se a correr pelo rincão (cap. I)	ganhou de novo a ponte e a tronqueira, deitou-se a correr pelo rincão (cap. I)
Fazendeiro trabalhador, bom e extremoso pae de familia (cap. II)	Trabalhador, bom e extremoso pae de família (cap. II)
Era **ella** uma matrona gorda e córada (cap. II)	Era uma matrona gorda e córada (cap. II)
passárão-**se** alguns instantes da mais cruel anciedade (cap. II)	Passaram alguns instantes da mais cruel ansiedade (cap. II)
a comadre deve lembrar-se que foi uma serpente. que tentou nos a **mãe** Eva (cap. II)	A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou Eva (cap. II)
sondava com os olhos a moita **do mattagal** em que a cobra se tinha sumido (cap. II)	sondava com os olhos a moita em que a cobra se tinha sumido (cap. II)
se as deixares outra vez por ahi **á toa** sozinhas, lavro-te de relho pasmada (cap. II)	se as deixares outra vez por ahi sózinhas, lavro-te de relho, pasmada (cap. II)
Margarida, por sua graça e gentileza, **por sua** extrema docilidade e **por sua** precoce vivacidade era mui querida de todos (cap. III)	Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos, e inseparavel de Eugenio (cap. III)
como em uma terra fresca e cheia de seiva **virginal** (cap. III)	como em uma terra fresca e cheia de seiva (cap. III)
e celebrando novenas com **toda** a regularidade (cap. III)	celebrando novenas com a regularidade (cap. III)

TABELA 3.1 - OMISSÃO DE PALAVRAS	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
partindo dos pontos os mais affastados **ahi** vem ajoelhar-se (cap. IV)	partindo dos pontos mais afastados, vêm ajoelhar-se (cap. IV)
Por entre ellas estendem-se profundos e **deliciosos** valles, por entre os quaes deslisão torrentes de agoas puras e frescas (cap. IV)	Por entre ellas estendem-se profundos valles, e deslisam torrentes de aguas puras e frescas (cap. IV)
que fazião restrugir o sanctuario, e **que** echoavão por fóra em accentos melancolicos (cap. IV)	que faziam restrugir o sanctuario e écoavam por fóra em accentos mellancolicos (cap. IV)
Margarida, quando defronte do pequeno oratorio **entoavão junctos** esses canticos singelos e tocantes (cap. IV)	Margarida, quando defronte do pequeno oratorio **entoava** esses canticos singelos e tocantes (cap. IV)
um bello grupo de magnificas e **giganteas** castanheiras silvestres (cap. IV)	um bello grupo de magnificas castanheiras silvestres (cap. IV)
Gozava-se **alli** um ambiente fresco e perfumado (cap. IV)	Gozava-se um ambiente fresco e perfumado (cap. IV)
Emquanto seus companheiros brincavão, corrião, saltavão e **garrulavão**, balançando-se em gangorras (cap. IV)	Emquanto seus companheiros brincavam, corriam, saltavam, balouçando-se em gangorras (cap. IV)
assentarão de animal-o e **corroboral-o** naquelle sancto proposito (cap. V)	assentaram de animal-o naquelle santo proposito (cap. V)
que anathema tremendo pairava então sobre a **loura** cabeça de Eugenio (cap. V)	que anathema tremendo pairava então sobre a cabeça de Eugenio (cap. V)
até que um somno irresistivel o viesse prostrar **nelle** (cap. VII)	até que um somno irresistivel o viesse prostrar (cap. VII)
Eugenio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizivel acanhamento diante da companheira de sua infancia, como se **se** achasse em presença de uma alta e poderosa princeza. (cap. VIII)	Eugenio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizivel acanhamento diante da companheira de sua infancia, como se achasse em presença de uma alta e poderosa princeza. (cap. VIII)
– Sim, senhor!... minha mãe já vio, e diz que na villa ha uma que ella conhece **muito** bem. (cap. IX)	- Sim senhor!... minha mãe já viu, e diz que na villa ha uma que ella conhece bem. (cap. IX)
O caminho, que se dirigia da fazenda de Antunes para a villa **de** Tamanduá, hia ganhar a estrada real meia legua alem da casa de Umbelina (cap. XI)	O caminho, que se dirigia da fazenda de Antunes para a villa Tamanduá, ia ganhar a estrada real meia legua além da casa de Umbelina (cap. XI)
e que alem de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser summamente ridiculo, quando não era insolente **e malcreado**. (cap. XI)	e que além de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser summamente ridiculo, quando não era insolente. (cap. XI)
E vmce., senhor criançola, com essa carinha de sancto, já mettido em tafularias altas, fazendo roda ás raparigas, e mettendo-se em rusgas por amor dellas! (cap. XIII)	Vmce., senhor creançola, com essa carinha de santo, já mettido em tafularias altas, fazendo roda ás raparigas, e metendo-se em rusgas por amor d'ellas...(cap. XIII)
O que hia porem fazer aquelle estudante duas e trez vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... O leitor vae já sabel-o. (cap. XIV)	Que ia, porém, fazer aquelle estudante duas e tres vezes por semana ao quarto do padre-mestre director?... (cap. XIV)

TABELA 3.1 - OMISSÃO DE PALAVRAS	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupavão por vezes aos domingos, **e lá** armavão algazarras e rara vez algum pequeno disturbio. (cap. XVI)	tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupava por vezes aos domingos, e armava algazarras e rara vez algum pequeno desturbio. (cap. XVI)
O arroubo mystico, **a** continua aspiração para Deus e para as cousas celestes não excluião nelle o amor por essa creatura (cap. XVII)	O arroubo mystico, continua aspiração para Deus e para as cousas celestes não excluião nelle o amor por essa creatura (cap. XVII)
Ponderava-lhe demais, **que** uma vez ordenado, seu pae não duvidaria em restituir a Margarida as suas bôas graças (cap. XVIII)	Ponderava-lhe demais, uma vez ordenado, seu pae não duvidaria em restituir a Margarida as suas bôas graças (cap. XVIII)
cuidarieis ver surgir do interior **do muro** do templo o vulto do sancto seu homonymo, do austero cenobita dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)	cuidarieis ver surdir do interior do templo o vulto do sancto seu homonymo, do austero cenobita dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)
Jeronymo procedia por pedido **e** especial recomendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)	Jeronymo procedia por pedido especial recomendação de seus collegas de Congonhas (cap. XVIII)
cubiçassem **e pleiteassem** com ardor a posse do coração e da mão de Margarida (cap. XX)	cobiçassem com ardor a posse do coração e da mão de Margarida (cap. XX)
sahiu a pretexto de dar um passeio **hygenico** e ver algumas pessoas conhecidas (cap. XXIII)	sahiu a pretexto de dar um passeio e ver algumas pessoas conhecidas (cap. XXIII)
O que é isto, sancto Deus! (cap. XXIII)	**Que** é isto, sancto Deus! (cap. XXIII)

3.2 Casos de omissão de trecho no testemunho B

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Uma porta e duas janellinhas formavão toda a sua frente; **a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombreava toda com sua vasta e copada ramagem via-se uma outra janellinha guarnecida de balaustres de madeira**. (cap. I)	Uma porta e duas janellinhas formavam toda a sua frente. (cap. I)
que parecia ser mais nova do que elle **uns doiz ou trez annos** (cap. I)	que parecia ser pouco mais nova do que elle. (cap. I)
Tendo prendido os bezerros em um pequeno curral, Margarida recolheu-se a sua casa (cap. I)	Margarida recolheu-se á casa (cap. I)
Eugenio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses, **mas homem considerado no logar e pessoa de importancia** (cap. II)	Eugenio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses (cap. II)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
dava morada em sua fazenda a diversos aggregados, que sem lhe pagarem contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro, **como é costume em nossa boa terra, usufruião algumas nesgas de suas extensas possessões territoriaes** (cap. II)	dava morada em sua fazenda a diversos aggregados, sem lhe exigir contribuição alguma, nem em serviço nem em dinheiro (cap. II)
Os dous meninos querião-se como se fossem irmãos, andavão sempre juntos, e não se separavão senão á noite **para irem dormir** (cap. II)	Os dois meninos queriam-se como se fossem irmãos, andavam sempre juntos, e não se separavam senão á noite (cap. II)
Um dia aconteceu-lhes um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir, **incidente que qualquer espirito supersticioso teria tomado por um sinistro agouro ou como um prenuncio assustador do destino da menina** (cap. II)	Um dia aconteceu-lhe um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir. (cap. II)
A pequena Margarida, apenas na idade de dois annos, estando a brincar no quintal **por onde andava passeando a dona da caza, Umbelina e mais familia** desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava (cap. II)	A pequena Margarida, apenas na idade de dois annos, estando a brincar no quintal, desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava (cap. II)
desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava, e da de seu camarada de infancia, **que já contava seus quatro annos** (cap. II)	desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava, e da de seu camarada de infancia (cap. II)
ao mesmo tempo não podião deixar em tamanho perigo aquella pobre creança, que continuava a rir-se e a brincar com a cobra **com toda a estouvadice e com o maior descuido do mundo** (cap. II)	não podiam deixar em tamanho perigo aquella pobre criança, que continuava a rir-se e a brincar com a cobra como se fosse uma boneca (cap. II)
suspendendo a custo o enorme bicho na ponta da vara, **tirou-o da moita, e** arremessou-o no gramal (cap. II)	suspendendo a custo o enorme bicho na ponta da vara, arremessou-o no gramal (cap. II)
A cobra veio cahir **com medonho ronco** aos pés de Umbelina (cap. II)	A cobra veio cahir aos pés de Umbelina (cap. II)
acostumado a percorrer **livre como o veado** os campos e bosques (cap. IV)	acostumado a percorrer os campos e bosques (cap. IV)
Mas um dia, **- como eu hia contando**, Eugenio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima (cap. V)	Mas um dia, Eugenio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima (cap. V)
Os versos de Eugenio erão apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, **algumas quadrinhas eróticas**, e estrophes sem nexo (cap. VI)	Os versos de Eugenio eram apenas alguns ensaios incompletos e de fórma tosca e imperfeita, e estrophes sem nexo (cap. VI)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
sabia ainda conciliar o culto do creador com o amor **da creatura, em vez de ser considerada como um interessante phenomeno physiologico, como o idylio mavioso de um coração de creança**, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora (cap. VI)	sabia ainda conciliar o culto do creador com o de criança, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora (cap. VI)
ficava na extremidade do edificio **pelo lado da frente** (cap. VI)	que ficava na extremidade do edificio (cap. VI)
deite fora esse barrete que está profanando **com sua indigna conducta, ponha-se em calças** e vá-se com Deus para casa de seus paes (cap. VI)	deite fóra esse barrete que está profanando e vá-se com Deus para casa de seus paes (cap. VI)
Eugenio vendo a attenção de que era objecto da parte delles, quereria afundar-se cem braças pela terra abaixo. **Sentado sobre o seu tamborete, e debruçado sobre o seu leito, que servia aos estudantes a um tempo de cama e de mesa de estudo, para furtar-se aos olhares curiosos e espantados de seus companheiros enrolou os braços em volta do rosto e assim ficou até á noite exhalando de quando em quando soluços abafados.** (cap. VII)	Eugenio vendo a attenção de que era objecto da parte delles, quereria afundar-se cem braças pela terra abaixo. (cap. VII)
a imagem de Margarida, arrebatada no commum naufragio, devia ter-se apagado naquelle coração, **e Eugenio julgou ter conjurado para sempre a tentadora apparição**, que lançava a perturbação em sua alma (cap. VII)	a imagem de Margarida, arrebatada no comum naufragio, devia ter-se apagado naquelle coração, que lançava a perturbação em sua alma (cap. VII)
– Santo Deus! como está grande e bem parecido! ... está um homem feito... e já está com um caracter de padre santo!... **que ha-de dizer, comadre, que este é aquelle mesmo menino que eu ainda outro dia carregava num braço e esta menina no outro e levava para casa para dar-lhe bananas e biscoitos, de que elle tanto gostava?... meu Deus, como o tempo corre depressa!...** (cap. VIII)	- Santo Deus!... como está grande e bem parecido!... está um homem feito e já está com o carácter de padre santo! (cap. VIII)
ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos **e brincar com ella como nos bons tempos de outróra**, vio apresentar-se diante de seus olhos uma linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda a plenitude de seu desenvolvimento. (cap. VIII)	e ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos, viu apresentar-se diante dos seus olhos uma linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda a plenitude de seu desenvolvimento. (cap. VIII)
– Prompta!... vamos; vamos todos. **Lá conversaremos á vontade, e o nosso Eugenio vendo os logares em que brincou em creança, talvez perca metade do acanhamento.** (cap. VIII)	- Prompta!... vamos: vamos todos. (cap. VIII)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Á medida que se hia approximando da casa de Umbelina, á vista daquelles sitios, onde não havia uma arvore, uma restinga, **que o não tivesse abrigado á sua sombra, uma vereda do bosque** que não tivesse recebido o vestigio de seus passos, uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou humedecido os labios sequiosos (cap. IX)	Á medida que se ia approximando da casa de Umbelina, á vista daquelles sitios, onde não havia uma arvore, uma restinga, que o não tivesse recebido os vestigios de seus passos, uma fonte ou arroio que não lhe tivesse lambido os pés ou humedecido os labios sequiosos (cap. IX)
Deixando ampla liberdade de expansão aos sentimentos do menino, teria talvez facilitado ao seu neophyto a victoria sobre si mesmo, **attento o seu natural pendor para o estado clerical.** (cap. X)	Deixando ampla liberdade de expansão aos sentimentos do menino, teria talvez facilitado ao seu neophyto a victoria sobre si mesmo. (cap. X)
Dahi aquella severidade e rigor **para com seu filho, severidade e rigor** que lhe não era usuaes, e a que só por um tão poderoso motivo podia ser impellida. (cap. X)	Dahi aquella severidade e rigor que lhe não eram usuaes, e que só por um tão poderoso motivo podia ser impellida. (cap. X)
atravessando os valles silenciosos corria pressuroso para juncto da sua Julieta, **que impaciente o esperava na janellinha de balaustres, em baixo da figueira silvestre, de que já fizemos menção no começo desta historia**. (cap. X)	atravessando os valles silenciosos corria pressuroso para junto da sua Julieta (cap. X)
Alli, como os veos da noite supprimem os do recato, os dous amantes pondo de parte toda a reserva e timidez derão livre expansão a seus affectos (cap. X)	Os dois amantes, pondo de parte toda a reserva e timidez, deram livre expansão aos seus affectos (cap. X)
Motirão!... mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, **que julgo ser genuina brazileira, e** que talvez não poderão encontrar em diccionario algum. (cap. XI)	Motirão! mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, que talvez não poderão encontrar em diccionario algum. (cap. XI)
Como hiamos contando, havia motirão em casa de Umbelina. Tinha ella convidado as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira **mestra e de quituteira abalisada.** (cap. XI)	Umbelina convidou para a festa as comadres e amigas mais chegadas da villa e das vizinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, a fim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira. (cap. XI)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Á noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então apparecião tambem lá alguns rapazes da villa e dos arredores. **A sociedade de Umbelina era em verdade de pessôas do povo e de baixa condição, mas honra lhe seja feita, era tudo gente comportada e de bons costumes. Ella era incapaz de chamar a sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e sollicitude.** (cap. XI)	Á noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então appareciam tambem lá alguns rapazes da villa e dos arredores. (cap. XI)
uns no centro, dançando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de pao **como servindo de cerca e limite áquelle recinto**. O clarão das fogueiras avermelhava a cupola gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite. (cap. XI)	uns no centro, dansando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de páo. O clarão das fogueiras avermelhava a cupula gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite. (cap. XI)
Porem Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre surpreza, e veio immediatamente collocar-se ao pé delle, fez com que logo cobrasse animo e presença de espirito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço, **como qualquer dos habituados**. (cap. XI)	Porém Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre surpreza, e veio immediatamente collocar-se ao pé delle, fez com que logo cobrasse animo e presença de espirito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço. (cap. XI)
Dansa vistosa e variegada, entremeada de cantares e tangeres, **já cheia de requebros e languidamente balanceada ao som de uma** cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruido de palmas, adufes e tambores. (cap. XII)	Dansa vistosa e variegada, entremeada de cantares e tangeres, cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruído de palmas, adufes e tambores. (cap. XII)
Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros póde dizer o que lhe vem á bôca e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? **está enganado, muito enganado!... Sei bem o que é honra, - graças a Deus, e talvez a tenha de sobre para dar ao senhor, e a toda a sua geração. Veja, que estou em minha casa; e saiba que com uma palavra posso enxotal-o daqui para fóra.**(cap. XII)	Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros póde dizer o que lhe vem á bocca, e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias? (cap. XII)
Oh! oh! oh! senhor Luciano! replicou Umbelina com riso de mofa. – É pena, que não tivesse essa lembrança ha mais tempo. **Deus o leve, e permitta que nunca se arrependa**. (cap. XII)	Oh! oh! oh! senhor Luciano! replicou Umbelina com riso de mofa. - É pena, que não tivesse essa lembrança ha mais tempo. (cap. XII)
Um côro de applausos a Umbelina e de apupadas a Luciano acolheu estas palavras, **e o rapaz não teve remedio senão hir-se escafedendo com cara de cão que quebrou panella.** (cap. XII)	Um côro de applausos a Umbelina e de apupadas a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Viste lá algum homem de bem? aposto, que não. **Só tu tiveste animo para tanto, tu uma criança, tu que um dia tens de ser padre!!...** (cap. XIII)	Viste lá algum homem de bem? aposto que não. (cap. XIII)
Depois de amanhã sem falta! oh! pae desapiedado! oh! miserando Eugenio! aquellas palavras esmagárão-lhe o coração. Partir, deixar Margarida, para não voltar senão dahi a seis ou sete annos, talvez nunca, quem sabe! (cap. XIII)	Oh! miserando Eugenio! aquellas palavras esmagaram-lhe o coração. Partir, deixar Margarida, para não voltar senão dahi a seis ou sete annos, talvez nunca, quem sabe? (cap. XIII)
Um boleado da collina lhe encobria a casa desta, e apenas lhe **permittia ver os topes das duas paineiras visinhas á ponte, que lhe** acordavão n'alma tão suaves recordações, agora amarguradas pelo fel do presente. (cap. XIV)	Um boleado da collina lhe encobria a casa desta, e apenas lhe acordavam nalma tão suaves recordações, agora amarguradas pelo fel do presente.(cap. XIV)
– Fica socegada, minha vida; eu heide voltar. Adeus!.. um ultimo beijo ainda, **e... adeus!** (cap. XIV)	- Fica socegada, meu amor, eu hei de voltar. Adeus!... um ultimo beijo ainda... (cap. XIV)
Este dialogo era suspirado com voz tremula e abafada entre **comprimidos intervallos de soluços, caricias e beijos devorados entre** lagrimas, e ninguem poderia adivinhar que fundas tristezas, que anciosas e crueis inquietações se exhalavão n'aquelles timidos e sentidos arrulhos, que mais parecião vagos murmurios da solidão perdendo-se nas azas da brisa confundidos com o ramalhar da folhagem e o borborinho da fonte visinha. (cap. XIV)	Este dialogo era suspirado com voz tremula e abafada entre lagrimas, e ninguem poderia adivinhar que fundas tristezas, que anciosas e crueis inquietações se exhalavam naquelles timidos e sentidos arrulhos, que mais pareciam vagos murmurios da solidão perdendo-se nas azas da brisa, confundidos com o ramalhar da folhagem e o borborinho da fonte vizinha. (cap. XIV)
O que hia porem fazer aquelle estudante duas e trez vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... **O leitor vae já sabel-o.** (cap. XV)	Que ia, porém, fazer aquelle estudante duas e tres vezes por semana ao quarto do padre-mestre director?... (cap. XIV)
Era o negrume carregado de uma noite pezada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos **de relampagos, sem rumorejos** de harmonia, nem fragores de tempestade. (cap. XV)	Era o negrume carregado de uma noite pesada, muda e funerea; de uma noite toldada, sem luz de estrellas nem lampejos de harmonia, nem fragores de tempestades. (cap. XV)
Mas Umbelina não era mulher de tempera a seguir com tenacidade uma idéa, nem luctar com difficuldades. Logo que vio o vivo desejo, que mostravão os paes de Eugenio para fazel-o padre, desvanecêrão-se suas esperanças, e nem pensou mais no desejado enlace. **Bonachona e pachorrenta, Umbelina deixava os acontecimentos seguirem seu curso natural, comtanto todavia, que não se affastassem, no que lhe tocava de perto, do caminho da honra e da honestidade.** (cap. XVI)	Mas Umbelina não era mulher de tempera a seguir com tenacidade uma idéa, nem luctar com difficuldades. Logo que viu o vivo desejo, que mostravão os paes de Eugenio para fazel-o padre, desvaneceram-se suas esperanças, e nem pensou mais no desejado enlace. (cap. XVI)

TABELA 3.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
outro não é o motivo, porque embirrão em não querer nem que se falle em casamento; que malucas!... **Pois já que a menina não se casa, rua com ellas!... procurem seu rumo, que não estou mais para atural-as.** (cap. XVI)	outro não é o motivo, porque embirrão em não querer nem que se falle em casamento; que malucas!... (cap. XVI)
tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupavão por vezes aos domingos, e lá armavão algazarras e rara vez algum pequeno disturbio. **Mas essa gente se conservava do balcão para fóra, e nunca penetrava no interior da casinha de Umbelina, a qual, - justiça lhe seja feita, - sabia muito bem zelar a sua reputação, e a honra de sua filha.** (cap. XVI)	tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupava por vezes aos domingos, e armava algazarras e rara vez algum pequeno desturbio. (cap. XVI)
O altar inundado de esplendores e de nuvens aromaticas lhe parecia o escabello do throno de Deus, o único degráo seguro, por onde se póde subir ao conspecto do altissimo. **No meio de suas deslumbrantes visões o mancebo invejava dentro da alma, e cobiçava ardentemente a gloria sem par de empunhar a chave do sacrario, e de queimar o incenso as pés do omnipotente.** (cap. XVII)	O altar inundado de esplendores e de nuvens aromaticas lhe parecia o escabello do throno de Deus, o único degráo seguro, por onde se póde subir ao conspecto do Altissimo. (cap. XVII)
Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalavel emperramento de seus **paes, que a todo o transe querião fazer padre**, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por elles (cap. XVII)	Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalavel emperramento de seus [dre, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por elles (cap. XVII)
Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... **um precito!...** (cap. XIX)	Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... (cap. XIX)
Sem expellir a pobre mulher, que não tinha outro abrigo, ahi se estabelecêrão com ella. (cap. XX)	
nem nos mais exaltados sonhos de phantasia, eu fazia ideia justa do thesouro que eu louco troquei por uma corôa de martyrio, que não tenho força para supportar!**... meu Deus, eu endoudeço! ... Margarida!... meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!...** (cap. XXIII)	nem nos mais exaltados sonhos de phantasia, eu fazia idéa justa do thesouro que eu louco troquei por uma corôa de martyrio, que não tenho força para supportar!... (cap. XXIII)

3.3 Casos de omissão de parágrafo no testemunho B

TABELA 3.3- OMISSÃO DE PARÁGRAFO
TESTEMUNHO A
Estava esta casinha situada embaixo de uma collina de pendor suave, aos pés da qual, se desdobrava delicioso vargedo coberto de rasteiro e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e sucupiras. (cap. I)

TABELA 3.3- OMISSÃO DE PARÁGRAFO
TESTEMUNHO A
O vargedo era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas um corrego escondia seu curso sereno e preguiçoso. (cap. I)
Os dous meninos parárão, e com a frente pendida para o chão guardárão silencio por alguns instantes; aquellas duas frontes tão puras, ainda ha pouco tão radiantes de prazer e de innocencia, pela primeira vez se annuveárão de uma pequena sombra de tristeza. (cap. I)
Era um primeiro e tenue vapor, que mal lhes embaçava o sereno fulgor da aurora da vida; mas esse leve vapor bem poderia converter-se em sinistra e carregada nuvem prenhe de desgraças.(cap. I)
E quebrando um raminho a menina pôz-se a tocar as vaccas. (cap. I)
Antes de passarmos adiante, cumpre que o leitor saiba quem são esses dois pequenos personagens que encontra logo ao limiar desta historia, esses dous pastorinhos, que apezar de seus tenros annos se apresentão com vizos de quererem ser os protagonistas della. (cap. II)
Era ainda um coro de melros cantando, saltando, esvoaçando ao longo de vicejante e risonha encosta. (cap. IV)
Deus, Margarida e a musa formavão como uma tríplice aureola, que cingirião a fronte de Eugenio de gloria, amor e beatitude, se os destinos do homem pudesse correr sempre na vida serenos e risonhos, como soem se nos antolhar nos sonhos dourados de puerícia. (cap. V)
Ao chegar foi-lhe preciso tambem pregar uma mentira para illudir a Umbelina, que com razão mostrou-se algum tanto surprehendida com o seu apparecimento áquellas horas; o moço disse-lhe que, se bem que a muito custo, tinha alcançado de seus pais licença para vir á funcção. Umbelina, que era matreira como uma raposa velha, desconfiou do negocio, mas o que poderia ella fazer?... fingir acreditar, e o acolheu com a bondade e franqueza de costume. (cap. XI)
Sabe o leitor o que é quatragem?... (cap. XII)
Não sabe. É uma dansa. (cap. XII)
Eugenio ficou amarello, verde e depois cinzento. Alem de sua natural timidez pellava-se de medo de dar occasião a um barulho, que não deixaria de chegar aos ouvidos de seu pae. (cap. XII)
Margarida tirou uma agulha, que trazia no corpo do vestido, e collocou-se perto de Luciano, resolvida a espetar-lh'a no corpo ao primeiro movimento que fizesse contra Eugenio. Era a única arma que possuia, mas era terrivel. (cap. XII)
Não, mas sou amigo delle e do pae. Se continúa a desfeiteal-o, tem de se haver commigo, já o disse, e torno a repetir... (cap. XII)
Não tem resultado nenhum, senhor Luciano; e que tenha, o senhor que tem com isso?... (cap. XII)
Eu nada, minha senhora; mas... a fallar-lhe a verdade, eu não desejava ver tão cedo a senhora como avó, e por semelhante maneira... (cap. XII)
Fóra o bobo, e vá a festa acima! (cap. XII)
Alli encolhidos, com as mãos enlaçadas e bem unidos um ao outro, parecião duas andorinhas recolhidas á beira do telhado esperando que se amaine a tempestade. (cap. XII)
– Adeus!... (cap. XIV)
Poucos dias depois um sonho, talvez visão filha da debilidade physica e da hallucinação do espirito, o visitou nas horas calladas da noite. (cap. XVIII)
Blasphemava, estorcia-se e entrava em accessos de furor. (cap. XIX)
Este brado de blasphemia, que erguia-se do coração do padre, sussurrou-lhe apenas pelos labios. (cap. XXIII)
Ao bafo ardente da paixão sensual na alma de ambos se havia apagado o lume da razão. (cap. XXIII)

4. Casos de paragrafação no testemunho B

TABELA 4 - PARAGRAFAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
§É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe sahia do coração, mas já não o incommodava tanto, nem lhe agitava o espirito como outr'ora. Ella lhe apparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horisonte vaporoso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos faz assomar aos labios um triste sorriso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	**§** É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe sahia do coração mas já não o incomodava tanto, nem lhe agitava o espirito como outr'ora. **§** Ella lhe apparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horizonte pavoroso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e delle faz borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)
§ O estudante seguio á risca todas as exhortações e conselhos do padre. **§** Na occasião do recreio corria, saltava, luctava, jogava á bola e á peteca sem dar um instante de repouso ao corpo. (cap. VII)	**§** O estudante seguiu á risca todas as exhortações e conselhos do padre. Na occasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a petéca, sem dar um instante de repouso ao corpo. (cap. VII)
§ Nas horas do repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. **§** Quando vinha a noite achava-se fatigadissimo, mas em vez de entregar-se ao descanço que a natureza reclamava, conservava accesa a sua lampada até horas mortas da noite, resando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um somno irresistivel o viesse prostrar nelle. (cap. VII)	**§** Nas horas de repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. Quando vinha a noite, achava-se fatigadissimo, mas em vez de entregar-se ao descanço que a natureza reclamava, conservava accesa a sua lampada até horas mortas da noite, resando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um somno irresistivel o viesse prostrar. (cap. VII)
§ Cedendo porem ao pezo de seu infortunio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida. Sabia isso impossivel, mas o seu espirito crente e religioso só julgava realisavel a sua redempção por um favor especial do ceo, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delle se julgava indigno; ou quem sabe? – tinha medo de ser attendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquelle amor não poderia mais viver, faltar-lhe-hia o ar e a luz, a terra e o ceu se anniquilariam para elle. (cap. XV)	**§** Cedendo, porém, ao peso de seu infortunio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida. **§** Sabia isso impossivel; mas o seu espirito crente e religioso só julgava realisavel a sua redempção por um favor especial do céo, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delle se julgava indigno; ou quem sabe? - tinha medo de ser attendido, e parecia-lhe que faltando-lhe aquelle amor não poderia mais viver, faltar-lhe-ia o ar e a luz, e a terra e o céo se aniquilariam para elle. (cap. XV)

TABELA 4 - PARAGRAFAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
§ - Não o ha sobre a terra, mas ha no ceo. Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará, e o seu triumpho, que considera impossivel, será facilimo e completo. A oração, a penitencia, os exercicios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguio debellar completamente o inimigo que o tinha em continua obsessão. Se não fosse a imprudencia de deixar o seminario, e hir collocar-se de novo entre as goélas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova lucta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. **§** Hoje porem, que já com vinte annos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as cousas, é que assim desanima como um covarde, e recua espavorido diante do inimigo? (cap. XVIII)	**§** - Não o ha sobre a terra, mas ha no céo. Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará; e o seu triumpho que considera impossivel, será facilimo e completo. A oração, a penitencia, os exercicios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez dellas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguiu debellar completamente o inimigo que o tinha em continua obsessão. Se não fosse a imprudencia de deixar o seminario, e ir collar-se de novo entre as guélas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova luta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje, porém, que já com vinte annos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as coisas, é que assim desanima como um covarde, e recúa espavorido deante do inimigo? (cap. XVIII)
§ - Margarida infiel!...Margarida casada!... – exclamava Eugenio ao entrar em seu quarto, delirante, a arquejar, e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. – Quem o diria!... pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro!... e eu tantos annos lucto em vão para arrancar daqui a imagem della e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miseria!... Á força de jejuns, de penitencias, de mortificações tenho quebrantado no meu corpo, acabrunhado meu espirito e flagellado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu; ... agora o vejo... e ella tranquila e risonha, sem escrupulo e sem constrangimento algum vôa aos braços de outro, e dá-lhe a gozar estas delicias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martyrios!.. Oh Margarida! Margarida!... que fizestes!... ah! ... tu eras mesmo a serpente; teus labios distillavão veneno de morte; ... era o fogo do inferno que te incendia os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraiso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres tambem o inferno nesta e na outra vida!... **§** Por toda parte tu és o anjo mão destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... mas... que importa!.. ah!... si continuasse a querer-me... quem sabe!... que valem sem ti o paraiso e todas as suas delicias!... eu te acompanharia de bom grado pelos asperos e tenebrosos caminhos do	**§**. - Margarida infiel!... Margarida casada!... - exclamava Eugenio ao entrar no seu quarto, delirante, a arquejar e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. - Quem o diria! pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro! e eu tantos annos lucto em vão para arrancar daqui a imagem della e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miseria!... Á força de jejuns, de penitencias, de mortificações tenho quebrantado meu corpo, acabrunhado meu espirito e flagellado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu... agora o vejo... e ella tranquila e risonha, sem escrupulo e sem constrangimento algum vôa aos braços de outro, e dá-lhe a gosar estas delicias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras e martyrios!... Oh, Margarida! Margarida! que fizeste!... ah!... tu eras mesmo a serpente; teus lábios distillavam veneno de morte;... era o fogo do inferno que te incendiava os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraiso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres tambem o inferno nesta e na outra vida! Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... mas... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem... sabe?... que valem sem ti o paraiso e todas as suas delicias?... eu te acompanharia de bom grado pelos asperos e tenebrosos caminhos do desterro,

TABELA 4 - PARAGRAFAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; supportaria alegre todos os trabalhos e a tribulações com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... Mas ah! meu Deus! eis em que derão tantos annos de lucta e sacrificio!... Desprezei um thesouro que possuia, para correr apoz um bem chimerico, uma sombra vão... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com que?... com as chammas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... um precito!...(cap. XIX)	como Adão acompanhou a sua Eva. supportaria alegre todos os trabalhos e tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... - Mas ah!... meu Deus! eis em que deram tantos annos de luta e sacrificio!... Desprezei um thesouro que possuia, para correr após um bem chimerico, uma sombra vã... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com quê? com as chammas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasphemo! eu sou um reprobo!... (cap. XIX)
§ Já perto de sete annos erão volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infancia. Entregue á melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que apparentemente robusta e sadia, soffria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existencia. Uma organisação de vigorosa tempera, e sobretudo uma alma paciente e resignada, davão-lhe força apenas para não succumbir e resistir tranquilla e quasi risonha ao peso esmagador do seu infortunio.(cap. XX)	**§** Já perto de sete annos eram volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infancia. **§** Entregue á melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que apparentemente robusta e sadia, soffria um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existencia. Uma organisação de vigorosa tempera, e sobre tudo uma alma paciente e resignada, davam-lhe força apenas para não succumbir e resistir tranquila e quasi risonha ao peso esmagador do seu infortunio. (cap. XX)

5. Casos de reelaboração no testemunho B

TABELA 5 - REELABORAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
viaõ-se duas bellas e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma linda arcada de verdura, que dava entrada para além da ponte a um extenso rincão coberto de succulenta e vistosa paisagem (cap. I)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura, á entrada do campo onde pastava o gado (cap. I)
duas lindas e faceiras creanças, que alli vinhão quase sempre divertir-se e travessear junto da ponte á sombra das paineiras. Erão um rapazinho de doze a treze annos, e uma menina, que parecia ser mais nova do que elle uns doiz ou trez annos. (cap. I)	Dois meninos brincavam á sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze annos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que elle. (cap. I)
Dir-se-ia, que naquelles vagos rumores do solidão ao despedir-se do dia estavão ouvindo o derradeiro adeus do genio prazenteiro da meninice (cap. I)	Dir-se-ia que, nos vagos rumores do fim do dia, estavam ouvindo o derradeiro adeus do genio prazenteiro da meninice (cap. I)
deitou-se a correr pelo rincão que era a fazenda de que já fallámos, e que ficava como a meia legoa de distancia (cap. I)	deitou-se a correr pelo rincão afóra dirigindo-se para a fazenda que ficava a meia legua de distância (cap. I)

TABELA 5 - REELABORAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
que sem lhe pagarem contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro (cap. II)	sem lhe exigir contribuição alguma, nem em serviço nem em dinheiro (cap. II)
como se estivesse brincando com uma boneca (cap. II)	como se fosse uma boneca (cap. II)
passados elles felizmente a cobra, presentindo a approximação de gente, foi-se retirando tranquillamente, e sumiu-se nas moitas de um mattagal visinho (cap. II)	ao fim dos quaes a serpente desenroscou-se e foi-se retirando tranquillamente, e sumiu-se nas moitas (cap. II)
Ditas estas palavras, as duas mulheres acompanhadas da demais familia forão-se recolhendo para casa, silenciosas e profundamente impressionadas por aquelle extraordinário incidente, que tornou-se por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap. II)	O extraordinario incidente foi por muitos dias o assumpto da conversação naquella casa (cap. II)
era mui querida de todos, **especialmente de Eugenio, que não sahia de juncto della** (cap. III)	era mui querida de todos, **e inseparavel de Eugenio** (cap. III)
outros assobiando ou cantando, outros tocando **flauta, clarineta e outros instrumentos** (cap. IV)	outros assobiando ou cantando, outros tocando **variados instrumentos de sopro** (cap. IV)
A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, **que nos faz assomar aos labios um triste sorriso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras,** e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, **que nos espreme o coração, e delle faz borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras,** e não essa saudade amarga e pungente, que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)
Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azues, **e rugas precoces sulcavão-lhe as faces macilentas** (cap. VII)	Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azues, **e profunda pallidez cobria-lhe o rosto magro** (cap. VII)
Eugenio confuso e embaraçado olhava de esguelha para Margarida não ousando fital-a, **e estava cheio de pasmo e de surpreza. Não contava com a mudança que quatro annos poderião operar no desenvolvimento da menina**, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda creança que deixara, assim como elle. (cap. VIII)	Eugenio confuso e embaraçado olhava de esguelha para Margarida não ousando fital-a, **pasmo com a mudança que quatro annos puderam operar no desenvolvimento da menina**, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda criança que deixara pequena como elle (cap. VIII)
Como hiamos contando, havia motirão em casa de Umbelina. Tinha ella convidado as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira mestra e de quituteira abalisada. (cap. XI)	**Umbelina convidou para a festa** as comadres e amigas mais chegadas da villa e das vizinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, a fim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira. (cap. XI)
Pungido por tantas contrariedades **cada vez mais**	Pungido por tantas contrariedades **cada vez se**

TABELA 5 - REELABORAÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
se irritava a sua impaciencia (cap. XI)	**irritava mais** a impaciencia (cap. XI)
É a dansa original e pittoresca de nossos camponezes (cap. XII)	**A quatragem é a dansa pitoresca** dos nossos camponezes (cap. XII)
Antunes cheio de indignação tomou de accordo com sua mulher **a barbara resolução de enxotar de sua fazenda aquellas duas pobres e inoffensivas mulheres.** (cap. XVI)	Antunes, cheio de indignação, tomou de accordo com sua mulher **a resolução de expulsal-as da fazenda**. (cap. XVI)
Alli parou á porta de uma pobre casinha isolada. A porta estava aberta; o rapazinho retirou-se; o padre entrou, e bateu com a sua bengala no soalho do corredor. (cap. XXI)	Alli parou á entrada de uma casinha. (cap. XXI)
Um pobre velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro de luz frouxa e vacillante, o veio receber, e depois de o cumprimentar com religioso respeito, o introduziu silenciosamente no quarto da enferma, que era nos fundos da casa. (cap. XXI)	Surgiu á porta uma velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro, de luz frouxa e vacilante. (cap. XXI)
que em um momento puzerão em horrivel conflagração a paixão, **que ha tanto tempo adormecida parecia estar morta no seio do mancebo** (cap. XXIII)	que em um momento puzerão em horrivel conflagação a paixão **ardente, ha tanto adormecida**. (cap. XXIII)
Quando Eugenio entrou, **Margarida estava sentada sobre a cama com o cotovelo sobre o travesseiro e mão na face**. (cap. XXIII)	Quando Eugenio entrou, **Margarida estava recostada ao travesseiro**. (cap. XXIII)
estará zombando commigo por ventura, senhora Margarida! (cap. XXIII)	estará zombando de mim? (cap. XXIII)
O pae e a mãe de Eugenio sobretudo estavão no auge do prazer e do contentamento, recebendo de todos as mais lisongeiras felicitações. (cap. XXIV)	O pae e a mãe de Eugenio estavam no auge do contentamento. (cap. XXIV)

6. Casos de substituição no testemunho B

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e **aceiada** (cap. I)	uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e **nova** (cap. I)
e ainda **debaixo da** mesma impressão de tristeza (cap. I)	e ainda **sob a** mesma impressão de tristeza (cap. I)
Entre esses aggregados contava-se a senhora Umbelina **a qual** com sua filha Margarida (cap. II)	Entre esses aggregados contava-se d. Umbelina, **que**, com sua filha Margarida (cap. II)
Entre esses aggregados contava-se a **senhora** Umbelina a qual com sua filha Margarida (cap. II)	Entre esses aggregados contava-se **d.** Umbelina, que, com sua filha Margarida (cap. II)
com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das **propicias e sonolentas** azas da noite (cap. I)	com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das azas **proprias** da noite (cap. I)

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Erão como duas flores silvestres em botão, nascidas do **mesmo hastil** (cap. III)	Eram como duas flôres silvestres em botão, nascidas da **mesma haste** (cap. III)
vagueando pelas sombras **das pittorescas selvas** da Ilha de França (cap. III)	vagueando pelas sombras **dos pittorescos bosques** da Ilha de França (cap. III)
Seu principal **entretenimento**, abaixo de Margarida (cap. III)	Seu principal **entretimento**, depois de Margarida (cap. III)
Seu principal entretenimento, **abaixo de** Margarida (cap. III)	Seu principal entretimento, **depois de** Margarida (cap. III)
ganhou de novo a **pontezinha** e a tronqueira (cap. I)	ganhou de novo a **ponte** e a tronqueira (cap. I)
abraçado com Margarida, e ambos a **chorarem** (cap. III)	abraçado com Margarida, e ambos a **chorar** (cap. III)
De facto é o que ahi vão procurar (cap. IV)	**O** facto é o que ahi vão procurar (cap. IV)
Por entre ellas estendem-se profundos e deliciosos valles, **por entre os quaes** deslisão torrentes de agoas puras e frescas (cap. IV)	Por entre ellas estendem-se profundos valles, **e** deslisam torrentes de aguas puras e frescas (cap. IV)
um pezadêlo, **debaixo** do qual teve de gemer e suar por alguns mezes (cap. V)	um pesadêlo, **deante** do qual teve de gemer e suar por alguns mezes (cap. V)
talvez aquella **alma** impressionavel e apaixonada (cap. V)	talvez aquella **calma** impressionavel e apaixonada (cap. V)
sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horisonte **vaporoso** (cap. V)	sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancolicas do horizonte **pavoroso** (cap. V)
e não podendo continuar, **tapou o** rosto com as mãos (cap. VI)	e não podendo continuar, **levou ao** rosto as mãos (cap. VI)
Ficou **tanto** confuso e aterrado (cap. VII)	Ficou **portanto** confuso e aterrado (cap. VII)
O adolescente de dezesseis annos **tinha visos de** um ancião ás bordas da sepultura (cap. VII)	O adolescente de dezesseis annos **parecia** um ancião ás bordas da sepultura (cap. VII)
Estes estragos physicos não **deixarão** tambem de repercutir (cap. VII)	Estes estragos physicos não **deixavam** tambem de repercutir (cap. VII)
e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda creança que deixara, **assim** como elle. (cap. VIII)	e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma innocente e linda criança que deixara **pequena** como elle (cap. VIII)
O sol scintillava sobre o tapete orvalhado dos espigões, e a fresca aragem da manhã sacudia da coma **dos arvoredos** as lagrimas da noite. (cap. IX)	O sol scintilava sobre o tapete orvalhado dos espigões, e a fresca aragem da manhã sacudia da coma **das arvores** as lagrimas da noite. (cap. IX)
Aquella alva casinha atufada entre as ramagens da grande figueira silvestre, aquelle vargedo coberto de fresca e macia grama, a ponte, a **tranqueira**, as paineiras visinhas, o caminho da villa (cap. IX)	Aquella alva casinha atufada entre as ramagens da grande figueira silvestre, aquelle vargedo coberto de fresca e macia gramma, a ponte, a **tronqueira**, as paineiras vizinhas, o caminho da villa (cap. IX)
– Quem déra, Margarida!... se Deus permittisse isso, era tão bom!... mas... eu **sei**!?... (cap. IX)	- Quem dêra, Margarida!... se Deus permitisse isso era tão bom!... mas... eu usei?... (cap. IX)
e os desejos morrêrão-lhes dentro **de** alma (cap. X)	e os desejos morreram-lhes dentro **da** alma (cap. X)
e agora de fresco **rudemento** contrariado por sua mãe, hia fatalmente transformar-se na mais ardente, profunda e impetuosa paixão (cap. X)	e agora, de fresco **rudemente** contrariado por sua mãe, ia fatalmente transformar-se na mais ardente, profunda e impetuosa paixão. (cap. X)

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
e que **por mais** tremendos que fossem os anathemas que fulminasse para preservar o novo Adão das seducções da serpente, mais lhe accenderia o desejo de provar do pomo vedado. (cap. X)	e **por que** tremendos que fossem os anathemas que fulminasse para preservar o novo Adão das seducções da serpente, mais lhe accenderia o desejo de provar do pomo vedado. (cap. X)
o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da visinhança para **virem** ajudal-o (cap. XI)	o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da vizinhança para **vir** ajudal-o (cap. XI)
Emquanto o prazer e a festança **reinávão ruidosos** em casa das visinhas (cap. XI)	Emquanto o prazer e a festança **reinava ruidoso** em casa das vizinhas (cap. XI)
não ousárão **denegar** a permissão pedida; antes a concedêrão com summo gosto (cap. XI)	não ousaram **negar** a permissão pedida; antes a concederam com summo gosto (cap. XI)
Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquelle **sujeitinho**, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario lá na villa? (cap. XII)	Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquele **coroinha**, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario lá na villa? (cap. XII)
Enganar-me a mim para sahir de casa e hir-se metter em suciatas e **beberreiras** no meio de uma corja de peraltas e vadios! (cap. XIII)	Enganar-me a mim para sahir de casa e ir-se metter em suciatas e **bebedeiras** no meio de uma corja de peraltas e vadios!(cap. XIII)
Depois de amanhã sem falta! Estas palavras **toárão** horriveis aos ouvidos do mancebo como os clangores da trombeta do archanjo annunciando o fim do mundo (cap. XIII)	Depois de amanhã sem falta! Estas palavras **foram** horriveis aos ouvidos do mancebo como, os clangores da trombeta do archanjo annunciando o fim do mundo (cap. XIII)
Os arbustos da vargem recamados de flores balanceavão-se brandamente ao sopro das aragens, e sacudindo da coma orvalhada uma chuva de perolas abandonavão ás **auras** matinaes as primicias de seus perfumes. (cap. XIV)	Os arbustos da vargem recamados de flores balanceavam-se brandamente ao sopro das aragens, e sacudindo da coma orvalhada uma chuva de perolas abandonavam ás **auroras** matinaes as primicias de seus perfumes. (cap. XIV)
– Minha mãe, não poderei hir ao menos hoje a casa da tia Umbelina despedir-me della e de Margarida? Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de **vel-a!**... (cap. XIV)	- Minha mãe, não poderei ao menos hoje ir á casa da tia Umbelina despedir-me della e de Margarida? Sabe Deus se não será a ultima vez que tenho de **vel-as**!... (cap. XIV)
Se souberes o susto que **rapei**, quando soube que lá andaste mettido em folias e batuques no meio de gente malvada!... (cap. XIV)	Se souberes o susto que **raspei**, quando soube que lá andaste mettido em folias e batuques no meio de gente malvada!... (cap. XIV)
– Deixe-me chorar, Eugenio. Que heide eu fazer?... heide **chorar** sempre, sempre até que voltes. (cap. XIV)	- Deixa-me chorar, Eugenio. Que hei de eu fazer?... hei de **orar** sempre até que voltes. (cap. XIV)
todas essas velleidades de revolta se **encolhêrão** nos seios da alma, como se calão medrosos escondendo-se nas moitas do vergel os garrulos passarinhos (cap. XIV)	todas essas velleidades de revolta se **encolherem** nos seios da alma, como se calam medrosos escondendo-se nas moitas do vergel os garrulos passarinhos (cap. XIV)
e se assenhoreára de seu coração, como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia **o** aperta, e com elle se identifica, destinado a viver e perecer com elle. (cap. XV)	e se assenhoreara de seu coração, como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia **e** aperta, e com elle se identifica, destinado a viver e perecer com elle. (cap. XV)

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Mais um anno se passou empregado **naquella** inutil porfia do padre director (cap. XVI)	Mais um anno se passou empregado **naquelle** inutil porfia do padre director (cap. XVI)
era um excellente rapaz, morigerado e **tractador da vida** (cap. XVI)	era um excellente rapaz, morigerado e **trabalhador** (cap. XVI)
as raizes se **entrevelárão** no mesmo alveolo (cap. XVI)	as raizes se **entrevelaçaram** no mesmo alveolo (cap. XVI)
e os ramos balançados pela mesma **viração** se abraçárão e confundírão no ar (cap. XVI)	e os ramos balançados pela mesma **vibração** se abraçárão e confundírão no ar (cap. XVI)
tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se **agrupavão** por vezes aos domingos, e lá armavão algazarras e rara vez algum pequeno disturbio. (cap. XVI)	tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se **agrupava** por vezes aos domingos, e lá armavão algazarras e rara vez algum pequeno desturbio. (cap. XVI)
tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupavão por vezes aos domingos, e lá **armavão** algazarras e rara vez algum pequeno disturbio. (cap. XVI)	tinha de tolerar sem remedio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupava por vezes aos domingos, e lá **armava** algazarras e rara vez algum pequeno desturbio. (cap. XVI)
tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, intensa e **corrosiva** (cap. XVII)	tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima, intensa e **corresiva** (cap. XVII)
se havia transformado em uma torrente de lagrimas silenciosas e resignadas, que **entornava** aos pés da Virgem consoladora dos afflictos (cap. XVII)	se havia transformado em uma torrente de lagrimas silenciosas e resignadas, que **vertia** aos pés da Virgem consoladora dos afflictos (cap. XVII)
o perfume de sua alma, via **cerrar-se** os aditos do sanctuario do Senhor (cap. XVII)	o perfume de sua alma, via **cerrarem-se** os aditos do sanctuario do Senhor (cap. XVII)
o padre lhe fez ver que nada **obstava** a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	o padre lhe fez ver que nada **abstava** a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)
Por esse effeito porem era forçoso que evitasse o mais que pudesse a sua presença (cap. XVIII)	**Para** esse effeito porem era forçoso que evitasse o mais que pudesse a sua presença (cap. XVIII)
prover á sua sorte futura, procurando-lhe um bom **morido** (cap. XVIII)	prover á sua sorte futura, procurando-lhe um bom **marido** (cap. XVIII)
e hir collocar-se de novo entre as **goélas** da serpente que o seduzia (cap. XVIII)	e hir collocar-se de novo entre as **guélas** da serpente que o seduzia (cap. XVIII)
e hir **collocar-se** de novo entre as goélas da serpente que o seduzia (cap. XVIII)	e hir **collar-se** de novo entre as goélas da serpente que o seduzia (cap. XVIII)
jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas **monstruosas** preces (cap. XVIII)	jamais consentirei que cheguem ao throno de Deus tuas **mentirosas** preces (cap. XVIII)
mas não peças auxilio ao ceo para **precipitar-me** no inferno (cap. XVIII)	mas não peças auxilio ao ceo para **cahires** no inferno (cap. XVIII)
e fazer **pallejar** a estrella do amor no horisonte da vida do mancebo (cap. XVIII)	e fazer **palliar** a estrella do amor no horisonte da vida do mancebo (cap. XVIII)
o digno e veneral companheiro de **Viçoso** e de Leandro (cap. XVIII)	o digno e veneral companheiro de **Viçosa** e de Leandro (cap. XVIII)
era chamado **a** lançar as bases de um novo collegio na extremidade occidental da provincia de Minas (cap. XVIII)	era chamado **para** lançar as bases de um novo collegio na extremidade occidental da provincia de Minas (cap. XVIII)

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
cujas linhas correctas e harmoniosas podião servir de modelo ao esculptor de **gosto** o mais severo para a imagem de um sancto (cap. XVIII)	cujas linhas correctas e harmoniosas podião servir de modelo ao esculptor de **gesto** o mais severo para a imagem de um sancto (cap. XVIII)
cuidarieis ver **surgir** do interior do muro do templo o vulto do sancto seu homonymo, do austero cenobita dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)	cuidarieis ver **surdir** do interior do muro do templo o vulto do sancto seu homonymo, do austero cenobita dos desertos da Chalcida (cap. XVIII)
e um **chôro** de anjos, que descia do ceo, baixou sobre elle (cap. XVIII)	e um **côro** de anjos, que descia do ceo, baixou sobre elle (cap. XVIII)
Ainda a paixão não se havia extinguido **ao** todo (cap. XIX)	Ainda a paixão não se havia extinguido **de** todo (cap. XIX)
tomárão caminho da villa **do** Tamanduá (cap. XX)	tomárão caminho da villa **de** Tamanduá (cap. XX)
como as azas de uma **amplora** de alabastro (cap. XX)	como as azas de uma **amphora** de alabastro (cap. XX)
falleceu deixando a pobre **orphão** mais desvalida e angustiada que nunca (cap. XX)	falleceu deixando a pobre **orphã** mais desvalida e angustiada que nunca(cap. XX
O mal, que a affligia, tomou subitamente proporções **assustadores**. (cap. XX)	O mal, que a affligia, tomou subitamente proporções **assustadoras**. (cap. XX)
para afflições de coração é um **porrete** (cap. XX)	para afflições de coração é um **prodigio** (cap. XX)
como **isso** afinal de contas nenhum mal te pode fazer (cap. XX)	como **isto** afinal de contas nenhum mal te pode fazer (cap. XX)
o padre estava entregue a uma **penivel** preoccupação (cap. XXI)	o padre estava entregue a uma **penosa** preoccupação (cap. XXI)
procurava abrir-se **de** novo exhalando mais activo o aroma ha tanto tempo enclausurado (cap. XXI)	procurava abrir-se **ao** novo exhalando mais activo o aroma ha tanto tempo enclausurado (cap. XXI)
É um rapazinho, que quer fallar a **V. Rvm** (cap. XXI)	É um rapazinho, que quer fallar a **V. Rv**. (cap. XXI)
No quarto da enferma, apezar **de** sua pobre simplicidade (cap. XXII)	No quarto da enferma, apezar **da** sua pobre simplicidade (cap. XXII)
erão como brandões ardentes e sinistros, que lhe **queimavão** a alma (cap. XXII)	erão como brandões ardentes e sinistros, que lhe **queimava** a alma (cap. XXII)
não sou a causa de tua perdição? não matei-te? (cap. XXII)	não sou a causa do teu soffrimento? (cap. XXII)
Mas socega... creio que não morro ainda (cap. XXII)	Mas socego... creio que não morro ainda (cap. XXII)
Ou antes era como a fogueira (cap. XXIII)	**Os** antes era como a fogueira (cap. XXIII)
em um momento puzerão em horrivel **conflagração** a paixão (cap. XXIII)	em um momento puzerão em horrivel **conflagação** a paixão (cap. XXIII)
deixe-se dessas **abusões** (cap. XXIII)	deixe-se dessas **allusões** (cap. XXIII)
havia adormecido **embalada** em um delirio de felicidade (cap. XXIII)	havia adormecido **embalado** em um delirio de felicidade (cap. XXIII)
Eu zombar **com** o senhor padre! (cap. XXIII)	Eu zombar **do** senhor padre! (cap. XXIII)
e seus olhos lampejavão com **brilho descomunal** (cap. XXIII)	e seus olhos lampejavam com **estranho brilho** (cap. XXIII)
Precipitado do alto **de** seu puro e austero ascetismo no abysmo da fraqueza (cap. XXIV)	Precipitado do alto **do** seu puro e austero ascetismo no abysmo da fraqueza (cap. XXIV)

TABELA 6 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**
Sobre um pobre caixão sem tampo (cap. XXIV)	**Num** pobre caixão sem tampo (cap. XXIV)
Sobre um pobre caixão sem tampo, pobremente amortalhado **esteriçava**-se um corpo de mulher (cap. XXIV)	Num pobre caixão sem tampo, pobremente amortalhado **enteiriçava**-se um corpo de mulher (cap. XXIV)
e quando já todos de joelhos esperavão, que **começasse** o introito (cap. XXIV)	e quando já todos de joelhos esperavão, que **rezasse** o "introito" (cap. XXIV)

- Cotejo entre os testemunhos B (Civilização Brasileira, 1931) e C (Livraria Martins, s.d.)

7. Casos de adição no testemunho C

TABELA 7 - ADIÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
A menina já podia ajudar sua mãe (cap. III)	A menina já podia ajudar **a** sua mãe (cap. III)
És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo, e aquella rapariga te anda revirando os miólos. (cap. XIII)	És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo **ainda**, e aquela rapariga te anda revirando os miolos. (cap. XIII)
Antunes, que ao despedir os ultimos raios de sua colera havia voltado bruscamente costas e se retirara (cap. XIII)	Antunes, que ao despedir os ultimos raios de sua colera havia voltado bruscamente **as** costas e se retirara (cap. XIII)
e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminario mais breve que fosse possivel (cap. XVII)	e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminário **o** mais breve que fosse possível (cap. XVII)

8 – Casos de omissão no testemunho C

8.1 Casos de omissão de palavra no testemunho C

TABELA 8.1 - OMISSÃO DE PALAVRA	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
que **de** dia a dia mais afundava as raizes naquelles dois tenros corações (cap. III)	que dia a dia mais afundava as raízes naqueles dois tenros corações (cap. III)
O padre deu-lhe animações e conselhos salutares, exhortando-o **a** que persistisse naquella luta agradavel aos olhos de Deus (cap. VII)	O padre deu-lhe animações e conselhos salutares, exortando-o que persistisse naquela luta agradável aos olhos de Deus (cap. VII)
(...) receando **com razão** que as seducções do mundo o arredassem do santo proposito em que ia tão bem encaminhado (cap. VIII)	receando que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado (cap. VIII)
uma restinga, que **o** não tivesse recebido os vestigios de seus passos (cap. IX)	uma restinga, que não tivesse recebido os vestígios de seus passos (cap. IX)

TABELA 8.1 - OMISSÃO DE PALAVRA	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
Dahi aquella severidade e rigor que lhe **não** eram usuaes (cap. X)	Daí aquela severidade e rigor que lhe eram usuais (cap. X)
mas **eu** não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)	mas não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)
o senhor não é aquelle coroinha, que ultimamente tem ajudado á missa ao vigario **lá** na villa? (cap. XII)	o senhor não é aquêle coroinha, que ùltimamente tem ajudado à missa ao vigário na vila? (cap. XII)
Adeus, senhora Umbelina!... póde estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira **Faria** e Andrade nunca mais ha de cruzar a soleira da porta de sua casa. (cap. XII)	Adeus, senhora Umbelina!... Pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa. (cap. XII)
Mas o que queres lá **ir** fazer? (cap. XIV)	Mas o que queres lá fazer? (cap. XIV)
Que ia, porém, fazer aquelle estudante duas **e tres** vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... (cap. XV)	Que ia porém, fazer aquêle estudante duas vêzes por semana ao quarto do padre-mestre diretor?... (cap. XV)
uma voz consoladora que com ella conversava **mysterios** de amor e de saudade (cap. XVI)	uma voz consoladora que com ela conversava de amor e de saudade (cap. XVI)
veio pelo menos dar-lhes um caracter **menos** sombrio e desesperado (cap. XVII)	veio pelo menos dar-lhes um caráter sombrio e desesperado (cap. XVII)
Applaudiam-se entre si deste **bello** resultado (cap. XVII)	Aplaudiam-se entre si dêste resultado (cap. XVII)
conservava na alma toda **a** candura e singeleza da infancia (cap. XVIII)	conservava na alma tôda candura e singeleza da infancia (cap. XVIII)
obumbrada pelas **fuscas** azas do genio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugenio. (cap. XVIII)	obumbrada pelas asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio. (cap. XVIII)
a vista daquelles sitios accordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infancia, **frescas** e vivazes (cap. XXI)	a vista daqueles sítios acordou-lhe na alma tôdas as lembranças de sua infância e vivazes (cap. XXI)
que lhe inundava a fronte, e desempenhou atabalhoadamente **e** sem saber o que fazia (cap. XXIV)	que lhe inundava a fronte, e desempenhou atabalhoadamente**,** sem saber o que fazia (cap. XXIV)

8.2 Casos de omissão de trecho no testemunho C

TABELA 8.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
e outros passaros com que obsequiava a sua linda amiguinha (cap. III)	
Das janellas do edificio se descortina **quasi todo** o arraial (cap. IV)	Das janelas do edifício se descortina o arraial (cap. IV)
e mesclando-se ás suas affeições terrenas contribuiram não para extinguil-as, **mas para enfraquecel-as até certo ponto** (cap. V)	e mesclando-se às suas afeições terrenas contribuíram para extingui-las até certo ponto (cap. V)

TABELA 8.2 - OMISSÃO DE TRECHO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e delle faz **borboso atravez de uma chuva de lagrimas consoladoras, e não essa saudade amarga e pungente,** que nos espreme o coração, e delle faz borbotar lagrimas de fel e de sangue. (cap. V)	A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e dêle faz borbotar lágrimas de fel e de sangue. (cap. V)
Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abysmo das torturas!... Mas... **Que importa!... Ah!... Se continuasse a querer-me quem...** Sabe?... Que vale sem ti o paraiso e todas as **suas** delicias?... (cap. XIX)	Por tôda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... Mas... Sabe? Que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias? (cap. XIX)
em uma luta improficua contra um inimigo indigno dele, contra **uma mulher, que o fascinara com as apparencias** de um anjo, e que não era mais que larva immunda, que á mais tempo devêra ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)	em uma luta improfícua contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)
Cala-te, Margarida!... **Ai de mim! É agora que avalio a felicidade, que perdi.** Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... Ah! Perdão, perdão, meu Deus!... Eu blasphemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces. (cap. XXIII)

9. Casos de paragrafação no testemunho C

TABELA 9 - PARAGRAFAÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
§ Alto lá, senhor - bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano. § Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma creança?... se lhe puzer as mãos é commigo que tem de se haver. (cap. XII)	§ Alto lá, senhor - bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano.. Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma creança?... se lhe puzer as mãos é commigo que tem de se haver. (cap. XII)

10. Casos de substituição no testemunho C

TABELA 10 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
formavam uma arcada de verdura, á entrada do campo onde pastava o gado (cap. I)	formavam uma arcada de verdura, á entrada do campo onde **estava** o gado (cap. I)
E porque é que ella **no** te dá uma bezerrinha? (cap. I)	E por que é que ela **não** te dá uma bezerrinha? (cap. I)
e ainda sob **da** mesma impressão de tristeza (cap. I)	e ainda sob **a** mesma impressão de tristeza (cap. I)
Anca cá Josepha! (cap. II)	**Anda** cá Josefa! (cap. II)

TABELA 10 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
mamãe fica **angada** commigo? (cap. III)	mamãe fica **zangada** comigo? (cap. III)
naquellas épocas de **criança** viva e piedade religiosa (cap. III)	naquelas épocas de **crença** viva e piedade religiosa (cap. III)
Sóbe-se ao adro da capella por **um** escadaria de dois lances flanqueados (cap. IV)	Sobe-se ao adro da capela por **uma** escadaria de dois lances flanqueados (cap. IV)
Cabeças mal contornadas, proporções mal **guaradas** (cap. IV)	Cabeças mal contornadas, proporções mal **guardadas** (cap. IV)
Em torno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, **antes** collinas mais elevadas (cap. IV)	Em tôrno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, **ante** colinas mais elevadas (cap. IV)
Outras vezes ficava olhando para o **occidente**. (cap. IV)	Outras vezes ficava olhando para o **acidente**. (cap. IV)
e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbrazeado do **occidente** (cap. IV)	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbrazeado do **acidente** (cap. IV)
que só a muita perseverança e força de vontade **tornara** suportável (cap. V)	que só a muita perseverança e força de vontade **tornava** suportável (cap. V)
Naquelles tempos os dignos e veneraveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de **Paula** (cap. V)	Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de **Paulo** (cap. V)
Não ficaram totalmente sem **fructo** os seus esforços (cap. V)	Não ficaram totalmente sem **frutos** os seus esforços (cap. V)
Passaram-se assim **dois** annos, em que a vida correu para Eugenio (cap. V)	Passaram-se assim **doze** anos, em que a vida correu para Eugenio (cap. V)
Eram as primeiras tentativas de um **estro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)	Eram as primeiras tentativas de um **astro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)
e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trefegos divertimentos as **scismos** saudosas que nessas horas como vapores de rosa nas azas de uma brisa perfumada (cap. VII)	e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trêfegos divertimentos as **cismas** saudosas que nessas horas, como vapores de rosa nas asas de uma brisa perfumada (cap. VII)
Como remedio pratico para combater a tentação, recommendou-**lhe** que se desse a trabalhos incessantes do corpo e do espirito (cap. VII)	Como remédio prático para combater a tentação, recomendou-**se** que se desse a trabalhos incessantes do corpo e do espírito (cap. VII)
Á força de trabalhos e insomnias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, cahiu em tal estado de prostração, de **atonia** physica e moral (cap. VII)	À força de trabalhos e insônias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, caiu em tal estado de prostração, de **atomia** física e moral (cap. VII)
Em sua inexperiente confiança já não receava perigo algum em **ver** em carne e osso aquella encantadora menina (cap. VIII)	Em sua inexperiente confiança já não receava perigo algum em **rever** em carne e osso aquela encantadora menina (cap. VIII)
Quão tristonhos e acanhados lhe pareceram então os horizontes e os outeiros de Congonhas do Campo á vista das risonhas campinas e largas **prespectivas** fazenda paterna! (cap. IX)	Quão tristonhos e acanhados lhe pareceram então os horizontes e os outeiros de Congonhas do Campo à vista das risonhas campinas e largas **perspectivas** da fazenda paterna! (cap. IX)
Quem dêra, Margarida!... Se Deus permitisse isso era tão bom!...mas... Eu **usei**?... (cap. IX)	Quem dêra, Margarida!... Se Deus permitisse isso era tão bom!...mas... Eu **sei**?... (cap. IX)
e por **que** tremendos que fossem os anathemas (cap. X)	e por **mais** tremendos que fôssem os anátemas (cap. X)

TABELA 10 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
abria de mansinho a janella do seu quarto, saltava **ao** terreiro (cap. X)	abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava **no** terreiro (cap. X)
Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais a **impaciencia** (cap. XI)	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais a **paciência** (cap. XI)
uns no centro, dansando, outros **em** derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de páo. (cap. XI)	uns no centro, dançando, outros **no** derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de pau. (cap. XI)
e foi para **o** meio do terreiro accender o cigarro na fogueira (cap. XII)	e foi para **e** meio do terreiro acender o cigarro na fogueira (cap. XII)
Vmce., senhor creançola, com essa carinha de santo, já mettido em tafularias altas, fazendo **roda** ás raparigas (cap. XIII)	Vmcê., senhor criançola, com essa carinha de santo, já metido em tafularias altas, fazendo **volta** às raparigas (cap. XIII)
Aqui ainda os **soluções** abafavam-lhe a voz (cap. XIII)	Aqui ainda os **soluços** abafavam-lhe a voz (cap. XIII)
Não era porém mais do que uma vertigem, que lhe escurecia os olhos e turbava os sentidos, e que o fez tombar sobre uma cadeira, banhado **em** suores frios. (cap. XIII)	Não era porém mais do que uma vertigem que lhe escurecia os olhos e turbava os sentimentos e que o fêz tombar sôbre uma cadeira, banhado **de** suores frios. (cap. XIII)
Ao sahir dalli, Eugenio foi direito procurar **sua** mãe. (cap. XIV)	Ao sair dali, Eugenio foi direito procurar **a** mãe. (cap. XIV)
Como dois gigantes negros abraçando-se no ar, as duas altas paineiras **alçavam-se** projectando pelo vargedo as sombras colossaes. (cap. XIV)	Como dois gigantes negros abraçando-se no ar, as duas altas paineiras **laçavam-se** projetando pelo vargedo as sombras colossais. (cap. XIV)
como **palmeira** a que o sopro violento da tormenta vergara o collo (cap. XV)	como **palmeiras** a que o sôpro violento da tormenta vergara o colo (cap. XV)
regando com **suas** lagrimas as raizes daquellas arvores queridas (cap. XV)	regando com **as** lágrimas as raízes daquelas árvores queridas (cap. XV)
Mais um anno se passou empregado naquelle inutil **porfia** do padre director (cap. XVI)	Mais um anno se passou empregado naquele inútil **porfiar** do padre diretor (cap. XVI)
a sorte **desapiedade** lhe arrancava até a companhia daquelles sitios queridos (cap. XVI)	a sorte **desapiedada** lhe arrancava até a companhia daqueles sítios queridos (cap. XVI)
tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima e **corresiva** (cap. XVII)	tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dôr intima e **corrosiva** (cap. XVII)
e que no **entretanto** por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abysmo de angustias e desgraças (cap. XVII)	e que no **entanto** por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abismo de angústias e desgraças (cap. XVII)
O culto **e** adoração offerecida ao Senhor (cap. XVII)	O culto **de** adoração oferecido ao Senhor (cap. XVII)
o padre lhe fez ver que nada **abstava** a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	o padre lhe fêz ver que nada **obstava** a que êle satisfizesse aquêle nobre e louvável impulso do coração (cap. XVIII)
O vaso fragil das affeições infantis se convertera em **uma** diamantina (cap. XVIII)	O vaso frágil das afeições infantis se convertera em **urna** diamantina (cap. XVIII)
eu sou o anjo que **levo** ao céo teus pensamentos e tuas orações (cap. XVIII)	eu sou o anjo que **leva** ao céu teus pensamentos e tuas orações (cap. XVIII)
Esquece-me se poderes, mas não **peças** auxilio ao céo para cahires no inferno! (cap. XVIII)	Esquece-me se poderes, mas não **peça** auxílio ao céu para caíres no inferno! (cap. XVIII)
Por esse tempo o padre missionario Jeronimo	Por esse tempo o padre missionário Jerônimo

TABELA 10 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO B	**TESTEMUNHO C**
Conçalves de Macedo (cap. XVIII)	**Gonçalves** de Macedo (cap. XVIII)
Possuia elle em alto gráo os mais eminentes predicados de orador sagrado. (cap. XVIII)	**Passuía** ele em alto grau os mais eminentes predicados de orador sagrado. (cap. XVIII)
cuidarieis ver **surdir** do interior do templo o vulto do santo seu homonymo (cap. XVIII)	cuidarieis ver **surgir** do interior do templo o vulto do santo seu homônimo (cap. XVIII)
enleada e afagada por **um** cobra (cap. XVIII)	enleada e afagada por **uma** cobra (cap. XVIII)
e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de **Paula** (cap. XVIII)	e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de **Paulo** (cap. XVIII)
para vos acrisolar nas **tribulações** da vida (cap. XIX)	para vos acrisolar nas **atribulações** da vida (cap. XIX)
e as roupas **regaçadas** deixando ver as extremidades de duas columnas **do mais** perfeito lavôr era a naiade da fonte. (cap. XX)	e as roupas **arregaçadas** deixando ver as extremidades de duas colunas **de um** perfeito lavor era a náiade da fonte (cap. XX)
sua **pudicicia** teria infallivelmente naufragado no meio dos perigos que a rodeavam (cap. XX)	sua **judicícia** teria infalivelmente naufragado no meio dos perigos que a rodeavam (cap. XX)
se uma paixão casta e **santa** (cap. XX)	se uma paixão casta e **pura** (cap. XX)
e que entretanto trazem no amago já bem **adiantade** o germen da destruição (cap. XX)	e que entretanto trazem no amago já bem **adiantado** o germen da destruição (cap. XX)
Umbellina affrontada de **desgostos**, velhice e enfermidades (cap. XX)	Umbelina afrontada de **desgôsto**, velhice e enfermidades (cap. XX)
remedio para **isto** só a terra (cap. XX)	remedio para **isso** só a terra (cap. XX)
Seja scisma, embora, **minha** tia, eu quero me confessar. (cap. XX)	Seja cisma, embora **minta** tia, eu quero me confessar. (cap. XX)
Estavam em habitos talvez de sua profissão, apertados com um cinto á maneira dos missionarios de S. Vicente de **Paula** (cap. XXI)	Estavam em hábitos talvez de sua profissão, apertados com um cinto à maneira dos missionários de S. Vicente de **Paulo** (cap. XXI)
e entrar para a Congregação da Missão de S. Vicente de **Paula** (cap. XXI)	e entrar para a Congregação da Missão de S. Vicente de **Paulo** (cap. XXI)
eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe **queimava** a alma (cap. XXII)	eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe **queimavam** a alma (cap. XXII)
a tonsura sacerdotal era uma **corôa** de espinhos (cap. XXIII)	a tonsura sacerdotal era uma **canoa** de espinhos (cap. XXIII)
Os antes era como a fogueira (cap. XXIII)	**Ou** antes era como a fogueira (cap. XXIII)
as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, **o** collo e os braços assetinados eram de tão fresca e mimosa morbidez (cap. XXIII)	as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, **e** colo e os braços acetinados eram de tão fresca e mimosa morbidez (cap. XXIII)
julga-me capaz disso? (cap. XXIII)	**julgas**-me capaz disso? (cap. XXIII)
e o bafejo tepido e suave escoando-se por entre a rosa dos labios entre-abertos **afagavam** as faces do mancebo (cap. XXIII)	e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a rosa dos lábios entreabertos **afagava** as faces do mancebo (cap. XXIII)
Um côro de applausos a Umbelina e de **apupadas** a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)	Um côro de applausos a Umbelina e de **aplausos** a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)
Quando viu sumirem-se por detraz das collinas a alva casinha, o v**argedo**, e os ultimos topes das figueiras e das duas paineiras" (cap. XVI)	Quando viu sumirem-se por detrás das colinas a alva casinha, o **arvoredo**, e os últimos topes das figueiras e das duas paineiras" (cap. XVI)

❖ Cotejo testemunhos C (Livraria Martins, s.d.) e D (Livraria Martins, 1944)

11. Casos de omissão no testemunho D

TABELA 11 - OMISSÃO

TESTEMUNHO C	TESTEMUNHO D
armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras , a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)	armando arapucas e esparrelas para apanhar pombas, sabiás, inhambus, saracuras **e outros pássaros com que obsequiava a sua linda amiguinha**, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita (cap. III)
pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa (cap. XII)	pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira **Faria** e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa (cap. XII)
continuando a mostrar-se avêsso ao estado sacerdotal (cap. XVI)	continuando a mostrar-se **inteiramente** avêsso ao estado sacerdotal (cap. XVI)
mas não tinha fé no destino, nesse poder implacável, que zomba dos mais firmes protestos (cap. XVI)	mas não tinha fé no destino, nesse poder implacável **e tirânico**, que zomba dos mais firmes protestos (cap. XVI)
depois que expressamente lhe proibimos pôr lá os pés (cap. XVI)	depois que expressamente lhe proibimos pôr lá **mais** os pés (cap. XVI)
obumbrada pelas asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio (cap. XVIII)	obumbrada pelas **fuscas** asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio (cap. XVIII)
Por tôda a parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas! ... mas ... sabe? ... que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias?... (cap. XIX)	Por tôda a parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas! ... mas **... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem...** sabe? ... que valem sem ti o paraíso e tôdas as delícias?... (cap. XIX)
(...) envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improfícua contra um inimigo indigno de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)	envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improfícua contra um inimigo indigno **dêle, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências** de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés! (cap. XIX)
Cala-te, Margarida!... Ah! perdão, perdão, meu Deus!... (cap. XXIII)	Cala-te, Margarida!... **Ai de mim! é agora que avalio a felicidade, que perdi.** Ah! perdão, perdão, meu Deus!... (cap. XXIII)

12. Casos de substituição no testemunho D

TABELA12 - SUBSTITUIÇÃO

TESTEMUNHO C	TESTEMUNHO D
à entrada do campo onde **estava** o gado (cap. I)	à entrada do campo onde **pastava** o gado (cap. I)
sempre enfeitado de flores, pequenas	sempre enfeitado de flores, pequenas

TABELA12 - SUBSTITUIÇÃO	
TESTEMUNHO C	**TESTEMUNHO D**
quinquilharias e **européis** (cap. III)	quinquilharias e **ouropéis**(cap. III)
Outras vêzes ficava olhando para o **acidente** (cap. IV)	Outras vêzes ficava olhando para o **ocidente** (cap. IV)
e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do **acidente** (cap. IV)	e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do **ocidente** (cap. IV)
Eram as primeiras tentativas de um **astro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)	Eram as primeiras tentativas de um **estro** infantil que ensaiava os vôos (cap. VI)
como remédio prático para combater a tentação, recomendou-**se** que se desse a trabalhos incessantes (cap. VII)	como remédio prático para combater a tentação, recomendou-**lhe** que se desse a trabalhos incessantes (cap. VII)
logo há de se ir desembaraçando... **arre**!... como faz calor! (cap. VIII)	logo há de se ir desembaraçando... **apre**!... como faz calor! (cap. VIII)
Desde que Eugênio viu interpor-se entre êle e Margarida **uma** anátema tremendo (cap. X)	Desde que Eugênio viu interpor-se entre êle e Margarida **um** anátema tremendo (cap. X)
abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava **no** terreiro (cap. X)	abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava **ao** terreiro (cap. X)
Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais com a **paciência** (cap. XI)	Pungindo por tantas contrariedades cada vez se irritava mais com a **impaciência** (cap. XI)
Um côro de aplausos a Umbelina e de **aplausos** a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)	Um côro de aplausos a Umbelina e de apupadas a Luciano acolheu estas palavras. (cap. XII)
as lágrimas e soluços até ali a custo contidos fizeram explosão **tempestuosa** (cap. XIII)	as lágrimas e soluços até ali a custo contidos fizeram explosão tempestuosas (cap. XIII)
os troncos **vetustos**, que o machado respeito aqui e acolá (cap. XIV)	os troncos **vetustos**, que o machado respeito aqui e acolá (cap. XIV)
as duas altas paineiras **laçavam-se** projetando pelo vargedo as sombras colossais (cap. XIV)	as duas altas paineiras **alçavam-se** projetando pelo vargedo as sombras colossais (cap. XIV)
regando com **as** lágrimas as raízes daquelas árvores queridas (cap. XV)	regando com **suas** lágrimas as raízes daquelas árvores queridas (cap. XV)
mas o fito principal da patusca era filar-**lhe** o rapaz (cap. XVI)	mas o fito principal da patusca era filar-**me** o rapaz (cap. XVI)
Quando viu sumirem-se por detrás das colinas a alva casinha, o **arvoredo**, e os últimos topes das figueiras e das duas paineiras (cap. XVI)	Quando viu sumirem-se por detrás das colinas a alva casinha, o **vargedo**, e os últimos topes das figueiras e das duas paineiras (cap. XVI)
O culto **de** adoração oferecido ao Senhor (cap. XVII)	O culto **e** adoração oferecido ao Senhor (cap. XVII)
para vos acrisolar nas **atribulações** da vida (cap. XIX)	para vos acrisolar nas **tribulações** da vida (cap. XIX)
Seja cisma, embora **minta** tia, eu quero me confessar (cap. XX)	Seja cisma, embora **minha** tia, eu quero me confessar (cap. XX)
A tonsura sacerdotal era uma **canoa** de espinhos (cap. XXIII)	A tonsura sacerdotal era uma **corôa** de espinhos (cap. XXIII)

13. Casos de pontuação nos testemunhos A, B e C

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
da antiga villa de Tamanduá na provincia de Minas Geraes e a pouca distancia da estrada que vai para a vizinha villa da Formiga (cap. I)	da antiga villa de Tamanduá, na provincia de Minas Geraes, e a pouca distancia da estrada que vai para a vizinha villa da Formiga (cap. I)	da antiga vila de Tamanduá, na província de Minas-Gerais, e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga (cap. I)
via-se, ha-de haver quarenta annos, - uma pequena e pobre casa (cap. I)	via-se, ha-de haver quarenta annos, uma pequena e pobre casa (cap. I)	via-se, há de haver quarenta anos, uma pequena e pobre casa (cap. I)
um estreito caminho partindo da porta da casa cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o corrego (cap. I)	um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o corrego (cap. I)	um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o córrego (cap. I)
cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o corrego por uma pontezinha de madeira fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. (cap. I)	cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o corrego, por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. (cap. I)	cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o córrego, por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. (cap. I)
Junto á ponte de um lado e outro do caminho viaõ-se duas bellas e corpulentas paineiras(cap. I)	Junto á ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas corpulentas paineiras (cap. I)	Junto á ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas corpulentas paineiras (cap. I)
viaõ-se duas bellas e corpulentas paineiras, cujos galhos entrelaçando-se no ar formavaõ uma linda arcada de verdura (cap. I)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura (cap. I)	viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura (cap. I)
contava-se a senhora Umbelina, a qual com sua filha Margarida e uma velha escrava occupava a cazinha que descrevemos no capitulo antecedente(cap. II)	contava-se a d. Umbelina, que, com sua filha Margarida e uma velha escrava, occupava a cazinha que descrevemos no capitulo antecedente (cap. II)	contava-se a d. Umbelina, que, com sua filha Margarida e uma velha escrava, occupava a cazinha que descrevemos no capitulo antecedente (cap. II)
Umbelina vivia de sua pequena bitacola á beira da estrada vendendo aguardente e quitandas aos viandantes (cap. II)	Umbelina vivia de sua pequena bitacola á beira da estrada, vendendo aguardente e quitandas aos viandantes (cap. II)	Umbelina vivia de sua pequena bitacola á beira da estrada, vendendo aguardente e quitandas aos viandantes (cap. II)
sua aceiada e garrida cazinha alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam (cap. II)	sua asseiada e garrida casinha, alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam (cap. II)	sua asseiada e garrida casinha, alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam (cap. II)
era uma confirmação palpitante do rifão, que diz, -não ha traste que não se pareça com seu dono. (cap. II)	era uma confirmação palpitante do rifão, que diz -"não ha traste que não se pareça com seu dono". - (cap. II)	era uma confirmação palpitante do rifão, que diz -"não há traste que não se pareça com seu dono". - (cap. II)
Erão portanto uma e outra mui proprias para attrahir os viandantes (cap. II)	Eram, portanto, uma e outra mui proprias para attrahir os viandantes (cap. II)	Eram, portanto, uma e outra mui próprias para atrair os viandantes (cap. II)

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
não sahia quase da casa do Capitão Francisco Antunes, onde conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não sahia senão á tardinha. (cap. III)	não sahia quase da casa do capitão Francisco Antunes onde, conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não sahia senão á tardinha. (cap. III)	não saía quase da casa do capitão Francisco Antunes onde, conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não sahia senão á tardinha. (cap. III)
Margarida, por sua graça e gentileza, por sua extrema docilidade e por sua precoce vivacidade era mui querida de todos (cap. III)	Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos (cap. III)	Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos (cap. III)
no meio de uma turba de companheiros desconhecidos, como um bando de anús pretos encerrados em um vasto viveiro (cap. IV)	no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anús pretos encerrados em um vasto viveiro (cap. IV)	no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anus pretos encerrados em um vasto viveiro (cap. IV)
que meio tão differente daquelle em que até então tinha vivido! (cap. IV)	que meio tão differente daquelle em que até então tinha vivido!... (cap. IV)	que meio tão diferente daquele em que até então tinha vivido!... (cap. IV)
milhares de peregrinos e romeiros, que partindo dos pontos os mais affastados, ahi vem ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jesus (cap. IV)	milhares de peregrinos e romeiros, que, partindo dos pontos os mais affastados, vêm ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jesus (cap. IV)	milhares de peregrinos e romeiros, que, partindo dos pontos os mais affastados, vêm ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jesus (cap. IV)
É sabido, que essas estatuas são obra de um esculptor manêta, ou aleijado da mão direita (cap. IV)	É sabido que essas estatuas são obra de um esculptor manêta, ou aleijado da mão direita(cap. IV)	É sabido que essas estátuas são obra de um escultor maneta, ou aleijado da mão direita (cap. IV)
o qual para trabalhar era mister, que lhe atassem ao punho os instrumentos (cap. IV)	o qual, para trabalhar, era mister, que lhe atassem ao punho os instrumentos (cap. IV)	o qual, para trabalhar, era mister, que lhe atassem ao punho os instrumentos (cap. IV)
No estudo porem não deu a principio muito boas contas de si, se não appresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memoria e intelligencia (cap. V)	No estudo, porem, não deu a principio muito boas contas de si, se não appresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memoria e intelligencia (cap. V)	No estudo, porém, não deu a principio muito boas contas de si, se não apresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memória e inteligência (cap. V)
Entretanto era preciso saber para ser padre (cap. V)	Entretanto, era preciso saber para ser padre (cap. V)	Entretanto, era preciso saber para ser padre (cap. V)
Erão as primeiras tentativas de um estro infantil, que ensaiva os vôos (cap. VI)	Eram as primeiras tentativas de um astro infantil que ensaiva os vôos (cap. VI)	Eram as primeiras tentativas de um estro infantil que ensaiva os vôos (cap. VI)
O regente, que era tambem o seu professor de latim, e muito curioso de specimens desse genero, conservou alguns desses versos (cap. VI)	O regente, que era tambem o seu professor de latim e muito curioso de specimens desse genero conservou alguns desses versos (cap. VI)	O regente, que era também o seu professor de latim e muito curioso de espécimes desse gênero conservou alguns desses versos (cap. VI)
Que importa estejas ausente, | Ó bem querida; (cap. VI)	Que importa estejas ausente| Ó bem querida; (cap. VI)	Que importa estejas ausente| Ó bem querida; (cap. VI)

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo; sabia igualmente que o padre não póde casar-se (cap. VII)	Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo, sabia igualmente que o padre não póde casar-se (cap. VII)	Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo, sabia igualmente que o padre não póde casar-se (cap. VII)
Oppuzerão-se formalmente, e respondêrão-lhes fazendo ver, que aquella interrupção na idade em que se achava o menino (cap. VIII)	Oppuzerão-se formalmente, e respondêrão-lhes, fazendo ver que aquella interrupção na idade em que se achava o menino (cap. VIII)	Opuseram-se formalmente, e respondam-lhes, fazendo ver que aquela interrupção na idade em que se achava o menino (cap. VIII)
A educação claustral é triste em si e em suas consequencias; o regimen monacal, que se observa nos seminarios, é mais proprio para formar ursos do que homens sociaes. (cap. IX)	A educação claustral é triste em si e em suas consequencias: o regimen monacal, que se observa nos seminarios, é mais proprio para formar ursos do que homens sociaes. (cap. IX)	A educação claustral é triste em si e em suas consequências: o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio para formar ursos do que homens sociaes. (cap. IX)
assim o espirito recluso largo tempo entre as paredes de um claustro, atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração, sente-se paralysado (cap. X)	assim o espirito recluso largo tempo entre as paredes de um claustro atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração, sente-se paralysado (cap. X)	assim o espirito recluso largo tempo entre as paredes de um claustro atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração, sente-se paralisado (cap. X)
e portanto não lhe permittia mais que vagassem sósinhos pelos campos como outr'ora longe de suas vistas. (cap. X)	e portanto não lhe permittia mais que vagassem sósinhos pelos campos como outr'ora, longe de suas vistas. (cap. X)	e portanto não lhe permitia mais que vagassem sozinhos pelos campos como outrora, longe de suas vistas. (cap. X)
mas, não obstante, a tia Umbelina toda atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-lhes muitas occasiões de se acharem a sós, occasiões de que sabião aproveitar-se muito bem para se affagarem (cap. X)	mas, não obstante, a tia Umbelina, toda atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-lhes muitas occasiões de se acharem a sós em occasiões de que sabiam aproveitar-se muito bem para se afagarem (cap. X)	mas, não obstante, a tia Umbelina, toda atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-lhes muitas ocasiões de se acharem a sós em ocasiões de que sabiam aproveitar-se muito bem para se afagarem (cap. X)
e reinava actividade e movimento, que faria crêr que naquelle dia alli se festejava algum baptisado ou casamento (cap. XI)	e reinava actividade e movimento que faria crer que naquelle dia alli se festejava algum baptisado ou casamento (cap. XI)	e reinava atividade e movimento que faria crer que naquele dia ali se festejava algum batizado ou casamento (cap. XI)
Motirão!... mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)	Motirão! mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)	Motirão! mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra (cap. XI)
A musica é desempenhada pelos dansantes, que alem de uma garganta bem limpa e afinada (cap. XII)	A musica é desempenhada pelos dansantes que alem de uma garganta bem limpa e afinada (cap. XII)	A música é desempenhada pelos dançantes que além de uma garganta bem limpa e afinada (cap. XII)

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
outro tanto não se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro a tocar a caixa do pregão, e até seria capaz de hir pessoalmente denunciar a Antunes todo o acontecido. (cap. XIII)	outro tanto não se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro a tocar a caixa do pregão e até seria capaz de hir pessoalmente denunciar a Antunes todo o acontecido. (cap. XIII)	outro tanto não se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro a tocar a caixa do pregão e até seria capaz de hir pessoalmente denunciar a Antunes todo o acontecido. (cap. XIII)
O sol, que surgia por detraz das collinas do levante coroadas de arvoredos, brilhando atravez da ramagem orlava o horisonte como de uma rede de ouro (cap. XVI)	O sol, que surgia por detraz das collinas do levante coroadas de arvoredos, brilhando atravez da ramagem, orlava o horizonte como de uma rêde de ouro (cap. XVI)	O sol, que surgia por detrás das colinas do levante coroadas de arvoredos, brilhando através da ramagem, orlava o horizonte como de uma rede de ouro (cap. XVI)
Vapores diaphanos coloridos pelos fogos da aurora, erguendo-se da vallada e despregando-se das collinas dispersavão-se nos ares como petalas de rosa, que uma virgem desfolhasse ás brisas da manhã. (cap. XIV)	Vapores diaphanos coloridos pelos fogos da aurora, erguendo-se da vallada e despregando-se das collinas dispersavão-se nos ares como petalas de rosa, que uma virgem desfolhasse ás brisas da manhã.(cap. XIV)	Vapores diáfanos coloridos pelos fogos da aurora, erguendo-se da valada e despregando-se das colinas, dispersavam-se nos ares como pétalas de rosa que uma virgem desfolhasse às brisas da manhã. (cap. XIV)
Entretanto nessa hora de magia, de prazer e de esplendores (cap. XIV)	Entretanto, nessa hora de magia, de prazer e de esplendores (cap. XIV)	Entretanto, nessa hora de magia, de prazer e de esplendores (cap. XIV)
Os seminaristas de Congonhas do Campo vião com certa surpreza e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pallido e abatido, atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa fila de dormitorios (cap. XV)	Os seminaristas de Congonhas do Campo vião com certa surpreza e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pallido e abatido atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa fila de dormitorios (cap. XV)	Os seminaristas de Congonhas do Campo viam com certa surpresa e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pálido e abatido atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa fila de dormitorios (cap. XV)
O que hia porem fazer aquelle estudante duas e trez vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... O leitor vae já sabel-o. (cap. XV)	Que ia, porém, fazer aquelle estudante duas e tres vezes por semana ao quarto do padre mestre director?... (cap. XV)	Que ia porém, fazer aquêle estudante duas vezes por semana ao quarto do padre-mestre diretor? (cap. XV)
Este não vendo outra solução senão a morte á sua cruel situação, abandonava indefeso o coração ao abutre da angustia, que o devorava. (cap. XVI)	Este, não vendo outra solução senão a morte á sua cruel situação, abandonava indefeso o coração ao abutre da angustia, que o devorava. (cap. XVI)	Êste, não vendo outra solução senão a morte à sua cruel situação, abandonava indefeso o coração ao abutre da angústia, que o devorava. (cap. XVI)
Desalentados por fim os reverendos preceptores deliberárão entre si e conviérão em um expediente, do qual esperavão prompto e seguro	Desalentados por fim os reverendos preceptores, deliberaram entre si e convieram em um expediente do qual esperavam prompto e seguro	Desalentados por fim os reverendos preceptores, deliberaram entre si e convieram em um expediente do qual esperavam pronto e seguro

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
resultado. (cap. XVI)	resultado. (cap. XVI)	resultado. (cap. XVI)
Escrevêrão ao pae do estudante fazendo-lhe vêr o estado de melancolía e prostração, em que vivia, e como apezar de todos os exforços por elles empregados a sua constante preocupação não o abandonava (cap. XVI)	Escreveram ao pae do estudante fazendo-lhe vêr o estado de melancolia e prostração em que vivia, e como apesar de todos os esforços por elles empregados a sua constante preocupação não o abandonava (cap. XVI)	Escreveram ao pai do estudante fazendo-lhe ver o estado de melancolia e prostração em que vivia, e como apesar de todos os esforços por êles empregados a sua constante preocupação não o abandonava (cap. XVI)
Era este o unico recurso efficaz com que contavão, pois era natural que o moço sabendo que a menina estava casada, tractasse de banir do espirito aquella teimosa tentação, de que Satanaz se prevalecia para arredal-o de sua natural e sancta vocação. (cap. XVI)	Era este o unico recurso efficaz com que contavam, pois era natural que o moço sabendo que a menina estava casada, tratasse de banir do espirito aquella teimosa tentação de que Satanaz se prevalecia para arredal-o de sua natural e santa vocação. (cap. XVI)	Era êste o único recurso eficaz com que contavam, pois era natural que o moço, sabendo que a menina estava casada, tratasse de banir do espírito aquela teimosa tentação de que Satanás se prevalecia para arredá-lo de sua natural e santa vocação. (cap. XVI)
Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes applaudio e acceitou o conselho, e deu-se pressa a pô-lo em execução. (cap. XVI)	Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes applaudiu e acceitou o conselho e deu-se pressa a pô-lo em execução. (cap. XVI)	Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes aplaudiu e aceitou o conselho e deu-se pressa a pô-lo em execução. (cap. XVI)
Sabendo que Luciano, aquelle que tivera a pendencia com seu filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e que pondo de parte a sua fatuidade e arrogancia, era um excellente rapaz (cap. XVI)	Sabendo que Luciano, aquelle que tivera a pendencia com seu filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e que, pondo de parte a sua fatuidade e arrogancia, era um excellente rapaz (cap. XVI)	Sabendo que Luciano, aquelle que tivera a pendência com seu filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e que, pondo de parte a sua fatuidade e arrogância, era um excelente rapaz (cap. XVI)
Baldados porem ficárão todos esses exforços. (cap. XVI)	Baldados, porém, ficaram todos esses esforços. (cap. XVI)	Baldados porém, ficaram todos esses esforços. (cap. XVI)
Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outrora lhe despertavão n'alma. (cap. XVII)	Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outr'ora, lhe despertavam n'alma. (cap. XVII)	Desde então começou a sentir de novo aquelles celestes enlevos, que as solemnidades religiosas outrora, lhe despertavam na alma. (cap. XVII)
Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira de sua infancia, o padre lhe fez ver que nada obstava a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira de sua infancia o padre lhe fez ver que nada obstava a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)	Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira de sua infancia o padre lhe fez ver que nada obstava a que elle satisfizesse aquelle nobre e louvavel impulso do coração (cap. XVIII)
que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra; aliás recahiria inevitavelmente em suas antigas fraquezas e	que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra, aliás recahiria inevitavelmente em suas antigas fraquezas e	que esconde a mão que derrama tantos beneficios sobre a terra, aliás recairia inevitàvelmente em suas antigas fraquezas e

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
desvarios (cap. XVIII)	desvarios (cap. XVIII)	desvarios (cap. XVIII)
A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquelle movimento: (cap. XVIII)	A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquelle movimento. (cap. XVIII)	A estas palavras Eugenio estremeceu; mas contendo aquêle movimento. (cap. XVIII)
Estou certo, - respondeu - de tudo, quanto me diz; ... mas... é impossível!... (cap. XVIII)	Estou certo - respondeu - de tudo quanto me diz! ... mas... é impossível!... (cap. XVIII)	Estou certo, - respondeu - de tudo, quanto me diz; ... mas... é impossível!... (cap. XVIII)
Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará, e o seu triumpho, que considera impossível, será facillimo e completo. (cap. XVIII)	Implore com fervor a graça divina, e ella não lhe faltará; e o seu triumpho que considera impossível, será facillimo e completo. (cap. XVIII)	Implore com fervor a graça divina, e ela não lhe faltará; e o seu triunfo, que considera impossível, será facíllimo e completo. (cap. XVIII)
Eugenio com o pé alçado sobre a cabeça da serpente fascinadôra achava-se em vesperas de cantar triumpho. (cap. XIX)	Eugenio, com o pé alçado sobre a cabeça da serpente fascinadora, achava-se em vesperas de cantar triumpho. (cap. XIX)	Eugênio, com o pé alçado sobre a cabeça da serpente fascinadora, achava-se em vésperas de cantar triunfo. (cap. XIX)
E manifestar-lhe a firme e inabalavel resolução em que se achava, de tomar ordem sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paula, quando recebeu um recado do mesmo director chamando-o ao seu cubiculo. (cap. XIX)	E manifestar-lhe a firme e inabalavel resolução em que se achava de tomar ordens sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paula, quando recebeu um recado do mesmo director chamando-o ao seu cubiculo. (cap. XIX)	E manifestar-lhe a firme e inabalável resolução em que se achava de tomar ordem sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paulo, quando recebeu um recado do mesmo diretor chamando-o ao seu cubículo. (cap. XIX)
Se fosse em outros tempos, eu hesitaria em dar-lhe similhante nova, mas hoje creio posso dar-lh'a sem receio de consternal-o (cap. XIX)	Se fosse em outros tempos eu hesitaria em dar-lhe semelhante nova, mas hoje creio posso dar-lh'a sem receio de consternal-o (cap. XIX)	Se fôsse em outros tempos eu hesitaria em dar-lhe semelhante nova, mas hoje creio posso dar-lhe sem receio de consterná-lo (cap. XIX)
Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e Margarida, tristes como outrora Agar e Ismael despedidos da tenda de Abrahão, e internando-se pelo deserto, tomárão o caminho da villa do Tamanduá (cap. XX)	Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e Margarida, tristes, como outr'ora Agar e Ismael despedidos da tenda de Abrahão, e internando-se pelo deserto, tomárão o caminho da villa do Tamanduá (cap. XX)	Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e Margarida, tristes como outrora Agar e Ismael despedidos da tenda de Abrahão, e internando-se pelo deserto, tomárão o caminho da villa do Tamanduá (cap. XX)
Umbelina já bastante entrada em annos, e cheia de achaques, quasi nada mais podia fazer, (cap. XX)	Umbelina, já bastante entrada em annos, e cheia de achaques, quasi nada mais podia fazer. (cap. XX)	Umbelina, já bastante entrada em annos, e cheia de achaques, quasi nada mais podia fazer. (cap. XX)
a formosura de Margarida, que havia attingido a todo o opulento viço, a todo o esplendor da juventude, attrahia a attenção geral, e fascinava todos os olhos (cap. XX)	a formosura de Margarida, que havia attingido a todo o opulento viço, a todo o esplendor da juventude attrahia a attenção geral, e fascinava todos os olhos (cap. XX)	a formosura de Margarida, que havia atingido a todo o opulento viço, a todo o esplendor da juventude atraía a atenção geral, e fascinava todos os olhos (cap. XX)

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
e as roupas regaçadas deixando ver as extremidades de duas columnas do mais perfeito lavôr, era a nayade da fonte. (cap. XX)	e as roupas regaçadas deixando ver as extremidades de duas columnas do mais perfeito lavôr era a nayade da fonte. (cap. XX)	e as roupas arregaçadas deixando ver as extremidades de duas colunas do mais perfeito lavor era a náiade da fonte. (cap. XX)
Na tarde desse mesmo dia na sala de visitas de uma casa de sobrado das melhores da antiga Villa de Tamanduá, achava-se uma reunião de varias pessôas gradas e notaveis do logar. (cap. XXI)	Na tarde desse mesmo dia, na sala de visitas de uma casa de sobrado das melhores da antiga Villa de Tamanduá, achava-se uma reunião de varias pessôas gradas e notaveis do logar. (cap. XXI)	Na tarde dêsse mesmo dia, na sala de visitas de uma casa de sobrado das melhores da antiga Vila de Tamanduá, achava-se uma reunião de varias pessôas gradas e notáveis do lugar. (cap. XXI)
Erão visitas, que vinhão cumprimentar a um jovem sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu paiz natal, depois de uma larga ausencia. (cap. XXI)	Eram visitas que vinham cumprimentar a um jovem sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu paiz natal depois de uma larga ausencia. (cap. XXI)	Eram visitas que vinham cumprimentar a um jovem sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu país natal depois de uma larga ausência. (cap. XXI)
É chegado o padre Eugenio! - echoava de bôca em bôca (cap. XXI)	É chegado o padre Eugenio - echoava de bocca em bocca (cap. XXI)	É chegado o padre Eugênio - ecoava de bôca em bôca (cap. XXI)
e cada um se appressava em hir ver e saudar o novo padre, que installado na casa, que seu pae possuia na villa, levou o resto do dia a receber as visitas (cap. XXI)	e cada um se apressava em ir ver e saudar o novo padre, que installado na casa que seu pae possuia na villa, levou o resto do dia a receber as visitas (cap. XXI)	e cada um se apressava em ir ver e saudar o novo padre, que, instalado na casa que seu pae possuía na vila, levou o resto do dia a receber as visitas (cap. XXI)
Seu rosto cobrio-se de medonha palidez, e suas feições se transtornárão de modo horrivel. (cap. XXII)	Seu rosto cobriu-se de medonha palidez e suas feições se transtornaram de modo horrivel. (cap. XXII)	Seu rosto cobriu-se de medonha palidez e suas feições se transtornaram de modo horrível. (cap. XXII)
Seu primeiro impulso, foi de fugir depressa e sem dizer palavra (cap. XXII)	Seu primeiro impulso foi de fugir depressa e sem dizer palavra (cap. XXII)	Seu primeiro impulso foi de fugir depressa e sem dizer palavra (cap. XXII)
Para que similhante embuste, meu Deus! - murmurava consigo. - Que ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas (cap. XXIII)	Para que semelhante embuste, meu Deus! - murmurava comsigo - Que idéa infernal de sacrificar o destino de duas pessoas (cap. XXIII)	Para que semelhante embuste, meu Deus! - murmurava consigo - Que idéia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas (cap. XXIII)
A impressão de um sonho de um sermão, se teria esvaecido como fumaça (cap. XXIII)	A impressão de um sonho, de um sermão, se teria esvaecido como fumaça (cap. XXIII)	A impressão de um sonho, de um sermão, se teria esvaecido como fumaça (cap. XXIII)
Portanto o padre teve de appresentar-se na igreja muito antes da hora da missa afim de ter tempo de celebrar esses baptisados e casamentos. (cap. XXIV)	Portanto o padre teve de apresentar-se na igreja muito antes da hora da missa, afim de ter tempo de celebrar esses baptisados e casamentos. (cap. XXIV)	Portanto o padre teve de apresentar-se na igreja muito antes da hora da missa, a fim de ter tempo de celebrar esses batizados e casamentos. (cap. XXIV)

TABELA 13 - PONTUAÇÃO		
TESTEMUNHO A	**TESTEMUNHO B**	**TESTEMUNHO C**
já que assim o ordena a sanha irresistivel do destino, assim seja! serei um padre sacrilego; um padre infame, como tantos outros (cap. XXIV)	já que assim o ordena a sanha irresistivel do destino, assim seja; serei um padre sacrilego, um padre infame, como tantos outros (cap. XXIV)	já que assim o ordena a sanha irresistível do destino, assim seja; serei um padre sacrílego, um padre infame, como tantos outros (cap. XXIV)